

O PERIGO QUE ME CONSOME



SÉRIE DEMÔNIOS REAIS - VOLUME 2

ELIE ANJO



Copyright © 2020 Elie Anjo

Capa: **Cenna Nunes**

Diagramação: **Islay Rodrigues**

Revisão não profissional

Todos os direitos reservados. Este e—book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do e—book.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/ 98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

MARLON — Livro 2

Demônios Reais

Elie Anjo

1ª edição — 2020

Todos os direitos reservados.



D E M Ô N I O S R E A I S

O PERIGO QUE ME CONSOME

LIVRO DOIS

PRÓLOGO

Elie Anjo - Demônios Reais



Tempo, tempo, tempo...

Porque não passar rápido quando a gente quer? Quero que chegue logo à noite onde poderei encontrar o senhor Rucinho, mas papai disse que não posso entrar por essa porta grande onde fica o quarto da minha mãe, papai não a deixa sair quando tem homens na casa.

Pego minha boneca de porcelana e coloco na cadeira, agora é hora do chá onde todas estão reunidas na mesa comigo.

— Ora, Margarida, não seja gulosa, deixe biscoitos para as outras, pois Julieta quase não comeu nada tão pouco a Rosinha — reclamo para a minha boneca deixar de ser gulosa.

Tenho um quarto só para meus brinquedos e para coisas que papai guarda de quando eu era mais nova, coisas que não uso mais e também não durmo mais em berços. Já sou grande!

Há muitas fotos nossas, minha e do meu papai e eu amo o meu papai, pena que minha mamãe não me ama. Eu sou uma boa mãe para minhas bonecas, porque queria que minha mãe fosse boa para mim também.

— Não reclame Margarida, não seja olho grande. — Argh. Não sei a quem essa menina puxou.

Pego a Rosinha no colo e dou chá na sua boquinha. Eu tenho muitos brinquedos, mas não tenho amigos para brincar comigo, então tenho que imaginar que meus brinquedos estão vivos igual ao filme *Toy Story*, mas eu sei, claro que sei que não estão. Porém, é mais divertido brincar assim.

Daqui a pouco minha babá vem me buscar para ir para a zona azul, nossa casa é dividida por zona e a vermelha é onde não posso ir, eles me ensinam assim: Zona Azul, Zona vermelha. Mas eu sei que isso é apenas para aprender onde posso ir...

Meu papai é um chefe perigoso, mas quando crescer quero ser igual ao meu papai.

Antes que minha babá venha me buscar quero ver a mamãe, preciso vê-la e falar da má criação da Margarida — e a culpa não é minha.

Ela não vai me dá atenção mesmo assim gosto de conversar com ela, vou até seu quarto e a porta está aberta, papai sai do quarto ao lado que é onde ele dorme. Escondo-me em uma das pilastras para que ele não me veja no corredor sozinha, sempre tenho que estar acompanhada.

— Eu sei que está aí Desi. — É a voz do papai então corro para abraçá-lo.

— Papai!

Ele acaricia minha cabeça e me carrega, meu pai é alto e muito forte.

— Não pode sair do quarto sozinha por aí Desi, vamos minha boneca vou levá-la de volta.

— Mas eu quero ver a mamãe.

— Uma última vez.

Não fez sentindo algum para mim, não vou ver minha mãe pela última vez mesmo ela não gostando tanto de mim eu sempre quero ver a minha mãe. Entro no quarto o mais rápido que posso e minha mãe está sentada na cama com alguns papeis ao redor dela e duas malas grandes aos seus pés.

Ela vai viajar? Mas para onde? Eu não posso ir?

— Veja monstrinho, você sabe o que tem nesses papéis? — Eu nego com o balançar da cabeça. — São os papéis do divórcio e da sua maldita guarda, como se eu fosse recusar minha liberdade e todo esse dinheiro para ficar com você.

Mamãe está tão linda, mas ela fala coisas tão cruéis para mim. Ela não me ama.

— Não vá mamãe. — Mas ainda assim não a quero longe de

mim.

Minha mãe deixa os papéis sobre a cama e pega suas malas, arrasta pelo quarto e parte sem me dizer adeus, corro até ela, porém meu pai me segura.

Grito, choro... sei que isso tudo é culpa dele, culpa de quem ele é, e tudo isso afasta as pessoas de mim e agora vou viver presa nessa casa enorme sem ninguém.

— Desireé tudo o que eu faço é porque te amo e quero protegê-la, mesmo da sua mãe, um dia você vai me entender. — Eu não quero entender, não me conformo.

— Agora não tenho mais ninguém.

— Não fale isso minha filha, você sempre terá a mim.

Minha babá me leva para o quarto e fica comigo até que eu adormeça, soou frio, meu corpo todo treme sou acordada com alguém tocando em meu braço.

— Rucinho! — Salto da cama.

Ele me abraça e diz:

— Hoje o dia foi difícil para você, prometo que um dia tudo vai se resolver.

— Estou doente?

— Está com febre, mas vai passar. — Ele coloca um comprimido na minha boca e me dá um copo com água.

Sr. Rucinho sempre vem quando fico doente.

— Mamãe se foi. — Cochicho para ele, — isso me deixa com medo, sou a única garota na casa fora a babá.

Sr. Rucinho me cobre com os lençóis, os olhos azuis dele se parecem com os olhos do meu papai.

— Não se preocupe Desi, você nunca vai estar sozinha.

Sr. Rucinho toca meu pescoço, uma vez ele me disse que o sinal que tenho no meu pescoço é muito bonito. Finjo que durmo e aguardo ele sair, apenas para segui-lo e depois dar um susto nele.

Desço as escadas da mansão, pois ele entrou no escritório do meu pai, bisbilhoto a conversa do lado de fora no corredor:

— Por que demorou para me chamar? A febre dela estava alta.

— Tive que resolver alguns assuntos!

— E esses assuntos têm a ver com a Desi?

— Tem a ver com a mãe dela, Magda passou dos limites não estava sendo uma boa mãe, também estou preocupado com minha filha sendo vendida pra alguém fora do ramo da máfia. Hoje recebi uma proposta do...

Ouço um bater forte, cubro a boca com a mão.

— A Desi já tem dono desde o dia em que ela nasceu nós mantemos negócio com essa finalidade se esse acordo não existir pode ter certeza que terá um demônio muito insano batendo em sua porta.

— Pelo menos me diga quem é o homem que paga uma fortuna por uma garotinha se nem sabe como ela será no futuro. — Meu pai fala mais alto.

Sr. Rucinho não responde mais nada, me encolho assustada.

Eu serei vendida? Eu não quero ter um dono. Não acredito nisso, pois só tenho sete anos não sei nem pentear esses cabelos rebeldes direito.

Por que querem me levar?

Aguardo sentada na escada Sr. Rucinho sair com sua pasta preta, seus cabelos vivem bagunçados como se estivesse acabado de sair da cama.

— O que faz fora da cama? — Ele fala de maneira doce, muito diferente de quando conversava com o papai.

— Por que você quer me levar para longe do meu papai?

— Você ouviu nossa conversa sua diabinha... — Me afasto dele.

— Um dia você vai saber até lá espere por mim, vou vim te buscar Desi.

Eu não tenho medo dele, mas não quero abandonar o meu pai.



Alguns anos depois...

Sr. Raposa

Encontre-me nesse endereço.

Um galpão em Santa Maria.

A máfia Russa entrou em contato comigo depois de tanto tempo... O que será que eles querem? Bom de qualquer forma eu deixei um recado para meu senhor vir até mim se alguma coisa acontecer e espero que ele não demore.

Chego no galpão e sou abordado de maneira muito agressiva, sou preso em uma cadeira e espancado.

— Onde está a garota? — Um deles me pergunta, juro se eu soubesse da Desireé não estaria aqui apanhando.

Achei que eles soubessem onde está a filha do chefe. Mas onde estará a Desi? Isso não é nada bom.

Cuspo sangue no chão e digo:

— O meu senhor acaba de chegar, creio... que ainda dar tempo de fugirem.

Rio da situação deles enquanto continuam com o espancamento. Quanta agressividade...

Preciso encontrar a Desi.

CAPÍTULO UM

Elie Anjo - Demônios Reais



— Você é uma aberração Desireé! — Mamãe diz quando tento amarrar minha bandana na cabeça na intenção de prender meus cabelos rebeldes — não acredito que seu pai me deixou um estorvo como você para atrasar minha vida. É melhor você se comportar porque o Derrick não gosta de garotas más.

Passei a morar com minha mãe desde que meu pai foi preso, na época eu tinha quinze anos embora tenha completado dezessete não posso ir há lugar nenhum, não quando se é filha de um mafioso. Quando ele foi preso minha mãe me levou, mas ele saiu recentemente e por medo minha mãe me arrastou para essa cidade no fim do mundo chamada Santa Maria.

Derrick é seu novo amante tosco.

Eu não sou uma garota má, sou apenas uma garota burra que nem pode ir à escola, é como se eu não existisse, vivo trancada dentro de casa enquanto minha mãe gasta a fortuna que meu pai deu a ela no acordo de divórcio.

Ela me odeia e nunca entendi o motivo.

Ela foi mãe muito jovem e sei que casou por obrigação, mas ainda assim não tenho culpa de nada disso.

Moramos nessa cidade há algumas semanas nossa casa é no centro dela e da janela do meu quarto sempre observo a rotina das pessoas do lado de fora, passei a desenhar algumas delas.

Toda sexta-feira a loja de doces logo a frente renova o estoque e quase sempre um fusca rosa estaciona frente à loja já do outro lado tem um prédio mais moderno, semana passada uma gangue de

motoqueiro parou frente a ele.

Tudo o que posso fazer é observar...

Já está quase na hora do cachorro passear, comecei a anotar os horários das rotinas de algumas pessoas, em destaque do dono de um cachorro que chama muita a atenção quando anda pelas ruas, assim como seu dono.

Mas ultimamente está bem difícil driblar a minha mãe, pois quando o Derrick vem nos visitar o inferno fica pior, faz parecer que o diabo estava de folga nos dias anteriores.

Mamãe abre sua gaveta de joias, senta-se na penteadeira e escova os cabelos vagorosamente.

— O que está fazendo aí me olhando? Vai fazer o que mandei.
— Me enxota com a mão, — mas você é tão lerda!

— Desculpa, já estou indo.

O que ela me pediu pode esperar só mais alguns minutos. ao invés de correr para a cozinha eu vou até o meu quarto e fecho a porta, abro a cortina da janela gradeada e bisbilhoto a rua — como sempre acerto em cheio, no mesmo horário de sempre...

Ele é lindo, seu andar impõe respeito e ao mesmo tempo tão, mais tão fofo, sua língua está para fora, como queria apertá-lo e acariciar sua barriga peluda.

Suspiro, sempre quis ter um cachorro e me pergunto qual o nome dele. Não é só a mim que ele enfeitiçou, todas as mulheres das proximidades não param de olhar.

Para ele ou para o dono.

O batizei de totó, totó se senta enquanto seu dono atende o celular. Ah, sim ele deve morar no prédio frente à loja de doces e também tem algum parentesco com a dona da loja e seu bebê...

Nunca consegui focar em seu rosto ou vê-lo, pois ele só sai pela noite ou de manhã bem cedo para passear com o cachorro, pode ser cadela também.

Porém, o dono não me interessa.

Fecho as cortinas e antes que mamãe perceba que não estou fazendo o que ela mandou. eu vou para a cozinha.

Derrick gosta de comer porcaria, deve ser por isso que reclama tanto da minha comida saudável.

Mas hoje vou preparar um macarrão ao molho branco com bacon.

Os saltos agulha da mamãe trincam no chão do quarto.

— Monstrinho, você viu o meu brinco de pérolas? — Grita mamãe do quarto.

— A senhora não tem um brinco assim. — Respondo experimentando o molho que ferve na panela, o espaguete já está no escorredor.

— É claro que tenho!

— Não, não tem.

Deixo a panela e vou à procura de alguns legumes para fazer uma senhora salada, ainda bem que temos azeitonas.

— Como você sabe por acaso anda pegando minhas coisas novamente?

— Não. A senhora me perguntou lembra?

Paciência...

— Esquece, mas se você não encontrar o meu brinco de pérolas juro monstrinho que vendo seus rins para comprar outro.

Credo.

Descasco as batatas e as corto em cubinhos, em seguida a cenoura e coloco para cozinhar na panela.

— Ainda não está pronto? — Mamãe olha indignada para a tigela apenas com o tempero da salada, jogo o azeite de oliva sem lhe apresentar nenhuma resposta para o óbvio. — Não se faça de muda.

— Ainda não está pronta.

Céus...

— E como estou? — Analiso seu vestidinho cor rosa goiaba, tem um decote exagerado e um estilo mais adolescente.

— Talvez eu deva cozinhar alguns ovos para colocar na salada. — Mudo de assunto.

— Está tão ruim assim?

Eu não queria responder, mas...

— Péssimo. A senhora não precisa se vestir como uma menininha para agradar o Derrick, aquele vestido azul marinho que a senhora tem fica mais elegante.

O vestido é apenas o começo a maquiagem dela é o próprio arco-íris pintado por uma criança de cinco anos.

— Esquece, nem sei porque te pergunto as coisas, olha só para você, com essa coisa tosca e ridícula na cabeça, com essa cara salpicada por essas malditas sardas, com essas gorduras criando uma pilha de pneus que é seu corpo...

A pior coisa é a cara de nojo que ela faz, me faz me sentir um lixo, parece olhar para algo medonho, não para sua própria filha.

Meu rosto esquenta de imediato e sinto vontade de revidar, mas sei que isso só vai piorar as coisas.

— Desculpa.

Ela ergue o queixo convencida que está "causando" — digna de pena, eu diria.

— Deixe a mesa pronta, só saia do quarto para jantar quando terminarmos, depois limpe tudo.

Não posso reclamar, pois se eu não fazer como ela quer, bem capaz de não jantar hoje.

Faço como ela pediu fico trancada no meu quarto desenhando enquanto a escuto rir com o namorado dela, gosto de desenhar. quando morava com o meu pai tinha aulas de desenho, minha educação sempre foi supervisionada por professores particulares, nunca frequentei uma escola.

Esboço o desenho de um cachorro preso em uma coleira, totó tem mais liberdade do que eu e com certeza é mais amado também. Quando o barulho na sala cessa, saio do quarto usando um casaco grosso que cobre o meu corpo até os joelhos.

É inverno em Santa Maria e a neve está criando desordem do lado de fora, porém só posso sair à noite e apenas para jogar o lixo fora.

Não há mais ninguém na rua e ninguém me conhece nessa cidade, sou um fantasma. Ajeito meu capuz e atravesso a esquina até um beco onde fica a lixeira, jogo o lixo e faço meu retorno, ralando a mão uma na outra para aquecê-las. Ao atravessar o parque ouço latidos e totó está com coleiras, porém sem o dono por perto, ele me encara e dá outro latido.

Antes que o dono dele me veja escondo-me atrás da lixeira

quase perto do estacionamento do parque, rezando para que totó não venha até onde estou.

— Lagertha! — Uma voz masculina chama por totó, agora sei o nome dela. Ela é fêmea então... — Sua quenga não fuja mais desse jeito — fico sem saber o que fazer, então permaneço imóvel quase sem respirar, piora tudo quando Lagertha volta a latir — O que foi garota, Huh?

Silêncio, depois dessa pergunta Lagertha não latiu mais. Será que já foram embora?

— Quem está aí?

Droga. Fui pega.

— Foi por ela que você fugiu? — Como ele sabe que sou uma garota? Como sabe que estou aqui? — Sei que está aí, sinto o cheiro de morango do seu shampoo, muito cheiroso embora acho que seu desodorante está vencido. — Outro latido, — Lagertha concorda comigo. Só acho que devia trocá-lo, cheirar a lixo dessa cidade não é muito bom.

Isso era para ser engraçado?

HAHAHA, sem graça!

Não posso sorrir e nem ter nenhum tipo de interação com ele, mas algo me diz que se eu não sair daqui logo ele vai me pegar nessa situação constrangedora que é estar praticamente abraçada com a lixeira.

— Eu vou sair, mas, por favor, me deixa apenas retornar para casa. Não me olha!

— E por que não? Por acaso saiu para passear pelada nessa noite fria?

— Muito engraçadinho o senhor.

— Me fez parecer o velho que sou.

Pela voz não é tão velho assim, mas nitidamente bem mais velho que eu. Caramba.

Com cautela me levanto e olho por cima da tampa do contêiner de lixo. Ele está de costas segurando Lagertha pela coleira, ela dá outro latido para mim.

— Qual a raça dela?

— Chow Chow.

Tenho uma vontade enorme de acaricia-la, mas não posso ficar mais tempo do lado de fora.

Ando de fininho em direção oposta.

— Não vai nem dizer adeus?

— Adeus estranho e não deixe a Lagertha fugir e ela deve odiar quando você fica no parque parado falando ao celular, acho que é o momento do dia em que ela quer correr pelo parque e não ficar em uma coleira vendo os outros se divertirem, se eu estivesse no lugar dela faria isso...

Droga. Por que estou falando estas coisas? Não posso puxar assunto com estranhos...

— Como sabe de tudo isso? Anda espionando minha cadela ou a mim?

Iludido. Nem sei como é seu rosto.

— Ficamos só no adeus.

— Apareça um dia desses na boate.

— Impossível.

Estou bem distante para ele escutar, entro pela porta da cozinha e encontro o Derrick bebendo água, apenas de cueca e que nojo!

— Sinto muito querida achei que já estivesse dormindo — era para estar, se eu não fosse a empregadinha da minha mãe, — é bom te vê, sua mãe não deixa você sair do quarto quando estou aqui.

— Oi. Tchau. Eu vou dormir. — Ele fica em minha frente.

— A noite só está começando... — Segura meu pulso. — Agora sei por que sua mãe te deixa no quarto e esconde você, porque é bonita. — Derrick é pegajoso como o bigode fino e seus cabelos grisalhos em um corte militar. — Vem cá não precisa ter medo só quero conhecer você melhor.

— Me solta.

— Fala baixo, pois não queremos acordar sua mãe, não é? — Na verdade eu quero, — você tem uma beleza exótica.

Bufo, pois de todas as coisas que me considero ser bonita nunca estive na minha lista, pelo contrário sou horrível!

— Obrigada, tenho que ir dormir.

Ele puxa minha mão com força e leva para um lugar que ao sentir que está duro, desejo colocar toda à janta para fora. Que nojo.

Consigo tirar minha mão com força e acerto um soco em sua cara e acho que acertei o nariz.

Às vezes corria para a área vermelha para ver os homens do papai treinar.

— Sua vadia, vai me pagar por isso Desireé.

Corro para o meu quarto e tranco a porta, mas só por garantir arrasto minha cadeira para escorar atrás dela, mesmo assim demora muito para pegar no sono.

CAPÍTULO DOIS

Elie Anjo - Demônios Reais



Mamãe disse que ia jantar com o Derrick e não vai voltar tão cedo. Tenho tempo de sobra para ficar na janela da sala onde posso ver melhor a rua, a porta está trancada, mas não tem como fugir nesse frio, morreria de fome em algum lugar. Já tentei arrombar seu cofre ela guarda o dinheiro e suas joias lá.

Meu casaco é grosso e gasto assim como boa parte da minha roupa não sei o que é ter roupas novas então improvisei usando as camisetas largas que as vezes ela compra para mim.

Às vezes...

Para ser mais exata uma vez no ano e no natal. Mas isso é o que menos importa, como ela me diz: Não sou bonita então não tenho motivo para ser vaidosa.

Hoje a boate está movimentada, novamente a rua frente dela está tomada por motos e carros e figuras muito interessantes entram no prédio e estou bastante curiosa sobre isso, ontem o dono da Totó me convidou para visitar a boate, entretanto, acredito que não deixam entrar menor de idade.

Mamãe não vai saber se eu usar as roupas dela...

Abro a porta do meu quarto e não encaro muito o reflexo no espelho na porta do guarda roupa, não gosto do que vejo, uma garota gorda e com cabelos rebeldes, essas sardas e boca carnuda.

Cantarolo enquanto fantasio estar vestida nos vestidos da mamãe, desisto de usar por que não vai ficar bem em mim...

Deixo o quarto dela de lado e vou para o meu, procuro no meio das minhas camisetas e escolho uma preta. Talvez, se eu estilizar fique melhor para usa-la, portanto corto a gola dela criando um decote

V, dobro as mangas e visto com cuidado depois amarro em minha cintura não tenho shorts apenas bermudas, então procuro uma jeans e corto mais acima das minhas coxas, deixo a bainha cheia de fiapos.

Hm, nada mal.

Não dou a mínima para o meu cabelo apenas o prendo em descaso em um elástico. Calço tênis sem meias e pego meu único casaco grosso.

Respiro antes de pegar o grampo para abrir a porta dos fundos, que é por onde vou escapar. não tem muito segredo consigo abrir a porta com facilidade, estou saindo pela primeira vez em dois anos, mas estamos morando nesse lugar há algumas semanas.

Meu casaco vai até abaixo dos meus joelhos ainda assim sinto muito frio, ainda dá tempo de voltar atrás dessa loucura, mas não quero, pois de maneira estranha me senti atraída pela boate, pelo convite.

Chegando bem próximo ao local alguns homens cercam meu caminho.

— Aí você é menor? — Um dos seguranças me pergunta. Porém me distraio lendo a fachada "Demônios Reais" um nome estranho.

— Não. — Respondo.

— Mostre a identificação. — O outro pede, nesse momento me tornei a atração deles e me sinto intimidada.

— Deixe-a entrar eu a convidei. — Reconheço a voz, mas não a pessoa porque essa é a primeira vez que o vejo de verdade, não uma sombra embaçada pela janela ou pela escuridão.

Ele é alto e possui muitos desenhos no corpo, amo desenhos, portanto amo tatuagens. perscruto seu tórax timidamente com o coração acelerando no peito e com muito medo de ser descoberta. E se eles descobrirem que sou menor de idade e ligar para minha mãe?

Se isso acontecer as coisas vão se complicar muito.

— Vai ficar aí a noite toda?

Ele tem os olhos azuis e boca rosada pelo frio e quando fala sai fumaça que esborrifa ar.

O barulho, a agitação começa a ficar cada vez mais nítida quando adentro ao corredor um pouco escuro.

Mas aqui dentro tem aquecedor então o frio começa a amenizar.
O homem vai à frente andando como um predador, ele usa um casaco grosso e com aspecto de ser caríssimo assim como suas botas para frio.

Nunca estive em um lugar como esses e está completamente lotado, boa parte das pessoas usam metais e possuem tatuagens.

Observo tudo com muita curiosidade e sem me dar conta que também estou sendo observada.

— O que foi? — O questiono, afinal ainda não sei o seu nome e também não me interessa.

— Quer beber alguma coisa?

— É assim que você chega em uma garota? Oferecendo bebida quando não sei nem o seu nome.

Acho que falei demais ele não é o tipo de homem que se brinca. na verdade estou tremendo na base, quase desmoronando com tanta emoção.

— Só para as adultas. — Ele acha que sou adulta?

— Obrigada, mas não quero.

— Uma dose de vodca. — Pede ao barman, — você veio me ver ou a Lagertha?

— Onde ela está?

— Lá em cima, dormindo como uma boa garota. — Ele bebe sem tirar os olhos de mim — nunca te vi na cidade, qual seu nome?

— Melhor não saber.

— Hm!

— Você trabalha aqui?

— Quase isso. E você faz o quê? Mora nessa cidade mesmo?

— Não, estou passando alguns dias. — Minto, ele vai desconfiar se disser que moro aqui e nunca me viu por aí.

Além do mais esta é a única conversa que teremos, depois disso pretendo desaparecer.

Também já peguei algumas mulheres olhando para nós dois.

— Você quer ver a rapariga?

— Se está falando da Lagertha sim. Eu achei o nome de muito bom gosto, pois amo Vikings.

Lança um olhar surpreso para mim.

— Nenhuma garota conversou sobre vikings comigo.
— Ainda bem que tenho a TV na minha vida.
— Vem comigo — ele segura minha mão e me guia entre as pessoas, — tenho uma queda por essa personagem...

Explicado, mas eu também amo a personagem. O homem me leva até um elevador, puxo minha mão trêmula e digo:

— Foi um erro ter vindo aqui, sinto muito.

Não posso entrar em um elevador, só queria dizer isso, mas quanto menos ele saber de mim melhor.

— Você está com medo. — Como ele sabe? — Tem medo de elevador? É claustrofóbica ou algo do tipo?

Pisco surpresa por ele ter descoberto algo de mim de maneira tão rápida.

— Não gosto de lugares fechados. — Admito.

— Podemos ir pelas escadas se quiser.

— Tudo bem.

Ele como sempre vai na frente, paramos frente a uma porta, logo atrás está o elevador, ele abre a porta que estava destrancada e me deparo com um apartamento, Lagertha corre latindo até seu dono que se curva para mima-la.

— Ela não morde, pode tocar.

Nem preciso me abaixar, pois ela pula em cima de mim, recuo com seu peso e sua agitação, sorrio sem acreditar que finalmente posso tocar nessa coisa fofa.

Peluda e cheirosa.

— Ela é tão linda, tão fofa. — Quero tanto poder ter uma dessas, acho que dormiria na minha cama.

Afasto a cadelinha lembrando que preciso voltar, preciso estar em casa antes da mamãe.

— Eu tenho que ir.

Ele me encara com estranheza, céus, que ele não desconfie de nada.

— Por que tão cedo? Pode ficar brincando com ela o tempo que quiser.

— Eu tenho que ir mesmo.

— Vai aparecer outro dia?

Por que ele está tão interessado?

— Não. — Ele me olha de maneira diferente como se não tivesse se importando em dar atenção para alguém como eu.

— Hun, por que não?

— Não tenho motivos, já vi a Lagertha isso já é o suficiente.

— Precisa de outro motivo então?

Qual problema dele?

Por que nosso espaço está diminuindo?

Me dou conta que estou comprimida na porta sobre a avaliação dele, baixo o olhar muito intimidada e com medo do que está por vim, sou estúpida por entrar na casa de um estranho e se ele me fizer mal?

— Você é muito bonita. — Rio em descrença, merda, nunca mais tinha rido assim. — Por que está rindo?

— Por que acho que você não bate bem da cabeça por me achar bonita.

— O quê? — Ri, — você não se acha bonita. O que mais? Tenho todo o tempo do mundo para te conhecer.

— Eu preciso ir...

— Tudo bem... — Mesmo assim seu olhar é de contrariado.

Fico perdida quando ele desce o olhar para minha boca, o toque da sua respiração quente na minha pele está me causando arrepios frequentes.

— Me diga seu nome.

Sua voz se tornou tão sedutora, difícil negar. parece que minha mente está sendo acorrentada por ela, o que me leva a me render e falar:

— Desireé.

Merda. O que está acontecendo comigo? Fiquei louca não consigo controlar a minha boca — peixe morre pela boca. E o pior de tudo é que posso colocar a vida desse estranho em perigo.

— Sou o Marlon.

— Marlon...

Repito como uma idiota, Marlon toca em meus lábios de leve esperando algum retorno, mas não consigo dar nenhum, pois isso foi inesperado — um homem me beijou. mamãe disse que nenhum

homem iria me desejar, tocar em algo tão horroroso.

O riso suave dele faz meu rosto esquentar.

— Nunca fez isso, não é?

— Não.

— Quantos anos você tem Desireé?

— Vinte e um.

Eu não vou falar a verdade, seu olhar se aprofunda nos meus.

— Não minta para mim. — Sai mais como uma ordem.

Esse homem é estranho, parece controlador.

— Dezesete.

— Caralho, tão nova assim? — Se afasta de mim como se acabasse de confessar que tenho lepra. — Seus pais sabem que está em um lugar como esse?

O quê?

A poucos minutos estava me comendo com os olhos, agora parece arrependido ou deve ter perdido o encanto ao analisar melhor essa garota horrorosa que quase teria seu primeiro beijo com um homem lindo.

— Me desculpa, sinto muito. Adeus.

Ele não me impede de sair correndo pela mesma porta que acabei de entrar, desço os lances da escada correndo e ao chegar em casa abro a porta dos fundos fazendo o menor barulho possível espero que minha mãe não tenha chegado, ando até meu quarto tocando o chão com sutileza.

— Aproveitou à noite? — Levo a mão ao peito ao ouvir a voz da minha mãe, ela está sentada no sofá, ao lado dela tem uma chave, a terrível chave que tenho tanto medo.

— Mãe me perdoa, não vou fazer mais isso eu juro.

— Claro que não vai, porque depois de hoje, você, sua vagabunda, nunca mais vai me desobedecer e tão pouco dar em cima do meu homem.

— Do que a senhora está falando?

— Ele me contou tudo.

— É mentira, foi ele que tentou me tocar. — Quero correr, mas deve estar tudo trancado, — mãe eu não quero ir para aquele lugar!

Sei que não vai desistir de me dar o castigo então ando

apavorada para o final do corredor, para o porão onde ela me mantém presa sempre que faço algo de errado.

Uma verdadeira sala de tortura para quem sofre de claustrofobia, choro desesperada ao entrar na pequena sala com porta de aço.

— Vai ficar aí até aprender!

Ela bate à porta com força, começo a estapear a porta antes dos sintomas me atingir, sinto falta de ar e parece que as paredes estão se comprimindo querendo me tragar. Começo a gritar desesperada, berro. Entretanto, nada disso adianta, ela me deixa na escuridão lidando com meus próprios medos, *sempre sozinha*.

Por fim, a crise me leva para um desmaio porque eu realmente acho que vou morrer se ficar presa.



Estou presa e não sei a quanto tempo, está escuro e estou com muita fome. Durante esses dias minha mãe me torturou e me deixou sem comer, às vezes só me dava uma refeição por dia, nem sei se é dia ou noite, choro constantemente e estou sem voz, prefiro ficar dormindo a acordada nesse quarto escuro. Já perdi as contas de quantas vezes desmaiei, a pressão em meu peito e suor excessivo tudo são sinais que vou acabar morrendo aqui, estou fedendo sem tomar banho e ela me deu apenas uma bacia para urinar.

Quando morávamos no Canadá as coisas eram piores, me lembro de quando ela terminou com um dos seus amantes, ela chegou em casa bêbada e me agrediu.

Estou com frio e com o corpo dolorido. Eu odeio essa mulher, quero muito sair daqui.

— Você vai acabar matando-a, Magda. — Sinto um calafrio ao ouvi a voz do Derrick.

— Não vamos levar ela com a gente. Eu não aguento mais,

preciso me livrar dela, não tem mais valor algum, o pai dela não entrou em contato comigo. — Me afasto da porta me arrastando para o canto do quarto, — seja uma boa menina Desi e não lute.

Como se eu tivesse força, não tenho nenhuma, ela e o Derrick me enrolam em um lençol.

— Ela está ardendo em febre, está morrendo. Vamos levá-la ao médico.

— Você está louco? Se eu fizer serei descoberta nesta maldita cidade, não vou devolvê-la para o Dimitri, a mantive porque tenho outros planos para ela, mas infelizmente aquele desgraçado não se importa com a gente. — Não entendo muito o que ela está falando. — Vamos jogá-la na estrada.

— Não... — minha voz está inaudível.

Não consigo lutar, eles me carregam, consigo ver a neve cobrindo do lado de fora da garagem.

— Como você é pesada. — Diz minha mãe.

— Mamãe prometo nunca mais desobedecer... por favor.

Ela não me dá atenção, eu vou morrer, eles vão me matar.

CAPÍTULO TRÊS

Elie Anjo - Demônios Reais



á algo de estranho comigo e não sei dizer o que é, mas
H fiquei os últimos dias agoniado, com o coração querendo rasgar e sentindo uma angustia que nunca senti e o pior de tudo é que não sei o motivo. Derramo o café da cafeteira em minha xícara, à caixa postal do meu celular está cheia de recados do Ructon, está na Rússia já faz um bom tempo, fazendo o que? Não sei, talvez, tirando férias do Raony e de ser babá do Gael.

Por falar nos dois, Raony ficou de trazer Gael aqui amanhã para brincar com a Lagertha, os dois são inseparáveis.

Meu sobrinho está cada dia maior e mais brincalhão, acho que ele será o mais diferente da família, mais humano.

O café quente me ajuda a me aquecer, enquanto observo a rua da sacada do meu quarto, isso tudo está acontecendo comigo depois que aquela garotinha fugiu de mim na boate. ela estava interessante até descobrir que é menor de idade.

Tão jovem e tão linda, nunca a vi pela cidade além daquela noite que nos encontramos, porém não pude vê-la e quando apareceu na boate reconheci pela voz e pelo cheiro.

Não sei o que fazer para esse incomodo passar, hoje tentarei algo diferente vou acampar com as garotas para aliviar a tensão, deve ser só isso desde que abri o estúdio de tatuagem não paro, parece que tatuagem é a última moda em Santa Maria e obvio que faço isso porque quero — não preciso trabalhar, já acumulei fortuna o suficiente.

Mantemos a sanidade nesse mundo adotando várias atividades,

Jandir costuma dizer que somos vagabundos, — nem todo mundo quer ser faz tudo como ele — de encanador a pedreiro. Ele adora um trabalho braçal, pegar no pesado.

Saio da sacada e zapo para a cozinha, lavo minha xícara e deixo no escorredor, minhas malas estão em cima da mesa já que vou estar na companhia de humanas não posso ficar zapando de um lugar para outro.

Zapo até o local que combinamos para acampar, as humanas ainda não chegaram, então começo a armar a barraca. Cubro o chão dela com os colchonetes e vou à procura de gravetos para fazer uma fogueira, essas humanas estão com um fogo desgraçado para vir para o meio do mato em um frio desses.

Ouço motor dos carros passando na pista há um quilômetro do acampamento meu celular toca no meu bolso, ignoro a chamada da Helena — muito gostosa e achei que fazia o tipo "certinha" por frequentar a igreja, mas desde que descobriu que o ex- noivo estava traindo ela, Helena virou uma garota mais ousada, não que eu esteja reclamando até porque me aproveito bastante da ousadia dela.

Mas, ultimamente noto que ela está mais grudenta, quando deixei claro que transas ocasionais não é relacionamento fixo para mim.

Sou bastante direto quanto a isso.

Não que esteja esperando alguém especial, não estou disposto a ser apenas de uma mulher quando eu desejo ter várias.

Essa maldição nos deixa presos a algo que não desejamos e sinceramente eu não vou pertencer apenas a minha fêmea então se ela aparecer melhor se acostumar com a ideia.

Tão pouco vou marca-la como minha, pois olha o exemplo do Raony? Não olha nem para outra mulher que não seja Grace Jane, não suporta nem o cheiro de outra mulher — isso tem a ver com a ligação que ele passou a ter depois que marcou sua fêmea.

Está decidido. assim não vou marcar minha fêmea, mas ela também não será de mais nenhum macho, irá me servir, não sou o cruel da história, cruel é a maldição.

Por que estou pensando nisso agora?

Merda. As garotas estão atrasadas.

Enfio a mão no bolso da jaqueta ouvindo o barulho de um motor, deve ser elas, pois estacionou na trilha.

A brisa fria da noite traz um cheiro de sangue...

Tum, Tum, Tum...

Mais isso agora?

Não vai me dizer que...

Ah, inferno!

Sabia, sabia que estava estranho, não entendo o que está acontecendo. o carro com esse cheiro está longe de onde estou e não posso ficar zapando por aí se sinto cheiro de humanos.

Entro na barraca e fecho o zíper, se tem outra forma de ir atrás dela será como lobo.

Transformo-me em lobo dentro da barraca... Logo uma pelagem marrom toma o lugar da minha pele.

É mais difícil controlar as coisas quando estou na minha forma de lobo.

Demônios.

Rasgo a barraca e corro como um louco em direção ao cheiro de suor, medo, urina, cheiro de alguém que precisa de um banho — espero que minha fêmea não esteja caída em algum lugar na floresta.

Não em um frio desse. E porra fazendo o quê?

Se eu estou fazendo isso é porque preciso da existência dela para continuar vivo.

Corro, cercando a área onde o carro está estacionado, de longe vejo os humanos abrirem o porta malas e tirar um embrulho de dentro, foco no som e ouço o gemer, posso senti-la e é doloroso, sinto o peso do desespero dela exalando pelos poros da sua pele.

Rosno e ainda assim não posso ir até ela, quero simplesmente matar esses humanos, já tem uma cova mais afastada da pista, eles arrastam o corpo dela e joga, e de maneira tão rápida começam a cobrir com a neve.

Ela vai acabar morrendo, e quer saber? Que se foda!

Vou matá-los.

Avanço zapando até onde eles estão, a mulher grita ao ver um lobo que é o dobro do seu tamanho, dou uma patada nela com as garras posso sentir o cheiro de sangue da pele que acabei de rasgar,

mas ela ainda não morreu. o homem tenta me acertar com uma pá, patético, o jogo no chão perto da cova e cravo as presas em seu pescoço, em seu coração, o arranco, cuspo fora enquanto a mulher ferida grita horrorizada, ela consegue se levantar e correr até o carro.

Não tenho tempo para ela, começo a cavar o lugar onde enterraram a minha fêmea, choramingo, urro e isso não consigo controlar.

Medo da morte.

Ela não pode morrer.

Demônios!

Arrasto o corpo dela para fora da cova com cuidado para não a ferir, deito ao seu lado para aquecê-la, ela está gelada e desacordada.

Não vai sobreviver, envio um sinal de desespero para meus irmãos.

Por Oric!

Por isso estava sentido essa angustia, e isso é minha culpa por ser tão desatento.

Mas como iria saber que essa pequena é minha fêmea?

Seu rosto está pálido e seus lábios partidos, um bagaço de sofrimento, mas ainda consigo reconhecer a garota de algumas noites atrás.

Desireé...

Está com a mesma roupa da última vez que a vi.

Transformo-me em humano e a carrego, zapo com ela até meu apartamento, até meu quarto e a coloco com cuidado na minha cama a cobrindo com os lençóis.

Rudá zapa ao meu lado, está com o pijama.

— Já devia saber que seu pedido de ajuda seria algo relacionado a mulheres. — Ele analisa a garota. — Sua fêmea?

Não parece surpreso, mas ignoro.

— Ela vai acabar morrendo.

— Hipotermia...

Essa calma dele é insuportável!

— Faço algo logo!

— Farei, trouxe o Ructon, nesse momento ele está cuidando das

coisas que preciso para reanimar sua fêmea.

— Sejam rápidos.

— Saia, vai vestir alguma coisa deixe que cuido disso.

— Não enche, Rudá.

Zapo do quarto até a sala e sento no sofá colocando a almofada para cobrir minha parte íntima, há algo errado eu sei que quanto mais calmo esse infeliz está, mais ele está aprontando.

Ructon entra no quarto com uma mala preta, reparei em sua mala jogada na sala, com roupas saindo por todo canto deve ter zapado nas pressas.

O pulso dela estava fraco e a pele muito fria.

Tento me acalmar, mas não consigo ando de um lado para o outro tentando capturar ao máximo o som que vem de dentro.

Eles tentam a aquecer, até que deu certo, uma hora, duas horas e nada de saírem do quarto, algumas vezes o Rudá zapou deixando o Ructon sozinho. quando a porta se abre noto que meu quarto está cheio de equipamentos médicos.

Ela está entubada e com acesso na veia.

— Soro, ela está muito fraca melhor deixa-la desacordada, se recuperando. — Ructon diz.

— O que está acontecendo, hum? Por que acho que você não está surpreso com a aparição da Desiree, Rudá?

— Uma hora ela teria que aparecer, isso não é algo para ficar surpreso desde que Raony encontrou a dele.

Não acredito nisso!

Há mais coisas e vou descobrir e algo me diz que Ructon sabe.

— Meu senhor Marlon, eu tenho que arrumar minhas coisas. — Ructon sai com o rabo entre as pernas.

Aproximo-me da cama, ela está limpa e com a aparência um pouco melhor, porém ainda está muito pálida.

— Por que fizeram isso com ela? — Não perguntei para o Rudá já tinha até esquecido que ele está no meu quarto.

— Por maldade, não há outra explicação para machucarem esta jovem fêmea.

Sim, ela é muito jovem, não quero uma fêmea jovem e inexperiente. Se depender de mim ela nunca vai saber que é minha

predestinada.

— Espero que ela possa se recuperar.

— Ela é sua fêmea, é claro que vai...

— Não. Não é, ela vai continuar vivendo a vida dela, seja lá como for.

— Marlon...

— Não percebeu? Ela é jovem demais, não viveu nada da vida para se acorrentar ao nosso mundo, posso mantê-la segura e com a vida melhor que ela tinha, mas nunca como minha fêmea e espero que você não se meta nos meus assuntos, ela não vai saber de nada.

Vou à procura de alguma roupa no meu armário e acabo desistindo, zapo para o banheiro, depois de tomar banho uso apenas a toalha, terei que dormir na sala já que ela vai dormir no meu quarto, pois um está sendo ocupado pelo Ructon, o outro pela Lagertha.

Chego à cozinha e abro à geladeira a procura de alguma coisa para comer esqueci tudo no meio da floresta, inclusive meu celular. Zapo até o lugar apenas de toalha vendo as marcas de pneus e do cadáver destroçado, não vou voltar até a barraca se as garotas estiverem por lá bem capaz de terem ligado para a polícia depois de ver o cenário perturbador, que se dane!

Ao zapar para minha cozinha novamente me bato com o Ructon comendo cereais com leite.

— Eu vou interroga-lo e você sabe disso. — O intimido e ele não diz nada, por enquanto vou deixá-lo descansar e pensar direito nas coisas que precisa me revelar. — Ah, e vão entrar em contato comigo para saber sobre o acidente na floresta, dê seu jeito.

— Como assim, meu senhor? Que acidente Senhor Marlon?

— Alguém estava tentando matar a garota, matei o humano, mas estava transformado em lobo.

— Que droga. Está muito difícil lidar com o novo delegado humano...

— Se vire você é bem pago para limpar a bagunça.

— E quem paga meu salário? Para ser faxineiro, médico, babá, advogado, conselheiro... olha a lista é enorme e sinceramente estou cansado e as leis trabalhistas me apoiam.

Como é que é?

— Ligue para o Raony para reclamar, aproveite e peça ele um teto, pois enquanto estiver nessa casa vai me ajudar.

— Então agora estou trabalhando para pagar a moradia? E a parte que estou sendo bem pago?

Merda. Ructon está em modo perturbado.

— Foda-se, Ructon! E você não vai me escapar quero saber tudo.

Zapo para a sala.

Tento dormir no sofá, o Ructon faz vigília no quarto da garota, tenho que planejar o que fazer com ela a partir de agora, para começar ela precisa de um lugar para viver, pois seja lá quem tentou matá-la, tentará novamente.

Garota misteriosa, eu preciso descobrir quem é você.

CAPÍTULO QUATRO

Elie Anjo - Demônios Reais



Quando completei oito anos meu pai me levou para um parque de diversão, lembro-me que não havia criança brincando, apenas eu, ele e bastantes seguranças em nossa volta. ele sempre teve muito dinheiro, mas trocava qualquer coisa para ter uma vida normal como as outras crianças embora o meu pai sempre fez de tudo para me manter afastada dos seus negócios.

Ele não queria me entregar para um estranho, mas sabia que fez um contrato com o próprio demônio e se eu não fosse entregue a ele, meu pai perderia tudo. na medida em que os anos se passavam eu via a culpa e o arrependimento estampado em seus gestos, não consegui odiá-lo e estava realmente disposta a aceitar ser entregue para um estranho apenas para não o ver daquele jeito. Entretanto, isso não aconteceu, pois por causa de uma traição interna ele foi preso e eu sai foragida da casa onde cresci para não ser morta pelos adversários dele e infelizmente minha mãe ficou comigo.

Como eu queria ter fugido aos quinze anos, minha mãe só queria a garantia de que teria mais uma forma de arrancar dinheiro do meu pai.

Isso até ela se envolver com o Derrick e decidir se livrar de mim.

O medo ficou enraizado em minha espinha quando me colocaram naquele porta malas, não me lembro de muitas coisas apenas o som do uivar de um lobo e a agonia dos últimos minutos com vida.

Céus a morte dói tanto?

Sinto dor em boa parte do meu corpo, meus olhos estão

pesados e quando os abro lentamente com a cabeça latejando me dou conta que não estou morta. Com certeza se estivesse morta não sentiria esse gosto amargo na boca e dores em meu corpo, e mesmo assim se encontra tão dormente que sou incapaz de me mover.

Onde estou?

O teto tem o forro de madeira falso, talvez eu esteja em algum hospital, sinto cheiro de hospital, consigo virar minha cabeça encostada em um travesseiro macio, aliás toda a cama é confortável.

Solto um suspiro de alívio, eu não estou morta e sou envolvida pela esperança ao ver o acesso em meu braço, isso quer dizer que estou sendo cuidada.

Obrigada Deus.

Ainda estou viva.

Estou muito confusa com tudo o que aconteceu e sem vontade alguma de pronunciar alguma palavra e que com certeza sairão confusas.

Mesmo com a vista embaçada por remelas consigo enxergar alguém se aproximar de mim, devo estar sonhando com tudo isso com o Rucinho acariciando minha cabeça de maneira carinhosa como ele costumava fazer para me embalar em um sono.

Ele continua com a mesma aparência e como isso é possível?

— Bem-vinda de volta, Desi. — Curva o lábio em um sorriso me fazendo acreditar que vai ficar tudo bem, sufoco as lágrimas, são tantas emoções acumuladas. — Me diga como se sente, preciso saber para tratá-la melhor.

Eu entendi o que ele me perguntou, porém estou completamente perdida e incapaz de formular alguma resposta coerente. não me sinto lúcida o suficiente para respondê-lo, sei que quero lhe encher de perguntas e lhe responder muitas outras.

Ele é o Rucinho, acho que o homem mais próximo de mim depois do meu pai, ele era o meu cuidador e herói e sentia tanta falta quando ele partia, as vezes inventava estar doente apenas para ele vir até mim. Se isso não é muito amor não sei o que é, quero muito abraçá-lo, mas não sou mais aquela criança, já sou quase uma adulta.

— Eu... — *Ouçá-me Rucinho, em primeiro lugar preciso dizer*

que te amo. — Eu tenho uma queda por você.

Mas eu sabia que ia falar merda. Afs.

— Desi! — Ele ri, agora acabei de criar uma confusão sem tamanho. — Isso quer dizer que você está bem.

— Não. — Sua aparência é jovial e alegre, fofa a ponto de me fazer querer ficar do lado dele e nunca mais sair, tudo continua a mesma coisa. Volto a me questionar como isso é possível — Onde estou?

— Na casa de um amigo.

— Que amigo?

— Hum, breve vai saber. Sente alguma coisa?

— Dor no corpo e cansaço.

— Vou aplicar um analgésico, você está muito fraca muito em breve vai se sentir melhor, vou preparar algo sólido para você comer, esses dias você estava desacordada.

— Quanto tempo?

Tento me levantar, tentativa frustrada, me escapou um gemido de dor — Como se nesse momento um trator estivesse dando um rolê em todos os meus pneuzinhos.

— Três dias.

— Nossa... — Novamente controlo a vontade de chorar.

— O que aconteceu? Quem fez isso com você?

Me recuso a falar alguma coisa, a propósito como ele chegou até mim?

Cerco ele com um olhar indagador.

— Como me encontrou?

— Eu moro nessa cidade.

Nunca vi o Rucinho da janela do meu quarto desde que passei a morar aqui.

— Hm...

— E você quanto tempo mora aqui? Nunca vi você, se bem que nos desencontramos, soube que você havia desaparecido e fui procurá-la na Rússia assim que pude.

— Encontrou meu pai?

— Não, nós não temos mais negócios e ele também está desaparecido.

Droga.

— Esse seu amigo é de confiança?

Afinal de contas estou na casa de um estranho e se ele me dedurar para minha mãe e nem posso perguntar ao Rucinho o que aconteceu com ela, porque ele vai saber que estive com ela esse tempo todo, não quero envolvê-lo em meus assuntos.

— Não.

— E por que me trouxe aqui?

— Na verdade, foi ele que te trouxe aqui. ele que te encontrou e lhe socorreu Desi.

Tenho que agradecer a esse homem e sair o quanto antes daqui para não o colocar em confusão.

— Preciso agradecê-lo.

— Vai ter tempo para isso. — Ergue a sobrancelha e me olha convencido de alguma coisa — Você cresceu, está muito diferente daquela garotinha.

Trinco minha mandíbula para não sorrir feito uma boba por ele está me observando, quem sabe me admirando, ou até mesmo se sentindo atraído por mim. *tudo bem não vamos exagerar, querida.* Sou um pedaço de carne em uma cama e com certeza minha aparência deve estar pior que o normal.

— O que faço agora?

— Só descansa, vou preparar algo quente para você comer.

Deixo-o sair para soltar um suspiro, fica bem explícito a minha felicidade por reencontra-lo, Rucinho é o meu príncipe e quando tudo acabar, quando eu estiver retornado para o meu pai, irei pedir para me casar com ele.



O baque da porta me assusta, não consegui pregar o olho enquanto Rucinho estava fora, reparei que o quarto é masculino e não faz o estilo do Rucinho então deve ser do amigo dele. Preciso

pelo menos ficar sentada para agradecer o homem por ter salvo minha vida.

Primeiro preciso de uma roupa, pois estou pelada. esquenta tudo ao imaginar que o Rucinho tenha me visto pelada, ora, ainda sou uma garota virgem e que acaba de reencontrar seu primeiro amor.

Arrepio-me ao sentir minha mão sobre o colchão receber uma lambida inesperada.

— Lagertha? É você que está aí fazendo barulho debaixo da cama?

Não tenho condições de retribuir o carinho, seu rabo balança freneticamente para mim.

Mas espera, o que ela está fazendo aqui?

Uma luz, por favor. Estou sem ideia nenhuma...

— Ela não saiu de debaixo da cama esses dias, só saiu para comer e fazer suas necessidades.

É como um tsunami ouvir a sua voz novamente, como esse homem entrou no quarto sem que eu percebesse?

Não vai me dizer que...

Oh Droga!

Ele se aproxima de mim e de Lagertha, meus olhos caem no chão sobre a análise persistente dele, *eu que lute* para sair dessa situação!

— O que faz aqui?

Pergunta mais estúpida, mas sinceramente não sei o que dizer, fui pega desprevenida, o universo não me preparou para essa situação. para encontrar toda essa estrutura bem acabada, nos mínimos detalhes porque até sua pele tem um pigmento diferente — Há uma obra de arte em cada centímetro dela, me encantei por suas tatuagens, mas só foi isso, o encanto termina diante da sua postura rígida e olhar afiado como navalha de barbeiro, estreitos e me encarando como se estivesse me acusando de alguma coisa.

Espero que essa não seja a cama dele, as coisas só irão se complicar, confesso ele é muito *lindo*, mas também confesso que ele me dá medo e olha que sou praticamente a princesinha da máfia russa, desde pequena mesmo que seja a distância, já vi muitos homens mal-encarados. tudo bem que agora estou no buraco, mas

vou sair desta situação, não que pretenda voltar para a máfia. Afs. Sinceramente nem sei o que vou fazer da minha vida agora que estou “livre”.

Abruptamente eu tento ficar sentada, mordo a boca para prender os gemidos de dor — quero ter um pouco de dignidade ao estar na presença do homem que me deu um fora algumas noites atrás, não tenho magoas até porque agora tenho meu Rucinho, meu Ructon. E esse aí não chega nem na sola do sapato do meu homem.

Como ele continua calado, então serei eu a continuar nosso dialogo amigável, mas eu só tenho a dizer:

— Obrigada por salvar minha vida. — Acaricio Lagertha, encaro a cadelinha e não a ele.

— Presumo que esse agradecimento seja para mim.

— Claro que sim. — Espera, não me lembro de ter mencionado o nome dele, queria não ter sido salva por ele, mas nunca fui ingrata então eu completo: — Obrigada Marlon.

— O que aconteceu, garotinha?

Oi? A não ser que esteja se referindo a cadelinha a única que restou no quarto sou eu, eu sou a garotinha?

Tanto faz não quero ser mulher para ele.

— Não lembro. — Vou mentir é claro.

Quase me arrependo quando ele continua a me encarar com olhos escaldantes, o que faz com que eu transpire, um dos sinais de quem mente, mas não vou voltar atrás mesmo sob olhar de um cara que exala masculinidade e superioridade.

Tão intenso e seu silêncio é constrangedor, de repente tudo esquenta e parece que estou deitada em cima de brasas.

— Não lembra de quem tentou matar você, ou não quer contar.

— Obrigada por ter me salvado, já agradei, mas não sou obrigada e nem estou disposta a compartilhar meus assuntos com você. — Poxa. Falei bonito e estou orgulhosa de mim mesma.

Novamente fui enganada pela minha inocência, inexperiência em lidar com a persistência de homens que se sente o macho alfa, pois o cara é duro na queda e mecanicamente baixo o olhar, com o coração martelando.

— Garota impertinente e mal-agradecida.

— Eu agradei.

— Calada.

— Qual o seu problema? Comeu comida estragada por acaso? Deixe-me em paz. — Onde o Ructon foi? Preciso sair da casa desse homem o quanto antes.

Controlo minha respiração errática, de uma certa forma ele está me assustando, eu não sei o que ele quer de mim, tenho a sensação de que ele quer algo de mim — Não vou dar o gostinho a ele e chorar como uma garotinha ou me lamentar, desabafar minha vida para ele.

Para quê? Para ele ter pena de mim? Poupe-me, o que me falta de beleza tenho de orgulho.

Endireito minha postura no travesseiro para encara-lo em seus olhos amedrontadores, estreito os meus e puxo toda a força de dentro de mim para dizer:

— Eu não tenho medo de você.

— Pois devia ter.

— Xô.

— Xô? — Repete enraivecido.

— Meu médico me disse que preciso descansar, mas não se preocupe sairei da sua casa o mais rápido possível. — Sou queixuda, mas não posso deixar despercebido que desde que ele chegou o seu perfume foi espalhado no ambiente.

Cheiro próprio é outro patamar, *Mona*. É como se quisesse marcar território em todo lugar que chegar, agora eu sei o que é sentir o cheiro de um homem cheiroso de verdade. *melhor parar por aqui...*

Essas minhas observações não estão me ajudando em nada.

Tudo soa anormal para mim. *Quem diria, Desireé, que tudo isso ia acontecer em sua vida?*

— Que bom, quanto mais rápido sair daqui mais seguro para você. — Ele diz confiante, me pergunto se ele tem bala na agulha para lidar com a filha do chefe da máfia.

— Seguro? — Desdenho, não sabe metade das coisas e fica aí se achando.

Ele rosna para mim. Ele rosnou para mim? Sob a luz do abajur, ele rosna para mim!

— Quando estiver grandinha, uma mulher feita, darei atenção

para suas provocações.

Mas como assim, gente?

Eu o provoquei?

A não ser que ele tenha me entendido errado, agora que vejo o sorriso convencido nele imagino que ele tenha se equivocado, admirar não é cobiçar, só cobiço o Ructon — fique bem claro para o mundo.

— Coitado...

Sussurro ao vê-lo sair, acho que ele não me ouviu.

Sinto-me revigorada, acho que essa situação de quase morte me mudou de certa forma, estou mais segura do que eu quero e nesse momento espero ansiosamente pelo Rucinho entrar por aquela porta e nunca mais vou deixá-lo ir.

CAPÍTULO CINCO

Elie Anjo - Demônios Reais



em paciência para explicar para Ructon que Desireé não vai
S morar comigo, desejo muito que ela faça como Grace fez com o Raony quando o mandou para bem longe. Mas droga. Ela não faz ideia de nada então terei que ser mais paciente, ela já se recuperou o suficiente para me ignorar, vive trancada dentro do quarto.

Garotinha insolente.

Sento na minha cadeira para continuar meu trabalho no cliente, preciso terminar essa tatuagem. Hoje à noite tenho um encontro com Helena, ela me chamou para sair e vou continuar ignorando que encontrei minha fêmea perdição.

Depois de horas fazendo a tatuagem nas costas de uma cliente me levanto e vou até o frigobar beber um pouco de água, já passou do meio dia e estou com fome, zapo até minha cozinha tirando a camisa, o aquecedor faz o trabalho dele.

Jogo a camisa na mesa e abro à geladeira a procura de alguma coisa para comer, Ructon comprou tanta comida e vive mimando a garota.

Não sei, mas eles estão se dando muito bem para quem acabou de se conhecer, não sabemos nada sobre ela... não importa quero essa garota longe das minhas vistas o quanto antes.

Só o que me faltava agora é dar uma de babá.

Ela pode ser gostosa, mas ainda assim não vou me arriscar.

Fora de cogitação.

Zapo para a sala e a casa permanece no mesmo silêncio. o que

é bizarro, a garota não se manifesta, não faz nenhum barulho e me faz questionar se ela está bem, Lagertha traidora está com ela no quarto, crio, dou comida e casa e essa quenga me paga com rejeição.

Rapariga ingrata.

Ligo a TV e deixo passando um programa de esporte, escuto o trinco da porta se abrindo, continuo sentado no mesmo lugar, ela está descalça vestida com o pijama do Ructon e Lagertha em sua cola o tempo todo como se ela fosse sua dona, geralmente minha rapariga vai para onde vou e na maioria das vezes fica jogada no chão do meu estúdio chamando atenção dos clientes.

Mas desde que essa garota está aqui ela simplesmente resolveu mudar de dono e eu acreditando na fidelidade dos caninos.

Foda.

— Quando vai embora, garotinha?

— Ructon está procurando um lugar para eu ficar.

Desde que esse lugar seja bem longe de mim, tudo ótimo.

— Eu vou beber água.

Ela se embrenha para a cozinha, desvio o olhar da sua silhueta e foco na TV, até ouvir batidas urgentes na porta.

Zapo até ela e abro, estou evitando ficar zapando por causa de fêmea humana, e acredito que é por isso que o casal do ano resolveu usar a porta.

Raony e Grace, e claro meu sobrinho.

— Oi. — Grace me abraça sorrindo. — Soube das notícias meus parabéns. Onde ela está?

Grace Jane entra na sala sem cerimônia, averiguando tudo, Raony coloca o Gael no chão e minha cadela corre para brincar com ele, me recomponho do meu desconforto por tê-los aqui diante do som de risos do meu sobrinho.

— Grace, querida, já conversamos sobre isso. — Raony senta-se no braço do sofá.

— Sim, mas tenho o papel de informa-la como é ser a fêmea perdição.

Lá vamos nós...

— Você não vai falar nada disso Grace, decidi abrir mão dela. — Digo seriamente.

Grace tem uma expressão divertida, segura o riso que eu sei, ou uma gargalhada.

— Mas isso é impossível e já devia saber disso. Aceite o seu destino. — Diz confiante, — então onde está a garota?

— Isso mesmo, uma garota, só tem dezessete anos.

— Ora Marlon, isso não é um problema humanos envelhecem.

A última pessoa no mundo para descobrir sobre a existência da Desireé tinha que ser a Grace Jane.

Nesse momento Desireé entra na sala com uma jarra de água e um copo, ela encara as visitas bastante sem jeito.

— Desculpa eu vou voltar para cozinha, — Gostei de vê-la sem graça, acho que tenho um sorriso de satisfação na cara.

— Não precisa querida, eu sou a Grace Jane cunhada do Marlonito. E esse é meu esposo Raony e meu filhote, Gael.

O quê? Grace deixa qualquer um constrangido exceto o Raony que cobre a boca para não ri. Mas que inferno.

Que porra de Marlonito.

— Oi, prazer, sou a Desireé. — Fala docilmente.

Porém, minha cunhada enxerida se antecipa e dá um abraço desajeitado nela, quase derrubando água da jarra no meu tapete.

— Como ela é linda. — Percebo ela corar sob o olhar de todos, tinha esquecido que ela não se acha bonita, tem problemas com autoestima.

O que eu nunca entendi até agora. Não vejo problema nenhum nela, nada fora do lugar. pelo contrário, ela tem um olhar com um desenho felino, verdes e marcantes e a boca carnuda proporcional ao rosto com bochechas marcadas, mas os cabelos rebeldes e com uma cor diferente, meio ruivo; não tem como não admirar sua beleza exótica, até mesmo seu rosto salpicado por sardas deixa o conjunto único e encantador, bonito e envolve em uma teia de encantos e acaba sendo difícil desviar o olhar de algo dela...

Nego com o balançar da cabeça quando começo a me perder em seu corpo pequeno.

Não nego que ela é linda.

Ela é apenas uma garota.

Não a quero.

— Me diga minha querida o que está achando dessa casa? — Grace pergunta.

— Estou incomodando a todos.

— Claro que não. O Ructon me disse que está à procura de um lugar para ficar, bom eu tenho uma casa em cima da minha loja que é onde eu morava e recentemente estou precisando de ajuda em minha loja, já que minha amiga começou a fazer faculdade.

Grace Jane já tinha planejado tudo, mas nem fodendo que vou deixar que isso aconteça.

— Eu...

— Ela não vai aceitar, claro que ela não vai. — Encaro firme Desireé.

Estava contando com a distância entre a gente, mas agora tudo se complicou.

Ela se encolhe diante da minha voz furiosa.

— Afs, Marlon segura a franga, a escolha é dela.

— Grace... — Raony a repreende, se isso pode ser considerado repreensão.

— Não é um assunto que você tem que se envolver Grace. — Se eu continuar vou acabar a ofendendo e o Raony brigando comigo.

Não posso fazer nada quando ele não coloca controle na mulher dele. Nunca conseguiu.

— Eu agradeço pela ajuda, mas eu tenho que ir...

— Fique o tempo que precisar querida, vai estar segura, você precisa desse tempo para pensar no que fazer da sua vida. — Grace insiste.

— Eu vou pensar.

Olho de relance para o Raony que está de olho no filho que brinca com a rapariga.

Desejo que ela não aceite.

Desireé pede licença antes de se trancar no quarto, eles só bateram na minha porta para atrapalhar meus planos.

Logo em seguida partem como se nada tivesse acontecido.

Ando até o quarto do Ructon para me acalmar com um longo banho, não volto mais para o estúdio de tatuagens, começo a me planejar para o encontro de hoje à noite.

Termino de pentear meu cabelo e por fim visto meu terno, desde que Raony virou "esposo" a moto dele está na minha garagem, é com ela que vou sair hoje à noite.

Escuto risos vindos da sala, passo por ela sem dizer nada, girando a chave da moto entre os dedos, Desireé está sentada no sofá ao lado do Ructon que segura uma tigela de pipoca.

Nota-se que ela se sente bastante à vontade ao lado dele e isso não me preocupa, sei que o Ructon não seria louco de tocar na minha fêmea.



Chego em casa depois de um jantar com Helena por volta das 22: 50 ela cheira a álcool e a um perfume feminino de flores, fomos de elevador trocando longos amassos, quando chego na sala e sinto o cheiro da garotinha que me dou conta do erro que cometi em trazer a Helena para casa hoje.

— O que foi? Esse não é seu quarto. Quer que seja aqui mesmo? — Ela começa a se despir. — Como você gosta de testar coisas novas...

Seguro seu corpo no meu enquanto ela tira o vestido deixando à mostra suas roupas íntimas provocantes, estou de pau duro e isso me deixa feliz, saber que consigo transar com outra fêmea sem a intervenção da maldição.

Ainda bem.

Talvez, não seja tão ruim assim manter a garota do outro lado da rua, ela estando bem eu vou estar vivo, enquanto continuo minha vida, todo mundo sai ganhando.

Esqueci também que não tenho a porra de um quarto já que a garota está dormindo no meu o que restou é o quarto do Raony onde é a morada da Rapariga, assim que abro a porta ela rosna para nós.

Estou tão afobado que acabo gritando para ela sair, ela

entendeu meu comando e sai choramingando não quero pensar que vou transar na antiga cama do Raony porque isso é broxante e eu nem consigo dormir aqui.

Não deixo que isso me atrapalhe quando me jogo na cama com o corpo quente da Helena sobre o meu, ela tira a calcinha e fica por cima de mim, não tem como controlar os gemidos altos dela, espero que a garotinha não esteja ouvindo o programa proibido para menores de dezoito anos, fodo Helena com vontade, querendo me cansar e desmaiar de prazer na cama.

— Você é uma putinha muito gostosa, Helena.

Ela me morde, arranha, está com tanto fogo no rabo que é impossível negar uma foda para uma mulher assim, a viro de costas na cama e controlo meu peso enquanto espanco sua boceta em duras penetradas.

— Aí muito gostoso, não para.

— Foda, não vou.

Meu sangue está fervendo e pior que nesse momento sinto um misto de raiva e tesão, tensão e alívio por ainda ter controle do meu corpo, das minhas vontades por estar fodendo qualquer uma e não correndo atrás de uma garotinha.

Sou livre e essa maldição não vai me prender.

Rosno com o aperto que boceta gulosa de Helena faz enquanto grita em mais um orgasmo.

Apalpo a carne macia da sua bunda enquanto fodo duro, eu não quero demorar muito então relaxo enchendo a boceta dela, dou uma última afundada antes de me jogar ao lado dela.

— Que incrível.

— Gosto do seu fogo loirinha.

Levanto-me da cama ainda com o pau duro. Ela me encara com a boca aberta.

— Uau. Ainda vai querer continuar mais tarde? Depois que eu tirar um descanso porque sério Marlon você nem parece humano.

Rio da confissão dela, visto minha cueca.

— Quer alguma coisa para beber? — Pergunto para ela vendo que já são três da manhã.

Helena não responde, vou para a cozinha pegar um pouco de

água depois, pretendo tomar um banho e quem sabe ao amanhecer antes dela sair, teremos mais uma rodada.

Esse sou eu.

Mas sinceramente fico bastante surpreso ao ver a garotinha na cozinha, com o fone no ouvido e com o celular do Ructon, apesar de escutar a música consigo ler a tela do aparelho, ela assistia um clipe de alguém chamada *Glória Groove*.

Por acaso ela dormiu na cozinha?

Faço de tudo para não fazer barulho, a última coisa que quero é que ela me veja nessa situação.

Bebo água no copo observando-a debruçada no balcão, a camiseta do Ructon ficou folgada, consigo ver a linha do seu busto perfeitamente, tem seios bem salientes.

Tudo nela é notável porque tudo nela é lindo.

Ela se revira bocejando, viro-me de imediato para ela não me ver com a ereção que estou e não pensar que é por ela.

— Já amanheceu? — Ela pergunta com voz de sono.

— Não durma mais fora da sua cama, não repita mais isso garotinha.

— Aquela mulher já foi embora? Não conseguia dormir por causa dos berros dela, achei até que você estava matando a pobre coitada.

Ela se levanta e abre a geladeira.

— Vá para o quarto e não saia de lá até que ela vá embora.

— Claro, deixa só eu beber um pouco de água.

Essa voz manhosa dela está me deixando louco, ela é muito inocente por ficar perto de um predador pelado insatisfeito com o sexo. Aperto o punho no balcão, ainda de costas.

— Que porra Desireé, só vai para o quarto e não saia de lá! — Falo mais autoritário e ela se assustou a ponto de deixar o copo cair, pois ouço o barulho do vidro se estilhaçar.

Demônios.

— Doido... — Ouço ela sussurrar.

Me viro para encara-la agachada pegando os pedaços com a mão, olho fixo para o seu dedo ferido.

— Eu vou limpar.

— Levante-se. — Ela faz isso de imediato. — Como pode ser tão desastrada? Continue olhando para mim, não olhe para baixo garotinha.

Ela está corada e com o rosto levemente inchado do cochilo que deu.

Pego seu dedo mindinho e chupo, ela fica mais chocada ainda e sua expressão nesse momento é impagável.

Mas tudo durou poucos minutos até ela dizer:

— Eu vou para o quarto e vou lavar meu dedo com álcool, pois sabe lá onde você enfiou essa boca.

Puxa o dedo de volta e corre pulando sobre o vidro no chão.

— Pois quando acordar quero ver esse chão limpo! — Exijo.

Com a raiva que estou eu vou foder a Helena até ela dizer chega.

CAPÍTULO SEIS

Elie Anjo - Demônios Reais



Marlonito não deixou a mulher ir embora tão cedo, isso não me interessa porque já estou partindo, minha mãe com certeza deve estar longe dessa cidade. então pensando bem, aqui é um lugar seguro para se ficar até papai me encontrar e eu sei que ele vai me encontrar.

Eu sinceramente não esperava pela proposta da cunhada do Marlon que parece ter um interesse em me manter aqui e chega me assustei com a possibilidade de ela saber quem eu sou. Porém confio no Ructon e também se ela soubesse jamais faria tal proposta — jamais abrigaria a filha de um mafioso em sua casa.

Em contrapartida, posso trabalhar e juntar dinheiro o suficiente para voltar para Rússia, quando completar maior idade daqui a dois meses, isso se meu pai não me encontrar antes, também preciso de documentos novos, uma nova identidade.

Preciso entender que os inimigos do meu pai estão a minha procura para me usar como moeda de troca ou para fazer algum tipo de perversidade comigo para se vingar dele.

A Bratva sabe ser cruel.

Meu pai, Don Dimitri Nicolaev, é um homem muito odiado, seus soldados eram impiedosos por mais que ele tentasse me manter distante eu entendia que todo o dinheiro era sujo e toda vez que os seus soldados exibiam tatuagens sabia que o significado não era bom.

O mandamento da Bratva é: *Vor V Zakone* "Bandidos pela lei".

Eu não posso ignorar que faço parte de tudo isso, eu não sou filha única, meu irmão mais velho se chama Ivan e ele conseguiu superar o próprio pai e sei muito pouco sobre ele, pois ele se tornaria o futuro Don e recebeu uma educação diferente da minha.

Papai não o queria perto de mim, ele é filho de uma das suas amantes e sempre teve prestígios elevados por ser homem e herdeiro.

Ivan estudava no exterior quando tudo aconteceu e me pergunto o que aconteceu com ele.

Por não o conhecer muito bem devo admitir que já me perguntei se ele está do meu lado ou não.

Ele não é o papai e só posso confiar no meu pai.

Arrumo meu cabelo para prendê-lo em coque, estou vestida com roupa grossa saio do quarto me deparo com uma mulher seminua pegando um vestido caído no chão ao lado do sofá.

Ela é muito bonita, loira e com o corpo magro, não deve ter sofrido rejeição por causa da aparência — como o Marlon fez comigo.

Por mais que me inclino a pensar que ele ficou daquele jeito por causa da minha idade — ora, tem algo a mais que eu sei. E aposto que é porque não sou bonita o suficiente.

— Obrigada pelo café da manhã as torradas com manteiga estavam uma delícia. — Ela me fala limpando a borda da boca com a língua.

Não fiz café da manhã, Rucinho deve ter feito para mim e essa mulher acabou de comer meu café da manhã feito pelo meu Ructon.

Não me importo se estou olhando para ela na intenção de estripa-la.

— Eu não fiz café da manhã. — Respondo. — Não tinha como acordar tão cedo já que não dormir à noite toda com seus berros enlouquecidos como uma vaca louca mugindo.

Dou de ombros e fecho a cara, passo por ela de cabeça erguida me bato com o Marlon no estreito corredor entre a cozinha e a sala, ele exala raiva.

Limito-me a ficar encarando-o esperando ele me dar passagem, ele está apenas de cueca e juro que só olho para seu corpo por causa das suas tatuagens magníficas, muito magnífica... as tatuagens

sobrepõem seu abdômen em relevo pelos gomos formados pela definição dos seus músculos; braços grandes e enrijecidos e noto que não é apenas os braços que está enrijecido levanto o olhar para seu sorriso nada gentil, um sorriso de escárnio.

Detesto esse homem.

Odeio mais ainda por gostar do que estou vendo.

Se eu não gostasse tanto de desenhos...

— Quero você fora da minha casa hoje.

— Sem sombra de dúvidas.

— Nunca mais garotinha trate minhas visitas assim. — Ele me segura pelo meu braço, permaneço calma, mas por Deus no fundo estou derretida de medo.

Para começar ele tem muitos centímetros acima, estou quase ficando na ponta do pé para conversar com ele embora seja difícil encara-lo por muito tempo.

— Eu não vou estar mais aqui antes da próxima noite de cio.

Não acho que esteja indo por um bom caminho discutindo com ele, sua pele mais fria cheira a sabonete, com uma essência bem amadeirada e seus cabelos meio úmidos indica que ele acabou de sair de um banho.

Não consigo escapar de uma pegada em minha cintura me fazendo encostar à parede, sua respiração quente faz parecer que o aquecedor da casa está desligado.

Provavelmente minha expressão de assustada está o deixando satisfeito, a verdade é que meu coração não consegue se controlar e a aproximação dele me causa um incomodo que não sei explicar, é diferente de quando estou com o Rucinho.

— Não me provoque garotinha a melhor coisa que você faz é ficar longe de mim.

— Me solta, já disse que vou embora hoje.

— Para onde? — Avalia meu rosto como naquele dia e seu jeito de falar é muito persuasivo.

Estou disposta a dizer um "Não é da sua conta", mas acabo dizendo:

— Vou aceitar a proposta da Grace. — Mordo o lábio e pressiono os olhos esperando ouvi uma repreensão enfurecida.

Entretanto, ele se afasta de mim e pude notar que algo reluziu em seus olhos, mas foi por pouco tempo, pois ele volta a adotar sua carranca de indiferença.

— Faça como achar melhor.

Isso é um não, Desireé, ou um sim?

Eu não preciso da aprovação dele para tomar decisões na minha vida principalmente porque ele não sabe nada sobre mim.

Já está tarde então pulo o café da manhã para preparar o almoço. Onde está o Ructon? Aqui ele é bem mais distante de mim, vive ocupado, vou preparar o almoço com carinho para ele.

Deixo o alho dourar na panela com o azeite de Oliva.

Coloco o frango para cozinhar logo em seguida, enquanto isso começo a derramar a massa da panqueca na frigideira, moldando uma por uma, criando uma pilha em cima do prato no balcão.

Depois que coloco o arroz no fogo deixo o recheio esfriar para começar a picar.

Pacientemente começo a enrolar a massa da panqueca no recheio.

Estou aproveitando meu momento sozinha e quando o Ructon chegar preciso conversar que já tomei minha decisão.

Marlon entra na cozinha já vestido, me ignorando, porém não ignora o cheiro da comida.

— Se quiser comer um pouco... — ofereço sem dar muita importância a isso.

Ele nada responde.

— O cheiro está bom. — Ructon acaba de entrar na cozinha.

— Fiz para você, Rucinho. — Também conhecido como o primeiro amor da minha vida.

— Rucinho? — Repete Marlon.

Ructon senta-se a mesa onde começo a distribuir os pratos.

— Vamos todos comer em paz, paz no inferno, paz na terra, paz na cozinha do Marlon. Amém. — Ele uniu as mãos como se estivesse orando.

Sento-me ao lado dele me servindo.

Marlon é o último a sentar-se à mesa.

A princípio comeu com receio de que tivesse veneno, mas

depois comeu com gosto.

— Onde aprendeu a cozinhar assim Desi? — Me pergunta Ructon.

Quando ele desapareceu, eu ainda era uma criança que não podia ir a lugar nenhum na mansão sem ser escoltada pelos soldados e pela babá.

— Por aí.

Não quero que ele saiba o que aconteceu comigo, dos últimos anos difíceis a ponto de tentar suicídio e sério, podia jurar que da última vez os médicos não iriam conseguir me reanimar, a morte estava tão perto de mim.

Minha mãe não queria que eu morresse quando eu morava no Canadá, ela ainda precisava de mim. Mas odiava viver trancada e ser submetida a torturas, preferia morrer.

Sei que ela nunca me amou, porém me matar é uma medida bastante extrema.

— Tenho que trabalhar. — Marlon fala e parecia que estava preste a fazer algo que até mesmo o Ructon sabe — Vou de elevador.

Como assim vou de elevador?

O que isso tem a ver?

Reviro os olhos o vendo segui para o corredor e tinha esquecido de avisar algo para ele, sobre a Lagertha não estar em lugar nenhum, a procurei pela casa toda.

Levanto da mesa crendo que estava no encalço dele, porém, o cara anda rápido, pois já havia desaparecido.

— Ele está no estúdio de tatuagem, fica no primeiro andar pode ir lá se quiser. — Comunica Ructon mordendo uma panqueca. — Estão deliciosas.

— Ah, para... — Estapeio o ar com a mão, muito boba por receber um elogio dele, — eu posso ir lá?

— Claro que sim você manda nessa porra toda, Desi. — Ele pisca com o sorriso largo.

Não entendi muito bem, mas enfim...

— Eu decidi que vou aceitar a proposta da cunhada do Marlon, até porque preciso de dinheiro e de uma nova documentação.

— Já estou providenciando seus documentos e sua decisão de ficar não poderia ser melhor.



Antes de sair visto um casaco grosso do Ructon, ele me emprestou um gorro também, mas não o uso, escovo os dentes e meu cabelo continua um bagaço e preso em um coque bem no meio da minha cabeça.

Dou dois toques na porta do estúdio do Marlon antes de entrar, ele não está atendendo um cliente, mas na sala de espera onde fica uma atendente tem três mulheres.

Entro admirando as paredes cobertas por desenhos.

— Uau, você fez tudo isso?

Ele não responde minha pergunta e não parece nenhum um pouco feliz com minha chegada.

Enfio a mão no bolso da calça folgada que o Ructon me emprestou, estou usando até suas cuecas.

— O que faz aqui?

— Só vim avisar que não encontrei a Lagertha em lugar nenhum, acho que ela fugiu.

— Você a deixou fugir.

— Talvez ela tenha fugido quando você deixou a porta aberta ontem à noite. — Idiota. Estava muito sonolenta para imaginar que ela poderia fugir. — E você é um péssimo dono por não sentir falta dela hoje.

— Ela só anda no seu quarto, imaginei que estivesse com você... — Ele deixa de lado um caderno com alguns desenhos, ele tem muito talento. — Vou procurá-la.

— Eu vou com você.

— Não precisa.

— Eu vou mesmo assim. — Faço um biquinho. *Humpf!* — Só para saber, eu quero encontrar a Lagertha tanto quanto você.

Ele fala alguma coisa para a atendente, sobre dispensar seus clientes por hoje por ter tido uma emergência, as mulheres me encaram com alfinetadas embora o Marlon seja muito talentoso acho que elas estão aqui mais pelo tatuador do que pelas tatuagens.

Ando pelas ruas chamando atenção sem ter a intenção, deve ser pelas minhas roupas e cabelo mal penteado, Marlon vem logo atrás de mim na maior calma quando o assunto é desesperador, passo por uma vitrine e prendo a atenção em um manequim vestido com um macacão jeans. Eu amei. A blusinha estilo cigana também, o tênis deve ser um tamanho maior que meu pé.

Assovio para ele esquecendo que o Marlon observa todos meus gestos.

— Quer dar uma olhadinha? — Pergunta uma senhora de dentro da loja.

— Obrigada, se bem que uma olhadinha eu já estou dando só não tenho grana no momento. Mas volto aqui com o meu primeiro salário.

Impossível ficar usando as cuecas novas do Ructon, não que eu esteja reclamando embora sejam desconfortáveis.

O ruim que fica entrando no meu rego, agora, por exemplo, está me incomodando, eu não queria, mas... tenho que tirar ela de dentro dele — puxo com os dedos sendo a mais discreta possível. Ufa. Assim está bem melhor.

Certo. Novamente me esqueço que em meio as pessoas na calçada está o Marlon zombando da minha situação, não era para ter esse tipo de reação toda vez que ele olha para mim, mas tenho.

Meu rosto fica em chamas.

— Talvez ela tenha fugido para a casa de algum conhecido. — Tento chamar um assunto para fazê-lo esquecer da cena que é meu dedo tirando a cueca do Ructon do meu rego.

— Vem comigo. Já tenho ideia de onde ela possa estar. — Ele segura minha mão e atravessamos a rua, é estranho estar segurando a mão do Marlon.

Tratando-me como uma criança que não sabe atravessar a

rua, *garotinha, garotinha*, só me vem isso a cabeça.

Reconheço a loja, a casa onde morava fica perto daqui, na verdade demos a volta no quarteirão e voltamos para a mesma rua onde fica o prédio *Royal Demons*.

Paramos frente à loja cor de rosa, ah sim, a loja de doces.

Ao abrir a porta toca um sininho, estou encantada em saber que vou trabalhar aqui no que parece uma casa de boneca e o cheiro de doce me inebria.

E não é que a cadelinha está jogada no chão da loja? Com a boca coberta de creme branco, ao lado tem uma embalagem de cupcake vazia.

— Você está aqui sua quenga. — Marlon solta minha mão e se agacha despreocupadamente para pegar a cadelinha.

— Eu não sou o único que gosto dos cupcakes da cunhada — um homem barbudo fala de uma das mesas, eu não me lembro dele estar ali.

Estava tão distraída assim?

— Oi, Jandir.

— Não vai me apresentar sua... — Marlon corta o homem com um olhar incisivo — amiga?

— Não. Vamos garotinha.

Sou guiada por ele para fora da loja enquanto carrega o saco de pelos, me deixa frente ao prédio e coloca a cadelinha no chão entregando-me a coleira.

— Entra com ela. — Deus, porque tudo o que ele fala comigo soa mais como uma ordem do que como um pedido?

Assim eu faço, solto-a apenas quando chego em casa e com a porta fechada procuro pelo Ructon e ele não está mais, hora de me preparar para me mudar para a loja, espero que a Grace ainda me aceite. Pois não tenho para onde ir e o Marlon deixou claro que não me quer por perto.

Espero sentada no sofá pelo Ructon, mas depois de um tempo quem chega primeiro é o Marlon, joga uma sacola ao meu lado no sofá e diz:

— Não pense muito sobre isso, apenas caia fora da minha casa o quanto antes. — Ele encara a sacola e depois a mim — Acredite

garotinha, tem coisas que realmente você não precisa saber.

E assim ele me deixa cheia de interrogações, abro a sacola e tiro de dentro o mesmo macacão que estava namorando na vitrine, assim como uma blusa e um conjunto de calcinhas.

O que foi isso agora?

E mesmo não querendo.... Estou bastante comovida com o senhor linha dura e chatonildo ter feito algo por mim.

Mas ele me salvou e toda vez que penso sobre isso fico incomodada. Sem contar que tenho sonhos sobre aquela noite e do uivar de um lobo, posso até sentir seus pelos quentes aquecendo meu corpo, mas um dia desses acordei com Lagertha ao meu lado. É tudo tão confuso, mas quanto menos me envolver com essa família melhor.

CAPÍTULO SETE

Elie Anjo - Demônios Reais



Moscou — Rússia

Algumas semanas atrás.

A procurei por toda parte, vasculhei em todos os lugares possíveis e entrei em contato com conhecidos, mas ninguém sabe informar o paradeiro da Desireé, até que descobrir através de uma fonte segura que ela poderia estar no Canadá.

Mas com quem?

Tem a mãe dela que se encontra desaparecida, provavelmente aquela mulher se aproveitou da situação para levar a Desireé. Isso não é nada bom.

Deixei a passagem reservada para daqui a alguns dias. Opto por ficar em um motel barato que costumo ficar toda vez que viajo para a Rússia, deixo o carro alugado no estacionamento e vou até a recepção, faço a reserva para dois dias.

Tempo o suficiente para colher mais informações antes de viajar até o Canadá, nessas horas invejo a habilidade dos meus senhores de zapar, pelo menos o Jandir e o Rudá Zapam para lugares distantes.

Tomo um banho e desfaço as malas a procura de uma roupa para vestir, antes mesmo de me vestir ouço batidas na porta.

Quem será?

Não pedi nada.

Vou atender despreocupadamente — já diz o ditado: quem não

deve não teme.

Nesse caso eu devo, eu temo.

Abro a porta e a figura sombria do Ivan ocupa todo o espaço, ele usa um casaco grosso e preto, alguns dos seus homens estão do outro lado. Ivan tem um brilho de satisfação no olhar, sinceramente não imaginei que ele queria me encontrar.

Talvez esteja procurando pela Desireé. Seus olhos castanhos amendoados são redondos e avivados, pele morena e barba bem aparadas, queixo quadrado, um pouco pontiagudo e maxilar marcado.

Dou passagem para ele e fecho a porta.

— Como foi difícil te encontrar querido... Onde esteve?

— Olá Ivan. Como me encontrou aqui?

— Já isso não foi difícil, o mesmo quarto, mesmo motel... e mesma recepcionista que nos conhece, deixei um aviso para ela caso você desse as caras, ela entrasse em contato comigo.

Ele é um homem bem-apeado e com cara de durão, de safado também e conheço muito bem suas safadezas.

— Imagino que também desconhece o paradeiro da Desireé. — Continua ele.

Cruzo os braços, mesmo estando apenas de cueca eu não sinto vergonha alguma na presença dele nos conhecemos e passamos dessa fase em nossas inúmeras noitadas. Ivan é bi, mas esse fato ele esconde da máfia, ele é o novo Don na ausência do pai dele.

Ivan senta-se na cama e cruza as pernas, dá dois toques no colchão indicando para me sentar ao lado dele.

Sento-me e pergunto:

— Você também está à procura dela?

— Claro que sim, ela é minha irmã, estou muito preocupado.

Eles não eram próximos, Dimitri nunca quis que ele chegasse perto da sua princesa; o que deixava Ivan sempre com raiva, pois além do pai dele a Desireé é sua única família e ele jamais a machucaria e nos tornamos íntimos quando ele começou a frequentar a faculdade e eu também... Das inúmeras que eu fiz, mudando de país em país.

Nos tornamos amantes e ao lembrar me conformo que gosto de caras proibidos, mas... Ivan é tudo isso. Bom, comparado aos

demônios, nem tanto.

— Eu preciso da sua ajuda para encontrá-la, trazer ela para a proteção do seu lar.

Vou encontrar a Desireé, mas acredito que o lugar mais seguro para ela no momento é ao lado do Marlon, ele querendo ou não.

A única pessoa que confiei à segurança dela foi o pai dela e isso acabou acontecendo, não posso cometer o mesmo erro, por isso nada respondo para o Ivan, não posso lhe prometer algo que não vou cumprir.

— O que foi? Não vai me dizer que agora não mais confia em mim? — Seu tom sai misturado com a decepção, — depois de tudo que passamos. — Ele toca em minha bochecha com seus dedos ásperos — você me conhece melhor que ninguém.

— É da Desireé que estamos falando, ela é só uma garotinha para viver no meio dessa podridão.

— Eu sei caralho, eu sei — sua mão desce até minha nuca e me puxa mais para perto da sua boca carnuda. Ivan é uma delícia e já estou excitado para tudo o que essa mente diabólica quer fazer, eu não sou bem o tipo de cara que fica bem diante da submissão do outro, mas o Ivan... — Só não esquece quem eu sou Ructon, não faça seus julgamentos precipitados, me dê à chance de ver minha irmã novamente e ser o irmão que ela nunca teve.

Ele é muito diferente quando está diante de mim, consigo ver outro Ivan, mas quando ele sai por essa porta vira uma pessoa totalmente diferente e me questionei inúmeras vezes qual versão dele é real — mas isso tudo causa uma agonia saborosa em meu ventre. Afs, adoro o perigo.

Eu amava ter um amante mafioso.

Mas minha vida de vagabundagem acabou com o aparecimento da Grace, a fêmea que a gente não sabia da existência... Sinal que já tinha começado o ciclo da maldição.

Dedico-me aos meus Lordes desde então;

— Você ainda é o mesmo da época da faculdade, faz tanto tempo e permanece com a mesma aparência...

— Eu não esqueci. — Respondo para ele, mudando de assunto. — Não vou esquecer quem é você.

Ele invade minha boca em um beijo... sei que nossa noite só está começando.



Agora preciso de uma ideia milagrosa para tirar o Marlon da mira do delegado que já mandou uma intimação para ele comparecer à delegacia, por isso achei melhor analisar a cena do "crime" para ver se consigo encontrar pista do paradeiro da Magda. Não entendo porque a Desiree não confia em mim para contar que todo esse tempo estava com a monstruosidade da mãe dela, era o que eu mais temia.

O pai dela fez de tudo para protegê-la, partir da Rússia e pretendia retornar quando ela quando completasse maior idade, para mim a pequena garotinha estava segura.

Não recebi notícias nenhuma do que aconteceu com ela por um bom tempo, depois que os homens da máfia vieram atrás de mim que descobrir sobre seu desaparecimento — o que me leva a crê que moro no fim do mundo.

Tudo aponta para o Marlon na cena do crime, mas ninguém vai chegar até o Marlon já que os ferimentos foram feitos por um animal.

Mesmo assim é preciso ter cuidado, boatos em cidade pequena se espalham e viram mitos, mitos se transformam em curiosidade para alguns, quanto menos curiosos vasculhando quem somos, melhor.

Um deles é o próprio Aidan que nesse momento está tirando fotos da barraca montada pelo Marlon.

— Não é estranho... — Ele fala sabendo da minha presença enquanto continua a clicar no celular, — a barraca foi rasgada de dentro para fora, sendo que o zíper estava fechado ou seja o animal estava dentro, óbvio, alguém fechou a barraca com ele dentro? Por acaso foi o senhor Chandler? — Se refere ao Marlon, — o mais

estranho de tudo é que as roupas dele estão rasgadas dentro da barraca junto com os pelos do lobo.

Ele é muito bom... E muito curioso também, preciso me livrar dele. Matar é a maneira mais prática já que ele não quer renunciar ao cargo.

— Hum, muito estranho.

— Como eu não acredito em lobisomem, o lobo fez da barraca do senhor Chandler sua cama e depois resolveu sair matando por aí.

— Analisa as imagens no celular. — Mesmo assim preciso da presença do seu cliente na delegacia, ele recusa minhas ligações.

Aidan coloca o celular no bolso da jaqueta, sem que ele perceba eu reviro os olhos. Detesto estar aqui perto dele, isso costumava ser bem rápido quando o primo do Heitor cuidava desses assuntos.

— Ele vai estar lá.

— Ótimo.

O sigo até o carro estacionado, observo que há uma mulher dentro dele, me lembro da noiva dele — pleno domingo, dia da sua folga esse indivíduo veio para o meio da montanha tirar fotos de barraca.

— Onde está seu carro?

— Vim a pé...

Mentira, peguei carona com o Marlon e só estou esperando-o sair para ligar para ele vim me buscar.

— Boa sorte, engraçado que naquele dia na estrada não estava disposto a ir a pé, mas para atrasar a minha viagem se jogou frente ao meu carro para pedi carona.

Ele é amargo. Sempre de cara fechada. E pelo visto guardou rancor de mim.

— Espero que não esteja perseguindo meu cliente para se vingar de mim.

— Persequindo? — Arqueia a sobancelha. — Esse não é o meu papel, quero ele na minha delegacia na segunda.

— Vamos querido.

— Estou indo. — Ele responde a noiva usando um tom mais suave.

Tiro a mão da minha jaqueta segurando o celular, disco o

número do Marlon para vir me buscar — acho que essa história vai render, espero realmente não ter que matá-lo.

CAPÍTULO OITO

Elie Anjo - Demônios Reais



stive na delegacia ontem para contar o que aconteceu
E naquela noite. Claro, que menti dizendo que tinha deixado às coisas na barraca e sai para dar uma caminhada e quando voltei tudo estava daquele jeito e por medo deixei tudo para trás incluindo meu celular, agora tenho meu celular de volta.

Mas ter a reputação de covarde é coisa do Ructon, é isso ou a história iria se prolongar, pois o novo delegado é paranoico, passaram-se semanas e a cena do crime permanece lá, a barraca continua no mesmo lugar.

Não vou poder acampar naquele lugar com as garotas por um bom tempo. Levo Lagertha para passear e o dia ainda não amanheceu.

O gelo começou a derreter e o sol cada dia que passa surge sem timidez, sinal que esse inverno está prestes a acabar. Desço as escadas da rua que faz volta no quarteirão e vai em direção ao parque, meu celular toca em meu bolso e a pessoa sabe exatamente que estou levando a quenga para passear.

Como imaginado, é a Helena.

Mas eu recuso a ligação, já temos um encontro mais tarde e o que ela tem para me dizer pode esperar. Dou voltas no parque com a Lagertha, ultimamente ela está chateada comigo por causa da partida da Desireé.

— O que é? Não me olhe assim, vou soltar você. — Deixo-a sem coleira.

Aproveito para me exercitar nas barras, tiro a camisa e pulo em

uma das barras, minha cadelinha late para mim, toda agitada e feliz por tê-la soltado; a garotinha estava certa. Não estava sendo o suficiente para a quenga passear no parque, ela queria mesmo é ficar sem coleiras para vadiar por aí.

Vejo o Ructon descendo as escadas, vindo em direção ao parque apenas de pijama e com a sua xícara intocável da Arlequina— isso porque a Grace lhe deu de presente de natal mais uma para sua coleção de xícaras de heróis e vilões.

— Bom dia, meu senhor Marlon. — Senta despreocupadamente no banco de concreto enquanto beberica seu café.

— Se está aqui é porque decidiu abrir o bico.

Apertei a mente dele de todas as formas possíveis, até pedi ajuda do Raony para pressiona-lo. Raony ficou mais interessado depois de descobrir que o Rudá está envolvido nisso tudo.

Não confiamos mais no Rudá.

— Sim.

Diante da resposta dele deixo de lado meus exercícios e dou um salto no chão.

Aproximo-me dele e cruzo os braços aguardando suas revelações. E sei que são muitas.

— Eu conheço a Desireé, ela nasceu na Rússia embora sua mãe seja americana...

— Você sabia que ela era minha fêmea?

— Não senhor, sabia que ela seria a predestinada de um de vocês... Não me pergunte muita coisa meu senhor, só vou contar o necessário e o que o senhor precisa saber é que Desireé é filha de um chefe da máfia Rússia e nesse momento ele se encontra desaparecido. Viajei para Rússia e encontrei o irmão dela, Desireé não sabe desse detalhe, mas a questão é que ele quer protegê-la e se o senhor não cumprir seu papel de macho da Desireé terei que levá-la de volta para ser protegida pelo seu irmão.

Mas que porra é essa? Ainda estou com toda essa situação remexendo na minha cabeça.

Demônios!

Sabia que tinha algo de errado com a garotinha, mas não a esse

ponto.

— Então aquelas pessoas que estavam tentando matá-la eram da máfia também?

— Não. Pior que isso, o pai dela desapareceu e a mãe dela a levou, todos estão procurando pela Desireé e aquela mulher ao invés de protegê-la descontou toda a raiva que ela tem do ex-marido na garota. — Ructon repousa a xícara no banco.

— Demônios...

— Sim, não deve estar sendo fácil para ela conviver com o fato que sua mãe ia matá-la e sabe lá o tipo de coisa que aquela mulher fez, Desireé ainda não me contou nada ela está mais fechada, mas sei que está sofrendo.

E eu ia acabar piorando as coisas se contasse para ela que nasceu para ser predestinada de um demônio de mais de 400 anos, eu e os meus irmãos paramos de envelhecer em idades diferentes, isso vai de criatura para criatura.

Alguns acontecem mais cedo, outros mais tarde...

Diante de tudo o que escutei me sinto culpado por não ter livrado a garota das coisas que ela passou e também eu não entendo, pois sempre que a Grace estava em perigo o Raony era obrigado a zapar até ela, por menor que fosse o temor que ela sentisse, porém isso não aconteceu comigo.... Acredito que isso acontece em tempos diferentes para cada um de nós.

— Não se culpe. — Diz Ructon levantando-se do banco.

— O Rudá sabe de tudo, não é?

— Não só ele como o seu pai... — Ele pega sua xícara, — isso é tudo o que posso contar.

— Isso quer dizer que eles sabem das outras fêmeas? Da fêmea do Jandir? Pelos demônios se o Jandir descobrir...

— Não tenho autorização para falar.

— Está na cara, Ructon! — Baixo o tom da minha voz, — Rudá é um filho da puta traidor, nós tínhamos o direito de sabermos, as coisas seriam diferentes.

— Eu tenho que ir, meu senhor, tenha um bom dia.

Ructon não me dá mais nenhuma resposta, ele só é tagarela quando não é necessário, sabia que havia algo doloroso na vida da

garota.

Não se acha linda, não tem nem a documentação — ela não tem absolutamente ninguém e me sinto péssimo em saber que não fui capaz de prover suas necessidades.

Mesmo não a marcando-a ainda é minha fêmea, portanto tem que possuir o melhor desse mundo.

Não vou fazê-la sofrer mais, nunca foi minha intenção, tenho ciência que ela é inocente — não escolheu nascer para ser minha fêmea perdição.

Assobio para a rapariga, mas ela não late de volta e nem sinal dela no parque.

Persigo o seu cheiro e cada vez mais estou me distanciando dos limites do parque, posso imaginar para onde ela fugiu.

Encontro a rapariga debatendo as patas no portão da antiga casa da Grace Jane onde a Desireé mora atualmente, ela late e faz barulho arranhando o portão, choraminga quando me ver.

Não gosto de usar meu controle de macho alfa nela, somos três irmãos alfas por sermos os primeiros filhos das nossas mães. Somos filhos de mães diferentes. Sendo o meu pai o rei do submundo.

— Venha cá, sua fujona, ela ainda está dormindo mais tarde deixo você vê-la. — Faço carinho em seu pescoço, ela me lambe concordando com a minha proposta. — Interesseira...

Dou mais uma volta no quarteirão com a Lagertha no meu encalço, na verdade estou aguardando o horário da loja da Grace abrir para tomar café lá.



Abro a porta da loja e o sininho irritante denuncia minha chegada, mas o cheiro de bolo de laranja saindo do forno é agradável, entretanto, confesso que o mais agradável ainda é notar a surpresa da garotinha ao me ver. Ou seria ao ver a quenga?

Pois Desireé me ignora para se agachar e dar atenção à cadelinha.

— Olá fofa, quer outro cupcake? — Ela pergunta a cadela, me sento em uma das mesas disponíveis, sou o primeiro cliente.

— Então o serviço de atendimento só dá atenção aos animais?
— Já tem um cardápio cor de rosa em cima da mesa.

— Bom dia senhor Chandler.

Senhor Chandler?

Ah, então resolveu me tratar com formalidade. isso vai ser divertido.

— Em que posso ajudar, senhor Chandler? — Ela usa uma voz robótica, sei que ela está fazendo chacota da minha cara.

— Quero algo para tomar café.

— Imagino que sim e o que seria esse algo?

Deixo de encarar o cardápio e analiso minha atendente atrevida, o macacão lhe caiu muito bem. debruço na mesa sob o olhar desconfortável dela.

— Esse bolo de laranja tem um cheiro agradável, pode ser ele.

— Mais alguma coisa?

— Um cappuccino.

— Ok.

Demônios.

Pedi para ela sair da minha casa, mas minha atenção permanece nela. querendo ou não essa garota nasceu para ser minha e isso está começando a me causar curiosidade, sobre ela, sobre tudo.

Temo seguir minha curiosidade e ficar encarcerado em um relacionamento como o meu irmão — primeiro que essa garota não vai saciar minha fome. O mais importante é que ela ainda nem se tornou uma adulta, embora o Ructon tenha me falado que falta muito pouco para isso.

Ainda assim não vou me arriscar, mas vou protegê-la.

Se alguma coisa acontecer com Desireé será o fim para mim também.

Uso a telecinese para fazer um cupcake cair no chão, minha cadelinha avança nele.

— Tenho que pagar pelo seu café da manhã também, quenga.
Desireé volta com uma bandeja e serve a mesa, com o meu café e um pedaço de bolo de laranja.

— Mais alguma coisa senhor?

— Sente-se.

— Eu não vou me sentar para ver o senhor comer. — Ela deixou a voz de mecânica e aderiu a sua velha ousadia.

— Então pegue alguma coisa para comer.

— O senhor por acaso vai pagar?

— Sim.

— Então eu vou me sentar.

Ela pega a mesma bandeja e sai, entra as prateleiras pegando biscoitos, cupcakes e por fim pega um pedaço de torta de chocolate. Senta-se encarando a bandeja com satisfação.

— Você não tomou café para começar seu dia de trabalho?

— Comecei a fazer uma dieta, então comi apenas uma maçã hoje, mas não posso fazer nada se o senhor me forçou a comer.

— Ah, forcei — como um pedaço do bolo de laranja, sei que a Grace está na cozinha bisbilhotando nossa conversa. — O que pretende fazer da vida em Santa Maria além de trabalhar na loja?

— Por que de repente está curioso sobre minha vida?

— Não estou...

— Isso é ótimo porque não estou disposta a compartilhar principalmente para um cara que praticamente me expulsou da sua casa.

— O mesmo cara que salvou sua vida, da sua mãe que tentou te matar. — Começo a mastigar devagar aguardando ela rebater.

Mas ela não faz, então percebo o quanto sua boca está cheia de biscoitos a ponto das suas bochechas criarem dois volumes, impossibilitando de falar alguma coisa.

Ela está faminta. Quanto tempo ficou sem comer? Não parece que ela pulou apenas o café da manhã, acredito que nem a maçã ela chegou a comer.

Ela funga enquanto mastiga, deve estar sendo muito difícil segurar a onda, pois seus olhos começam a marejar e eu não consigo desviar o olhar dela — sei que ela quer falar, mas apenas aguardo

em silêncio.

Desce uma lágrima em sua bochecha, ela engole o restante de biscoito e limpa a lágrima com o dorso da sua mão.

— Como sabe disso?

— Sei de muitas coisas sobre você agora.

Desireé afasta a bandeja o que me faz me arrepender de ter começado esse assunto agora. Ela precisa comer ou vai acabar ficando doente desse jeito. Seja lá o que ela tenha passado, precisa superar, precisa se cuidar.

— Então se contente com o que sabe, pois não vou contar mais nada.

Cruza os braços, sua expressão irritada não me intimida.

— Come.

— Não estou mais com fome.

— Come ou vou dar comida na sua boca ... — me debruço na mesa e pego um dos biscoitos, balanço frente ao rosto dela. — Sei que está faminta. — O olhar dela acompanha o biscoito.

Antes de tocar em seus lábios ela rouba o biscoito da minha mão com os dentes e morde o meu dedo de propósito.

— Ai! É assim que agradece quem está pagando seu café da manhã?

— É assim que agradeço a quem estragou meu café da manhã. Selvagem...

Caralho isso me deu tesão.

Péssimo momento para isso.

— Eu tenho que ir. — Me levanto da mesa.

— Posso comer seu bolo?

Pego a carteira e deixo uma quantia mais alta do que gastei.

— Compre coisas saldáveis para você comer. — Ouço Grace murmurar da cozinha *"está dizendo que minha comida não é saudável?"* O que me faz completar: — Não coma apenas as guloseimas que a Grace faz.

— Mas são tão gostosas nunca comi tantas coisas gostosas assim... — Ela lambe o garfo com a calda.

Novamente sinto o animal entre minhas pernas pulsar. Saio sem falar mais nada, antes que a minha ereção fique visível.

De uma coisa eu tenho certeza — estou atraído pela garota.
Porém, ficara apenas nisso.

CAPÍTULO NOVE

Elie Anjo - Demônios Reais



1 mês depois.

Minha rotina na adocica é tranquila, Grace demonstrou ser uma pessoa bastante paciente e amigável. não posso dizer o mesmo do seu esposo, embora nunca tenha me faltado com respeito. hoje ela me pagou um salário e além do combinado, então aguardo o final do meu expediente para comprar algumas coisas que faltam na dispensa e Ructon nunca deixou ela vazia, tão pouco minha carteira, agora tenho meus documentos novamente.

E algumas peças de roupas.

Aproveitei para comprar alguns materiais para desenho.

Agora sou Desireé Chandler'Arc, não entendi porque recebi o sobrenome dos irmãos, mesmo assim não ousei perguntar, pois eles estão me ajudando e não tenho direito de ser tão *reclamona*.

Arrasto o carro pelo corredor do mercado, tenho meu caderninho com a lista de compra, nos últimos meses não consegui emagrecer nada, pelo contrário acho que engordei alguns quilos, na minha mente eu só estava aproveitando o tempo que minha mãe me manteve cativa comendo os restos, mas é muito difícil resistir as tentações que Grace faz, pois parece que tudo o que ela faz tem um feitiço que acaba viciando a pessoa.

Desculpa boba.

Não estou tão gorda assim, mas estou acima do peso. Passo pelo corredor de frutas selecionando algumas para colocar no meu carrinho.

Depois sigo para o corredor de higiene e uma funcionária está agachada repondo o shampoo.

— Oi precisa de ajuda? — Me pergunta enquanto eu anoto os preços das coisas que compro.

— Não, obrigada.

— Se precisar estou aqui...

— Certo. — Estranho ele me dar uma atenção desnecessária, sendo que não demonstrei que estava precisando de ajuda por causa disso. foco na funcionária, ela tem uma verruga no rosto que é impossível não notar, porém seu rosto tem harmonia. — Nos conhecemos de algum lugar?

— Eu não me apresentei ainda sou a Ruth, e as vezes passo em frente à loja da Grace e vejo você por lá. — Explicado.

— Sou a Desireé.

Ela abre a última caixa de papelão com shampoo para colocar nas prateleiras e acompanho o seu trabalho.

— Você é amiga da Grace?

— Sou funcionária dela, — mas a Grace me trata como se eu fosse da família então digamos que: — Somos amigas.

— Você é nova na cidade e não deve saber dos boatos. — Não gosto de fofocas, mas confesso que estou curiosa com o que a Ruth vai me contar afinal de contas eu sou a novata e estou morando na casa dela, — ela é uma bruxa e casou-se um com demônio.

Então...

Acho que a amiga é meio louca, me arrependo de ter desperdiçado o meu tempo, fico sem reação, sem saber o que responder.

— Sabe onde fica o macarrão instantâneo? — Pergunto jogando meu caderno no carrinho de compras e o arrastando, para completar meu carrinho está com as rodas tortas, dá um trabalho colocar ele na direção que eu quero.

— No terceiro corredor, logo ali a frente.

— Obrigada Ruth, e foi um prazer conhecer você tenha um bom dia. — *Doida!*

Cantarolo enquanto escolho alguns salgadinhos, salivo só de imaginar o quanto devem estar crocantes.

Nesse ritmo vai demorar para juntar dinheiro para retornar para a Rússia, preciso de um emprego a noite agora que estou preste a completar dezoito anos estou pensando em colocar meu currículo na boate do senhor Chandler quem sabe ele pode até me aceitar para ser babá da Lagertha. Qualquer coisa que eu ganhe a mais, o suficiente para sair dessa cidade e ir procurar o meu pai.

Senhor Chandler nunca mais pisou os pés na loja da Grace, desde então me evita ao máximo, nos vemos quando Lagertha foge para a loja. Entretanto, um dos seus irmãos é frequentador assíduo da loja de doces, ele é sempre muito simpático e me convidou para visita-lo nas montanhas — tudo bem que isso foi estranho.

Porém, seu olhar era muito inocente. não vi maldade em nenhum dos seus gestos, eu gosto dele.

Paro de cantarolar quando bato meu carrinho de compras em outro, sou uma péssima motorista.

— Aí me desculpa, — me recomponho ao segurar firme meu carrinho. — As rodas desse carrinho estão ruins eu sinto muito.

— Não invente desculpas para sua barbeiragem!

A mulher do senhor Chandler diz irritada devo admitir que ela tem classe, exceto quando pisa os pés na casa dele e vira uma selvagem, uma vaca barulhenta, ela permanece na minha frente com a cara feia e eu nem "tchum" não foi minha intenção sair por aí atropelando os outros.

— Sinto muito, pode me dar licença?

— Por que eu acho que você não está sendo sincera?

Ela avança seu carrinho contra o meu e dar de ombros, nisso seus cabelos loiros que caem até os ombros, balançam e repousam novamente com classe.

Então percebo que ela está jogando charme à toa. Tento sair novamente, mas ela joga o carrinho me impedindo, me fazendo tombar para trás raspando minhas costas em uma prateleira.

— Eu não gosto de você. — Falo irritada.

— Por que? Você nem me conhece.

— E nem quero conhecer, naquele dia além de não me deixar dormir com seus berros você comeu o café da manhã que o Ructon preparou para mim. Isso era importante, você comeu a comida que o

cara que estou a fim fez para mim!

Ela fica vermelha, talvez, pelo fato de ter lembrado a ela que naquela noite ela estava como um animal, mas agora que eu disse estou me sentindo melhor. Tiro o carro deixando livre minha passagem, vou continuar fazendo minha compra em paz.

Acreditei nisso até senti uma mão prender meu braço, me viro pronta para uma boa briga com a vaca, mas fico paralisada ao ver senhor Chandler me encarando possesso de raiva. O que ele faz aqui? Estava fazendo compras com Helena? Explicado porque ela toda hora jogava o cabelo.

— Me solta. — Tento puxar o meu braço de volta, porém o gesto é inútil, ele continua querendo me estripar com seus olhos azuis animalescos.

— Repete isso porque acho que não ouvi direito. — Ele ordena com todo o seu corpo tenso.

— Eu não gosto dessa mulher! — Brado com raiva querendo que ele me solte para poder sair dessa situação, pior de tudo é que quando estou perto dele não sinto que estou no controle, mas ele me controla com o olhar, com sua voz grossa e difícil de esquecer. — Eu não sou obrigada a gostar dela, ok.

— Você é apaixonada pelo Ructon, garotinha?

E o que ele tem a ver com isso?

Já que não consigo me soltar com as mãos empurro seu peitoral, por alguns segundos senti a dureza da sua musculatura coberta por uma camisa preta.

— Não é da sua conta, se você ouviu isso faça o favor de não contar para ele que estou a fim dele. é tudo que peço.

Parece que acabei de cutucar o rabo do demônio com uma vara, pois o homem emitiu um som bem similar a um rosnado enfurecido, meu coração vacilou assim como minhas pernas que nesse momento queria sair andando de fininho. Mas cadê a coragem? Senti até vontade de orar o pai nosso.

— Desde quando? — Estreita os olhos para mim — fala porra, desde quando?

Céus, o que fazer? Não estou entendendo o motivo desse cara se comportar como se estivesse com ciúmes quando anda trepando com

o pasto todo, ele nem fala comigo direito, vive me ignorando, não é como se eu precisasse da atenção dele, só estou colocando tudo na balança. Senhor Chandler, passa a mão em seu cabelo colocando para trás a mecha que caiu desalinhada em seu rosto por causa do seu excesso de fúria.

— Ele me conhece desde criança então... sabe esse lance de primeiro amor, né?

Ele começa a gesticular com as mãos como se estivesse com raiva de alguma coisa. depois de um tempo segura o peito como se estivesse passando mal, até a Helena percebeu, que a fez correr até ele, definitivamente excesso de raiva não faz bem.

— Marlon, tudo bem? — Helena toca em seu rosto um pouco pálido.

— Só continua fazendo a porra da sua compra esse assunto é entre eu e ela. — Afasta a mão dela pegando meu carrinho de compras. — Vamos.

Ordena eu o sigo já que ele leva meu carrinho com todas as minhas compras.

— Qual seu problema, Senhor Chandler?

— Você, você é o meu problema e que eu tenho que cuidar. todo esse tempo evitar você foi um erro que poderia ter sido fatal, por isso a partir de agora se eu ver você perto do Ructon eu vou dar uma surra naquele servil que nunca mais ele vai esquecer.

Servil?

— Você é um louco, louco! — Chamo a atenção de outros clientes no mercado gritando e tentando tomar meu carrinho de compras. — Eu te odeio!

Desajeitada continuo balançando o carrinho até que piso em seu pé usando todo o meu peso.

Ora, em briga de Saci qualquer chute é uma voadora.

— Posso dizer o mesmo. — Ele segura o peito — não, não, não caralho.

— Você me insulta, me persegue, zomba de mim e agora está agindo como se estivesse com raiva por eu amar o Ructon...

— Cala a boca!

— Não vou calar guardei isso por muito tempo, quer saber vou

me declarar para ele e se tocar nele eu...

Não consigo completar meu desabafo, pois ele parece usar a última força que resta para puxar meu corpo para um abraço repentino.

— Fica quieta caralho, não vê como meu coração está querendo explodir. — Ele não deve estar se sentindo bem. Claro, deve estar com algum problema para agir assim.

Levo minha mão até seu peito o sentindo bater com ferocidade, ele vai acabar morrendo desse jeito.

— Quer que eu chame ajuda?

— Só fica calada. — Ele aperta mais o abraço e sou obrigada a retribuir de maneira tímida.

O coitado deve ser mesmo doido.

Faz tempo que não sou abraçada, meu pai era o único que demonstrava esse tipo de carinho, ainda assim sempre quando estávamos a sós ele dizia que muitos sabiam que eu era sua maior fraqueza por isso me guardava no lugar mais seguro.

O abraço do senhor Chandler passa a mesma sensação de proteção embora ele nunca tenha me protegido. É bom, ele sopra um bafo quente cheirando a hortelã, minha pele fica levemente arrepiada, aproveito para inalar mais um pouco da sua fragrância marcante.

Esse momento é um vislumbre que pode ter outro destino para mim, eu posso seguir outro caminho, posso me sentir atraída por outra pessoa que não seja o Ructon.

Mas por que estou pensando sobre isso? Se acabei de dizer que amo o Rucinho.

Achei que o meu encontro com o Ructon foi coisa do destino, entretanto, quem me encontrou na floresta foi o senhor Chandler quem me salvou foi ele e se não fosse por ele eu estaria morta no fundo daquela floresta e meu pai jamais me encontraria.

Ao lembrar disso meus olhos são cobertos pelas lágrimas, basta apenas alguém demonstrar um pouco de afeto por mim que me derreto toda. Afasto o abraço.

— Eu estou melhor, mas você não. — Ele toca em meu rosto enxugando minhas lágrimas.

— Não tenho tempo para suas provocações senhor Chandler,

são tantas coisas na minha cabeça, em meu coração. — Fito seu olhar — Então me responde, essa reação que você teve é por que você estar interessado em mim?

Tenho receio em perguntar isso, seria avassalador se a resposta dele fosse cruel, me lembro das palavras desagradáveis da minha mãe.

— Não... — Seu tom não é ríspido é o que mais chega perto de carinhoso até agora, — mas não vou negar que me sinto atraído por você.

— E isso não quer dizer que você está interessado?

— Isso quer dizer que meu interesse por você não é tão profundo a ponto de querer me envolver. — Analisa meu rosto, que arde sem controle.

— Entendo.

— Mas... — meu lábio inferior fica sob o controle do toque do seu polegar, causa um formigamento que percorre meu corpo atingindo partes que nunca se quer esboçou esta reação ao toque de alguém — Você é minha e isso é inevitável, me fez entender que não posso mais fugir do meu destino, então fique longe do Ructon.

— Você não...

— Desireé é tudo o que peço por enquanto. — Percebi que ele me chama pelo meu nome e não de "garotinha" — Ele me disse que daqui a quatro dias é seu aniversário de dezoito anos. espere por mim, eu vou até você.



Chego em casa com o som da voz do Ructon e da Grace, ela está sentada no sofá assistindo um filme com o Ructon, o Gael deve estar com o pai, acho muito fofo que os dois revezam para estar com o filho, pois durante o dia o pai fica com ele e a noite a Grace, já que o Raony gerencia a boate.

— Ainda bem que você chegou Desi, ofendi o Marlon não devia ter me metido entre vocês dois. — Grace pega mais uma colherada de sorvete.

— Eu não entendi... — parece que não consigo me livrar do senhor Chandler.

Deixo as sacolas de compras no chão, tenho que usar a cozinha da loja para fazer comida já que nessa casa não tem mais fogão.

— Uma longa história querida. — Explica Ructon.

Grace aperta os olhos fazendo uma cara de arrependimento.

— Meu deus! Tenho que ir pedir desculpas ao Marlon. — Ela se levanta do sofá com o pote de sorvete. — Vou levar o sorvete, beijos querida se cuida.

Beija minha bochecha antes de sair.

Suspiro...

Silêncio...

— Está tudo bem, Desi?

— Sim, vou tomar um banho depois preparar alguma coisa para a gente comer.

Ructon confirma me analisando, corro para meu quarto e fecho a porta me jogo na cama repassando as coisas que aconteceu, o Marlon pediu para esperar por ele no dia do meu aniversário. Mas para quê?

CAPÍTULO DEZ

Elie Anjo - Demônios Reais



ãO consigo me concentrar para terminar de fazer uma
Ntatuagem, minhas mãos estão trêmulas de raiva. já xinguei quando perdia de vez a concentração, eu não acredito que a garotinha está nutrindo sentimentos pelo Ructon. Ele conhece minha fêmea desde criança e provavelmente conheça as demais, quem sabe o Rudá também está fugindo da dele, a mantendo distante e posando de bom filho que está fazendo de tudo pelo clã, pela família, pelo nosso legado quando na verdade ele está se saindo o mais filho da puta de todos.

Eu preciso tirar essa história a limpo, consigo terminar a tatuagem da cliente usando toda a habilidade e experiência de anos, porque paciência nunca tive.

Não sou o Raony que por mais que seja arrogante devo aplaudir-lo pela paciência que ele tem com Grace Jane.

Nunca doeu tanto viver e sentir o coração pulsar dessa forma, porque a dor volta toda vez que penso no assunto. quando penso na Desireé pronunciando que ama outro homem.

Sou possuído por uma cólera que até então desconhecia.

Se os sentimentos dela fossem profundos a ponto de não ter uma chance com ela... Porra eu não quero ter chance alguma, será que é pedir demais para tê-la apenas como uma amante qualquer? Eu odeio, odeio quando penso que ela é minha perdição que serei dela e de nenhuma outra.

Não.

Eu vou lutar contra isso, mas também não estou disposto a morrer.

Será uma luta árdua, mas vou vencer. eu não vou ser o lobinho de estimação da garotinha humana.

Meu coração pulsa dolorosamente e meu lado fera quer marcar a fêmea, ciumento, possessivo e está sofrendo amargamente por imaginar a minha fêmea desejando outro macho.

Porém minha consciência não pode se render aos meus instintos.

Zapo para a boate, para o escritório onde o Ructon deve estar uma hora dessas deixando tudo pronto para o Raony.

Tem um berço no escritório do Raony e alguns brinquedos do Gael espalhados no chão.

Ructon está procurando graça usando óculos e com a caneta entre o nariz e a boca estufada em um bico.

— Em que posso ajudar, meu senhor? — Segura a ponta da caneta, deixando no mesmo lugar.

Não deveria estar tão calmo, não sabe nem o que o espera.

Zapo para mais próximo dele segurando pelo capuz do seu grosso moletom, colo a cara dele na mesa.

— O que eu fiz dessa vez?

— Que história é essa da humana que é para ser só minha, pensar só em mim, estar apaixonada por você?

Estou com uma raiva absoluta, com uma sede de sangue quase incontrolável, mas se eu matar o Ructon a Grace Jane manda o Raony me matar e também eu não quero matar o Ructon, ele cresceu junto com a gente e sempre foi leal, mas é uma fatalidade a humana ter se apaixonado por ele.

Logo o Ructon?

Ela não sabe o erro que cometeu.

— Eu não sei, não fiz nada para isso acontecer, nunca alimentei isso. — Ele bate na mesa com a mão pedindo misericórdia.

Me fez recordar da infância, das inúmeras vezes que o Raony fazia brincadeiras perversas ou experiências com o Ructon, esse era o sinal de que ele não estava aguentando mais.

Libero ele e afasto-me da mesa ralando a mão uma na outra

para aliviar a tensão que atingiu um limite que está totalmente fora do meu controle, me sinto ansioso também daqui há alguns dias é aniversário da humana.

E para que demônios fui marcar para encontrá-la nesse dia!?!

Só piorei mais ainda a situação.

— Eu não posso fazer nada, pois nunca foi minha intenção fazer a Desireé se render ao meu charme natural, repito natural, nada forçado então já sabe que isso fugiu do controle. E se decida, meu senhor Marlon, se não a quer tem quem queira. — Produzo um rosnado diante das suas palavras atrevidas — não que seja eu, não tenho esse tipo de interesse pela Desi a amo como uma irmã mais nova que nunca tive.

Imóvel, tento voltar ao meu normal, o Ructon tem razão. A Desireé é jovem e muito linda qualquer cara pode seduzi-la, enquanto for o Ructon não vou correr risco de ela ter retorno — mas se o sentimento se tornar profundo será meu fim.

Não tenho para onde correr tenho que conquistar a Desireé como um "humano" não como uma fera.

Não vou marca-la, terei o coração dela e nada mais que isso.

Mas eu não vou conseguir viver sem sexo!

O que fazer?

— Depois de amanhã teremos uma comemoração do aniversário dela, será na casa na floresta da Grace. — Ructon comunica, — Grace plantou girassóis e algumas outras flores em volta da casa levei a Desireé para conhecer, ela amou e descobri que ela ama girassóis, apareça por lá e não esqueça os girassóis.

Ele dá a dica.

— O Rudá... já voltou de viagem?

Rudá inventou de viajar e toda vez que zapo até sua mansão encontro-a vazia, ele foi para um lugar distante que, além de não saber, não posso zapar para confronta-lo.

— Meu senhor, Raony, me perguntou a mesma coisa. Ele voltará hoje.

Zapo para meu quarto para tomar um banho, se eu vou conquistar a Desireé isso significa que não vou poder me envolver com mais nenhuma fêmea, preciso de uma despedida de solteiro.

Preciso de uma putaria para digerir tudo isso sem enlouquecer.

Tomo um banho demorado, esfregando cada pedaço de pele com falta de atenção, pois minha mente está onde não deveria e por conta disso ganho uma ereção.

Envolvo meu pau com a mão me sentindo envergonhado e com raiva ao perceber que estou me rendendo aos instintos de possuir a humana. Não vou fazer isso, mas na minha mente muitas coisas estão acontecendo, brotam e expandem fazendo cada cena, cada toque serem reais e me deixa com um tesão que meu pau lateja como se estivesse vivendo o momento, não apenas imaginando.

Caralho, não!

Tiro a mão do meu pau e dou dois socos na parede enquanto a água jorra levando consigo minha vergonha, meu orgulho.

Zapo e pego a toalha, começo a me arrumar. Mando uma mensagem para a Helena avisando que vou passar para busca-la, quero ir para um lugar fora da cidade sem o risco da Desireé me ver, tenho que executar o plano para conquista-la.

Demônios não faço o tipo romântico... não sei como conquistar uma fêmea humana, além de gostar de girassóis e ser claustrofóbica o que mais sei dela?

Uma língua ferina que fala o que pensa e... Reparei que em seu carrinho de compras tinham vários cadernos de desenhos. Ela curte desenhar?

Zapo para a garagem particular no prédio onde cliente algum está autorizado usar.

Não vou de carro, pego o meu carro *McLaren 570S Spider*, a porta se abre e zapo me sentando na condução.

Helena me liga informando para encontrá-la em uma loja, estaciono frente à loja onde tem diversos quadros com pinturas artísticas. Helena sai com várias sacolas.

Leio o nome da loja — Aquarela.

Não sabia que a Helena curtia arte a esse ponto.

Ainda não esqueci o fato que a garotinha pode gostar de desenho, gravo o endereço da loja, ela vai fazer aniversário se ela realmente gostar de desenhar posso encontrar algo para ela nessa loja.

Helena está bem gata e ousada com uma saia curta, a loirinha não quer compromisso apenas sexo e uma boa conversa safada coisa, que não posso ter com a Desireé e coisa que a Helena não tem liberdade de fazer ou conversar com outro homem.

— Oi bebê. — Joga as sacolas na parte de trás. — Que bom que veio de carro. Nada contra a moto, mas estava fazendo algumas comprinhas...

Me dá um rápido beijo.

— Está com a noite toda disponível?

— Para você sim. — Passa o cinto de segurança e o sorriso malicioso permanece, ela desce o olhar para as minhas pernas e toca no volume me provocando. — Já está assim? — Lambe a boca — O quanto esse carro é veloz?

Queria poder zapar com ela diretamente para minha cama, não posso e digo:

— Vou te mostrar.

Piso no acelerador e o motor barulhento deixa tudo mais excitante.



Foda...

Três horas da manhã e meu celular toca interrompendo meu descanso depois de uma foda animal e longa com a Helena.

Demônios é o Raony.

Me sento na cama totalmente despido com a Helena dormindo do outro lado, abraçada com um travesseiro.

— O que é? — Bocejo.

— Seu fodido esqueceu que marcamos de ir na mansão do Rudá assim que ele voltasse?

— Não esqueci vou aparecer por lá pela manhã...

— Olha aqui Marlon estou indo lá agora, acabei de sair da

boate.

Começo a procurar minhas roupas no meio da bagunça no quarto do hotel, o celular cai no chão o Raony já tinha desligado.

Depois de me vestir deixo uma grana para a Helena pagar por qualquer serviço que ela quiser quando acordar e sigo em direção a garagem, estou com cheiro de sexo e de fêmea, e terei que deixar o carro no estacionamento do hotel para zapar para a mansão do Rudá.

Não vou fazer isso, tenho que ir dirigindo o mais veloz que o limite permitir.

E é o que faço, chego quase pela manhã na mansão do Rudá estaciono o carro frente a ela, vendo que tem um outro carro mais adiante.

De quem será?

Uma hora dessas o Raony já deve estar em casa ao lado da Grace e do filho.

Zapo para dentro da mansão depois de me certificar que não sentir cheiro de humanos, encontro Rudá na sala de visitas, vejo que estar com visita e muito desagradável por sinal.

O velho do meu pai sussurra algumas palavras para o Rudá em uma língua que não consigo entender, meu pai zapa sem me cumprimentar.

Velho maldito aposto que está por trás disso tudo também.

— Marlon! Não esperava sua visita. — Não fala em um tom receptivo, quero muito poder esfregar essa cara convencida dele no chão.

Faço os móveis ao redor dele balançar até que flutuem por completo e o cerque.

— Temos que conversar.

— Tenhas modos, conversar não é brigar. — Ele permanece sem demonstrar inquietação. Como ele consegue se controlar mesmo com outro macho o desafiando? — Só não me faça perder meu tempo lhe dizendo coisas que já disse para o Raony.

— O que disse para o Raony?

— Que não devo explicação nenhuma para vocês... — ele estreita os olhos e segura uma das cadeiras com a mão. — Coloque meus móveis no chão não vou brigar com você. Você cheira a sexo e

a fêmea que com certeza não é a sua, está me saindo pior que o Raony.

— Corta essa, seu desgraçado. — Recebo o retorno do eco da minha voz que percorre os cômodos dessa mansão vazia. Era uma fazenda, ele comprou e demitiu todos os funcionários, vendeu todos os animais e deixou apenas um cavalo que ele cuida. — Você é o pior, pois com certeza sabe quem é sua fêmea e fica aí empurrando a gente para sermos o primeiro.

— Eu sei quem é a minha, de fato, porém o destino escolheu o Raony e você para serem os primeiros não posso fazer nada quanto a isso. — Posso estar redondamente enganado, mas senti sua voz calma mesclada com melancolia. — Se considerem sortudos e felizes.

— Não me sinto feliz, — Demônios não era para ter falado como me sinto para ele. — E a do Jandir? Ele já sabe disso?

— Não. Como o Ructon deve ter lhe contado não sabíamos que a Desireé era a sua, ou... do Jandir. — Claro, só eu posso sentir que ela é minha.

Mas por que esse infeliz guardou segredo todo esse tempo? Manipulou tudo às escondidas com a ajuda do nosso pai.

— Tínhamos o direito de saber. A Desireé é filha de um chefe da máfia sabe lá Demônios como será a do Jandir... — O círculo de móveis diminui ao redor dele — conte para ele, você tem que contar!

Rudá ergue a sobancelha irritado e despedaça a cadeira que segurava, ele zapa saindo do círculo vindo até onde estou. Deixo seus móveis caírem ao chão na intenção de quebra-los.

Acho que ele acaba de aceitar meu desafio.

Me antecipo e soco sua cara, acho que ninguém nunca fez isso. Estou feliz por ser o primeiro.

Ele permanece com a figura calma, mas sei que por dentro está se corroendo de raiva.

— Vem!

— Eu não vou brigar com você, Marlon. — Estou pronto para reduzir esse felino cretino, pronto para me transformar em lobo e ter uma boa briga. — Não vou brigar com você, agora saia da minha casa antes que eu faça você se arrepender por ter me dado esse

soco...

Dou outro soco, ele não está se desviando e isso é estranho.

Droga! Esse cara é muito estranho.

— Vá para o inferno, Rudá!

Tiro minha jaqueta para não rasgar na hora da transformação.

Rudá passa a mão no lábio partido, meus dedos ainda sentem o impacto do soco. Vou desgastar toda minha raiva nele.

— Não sou seu saco de pancada, não sou como o Raony que toda vez que queria desgastar a raiva saía se esmurrando pelo castelo, portanto saia da minha casa, Marlon. — Seus olhos azuis é um gelo, posso sentir a presença da sua criatura mística enjaulada dentro dele. — Eu não vou me rebaixar a isso, vocês dois sempre foram as crianças trabalhosas do papai então não tem o direito de saber nada, você não pode mudar o destino. não tenho culpa se sua fêmea é uma humana problemática, se ela é filha de um mafioso, se ela é um ninguém agora que está sem a proteção do pai dela.... No entanto, ela foi vendida pelo próprio pai a mim ainda quando era uma criança.

Rudá ajeita a lapela do terno, virando seu queixo quadrado arrogantemente.

— Que merda você disse? — Isso me atingiu a ponto de não ter mais reação, encaro perplexo para a moldura fria que é a sua cara.

— Que a Desireé Nicolaev é mais um pertence meu, mais uma propriedade que adquirir, não se preocupe irmão não tenho interesse nela, mas se a quer de volta faça por merecer. a tire de mim ou quando o pai dela retornar vou cumprir o que tem no contrato, vou me casar com ela. — Ele vira as costas para mim, queria poder me movimentar, entretanto, meu coração voltou a bater descontroladamente. — Ah, sim ela vai fazer aniversário, lhe darei um presente especial.

O filho da puta zapa da sala me deixando arrependido de tê-lo provocado, ele sempre nos teve na palma da sua mão — pobre de mim, pobre do Jandir nas mãos desse verme.

Ele consegue ser pior que o nosso pai. Como ele pôde fazer isso comigo?

Não consigo zapar, então ando até o meu carro desorientado,

me falta chão e todo meu ser transborda em fúria. Me sinto traído e humilhado por Rudá ter algo que é meu, ele não ousaria...

Ele já fez coisas o suficiente para acreditar que ele não tem limites.

Agora mais do que nunca preciso colocar em ação o plano de conquistar Desireé.

CAPÍTULO ONZE

Elie Anjo - Demônios Reais



enho roupas novas, sapatos novos e até mesmo uma casa
T nova, pois depois que Grace descobriu que sou claustrofóbica ela me trouxe para sua casa mais distante da cidade onde era a casa da sua avó, embora seja muito mais ampla e arejada fica longe do meu local de trabalho e Grace prometeu passar todos os dias aqui para me buscar com seu fusca rosa Lady Laura, tudo o que ela faz deixa em evidência que é uma mulher muito bondosa.

Desde então esse é o meu novo endereço e hoje é o meu aniversário, ainda é cedo quando paro frente ao espelho usando um conjunto de roupas novas, constituída por uma calça jeans e uma blusa com tecido de algodão com a estampa "*I'm fine*", estou usando roupas de garota e isso me deixa feliz, não mais blusas largas e velhas, bermudas e coisas que nunca escolhi para usar.

Porém, é só encarar de maneira mais atenciosa para o conjunto todo que começo a me sentir mal. Sou uma garota estranha como a mamãe me dizia e não há nada no mundo que possa vestir para mudar isso.

Pego a escova e começo a desembaraçar meus cabelos úmidos, pois acabo de sair de um banho. há uma banheira no meu banheiro e isso é incrível. Não que eu nunca tenha tomado banho em uma, me fez lembrar dos tempos de luxo, mas não quero voltar para aquela situação, quero voltar para o meu pai posso convencê-lo a sair dessa vida e começarmos de novo, não como uma família de mafiosos.

Quero ser uma garota que não precisar ter medo ao sair na rua sempre cercada por seguranças.

Seguro uma mecha esticando os fios para baixo e quando os soltos formam cachos grandes e definidos. meu cabelo ruivo é natural e dar muito trabalho pentear, porque é volumoso e chega a ser um pouco crespo.

Depois de penteados deixo-os soltos para secar, calço uma bota para jardim que encontrei na casa.

As janelas de vidro da casa recém reformada revela o deslumbrante jardim de girassóis, o Rucinho disse que antes tinha apenas árvores e agora a casa fica em uma clareira onde os girassóis e outras flores deixa tudo mais agradável.

Sinto o cheiro de café e sigo para a cozinha, Ructon está de avental preparando nosso café da manhã. ele dormiu aqui comigo na mesma cama acariciando meu couro cabeludo até eu pegar no sono e depois que acordei na madrugada ele não estava mais lá.

Hoje preciso me declarar para ele, preciso dizer o que sinto e dar um fim nisso tudo.

— Bom dia. — Ele pega sua xícara da Arlequina e despeja café nela — tudo pronto para você minha Lady, hoje é seu dia especial nada de melancolia eu quero felicidade, quer ir para algum lugar?

— Bom dia... Não, obrigada Rucinho. — Ele trouxe algumas coisas da loja da Grace, mas eu recusei a "comemoração" que iam fazer hoje, não tenho a intenção de comemorar meu aniversário longe do meu pai, é estranho, pois eles não são minha família. — Eu preciso falar algo com você.

— Huh, tem que ser agora?

— Você não parecia ter mais nada para fazer. — toda vez é isso ele parece estar me evitando.

— Na verdade, eu...

— Ructon eu te amo do tipo amor de homem e mulher, essas coisas... — ele se engasga com o café quente — Juro, estou falando sério.

Vou até ele aguardando alguma resposta, meu rosto está quente e meu coração batendo forte. ele é meu único e melhor amigo tenho medo de estragar tudo com ele.

— Eu não posso corresponder aos seus sentimentos Desi, além do mais ainda não chegamos nos 6 meses, girls. — O quê? Envolver sua cintura pronta para dar um abraço, mas ele se afasta — realmente não posso e um dia você vai me entender.

— Eu sabia que ia dar nisso, por que eu não sou bonita, não é? Sou estranha!

— Claro que não querida. Você sempre foi linda tire essas coisas que sua mãe dizia da cabeça, pois era puro ciúmes de você, da atenção que recebia de todos.

Falando desse jeito posso até acreditar que realmente sou bonita, apertos os punhos e me amparo abraçando meu corpo. Entretanto, nada disso importa porque ele não me quer de nenhuma maneira e agora está tudo muito claro, as palavras do senhor Chandler martelam repetidamente. Será que aquele homem ameaçou o Ructon?

— Não tenho chance alguma?

— Continuamos sendo amigos. — Responde, não desviando o olhar dos meus.

Envergonhada por ter levado um fora corro para o jardim, nada nunca dá certo na minha vida. sinceramente eu nem sei que lugar eu pertenço, tudo o que sei é que preciso voltar para a única pessoa que me amou de verdade, choro pelo rumo doloroso que tomou o meu primeiro amor, eu nunca vou esquecer o Rucinho, fico a manhã toda rabiscando desenhos no jardim, desenho a paisagem de girassóis em um dos cadernos de desenhos que comprei, os outros cadernos não têm mais espaço para desenhar.



Meio dia volto para casa sentindo o cheiro da comida que provavelmente o Ructon está preparando, tenho que ter coragem e aceitar o fato que seremos apenas amigos.

Sigo direto para o meu quarto e guardo o meu caderno junto com os outros em uma prateleira na parede onde tinha alguns livros estranhos de bruxaria e jardinagem, isso me faz me lembrar o que a Ruth me disse — que a Grace é uma bruxa. pura bobagem não é porque ela tem um jardim que, sinceramente, o clima e a situação do lugar não encaixam esse jardim aqui... A Grace não tem nada de bruxa.

Distraída abro a porta do quarto voltando para a sala, me deparando com a figura de um homem de terno e aparência dura, sombria, que faz meus pelos se arrepiarem. ele segura uma pasta, o Rucinho sai da cozinha ajeitando sua toca e com a cara de preocupado, o que me faz dar um passo para trás, quero distância desse homem.

— Olá, Senhorita Desireé. Não precisa ter medo.

Sua voz é reconhecida por mim de imediato, ele é o homem que me tratou quando o senhor Chandler me salvou naquela noite.

— Meu senhor Rudá...

— Nos deixe a sós Ructon, sabe que eu e ela precisamos ter essa conversa. — O tal do Rudá corta Rucinho que me lança um olhar inseguro antes de me deixar sozinha com o estranho.

— O que quer? — Sou direta, cruzo os braços e ergo meu queixo, ignorando a minha barriga que ronca sentindo o cheiro da comida, chego a salivar, esse homem chegou em uma péssima hora. — O senhor me tratou naquele dia, me recordo da sua voz.

— Sim. Sente-se — aponta para o outro sofá na sala, me sento contra minha vontade. — Senhorita Desireé...

— Desireé, por favor.

— Certo. — Me ignora para dar atenção a sua pasta, tira de dentro um envelope lacrado. ele rasga o envelope com a unha, revelando papéis dos quais não faço ideia qual seja o conteúdo. Depois de folhear um por um, ele seleciona um papel e coloca sob a mesa de centro e consigo ler "contrato", também reconheço o carimbo e a assinatura do meu pai. — Como pode ver isso é um contrato que fiz com o Dimitri, ele estava perdendo o posto na organização devido a sua péssima gestão nos negócios, então precisou da minha ajuda financeira em troca ele assinou esse contrato me vendendo você.

As palavras desse homem deixam rastro de agonia em meu peito, não percebo nenhum traço de humanidade nele, explica as coisas de maneira fria como mármore. sua boca apenas se movimenta e seu olhar indiferente é o mais perturbador, não acredito que meu pai fez isso por isso pergunto:

— Posso ler?

— Fique à vontade.

Ele cruza as pernas e continua a me observar, minhas mãos trêmulas pegam o contrato sob a mesa, leio as palavras sentindo o peso de cada uma delas, eu realmente fui vendida. Gotas de lágrimas escorregam em minha bochecha ao traçar o dedo na assinatura do meu pai a pessoa que mais amei no mundo e a que mais me decepcionou, me sinto traída e sem valor algum por ter sido vendida para um estranho. quando criança ouvi essa conversa, mas não imaginei que um dia isso podia acontecer.... Que seria dessa forma.

— Eu... — Não consigo falar, me sinto sufocada e coberta pelo medo de ser levada por esse homem, o gosto amargo preenche minha boca, deixo o papel cair das minhas mãos fico totalmente fora de órbita e paralisada.

Estou com medo, estou com muito medo e preciso de ajuda, mas quem pode me tirar de uma situação como essa? *Por favor, por favor...*

— Hoje é seu aniversário de dezoito anos você não tem o direito de recusar, você é minha posse irá comigo para minha mansão e...

— Isso é o que vamos ver Rudá! — A voz do senhor Chandler me tira do transe que entrei, porém ainda não consigo raciocinar com clareza primeiro como o senhor Chandler apareceu do nada na sala? — Vem comigo — ele me levanta em um puxão um tanto brusco fazendo meu corpo tremer ao chocar em seu peitoral, recebo um abraço inesperado como se ele soubesse o que preciso. — Feche os olhos e vamos zappar para onde você quiser.

Não fecho os meus olhos, mesmo assim aconteceu um apagão!

Tudo fica escuro por alguns segundos, mas ainda sinto a presença cheirosa do senhor Chandler me abraçando, quando a luz volta como em um piscar de olhos estou no meio dos girassóis, sob o sol do meio dia, mesmo sendo um dia com a temperatura bem

amena.

Permaneço sem mover um músculo se quer.

— Eu desmaiei? — Murmuro para mim, se desmaiei porque estou sonhando com o senhor Chandler? Deus! E como ele estava divino encarando o homem como se fosse um inseto e me trazendo para longe dele, não posso nem o considerar herói, pois estou sonhando... Se bem que respiração quente dele incitando minha pele é bastante real — Eu não estou sonhando.

— Não. — O empurro e estou mais assustada do que o momento que descobrir que sou propriedade de um estranho. — Como sempre mal-agradecida garotinha.

— Quem é você?

— Senhor Chandler.

— Não zombe de mim, sabe que estávamos na sala e... na verdade eu estava na sala com aquele homem e você apareceu do nada e me trouxe para...

— Isso mesmo, não precisa narrar tudo de novo. — Ele está com os botões da camisa abertos, descalço e apenas de bermuda jeans, pisco nervosa ao admirar seu corpo.

Tudo está me deixando confusa e perturbada, todas as emoções são lançadas de maneira desordenadas e incessantes dentro de mim. Meu cérebro parece que está sendo esmagado como uma gelatina. Luto entre a razão e a fantasia, isso não pode ser real.

— Você não é humano? Nem aquele homem? Nem o Ructon? — Ele nega com o balançar da cabeça e continuo: — Nem o resto do mundo? Sou a única humana que restou?

— Não exagere princesa que sua raça ainda não foi extinta.

Meu Deus!

— Vocês planejam extingui-la? Sou parte do plano da destruição mundial?

Ele me encara com um misto de diversão e preocupação, humano ou não continua sendo o senhor Chandler o cara mais cafajeste dessa cidade, ou ele acha que não sei da sua fama de predador.

— Melhor você descansar sua mente, senta aqui, vamos dar um tempo.

Tempo? Estou com fome! Com medo, raiva e confusa, extremamente confusa.

Me sento no chão abraçando minha perna, não sei se choro ou dou uma de louca e começo a ri da minha situação lamentável, sou prometida a um estranho que nem humano é.

— Senhor Chandler, por que me tirou de lá?

— Por que ele estava tentando te enganar, e senti... — Ele desiste de ficar em pé me encarando senta-se ao meu lado pigarreia antes de dizer: — Pela primeira vez senti você, seu desespero, seu medo, tudo estava dentro de mim de maneira intensa por isso fui até você.

— O senhor é de que espécie? É sensitivo por acaso?

Ele ri, pela primeira vez consigo ver seus dentes alinhados e brancos, também posso notar suas presas discretas. Minha nuca pinica pela adrenalina do momento.

— Sensitivo? — Seus olhos se apertam e suas bochechas elevadas mantêm seu sorriso, me causa desconforto e de certa forma me encantei — não sou isso, não somos isso.

Engulo em seco me separando do abraço que estou dando em minhas pernas, fito seu olhar, sinceramente estou desorientada, ainda assim pergunto:

— O que você é senhor Chandler?

— O mais importante é o que sou para você, — desarmada com as suas palavras começo a retomar a consciência da sua aproximação. — Eu sou seu lobo e você é minha perdição.

Dizendo isso ele envolve minha cintura, fazendo meu corpo se aproximar dele. seu queixo roça em minha bochecha enquanto ele analisa meu rosto.

— Quero entender melhor... — Minha voz é quase inaudível.

— Farei você entender.

Ele empurra sua boca contra a minha, me invadindo com seu beijo, sua língua, fazendo com que as últimas palavras ditas fossem um eco em algum lugar, pois aqui entre nós, nada mais restou além de um beijo inesperado e arrebatador. Anotando que é o meu primeiro beijo oficial, e espero que o senhor Chandler esteja gostando, pois tudo em mim está amando, sua boca provoca a minha

me conduzindo para lugares que nunca fui.

Sou surpreendida pela sua mão livre em minha cintura apertando-a cada vez que o beijo se aprofunda, entre minhas pernas sinto um leve apertar que se intensifica e o mais incrível de tudo é que a minha respiração descontrolada não é nada comparada com a dele, me beija enraivecido e recebo essa raiva com tudo de mim, ondula sua língua dentro da minha boca e acho que serei incapaz de esquecer esse beijo, esse ardor em meus lábios.

Eu preciso de mais, de qualquer coisa que me faça esquecer tudo. Senhor Chandler me faz esquecer completamente tudo.

Sem querer, e querendo, toco em sua pele que parece estar em brasas, o tecido da sua camisa rala em meus dedos, ele deixa escapar um som sinuoso de satisfação quando enrosco seu pescoço para melhor retribuir o beijo.

Voraz, latente e viciante sinto que estou com dificuldades de roubar o ar e ele também, porém nenhum de nós está disposto a interromper o beijo. Pelo menos é o que eu achava até ele afastar o beijo, seus dedos tocam em meu rosto por alguns segundos. ele permanece paralisado recuperando o ar, a consciência, ou seja lá o que for.

Meu rosto está ardendo, assim como outra parte do meu corpo.

— Desi sobre aquela pergunta que fez, sobre eu está interessado em você vou responder com sinceridade, eu estou. — Meu coração troveja, estou sendo motivada pela minha falta de experiência com homens.

— Mas o que fez você mudar de ideia? Eu era a garotinha nada mais que isso... Só por que fiz dezoito anos? — Pensar nisso me faz querer ri.

— Não... como eu disse você é minha... — sua voz persuasiva é agradável aos meus ouvidos, ele enterra o rosto em meu ombro, distribuindo sua respiração em meu pescoço. — Eu quero que fique comigo. que seja só minha.

Eu ouvi: " fique comigo" não o contrário "eu quero ficar com você" não faço ideia do que o senhor Chandler quer.

— Eu não sei, eu vou pensar, é muita coisa...

— Vou te dar um tempo. — Afasta-se e levanta primeiro

oferecendo a mão para eu apoiar. — Vou levar você.

Minha barriga ronca e eu a seguro com a mão. Ele sorri e novamente tudo fica escuro e quando as luzes se ascendem estou de volta a sala.

— Deus...

— Isso se chama zapar, vai se acostumando.

Ele desaparece. Não vou me acostumar com isso...preciso comer e descansar minha mente e interrogar o Ructon, ter uma conversa séria com o Senhor Chandler.

CAPÍTULO DOZE

Elie Anjo - Demônios Reais



Desde o momento em que beijei a garota coloquei o meu plano em prática, não queria me revelar desse jeito e ela deve estar confusa com tudo isso, mas ainda terei tempo de conversar com ela. Nesse momento quero quebrar cada osso do Rudá! Por estragar meus planos de manter a Desiree ao meu lado sem que ela soubesse quem ela é, e o que eu sou.

Não quero que a garota alimente falsas esperanças comigo tão pouco que comece a me evitar. Eu a quero só para mim, mas acho que não posso ser apenas dela.

Devo admitir que nosso beijo foi surreal, ter a garota se rendendo ao meu beijo e ao meu toque me deixou com a porra de um tesão.

Ignoro as minhas necessidades carnis para zapar na mansão do Rudá, se esse fodido acha que pode brincar comigo desse jeito está muito enganado. só vou sair dessa mansão quando estiver com tudo resolvido. Nenhum macho, mesmo sendo meu irmão pode dizer que vai tomar minha fêmea de mim.

Ele foi um desonesto e desrespeitoso.

Cada dia que passa o ódio tanto quanto o Raony o odeia.

A porta da mansão está aberta e o seu carro estacionado frente a ela, Rudá sai da mansão de óculos escuros e arrastando uma mala.

Vai viajar novamente?

— Ah, Marlon... — Fala assim que me ver. — O que veio fazer agora? Arranhar a pintura do meu carro? Já não basta ter destruído

minha mobília.

— O que você quer Rudá? Por que diabos resolveu me perseguir? A Desireé é um assunto meu!

Trinco os dentes e sinto a presença dos meus irmãos.

Jandir e Raony zapam frente a mansão também.

— Eu quero uma boa explicação para suas atitudes irmão. — Jandir se encosta no carro dele, impedindo Rudá de entrar no veículo.

Raony raspa o polegar na borda da boca também encarando nosso irmão mais velho.

— Até você Raony, não tem nada melhor para fazer?

— Foda-se Rudá, abre o bico de vez. — Raony lhe direciona um olhar de desprezo.

Mas ainda não estou satisfeito, quero que a explicação dele seja plausível, senão, ninguém vai impedir nossa briga mortal.

— Já disse que não devo satisfação, preciso ir, não posso me atrasar para o meu voo...

Abruptamente o emburro.

Meus irmãos fazem um círculo o deixando no meio. Rudá não conseguirá zapar com Jandir usando seu escudo para mantê-lo no mesmo lugar.

— Não viemos brigar com você meu irmão, precisamos de uma explicação, não quero acreditar que sabe onde está a minha fêmea e não me contou nada. — Impossível ser cruel com o Jandir, acompanho a carranca do Rudá se desfazer por alguns segundos, mas o miserável permanece tentando manter sua indiferença — eu só quero saber se ela está bem.

— Jandir eu não vou falar. Saiam do meu caminho.

— Vou virar as costas para você meu irmão e não vou mais considerar nada que venha de você, não vou ter mais respeito por você então essa é sua última chance. — Jandir insiste.

Tomo a frente para segurar o Rudá pelo colarinho, vendo que ele não vai falar nada mesmo o Jandir não quebrando a cara dele, eu vou!

— Marlon me solta, eu não quero machucar nenhum de vocês!

— Mas já está machucando irmão, existem coisas que doem mais que um soco. a quebra de confiança por exemplo. Nunca pensei

que você chegaria a esse ponto. — Jandir se afasta do círculo dando as costas como ele havia prometido.

Sinal que eu e o Raony podemos ter uma conversa mais agressiva com o Rudá.

— Eu não vou te perdoar por você ter ido atrás da minha fêmea e ter falado todas aquelas asneiras.

— Vai com calma, Marlon. — Raony me pedindo para ter calma? O que a Grace Jane fez com meu irmão?

Antes que meu punho acertasse a cara dele, ele desvia e bloqueia o golpe com a mão, seus olhos estão animalescos, vejo fúria.

— Eu já cansei de vocês! — Berra apertando meus dedos e os quebrando, suporto a dor. — Você não está preocupado com a sua fêmea, mas com seu ego, seu idiota. Antes de zapar para aquela sala tinha um encontro marcado com a outra humana, não Marlon, você não quer sua fêmea e como eu já disse ela me pertence e não há nada que possa fazer, ou tem?

Seu sorriso convencido no canto da boca me deixa puto.

— Não pode me forçar a marca-la!

Ele liberta minha mão e meus dedos começam a regenerar, cerro o maxilar sufocando o ranger de dor.

— Posso e vou. — Ajeita seu terno. — E não é um assunto que você tem que se intrometer Raony, vai cuidar da Grace e do seu filho.

— Você está no vermelho comigo. — Raony rebate — e está sendo um filho da puta com o Jandir... ah, irmão como será sua fêmea? Não acho que ela será capaz de suportá-lo, talvez você seja o primeiro macho rejeitado, Huh. Ela te rejeitou, não foi? Isso seria bom porque daí logo você vai morrer, rejeitado, sozinho...

Nunca vi o Rudá mais irritado, seu fungar e garras crescendo mostra que ele está perdendo o controle, o único que consegue desarmar a calma do Rudá é o Raony que faz isso de maneira tão natural que ele nem percebe, mas acredito que nesse momento ele falou tudo de maneira intencional tocou no coração de gelo do Rudá, quase o deixando possesso.

— Não fale bobagens! — Diz pomposo.

— Ah, então o primeiro macho a encontrar a fêmea foi você,

Rudá o rejeitado... — além de continuar com as provocações, Raony ri da situação toda. — Quase sinto pena de você, vou vir para o seu funeral.

— Vocês poluem os meus ouvidos com tanta bobagem, se ela tivesse me rejeitado já estaria morto...

— Fraco — o Interrompo. — Você está enfraquecendo por todos esses anos, por isso não aceita um desafio, suas forças vão se exaurir até que morra. — Me sinto bem reduzindo o Rudá com palavras, não com força bruta. — Não é porque você é um rejeitado que o Jandir não tem o direito de conhecer a fêmea dele.

— Ele nunca vai conhecer a fêmea dele porque ela não existe! — Suas palavras ecoam enquanto meu corpo é arremessado alguns metros, fico preso no chão asfaltado olhando para o céu sem conseguir mover um músculo.

— Me solta, filho da puta! — Ordena Raony do outro lado, na mesma situação que a minha.

— Seus patéticos, eu não estou fraco! — Ele para de exercer seu poder sobre nós — se eu fosse fraco jamais seria o supremo que o nosso pai escolheu.

Levanto-me rapidamente, assim como o Raony.

— Rudá... — estamos em silêncio quando Jandir zapa até nós, Demônios! Isso é péssimo — como assim ela não existe?

Raony leva a mão a cabeça tão nervoso quanto eu, Rudá esconde as mãos no bolso e diz:

— Sinto muito Jandir, não queria que descobrisse as coisas dessa forma. — O seu tom é mais caloroso, mais perto de compaixão que ele chegou.

— Isso não é verdade.

— É, e você tem que aceitar. — Ledo engano, ele permanece a mesma porcaria de sempre, — ela não existe Jandir...

— Chega Rudá! — Pede Raony tocando no ombro do Jandir. Rudá nos encara enfurecido.

— Vocês pediram isso! Então é melhor eu falar de uma maneira que ele entenda. — Conseguimos deixar o Rudá totalmente fora de controle — Você será o único de nós que não terá uma fêmea, pois eu revirei esse mundo com o papai atrás dela e quando encontramos

a Desireé ela poderia ser de um de vocês, mas aí o Raony encontrou a Grace Jane, restando apenas você e o Marlon. ficamos na expectativa que fosse sua e não do Marlon, porque já viram que ele não sabe dar valor a nada! Mas ela não é, infelizmente não é, e provavelmente a sua fêmea não tenha nascido ainda.

— E a sua? — Pergunta Raony.

Também estou curioso.

— Não é da conta de vocês. — Fala ríspido.

Jandir abaixa a cabeça pensativo, não posso falar nada quando esse maldito tem razão. Jandir merecia ter uma fêmea muito mais que eu, se eu pudesse trocar de lugar com ele, trocaria, entretanto, não posso a Desireé é minha. A conversa tomou um rumo que não esperava, Rudá está fazendo isso tudo com Desireé para me obrigar a ficar com ela.

Isso não vai funcionar.

— Eu comprei a Desireé. — Ele está lendo meus pensamentos? Algo que ele nunca revelou, mas nós já suspeitamos desde que éramos criança, Rudá sempre esteve um passo à frente. se ele é capaz de apagar memórias e seu poder de manipulação é descomunal ele também é capaz de ler pensamentos, — não foi na intenção de me casar com ela, ela seria vendida para qualquer outro, isso estava na mente desesperada do pai dela. tínhamos negócios de fachada, foi a forma mais fácil de entrar em contato com a família e eu indiquei o Ructon para ser o médico da família e manter a garota segura, mas agora mudei de ideia, se você é incapaz de cuidar da sua própria vida Marlon, eu terei que cuidar dela.

Rudá Zapa até sua mala no chão, depois de pegá-la, joga em seu porta malas e rapidamente entra no carro, dirige para fora dos portões da mansão deixando minha mente perturbada com suas palavras.

— Eu vou esperar por ela. — Ainda tem o Jandir caralho! Essas foram as últimas palavras ditas antes dele zapar.

— Marlon, preciso voltar para Grace. isso me fez lembrar o quanto sou sortudo por ter minha fêmea. — Zapa também.



Perturbado com tudo que ouvi zapo até meu apartamento, assim que chego na sala Lagertha corre até mim balançando o rabo. É tanta coisa acontecendo que não estou dando atenção para ela, estraguei tudo, hoje é o aniversário da garota e essa confusão toda aconteceu por causa do maldito do Rudá.

Na verdade, eu fui egoísta e nisso Rudá tem razão. eu não me revelei para Desiree porque queria que ela soubesse, mas porque queria estar um passo à frente do Rudá. Apenas porque não quero que ela seja dele, mas inferno! Ela não vai ser e aquele psicopata só quer me forçar a marca-la.

Demônios por que?

Ele não se envolveu tanto entre a Grace e o Raony, não sei o que se passa na cabeça desse cara.

Lagertha deita-se no sofá e repousa a cabeça no meu colo.

— Está carente, sua quenga. — Ela se rende ao carinho que faço em seu pescoço coberto por pelos, — será que ainda dá tempo de desejar um feliz aniversário para ela?

Lagertha late, zapo para o banheiro e tomo um banho, procuro por uma roupa no armário enquanto minha cadela morde o sapato que escolhi usar. lanço um olhar de repreensão para ela, que deixa o sapato para correr pelo quarto.

— Acho que alguém está feliz.

Não comprei presente algum para a garota, Demônios, melhor eu não ir lá.

Uma hora dessa todas as lojas estão fechadas, ainda assim pego minha cadelinha e zapo para fora do prédio, coloco-a no chão e ando pelas ruas desertas. não sei porque estou indo em direção a loja Aquarela certamente uma hora dessas ela está fechada.

Mas estou redondamente enganado, pois a lojinha ainda está

aberta, abro a porta com a rapariga ao meu lado. há várias matérias de pinturas e desenhos artísticos distribuídos entre os corredores, sigo para o balcão onde tem uma senhora contando as notas no caixa.

— Estou para fechar rapazinho, — ela nem se quer olhou para mim. Corajosa por estar com a loja aberta uma hora dessas ela tem cabelos grisalhos embora sua voz seja jovial. — Vai ficar aí me olhando? Ora, meu rapaz sei que sou linda, chego até a ser divina, mas preciso fechar minha loja.

Sorrio e dou uma olhada rápida pela loja, não fazendo ideia do que comprar. A senhora roda o balcão e lança um olhar carinhoso para a quenga.

— O que deseja?

— Eu ainda não sei, acho que preciso de tudo.

— Esses jovens sempre querem tudo e acabam ficando sem nada — sigo a senhora rechonchuda pela loja, — sou a Dora e não sou aventureira. — Ela ri e eu não entendi, acho que perdi a piada. — Minha netinha gostava de assistir o desenho. Então, já se decidiu?

— Ainda não. — Percorro o dedo pelos pincéis — por isso que eu disse que quero tudo, caderno, lápis, tintas aquarela, pastel seco, a óleo...

— Já entendi, já entendi e desse jeito vou perder meu jogo de pôquer! — Ela pega uma cesta e começa a encher, a ajuda colocando coisas aleatórias. — Gosta de pôquer?

— Sei jogar.

Seus olhos chegam a brilhar, típico de um viciado.

— Então deixo o convite para aparecer nesse fim de semana na casa de jogos, vamos ter até jogo de bingo. — Faço uma careta para ela. — Não diga que é jogo para velhos, pois é divertido.

— Tudo bem, apareço um dia desses aqui.

— Eu não disse que seria aqui. Minha loja não tem jogos...

— Hun rum... — Ouvi o barulho de pessoas atrás da loja, deve ser onde os jogadores estão aguardando a Dora.

— Tudo bem é aqui, mas ninguém pode saber disso meu bom jovem, esse novo delegado é um pé no saco! Somos apenas velhos gastando nossa aposentadoria com apostas, que mal há nisso? — Dá

de ombros e volta para o caixa, a sigo pegando o cartão na minha carteira — acho que sua namorada vai gostar do presente.

— Ela não é. — coloco o cartão na máquina e dígito a senha. — Como sabe que é para uma garota?

— Vi você aguardando-a no carro um dia desses. — Fico sem jeito e acho que ela notou. — Então o presente é para outra garota, — confirmo acenando com a cabeça. — Não me disse seu nome.

— Marlon.

— Marlon que você tenha uma boa noite, volte sempre. — Me entrega as sacolas.

Pego todas as sacolas, olho o relógio na parede da loja. se eu zapar vou chegar a tempo, abro a porta e antes de sair dou uma última olhada para Dora que me encara com certa expectativa no olhar.

— Dora com toda sua experiência de vida o que a senhora acha que significa essas palavras: Se você é incapaz de cuidar da sua própria vida, eu terei que cuidar dela. Uma pessoa disse isso para mim. — Não sei porque estou compartilhando esse assunto com uma estranha.

— Bom a menos que a pessoa seja uma fofoqueira que gosta de cuidar da vida dos outros, acredito que soa mais como alguém preocupado com o rumo da sua vida, as vezes tomamos decisões tão estúpidas, queremos coisas que está fora do nosso alcance... O meu filho por exemplo, queria ter uma moto quando nem sabia andar de bicicleta, claro que não dei e sabia que estava protegendo a vida dele, ele só tinha quatorze anos na época.

Ela conclui com um sorriso no rosto, nunca conheci uma humana tão amigável. além da Grace Jane, claro.

— Obrigado Dora e boa noite.

Saio da loja e procuro por um beco para zapar até a Desireé, preciso explicar as coisas para ela.

Eu terei que cuidar dela...

Demônios.

Rudá fixou essas palavras em minha mente e agora não consigo parar de pensar nelas, mas e se a Dora estiver certa "*protegendo sua vida*". O Rudá pode estar sendo mal interpretado, mas por que

caralho ele não fala de uma vez? Por que veste a armadura de vilão?
Ele não se importa com o que pensamos dele. De fato não entendo
muito esse cara.

CAPÍTULO TREZE

Elie Anjo - Demônios Reais



á centenas de regras nesse mundo e uma delas é não se
Henvolver com homens comprometidos com a falta de
compromisso, sei que o senhor Chandler é esse tipo de
homem ainda assim não consigo esquecer o beijo.

Não devia estar pensando no que aconteceu, mas meu coração
é trouxa. a Grace me explicou coisas que se eu não tivesse visto o
senhor Chandler desaparecer na minha frente não acreditaria, sou o
que parece o tipo de outra metade de um demônio bem mais velho
que eu.

De repente tudo na minha vida se complicou mais ainda, não
bastava ser a filha de um mafioso afugentada da sua própria casa,
tenho uma marca em meu pescoço que me faz propriedade de um
demônio e para piorar mais ainda o irmão mais velho do senhor
Chandler está em um tipo de competição com ele por mim.

Inacreditável!

Não era esse tipo de coisa que queria descobrir ao completar
meus dezoitos anos, eu não consigo dormir com tanta coisa
martelando em minha mente, sem contar que esse sinal que até
então não tinha importância nenhuma para mim, está formigando.

Estou com a temperatura do corpo muito quente. levanto da
cama e vou para a cozinha, encho o copo com água e volto para a
sala ligando a TV, Rucinho dorme do lado de fora na varanda, em
uma rede, agora parece um guarda costas.

Em pensar que ele escondeu tudo de mim esse tempo todo.

Observo a vista pelas janelas de vidro enquanto tento controlar a ansiedade.

— Desireé. — Solto um gritinho assustada com a aparição do senhor Chandler na sala, — desculpa por assusta-la.

Seguro o copo que estava preste a deslizar e cair ao chão.

— E como assustou. Deus, não tem como avisar antes de aparecer? — Caminho até o centro da sala e deixo o copo na mesa de centro, — O que quer?

Percebo que ele está com uma sacola, e com a cadelinha ao lado dele.

— Viemos te desejar um feliz aniversário. — Se acha que vou cair nessa de homem fofo com um cachorro está muito enganado, a parte mais difícil é não me render ao seu charme, ao seu olhar confiante. Ele estende a sacola para mim como não está em nenhum embrulho identifico as matérias de pintura — Esse é o meu presente para você.

— Não sou de recusar presentes. — Por isso pego a sacola — obrigada, não entendo porque voltou aqui para me dar isso.

— E para lhe dar explicações, eu não devia ter me comportado daquela forma. hoje é seu aniversário e você mal comemorou para ficar pensando em tudo o que eu disse.

— Se é por causa disso a Grace já me explicou as coisas.

Ele semicerra os olhos e suspiro.

Tudo nele me deixa desconfortável ainda mais agora, ele não me quer e se me beijou com certeza foi por qualquer outro motivo, se ele não me aceita como a sua predestinada não me importo.

— E você não quer me fazer alguma pergunta?

— Não.

— Desireé...

— Está legal eu quero, — jogo as sacolas no sofá. — Quero saber por que não me disse nada quando me conheceu? Não me quer?

— E você me quer? Não. Quer o Ructon. — Ele não me responde, lentamente caminha até onde estou, permaneço sem ter controle do meu corpo quando ele me olha assim, quando fala com essa voz. — Quero que pense apenas em mim.

— Ora, senhor Chandler não faz bem se iludir demais. — Estou confiante que não sou sua escolha, mas sua obrigação. Me agacho e aliso a Lagertha. — Olá lindinha — ela retribui com uma lambida.

— Por que cismou em me chamar de senhor?

— Você que começou a me chamar de garotinha.

Levanto o meu queixo, estou imobilizada pela sua presença tão próxima a mim, por seu cheiro envolvente que não sai da minha cabeça. eu nunca gravei cheiros e agora tenho o cheiro desse homem me atormentando desde que ele me beijou mais cedo.

— Já volto. — Ele pega a coleira da Lagertha. — Vamos rapariga. — Ele desaparece com a cadela e em questão de segundos retorna sem ela — Não me chame de senhor. — Sei para onde esses olhos estão focados, em minha boca. — Desireé eu quero que seja minha garota, para isso terá que se comportar como tal.

— Em que século você vive? — Falo em desgosto — Quero muito mais que ser sua garota, pois para mim isso não é o suficiente, quero fidelidade.

Por um momento achei que ele sairia correndo, porém simplesmente engoliu meu pedido em silêncio, nenhuma resposta por alguns segundos até que finalmente responde:

— Vamos tentar desse jeito.

Fecho meus olhos por alguns segundos sentindo mais uma pontada em minha cabeça, fiquei praticamente o dia todo imaginando como seria ter o Senhor Chandler... Quer dizer o Marlon como homem, tentei dissipar esses pensamentos, mas... Droga. Não é bem assim que as coisas funcionam — primeiro que mais cedo eu estava me declarando para outro cara, — segundo até antes do beijo acontecer, de descobrir que somos predestinados. a visão que tinha desse homem é que ele não passa de um cafajeste.

E ainda continuo tendo essa visão...

Sim.

Me recordo da sua noite no cio com aquela mulher entre inúmeras coisas que tive que suportar enquanto me recuperava em sua casa, sua rejeição, que agora tem todo o significado para mim.

Ele me expulsou da sua casa, me tratou como se eu não fosse importante. Talvez, porque eu realmente não seja ou melhor como a

Grace disse: Ele só precisa que eu esteja viva, que eu não o rejeite.

— Não vamos tentar nada, sei que está fazendo isso para garantir que não serei de outro homem, que não vou rejeita-lo precisa de mim para estar vivo. — Pronuncio tudo de maneira calma, não é minha intenção humilha-lo ou me vingar — Não me sinto preparada para me envolver com um homem como você.

— Mas se sente pronta para se envolver com o Ructon... — Estou sendo acusada, passo os braços em torno do meu corpo, quero me proteger dele e do efeito que causa em mim.

— Eu me declarei para ele e recebi um fora. — Confesso, corada, respiro profundamente pronta para continuar. — Ele é diferente nunca me tratou com falta de respeito.

— E eu sim? — Seu olhar cru analisa minhas reações, ele deve saber o que está causando em mim, sinto outro pinicar na nuca e tento ignorar. — Desireé, eu sei que fui um babaca e só estou pedindo mais uma chance.

— Por que isso agora? — Não me contento em perguntar apenas isso — Eu prometo que não vou rejeitá-lo e não vou correr atrás de outro homem...

— Eu me senti atraído por você mesmo antes de saber que era minha fêmea me afastei e a mantive longe não apenas pela sua idade, encontrei você quase morta no meio da floresta, depois descobri que sua mãe tentou matá-la e se um dia encontrar essa mulher eu vou fazer com que se arrependa de todo mal que lhe causou, — seu tom se torna ameaçador — Eu me senti muito mal por não proteger você, estava na cara que estava passando por um período difícil da sua vida, na verdade ainda está passando por ele, não queria que descobrisse tudo agora. Acima de tudo não queria...

— Ele toca em meu ombro deslizando o dedo em minha carne suada, na região onde fica o meu sinal. — Que você estivesse ligada comigo, marcada e descobrindo que faz parte de um mundo que pode ser considerado assustador.

Seu toque rasteja até meu rosto e sinto um frio percorrer minha espinha, arrepiada e totalmente envolvida, dominada e odeio o efeito que causa em mim, posso mesmo acreditar em suas palavras?

Direi sim toda vez que esse homem me tocar?

Sou envolvida pela sede em seu olhar, sei que ele quer a mesma coisa que venho pensando o dia todo, outro beijo, outros toques.

— Isso quer dizer que será apenas meu?

— Sim.

Sei que tudo é imprevisível que ele pode estar falando isso apenas para ter o controle sobre mim. Não posso negar que estou muito interessada nisso que está acontecendo entre a gente. Mas é um risco muito grande, serei atormentada pelo resto dos meus dias se eu lembrar desse exato momento e me arrepender de ter dito não. É uma balança, pois também serei mais atormentada ainda se disser sim e essa for a decisão mais estúpida que tomar, tenho medo que ele possa esmagar meu coração e transformar em migalhas.

Lentamente volto a permitir que meu corpo fique mais próximo a ele.

Terei que me arriscar se esse é o caminho para encontrar um destino feliz.

— Então sim... Mas eu não tenho a mesma experiência de vida que as mulheres que você costuma ficar.

Esse é o momento mais estranho da minha vida, estou dizendo para um cara que além de ser virgem sou totalmente inexperiente. com certeza assistir filmes eróticos ou qualquer coisa do tipo são coisas que nunca fiz, a única aproximação de sexo que eu tive eram os sons produzidos no quarto da minha... meu corpo fica tenso, travado, sem saber como reagir... Marlon apenas carrega no rosto uma expressão mais aliviada, com os braços cruzados no peitoral.

Como ele não me respondeu nada aproximo-me e fico na ponta do pé toco em seus lábios de maneira tímida — nas cenas dos filmes românticos que eu era permitida assistir sempre terminavam com um beijo ou com coisas que ainda não me sinto preparada para fazer...

— Eu não vou forçar você a nada Desireé, — fala com os lábios próximo aos meus — mas não sei se vou conseguir controlar meu lado desesperado por sexo, por isso não se assuste quando me ver excitado toda vez que tocar em você. — Deus ele fala de uma maneira tão normal, meu rosto ferve ainda assim mantenho o olhar nos dele. Meu estômago revira pelo inusitado fato que posso deixar

um homem desse jeito — nesse momento por exemplo, — diz movendo os dedos pela minha nuca e direciona minha cabeça para mais perto, nossos lábios estão quase unidos — eu quero fazer coisas que você acabou de dizer que não se sente pronta, como não posso, então vou abusar e usar das coisas que você se sente pronta.

Ele prende minha cintura e me beija, nada inocente como o beijo que lhe dei, mapeia minha boca me arrancando arrepios e fracos suspiros, move sua língua de maneira desesperadora, um pouco faminto e demonstrando que um beijo não pode sacia-lo, suas mãos se movem apalpando o meu quadril, sinto cada músculo rígido dele acompanhar o movimento da sua respiração é o nosso segundo beijo no mesmo dia.

Mas sinto que se dependesse dele não ficaria apenas em um beijo ardente, Marlon afasta o beijo e seu olhar está mais aceso.

Será o lado fera dele que está ficando fora de controle?

Ele retoma o beijo fazendo coisas com a língua que nunca imaginei ser tão arrebatador, o mais incrível de tudo é que entre minhas pernas a umidade começa a surgir. Marlon larga meus lábios para me provocar com toda sua experiência e isso transcende o limite de qualquer prazer que senti.

Distribui beijos na região do meu pescoço indo até meus ombros, beijos que se parecem mais com tentativas de me abocanhar, provar, lambe... E ele fez isso, lambeu o meu sinal e em seguida sugou a minha pele, soltando bruscamente e fazendo barulho.

Deve ter deixado alguma marca.

— Marlon... — Estou com dificuldade de me manter em pé, minhas pernas estão fraquejando.

— Minha conclusão é que você é deliciosa, eu gosto do seu sabor. — Ronrona, acho que ele perdeu o controle.

Marlon emaranha meus cabelos com sua mão, por um momento achei que ia me puxar para outro beijo, e que beijo! Minha boca ainda está sensível a ele e querendo mais... Mas ele continua enterrado em meu pescoço, me cheirando e me mantendo presa.

Algo duro e volumoso cutuca meu ventre, sei o que é, certamente estou feliz — estou sendo desejada, estou causando isso

nele. Não sou uma garota horrenda que minha mãe me chamava, me ridicularizava.

Marlon está me fazendo acreditar que não sou, eu não quero ser.

Pela primeira vez quero ser algo que nunca imaginei ser — quero ser a fêmea perdição do Marlon. Na verdade, essa posição já é minha, só minha.

— Amanhã vou vir buscar você para irmos ao nosso primeiro encontro.

— Certo.

Ele me olha com os olhos chameçando em um brilho que não estava ali, devo estar me iludindo, mas não quero pensar sobre isso. Eu tenho o Senhor Chandler... quer dizer, o Marlon, confirmando um encontro comigo e eu nunca fui a um encontro.

— Boa noite. — Deixa um beijo casto em minha testa antes de desaparecer por completo.

Solto um profundo suspiro com a mão em meu peito, as batidas irregulares do meu coração não se comparam com o latejar entre minhas pernas, pego minhas sacolas e corro para o quarto. Primeira coisa que faço é tirar a calcinha molhada. Que vergonha! Espero que ele não tenha sentido o cheiro de nada já que ele é um lobo.

Idiota. Ele deve ter sentido, derramo as coisas da sacola na minha cama e começo a esparramar, sorrindo como uma boba, Ructon me deu uma coleção de xícaras personalizadas com as animações do estúdio Ghibli "*A viagem de Chihiro*" simplesmente adorava quando criança e continuo gostando, assistir todas as animações com o Rucinho e entre minhas preferidas estão: *A princesa Mononoke*, *As memórias de Marnie*, *O castelo animado*, e o último que me fez chorar litros *Vidas ao Vento*. Amei a coleção de xícaras e cada dia usarei uma.

Mas nesse momento os presentes do Marlon também me agradaram. comprei algumas telas para usar essas tintas, por enquanto vou me contentar em pintar aquarela, me jogo na cama com um sorriso largo, são tantas coisas para sentir, tantas coisas para viver.

Engraçado, acordei acreditando que amava o Ructon e agora

vou dormir pensando no Marlon.
Feliz aniversário para mim.

CAPÍTULO QUATORZE

Elie Anjo - Demônios Reais



Sou um fodido de um cafajeste por estar agindo assim, prometi a garota que não me envolveria com mais nenhuma outra mulher, mas porra eu não quero ficar na coleira como o Raony. tive que dizer que sim para ela ficar comigo.

Entretanto, depois que nos beijamos novamente algo dentro de mim aceitou o fato que com a Desireé as coisas podem ser diferentes. Não sei como vai ser, como vou me comportar em um relacionamento já que nunca estive em um, ainda mais privado de sexo.

Tenho que ter em mente que minha fêmea está passando por um momento difícil, ser paciente, mas paciência não é nem de longe meu forte.

Ela é muito sensível ao meu toque, tive que sair de lá correndo de pau duro porque seu cheiro de fêmea excitada estava me enlouquecendo, me persuadindo a continuar com o beijo até que estivesse afundado nela, lambendo cada gota do liquido da sua excitação.

Para completar tenho um sonho quente durante a noite e advinha com quem?

Que caralho é esse?

Abro os olhos vendo os lençóis enrugados da cama cobrindo

uma mecha de cabelos loiros. Não.

Caralho não! A minha promessa de fidelidade foi para onde?

Sou um grande filho da puta, transei com a Helena e nem me lembro onde começou e como chegamos aqui, sou um animal, nesse momento estou me repudiando por não cumprir uma promessa, promessa é promessa.

E não a cumprir vai contra minha natureza.

Mas tudo indica que eu estava enganado, a loirinha se vira na cama sussurrando meu nome.

A voz dela está um pouco distante, ainda não caiu a ficha, ela vem até mim com a língua para fora.

Encaro além da visão da Helena, do outro lado da cama a Desireé nos observa com um semblante abatido. Demônios. Minha fêmea está chorando.

— Você é um mentiroso Marlon, te odeio. — Como ela chegou aqui?

Ah, não. Tento me levantar, mas sou impedido pelo peso da Helena, não me recordo dela ser tão pesada.

— Não vai a lugar nenhum...

Sou impedido de sair da cama e começo a receber lambidas, fico mais desesperado ainda ao ver que minha fêmea desapareceu, sua ausência deixa uma lacuna dentro de mim.

— Para de me lamber Helen... — murmuro ouço um latido, abro os olhos de imediato. — Lagertha, sua quenga, saia de cima de mim!

Grito ao acordar do sonho tenebroso que eu tive, minha cara está coberta de baba da quenga, com o pau enrijecido debaixo dos lençóis apontando para cima como uma seta.

Sento na cama me sentindo aliviado.

Não quebrei a promessa.
Ufa!

Mal comecei o relacionamento e já estou sendo atormentado.
Tomo um banho para acalmar o calor, estou irritado.

Acordei de mal humor, foi uma noite péssima, um sonho péssimo.

E puta merda que não encontre uma boceta fácil na minha frente que eu não sei o que será de mim!

Não tomo café, pego o elevador até D1 (andar onde fica o Studio)
D de Demônios.

Volto para minha sala e minha atendente que me ajuda no estúdio está recepcionando uma cliente, dou um breve cumprimento, ela deixa boa parte das coisas organizadas pelo menos eu e a Desireé temos algo em comum, gostamos de desenhos.

Calço as luvas e uso máscaras quando toco em meus equipamentos.

Ligo a máquina na fonte, tentando focar nos traços das minhas tatuagens, não no sonho louco ou algo que diz respeito a Desireé.

Ela tem abundância em beleza, suas curvas são bem preenchidas.

Não há nada de experiente nela, mesmo assim me envolvi em sua delicadeza, ela é tão aconchegante e gostosa...

Sou despertado pelos saltos da cliente que acaba de entrar, hoje tenho membros do clube de motoqueiros, demônios para atender, será um longo dia.



Na hora do almoço atravesso a rua para comer alguma coisa no restaurante recém-aberto ao lado da loja da Grace Jane, aproveito para comprar alguma coisa de sobremesa. Ao abrir a porta o sininho toca, há alguns clientes sendo atendidos pela Desireé então prefiro não incomodar, escolho alguns biscoitos caseiros com gotas de chocolates, aguardo ser atendido no caixa.

Desireé continua dando atenção a um casal, me atento a um cara do outro lado da loja que não tira o olho dela, embora ela esteja muito descontraída conversando com o casal isso não alivia em nada.

Por que tem que sorrir tanto?

E ficar balançando esse cabelo selvagem, mas tudo nela soa de maneira tão natural não parece que é para chamar atenção. Claro, que meu subconsciente não entende que é uma situação normal, ela está sendo admirada por outro cara porque ela é linda e eu sou um filho da puta possessivo que não divide o que é destinado a ser meu.

— Desireé, eu não tenho o dia todo. Preciso pagar por esses biscoitos. — Sou um pouco rude, mas a fiz largar o que estava fazendo para me dar atenção. — Você tem um péssimo atendimento, não é porque nos conhecemos que sou obrigado a ser ignorado e ser atendido quando bem lhe convém.

Confusa ela me encara, levemente irritada, Demônios, sua pele dourada quase morena é o vislumbre da própria tentação, e hoje, justo hoje, ela tinha que usar essa roupa, essa bata de renda onde deixa visível o tope preto por baixo contornando seus seios bem volumosos, ousada em usar um short jeans mais curto apertando seu quadril largo e suas coxas mais carnudas, porém bastantes firmes. Tudo isso em perfeito equilíbrio, aprumado em sua postura ereta.

Foco em tudo nela e meu corpo começa a ter reação toda vez

que estou próximo a ela, que sinto seu cheiro, que esses olhos esmeraldas brilham em altivez. Realmente ela nasceu em um berço de princesinha mesmo não tendo o comportamento fútil é notável seu diferencial na educação, postura e em determinados momentos.

Mas não vou dar o gostinho dela saber que estou enciumado — do efeito que ela está causando em mim.

— Digo o mesmo, você é um péssimo cliente e para de me olhar assim. está me constrangendo.

Não quero coagi-la, na verdade, quero zapar com ela para o meu quarto e transformar aquele beijo em uma faísca para acender uma fornalha que dure a noite toda, me deleitar com cada minuto que passar dentro dela.

É nisso que dá!

Fazer promessas, me aproximar da minha fêmea perdição. Eu estou ficando cada minuto mais perdido, com a porra de um tesão por essa garota que está transformando o "cio" apenas em uma preliminar para o que quero fazer com ela.

— Marlon?

— O quê? — Me dou conta que estou mordendo a língua com minhas presas expostas. Caralho, minhas garras deu uma crescida também, nem preciso descrever que meu pau já estava querendo ultrapassar minha calça.

Eu não posso continuar assim, preciso me enterrar em alguma boceta. Eu sinto o quanto ela está desconfortável e também não ajuda muito quando ela fica assim, adorando o que está fazendo comigo.

Sou um filho da puta por ser assim? Sou, mas antes de conhecer essa garota era um filho da puta feliz e satisfeito enterrado em alguma boceta.

Agora nem esse misero desejo posso ter!

Caralho, caralho, caralho!
Obrigado Oric, obrigado maldição, obrigado filho da puta do Rudá. Claramente ele fez isso tudo para me infernizar.

— Marlon, o pagamento. — Capturo o nervosismo em seu tom,
— por favor.

Pego meu cartão na carteira e dou para ela, coloca na maquininha e digita o valor, não consigo nem se quer deixar a garota trabalhar em paz, pois seus dedinhos digitam nervosamente e me entrega a máquina com rubor no rosto.

Digito a senha ela tira a via do cliente e ao me entregar nossos dedos se tocam rapidamente, sinto aquela porra de faísca. Não sei o que está acontecendo comigo, talvez o Raony deva saber.

— Eu não vou poder ir ao nosso encontro hoje, sinto muito. —
Agora acabo de assustar a garota a ponto de cancelar o encontro comigo.

Demônios.

— Por que não?

Não escondo minha indignação, estou fora de controle desde ontem, desde o sexo que queria ter e não tive, desde hoje de manhã esse pesadelo assustador e a sensação que fez qualquer medo que já tive um dia serem nada diante disso: Da sensação de perder, de não sentir a presença da Desireé.

Tudo isso é toxico e está me corroendo.

— Hun... Tenho que comprar algumas coisa, um celular e algumas telas. — Desculpas!

— Podemos fazer isso depois ou antes do nosso encontro.

— Não dá...

— Então eu vou com você, comprar as coisas...

— Não precisa.

— Desireé chega! — Pelos Demônios, ela esbugalha os olhos afastando-se do balcão que acabo de dar um soco, — Não tinha desculpas melhor para inventar? Não me evite, já disse que não vou fazer nada que você não queira. Não está sendo fácil para mim também, vou tentar melhorar nisso.

Não vou. Viver sem sexo é pedir para morrer de tédio. Quero ter a chance de conhecer algo além disso, mas pelo visto ela não está disposta a colaborar.

— Pode ir comigo comprar as coisas, eu vou assim que sair do trabalho.

— Estarei aqui.

Pego o pacote de biscoito e dou uma encarada para o cara que estava secando minha fêmea. Atravesso a rua para voltar para o estúdio xingando alguns nomes.

Não consegui mais trabalhar
cancelei os clientes agendados e fico jogado no sofá do estúdio,
quenga se joga no sofá mordendo meu pé.

— Você está de castigo, não era para ter saído de dentro de casa. — Reclamo para ela e jogo um biscoito. — Estou fodido quenga, a maldição me deu uma rasteira, já posso até sentir uma coceira no meu pescoço e daqui um dia terei uma coleira como a sua. — Jogo outro biscoito, um pouco mais longe para vê-la correndo e desajeitada escorregando no tapete abocanha o biscoito. — Mas nem fodendo quenga, nem fodendo.

Zapo para meu apartamento para tomar um banho e bater uma debaixo do chuveiro, não posso sair com a garota no estado que estou. a Helena me liga, o celular toca em cima da cama enquanto me enxugo. Não atendo.

Não é como se estivéssemos em algum relacionamento para eu

terminar com ela, portando não devo satisfação da minha vida.

Como combinado espero a Desireé fechar a loja e guardar a chave na sua mochila.

— Você quer ir de moto ou de carro? — Pergunto segurando sua mão miúda que é totalmente coberta pela minha.

— Nenhum dos dois, podemos ir simplesmente andando.

— Tudo bem.

Andar por essas ruas segurando a mão de uma garota, cara isso nunca aconteceu... nunca pensei ficar com a sensação de satisfeito só por causa desse simples gesto.

— Ali. — Ela aponta para uma loja. — É onde vende o celular que eu quero.

— E você tem dinheiro para comprar?

— Assim você me ofende. Acha que eu trouxe você para me bancar? — Forma uma tromba com a boca.

— Calma, só perguntei...

Perguntei inocentemente, não quis ofende-la, Desireé solta minha mão e se distrai com as prateleiras, os celulares estão na entrada e há de vários modelos, dos mais simples aos mais caros.

Observo seu olhar cobiçar um celular de último modelo por alguns segundos, depois desvia a atenção para um mais inferior.

— Quero esse aqui. — Mentira, ela quer o mais caro. Não sei se quero ri ou provocá-la. — A vista tem desconto? — Pergunta ao vendedor.

— Não senhora o valor continua sendo 70 reais.

— 70 Reais sem o chip, não adianta nada comprar um celular sem um chip... — Continua tentando barganhar.

— 70 reais. — Confirma o vendedor.

— Aqui o valor. — Ela está chateada e sei o motivo. Demônios, ela é fofa.

— O pagamento é feito no caixa senhora. — O vendedor faz pouco caso dela para dar atenção a outro cliente e pelo visto o outro cliente está querendo comprar um celular mais caro.

— Obrigada, você é um ótimo vendedor. — Desireé cruza os braços emburrada e nesse momento estou com uma vontade de dar uma surra no vendedor. — Como posso levar o celular se nenhum vendedor me atende? Eu vou para o caixa passar vento? Vou pagar 70 reais se nem fez questão de pegar o aparelho para mim — começa a fazer birra, — eu quero meu celular com um chip, por favor!

Prendo o riso, ninguém ignora minha garota.

— Senhora eu preciso atender outra cliente...

— Mas você não terminou de me atender!

Tomo a frente dela e aponto para o celular que ela estava cobiçando.

— Me dê aquele, — é o mais caro da prateleira. O atendente me encara confuso. — Esquece esse celular e me dê aquele.

— Marlon, não vamos exagerar nem cartão de crédito eu tenho para passar esse celular. Me dê o de setenta reais, por favor. — Que teimosa.

— Esse aqui nem acesso à internet tem Desireé, não vai poder me mandar nudes... — Passo a mão no queixo rindo e desarmando ela completamente, cora e pisca perplexa, da mesma forma o vendedor fica sem reação. — Quero aquele e você já entendeu, não é? — Continuo a encarar o vendedor.

— Não concordei com isso... — Ignoro Desireé quando vou em

direção ao caixa com o celular na mão. — Marlon...

Passo o celular no cartão de débito, pego sua mão e seguro firme.

— Não solte mais a minha mão para discutir com vendedor. — Entrego a sacola a ela. — Cadastra e me passa seu número, se quiser me mandar um nudes...

— Para! — Ela me dá um empurrão, sorri sem nem consegui esconder o quanto está sem jeito. — Obrigada, como sabia que queria esse?

— Já consigo saber o que você quer. Sou um macho bem treinamento. — Rio, — qual o próximo passo desse encontro, huh? Suas telas? — Beijo a pontinha gordinha do seu nariz sem me importar que parei no meio da rua para praticar esse ato: — Depois de um beijo quem sabe. — O ato de beijar a Desireé.

no começo ela é um pouco tímida e depois a vontade de zapar só aumenta, ela não está confortável provavelmente por estarmos no meio do movimento da rua, interrompo e beijo e digo: — Vou parar o movimento por alguns segundos e então vamos zapar.

Ela não entende, só preciso de dois segundos com esse movimento congelado para impedir que nos vejam escapar, paro os segundos usando uma habilidade que tenho, proibida de usar pelo meu pai e pelo Rudá, depois que o tempo congela, zapo para um lugar mais reservado — no parque onde costumo levar a quenga para passear, está quase escurecendo...

Sentamos em um banco, ela tira o aparelho da sacola e faz o cadastro. Como está sem internet compartilho a minha com ela, acaricio sua nuca enquanto Desireé está com a cabeça encostada no meu ombro instalando os aplicativos.

— Uau...essa sua foto de perfil está uma coisa. — Se refere a uma foto minha em um aplicativo de mensagens tirada na academia, isso me faz lembrar que meu celular está cheio de nudes. Ela levanta o celular em nossa direção e encosta seu rosto no meu, *clic*, tira uma

foto. — Essa vai ser minha foto de perfil, meu namorado.

Digita nos status: "*Eu e meu lobo.*"

Acompanho cada movimento me sentindo um tanto relaxado, nesse momento parece que não há nada faltando na minha vida... Sexo, talvez.

CAPÍTULO QUINZE

Elie Anjo - Demônios Reais



Ficamos um tempo no parque, depois a levei para a lojinha da Dora onde ela pode comprar suas telas, Desireé passou o caminho todo me falando que ela vai pagar pelo que comprar, abro a porta e espero ela entrar com o celular na mão assim que Dora me vê sai de detrás do balcão, encara a minha namorada cheia de especulação e nem disfarça sua cara de satisfação.

— Marlon... — Apalpa o meu braço e eu estranho o gesto. — Que bom que está aqui e quem é essa linda?

— Esta é a Desireé, minha namorada. — Apresento um pouco sem jeito, o sorriso iluminado da Dora não ajuda em nada. — Ah, certo não esqueça nosso encontro proibido mais tarde... — Pisca para mim.

É hoje.... Não estava em meus planos passar a noite jogando pôquer com um grupo de velhinhos, mas posso me arrepender das consequências dos meus atos se ficar em casa sozinho, do jeito que estou desesperado por uma transa melhor ficar na companhia de cartas e conversa de idosos.

— Tudo bem, estarei aqui... — Desireé se afasta do meu aperto, ela está muito distraída olhando em volta da loja.

— Temos de tudo querida, Marlon meu bem hoje você está muito bonito ou melhor você sempre está bonito... — Desireé passou

a prestar atenção na conversa — Não fique com ciúmes, estou velha, mas não estou morta e como queria um foguete desse para me levar para a lua e não voltaria nunca mais.

Sou levado a rir, Desireé parece mais à vontade embora estou achando ela estranha desde que começou a ler as mensagens no seu aparelho, silenciosa eu diria. não vou questionar nada estamos no início de um relacionamento e não quero ser muito invasivo em seus assuntos. Ela pega três telas em variados tamanhos e vai para o caixa, me pergunto o que ela pretende pintar.

Aguardo ela passar a compra no caixa depois torno a segurar sua mão, pego a sua sacola e ela encosta a cabeça em meu peitoral.

— O que foi gatinha? Estou sentido você mais...

— Bad...

— O que aconteceu?

— Acho que é apenas cansaço, me leva para casa?

Não é apenas cansaço e isso está gritante, não vou me prestar ao papel de interroga-la, a guio para um beco e zapo com ela, deixando Desireé na porta de casa e entrar nela já será um perigo.

— Não vai entrar e me colocar para dormir?

— Não é uma boa hora para me provocar. — Não mesmo, se ela soubesse quais são minhas intenções, dormir nem passou pela minha cabeça.

Ela me encara em descrença.

— Desculpa não foi essa intenção o Rucinho me fazia companhia até que eu pegasse no sono.

Evidentemente o Ructon curte mais caras do que mulheres, mas quando o assunto é a minha mulher nenhum cara pode fazer o que eu não faço, sendo assim topo:

— Eu coloco você para dormi, baby.

Demônios!

Oric me dê forças, vou precisar muito.

Deixo o meu corpo afundar no colchão, é uma tentação ter a Desiree enroscada em meu corpo apenas de camisola, ela se deitou ao meu lado depois de tomar um banho e até então não puxou nenhum assunto.

— Não quer mesmo me contar o que está acontecendo? —
Embalo o corpo pequeno dela em meu braço, pois é. Já estou interrogando a garota.

— Se eu lhe contar, as coisas entre a gente vai mudar...

Agora a pulga atrás da minha orelha me deu uma mordida.

— É mesmo? Me diz como?

— Vamos nos tornar mais íntimos.

Passo a brincar com os dedos em meu peitoral, e nisso os meus pensamentos estão vagueando para a palavra "íntimo" daquele jeito gostoso, selvagem... vergonhoso cara!

Essa garota vai acabar sofrendo em minhas mãos se for do jeito que estou pensando, ah, caralho ela vai sofrer muito nas minhas mãos, no meu pau. Seu par de olhos esmeraldas me observam enquanto finjo está compenetrado, observando as cortinas flutuarem na janela, e a noite lá fora, e a fresca que bate... E porra nenhuma estou pensando na palavra "íntimo" estou pensando em putaria. Meu pau estúpido está todo empolgado em minhas calças, limpo a garganta engolindo uma remessa de saliva, quero um pouco de água de repente tudo ficou quente.

Não tenho culpa, sou assim.

— E não é essa a intenção? — Pergunto, sinto que estou

chegando lá. Torço que pelo menos uma preliminar tenho que ter, mesmo que o sexo fique para outro dia, para aquela parte "de quando ela estiver pronta. "

— Eu sei, mas não sei se vai valer a pena compartilhar essas coisas.

— Pode falar... — Começo a descer a mão até suas costas, — eu também vou compartilhar algumas coisas que estou pensando.

Meu sorriso se torna malicioso e ela me encara com estranheza, suspira um tanto melancólica e diz:

— Eu usei meu antigo e-mail e tinha várias mensagens do meu irmão dizendo que está procurando por mim.

Por que de repente a conversa ganhou um tom fúnebre?

Sou um péssimo macho, a garota demonstrava sintomas de carência, solidão e preocupação, ela só quer compartilhar com alguém. agora entendi o que o Ructon fazia quando se deitava ao lado dela, não era apenas para colocar ela para dormir — fazia companhia e ouvia seus desabafos. Mas me sinto um idiota por pensar apenas com o pau, quando minha fêmea está sofrendo sem contar nas coisas que ela passou na mão da mãe dela, centenas de coisas pretendo fazer com a maldita antes de finalmente arrancar a cabeça dela e sair arrastando pelo meio da floresta. Aperto mais o corpo dela no meu e beijo seu rosto, afago e desejo espanta tudo o que a faz sofrer.

— Desculpa princesa.

— Por que está me pedindo desculpas? — Ela ergue os olhos sonolentos — eu que peço desculpas por compartilhar essas coisas com você.

Não sabe as coisas que estava pensando e que nunca serei capaz de compartilhar com ela, fazer...talvez.

— Pode compartilhar eu não posso dar os melhores conselhos

como o Ructon, mas eu prometo dar toda a minha atenção. — Vou me concentrar mais em ouvi-la e tentar entender, sou muito fodido e egoísta. nunca me prestei a fazer isso e agora pela minha fêmea tenho que ser um cara melhor.

— Também quero falar algo, eu meio que entrei nesse relacionamento para não lhe entregar de bandeja aos caprichos do Rudá, mas ao agir assim eu acabei fazendo de você meu capricho também. não quero isso, gostei muito de hoje, poderia ser melhor se a gente acrescentasse mais algumas coisas.... Quero continuar, quero que dê certo.

Como ela não responde nada, inclino a cabeça e percebo sua respiração mais relaxada e olhos fechados, os braços jogados em cima do meu peitoral, dormindo e ao olha-la assim tão linda e tranquila acho que até esqueci como se respira, vejo inocência refletindo em seu lindo rosto, não parece estar atormentada por nada nesse momento e isso me deixa satisfeito, meu coração parece repousar em algodão, ou flutua como uma pluma ao vento.

Uma sensação boa e inexplicável, uma sensação que nunca senti está enraizando em meu coração. algo muito novo. Espero mais alguns minutos antes de me mover sutilmente, saio da cama e a encaro uma última vez antes de zapar.



A caminho da loja da Dora não consigo desviar atenção das coisas que aconteceram hoje, fazem eco em minha mente como flashback, até que repito a mesma cena que é a Desireé me confessando que o irmão dela entrou em contato através de mensagens. Isso está me preocupando, ouço pegadas atrás de mim e continuo, já estou perto da loja quando falo:

— Sei que está me seguindo Ructon.

— E eu achando que estava causando com esse disfarce de detetive. — Ridiculamente fantasiado, com um sobretudo preto e chapéu, charuto e óculos escuros.

— Palhaço.

— Tenho até um nariz no meu bolso. — Ele ri, — para onde está indo, meu senhor?

— Não lhe interessa. Rudá mandou você me vigiar?

— Não, eu faço isso por esporte.

Reviro os olhos, pois eu não sei quando ele está tirando uma com minha cara ou falando sério. entro na loja da Dora e ela ainda está fechando o caixa, Ructon tira os óculos e me encara esperando respostas.

— Está a fim de jogar pôquer? — Pergunto.

Ele é um viciado em jogos, eu sei que gasta dinheiro em jogos.

Pobre homem que gostar desse cara.

— Assim o senhor vai me levar para o mau caminho, meu senhor. — Ele se antecipa e se debruça no balcão. — Boa noite, Dora.

Bufo, então os dois se conhecem.

— Ructon, meu querido resolveu aparecer então. — Dora passa a chave no cofre do caixa. — Prontos rapazes?

— Estava ocupado sabe como é...

— Trabalhando para seus quatros patrões? — Pergunta Dora.

— Sendo que o Jandir é o que menos me dar trabalho e paga mais.

— Sigo a tagarelice dos dois, adentrando um corredor atrás da loja.

— O ursão fofo. — Diz Dora, — então o Marlon é o Lobo Atiçado, falta conhecer o Tigrão Solitário e o Lobo Arrogante. Esses codinomes são intrigantes, me sinto curiosa.

— São informações confidenciais. — Fala Ructon dando passagem para eu entrar em uma sala com pouca iluminação.

Sinto cheiro de cigarro misturado com alfazema.

Há um senhor com uma espingarda logo no início da sala.

— Esse é o Adão nosso segurança. — Apresenta Dora, — um militar aposentado.

O velho me dá uma breve cumprimentada, sento-me na mesa sendo avaliado por todos os participantes.

— Esse cara é de confiança, Dora? — Pergunta um velhinho.

— Claro que sim Beto, ele é um dos patrões do nosso Ructon. E meu amigo gostoso. — Eles riem.

Ótimo virei atração principal da gangue de velhos.

— Quando eu era mais jovem eu também era assim, — um senhor toca em meu ombro. — Duro. Todo duro, sempre duro.

— Agora nem viagra né... — Completa Dora ascendendo um cigarro e embaralhando as cartas.

— Não seja mentiroso, Rubens, você sempre foi uma linguíça, tamanho e cumprimento. — Fala outra senhora. — Eu me iludi achando que tinha ganhado um garanhão, mas me dei conta que tamanho não é documento.

Rubens realmente é alto...

— Não zombe de mim, Celestina, não zombe de mim. — Fala o velhinho exasperado enquanto os outros continuam a rir.

— Se acostume com a baixaria Marlon, por isso que adoro esse lugar. — Ructon ri por trás das cartas. — Fora a parte que levam meu dinheiro, — sussurra para mim — tenha cuidado com a celestina ela não aceita perder e tem a mania de passar a mão onde não deve.

O que? Essa última parte não entendi.

Jogamos a primeira rodada, segunda e na medida que as partidas transcorria acabei me distraindo e me divertindo com os velhos, tudo parecia tranquilo até senti um beliscão na minha parte íntima, caralho, agora entendi. Lanço um olhar duro para a velhinha tarada. Ela pisca sorrindo, faltando alguns dentes só não falta descaramento estampado na cara dessa velha.

Dei graças a Oric por sair com o meu pau inteiro de lá, Ructon não economiza nas gargalhadas.

— Eu sofri da primeira vez também, só é não sentar mais perto dela.

— Vou seguir seus conselhos.

Zapo retornando para casa, meu celular estava no silencioso e ao ligar há várias chamadas da Helena, retorno e não esperava ser atendido tão rápido.

— Marlon o que aconteceu? Fui aí mais cedo e você não estava. Vai vir me buscar agora?

— Oi, acontece que estou saindo com outra garota.

— Legal. — Ela diz normalmente.

— E com ela é diferente.

— Sério? — Agora capturei a descrença em seu tom.

— Sim, melhor não continuar encontrando mais você, então não precisa me ligar também...

— Oh, claro boa sorte se precisar estarei aqui.

Desligo a chamada e depois de tomar um banho me jogo na cama meu dia não foi tão ruim assim, sem sexo, fora as partes dos beliscões, são quase três da manhã e meu corpo pede cama, sono... Desireé. Quero sonhar com ela.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Elie Anjo - Demônios Reais



Ainda posso sentir os braços fortes do Marlon me envolver, eu queria continuar o escutando, mas o sono me atingiu.

Dormir tranquilamente sem ser perturbada pelos pesadelos de costumes, coisas que me fazem temer estar em qualquer ambiente sem luz, fechado e sem saber o que está acontecendo do lado de fora.

Nem sempre fui claustrofóbica.

Hoje acordei mais cedo para fazer uma surpresa ao meu namorado e compensar por ter deixado ele falando sozinho ontem à noite, estou vestida com uma saia jeans e uma regata vermelha, subo as escadas do prédio e ligo para ele, como não recebo retorno toco a campainha.

Quando o trinco se move, suspiro, estou na expectativa de ver meu namorado logo pela manhã, porém quem abre a porta é o Ructon.

Meus olhos percorrem seu peitoral desnudo, pele alva e tem até um corpo sarado com sutis gominhos.

— Bom dia Desi. — Me puxa para dentro. — Trouxe café da manhã para mim?

— Bom dia Rucinho, é para o Marlon...

— Agora estou com ciúmes...

Sorri, e eu me desvio de Lagertha que avança na sacola que estou carregando.

— Hei, onde está seu dono fofa?

— Dormindo no quarto. — Responde Ructon. — Pode ir, ele vai adorar a surpresa.

É estranho ser encorajada pelo cara que me declarei há alguns dias, um tanto estranho entrar no quarto do meu namorado para acordá-lo, abro a porta fazendo o menor barulho possível.

Hoje pedi para a Grace me buscar mais cedo. passei na Adocica para comprar nosso café da manhã, deixo o café em cima de uma poltrona, Marlon está sem camisa com um lençol cobrindo a parte de baixo do seu corpo. Suas tatuagens são fascinantes e sou tentada a toca-las, admirando os desenhos, meus dedos traçam longos caminhos em suas costas largas, até que ele fala baixinho reclamando alguma coisa.

— Lagertha me deixe em paz...

— Sou eu...

Sou levada pelos seus braços até a cama, jogada sob o colchão de maneira muito rápida, ele me inspeciona com os olhos estreitados, engulo em seco com o coração agitado esse monumento está em cima de mim, Deus noto que só está de cueca branca.

— Senti seu cheiro, mas achei que estava sonhando. — Ele cheira a curvatura do meu pescoço, me fazendo sentir coisas que só ele é capaz de me fazer sentir. — Que delícia. Sonhar com você não é nada comparado a isso.

Sua ereção roça no tecido grosso do Jeans, desce a mão pela

minha barriga apalpando minha pele por cima da regata, suspende um pouco o tecido para continuar com os toques, agora em minha pele que formiga reagindo aos seus toques mais ousados.

— Marlon...

— Bom dia delicia, veio ser meu café da manhã?

— Eu trouxe seu café da manhã. — Ele deixa de castigar minha pele, na região do meu ombro descendo quase o meu busto para fitar meus olhos.

— Já estou satisfeito com você aqui. — Inclina o rosto, raspando-o no meu, morde o lóbulo da minha orelha e eu arfo arrepiada. — E eu achando que eu era perigoso, você é que é, gosta de me provocar, huh?

Lanço um olhar risonho para ele, não era essa minha intenção, entretanto, não devia ter acordado a fera dessa forma. Ele está completamente focado em meu corpo, analisando e me deixando quente a cada segundo, nunca pensei que essa sensação de ser desejada me agradasse tanto. Ele ocupa noventa por cento dos meus pensamentos, suas mãos calejadas descem pela minha coxa, tremo e me sinto uma idiota por agir como uma garotinha inexperiente, mas caramba eu sou virgem e nunca recebi esse tipo de atenção.

Nunca tive esse tipo de contato, ele vasculha cada centímetro de mim, sua mão para de apalpar, aproxima seu rosto do meu, com um sorriso fácil, sedutor e envolvente. Marlon me beija devastadoramente, nossos lábios não cansam desse magnetismo e desejo que sentimos um pelo outro, é incrível como ele beija bem e me leva a crer que sem dúvidas é o melhor beijo do mundo.

Sem me dar conta minhas mãos percorrem seu tórax descendo até o abdômen tocando em algo, muito, muito duro. Marlon geme, tremendo em meus lábios.

— Desi... — Segura minha mão e repousa em meu ventre. — Não é uma boa ideia, esse seu cheiro de excitação logo pela manhã

está sendo um banquete.

Não previ isso, que ele pararia os meus toques para continuar com os seus, para levantar minha saia e me fazer estremecer quando seus dedos separam minha calcinha, ainda bem que me depilei.

Estou necessitada que os toques dele sejam mais ousados e ele sabe disso, que desde o momento que ficou por cima de mim a umidade em minha vagina começou a brotar, ele desce minha calcinha e meu rosto está corado ao ser avaliada por ele, engulo qualquer palavra ao perceber o quanto ele está sendo cativado pelo que vê e um sentimento genuíno de desejo toma conta de mim. Marlon é lindo.

Estou assistindo o homem mais lindo que conheci ajoelhado entre minhas pernas. ele nada fala, apenas inala e cai de boca sem deixar vestígios de dúvidas que sente a mesma atração que eu.

— Nossa... — mordo o lábio sentido o toque da sua língua, do seu desespero ao me chupar pela primeira vez.

— Tão linda, caralho, gostosa. Juro que só queria dar uma olhada, mas não resisto. seu cheiro me deixa louco querendo provar, sentir seu sabor. — Sua voz estrondosa, rouca, faz com que eu estremeça.

Meus olhos lacrimejam sentindo a sublimidade que é o contato da sua boca, suas mãos predem minhas coxas as deixando abertas, a barra da minha saia bate no meu umbigo.

— Meu Deus, Marlon. — Digo isso ao sentir sua língua rude contornar meus lábios vaginais, quero desesperadamente liberar o meu prazer, alcançar o pico de algo que nunca aconteceu comigo, não com um cara me tocando — Eu quero...

— Eu sei delícia, vem.

Sinto outro puxão no clitóris, e seus dedos começam a me acariciar também, ele lambuza seus lábios e não consigo mais

segurar, agora entendo o motivo da Helena fazer tanto barulho, pois nesse momento quero poder gemer alto, mas com receio de mais alguém me ouvir cubro minha boca enquanto me contorço de prazer, com sua cabeça entre minhas pernas.

Não penso em mais nada quando isso acontece, sou levada para um lugar desconhecido e saber da sua existência sinto que nunca mais serei a mesma, isso com certeza vai me deixar viciada.

— Que café da manhã delicioso. — Seus lábios estão úmidos, brilhando, melados, ele passa a língua e me cerca como uma fera, com sua íris azulada totalmente lupina.

Ele desliza pelo meu corpo e avança em meus lábios e sinto o gosto agri-doce em sua boca, sua ereção está encaixada na minha virilha, mesmo de cueca posso sentir pulsar cada vez que dar voltas em minha boca, separa o beijo e rola saltando para fora da cama, fico parada achando que fiz algo de errado, mas ele dá algumas respirações como se estivesse acabado de correr uma maratona, enquanto foca em meu rosto.

— Preciso ir ao banheiro caralho, caralho, caralho! — Brada e desaparece na minha frente.

Cubro o meu corpo rapidamente, sentindo dormência na minha vagina que está bastante sensível.

Depois de um tempo ouço o barulho do chuveiro, aguardo sentada na cama e com a cara no chão, preciso de conselhos, preciso de alguém experiente para me aconselhar e acho que sei quem pode me ajudar nisso:

Ructon!

Marlon abre a porta do banheiro apenas de toalha, seu banho foi demorado, eu estou corada com a situação toda diante das memórias do que acabou de acontecer — e o que ele estava fazendo debaixo do chuveiro.

— Me espera aqui, vou pegar minhas roupas no closet, já volto.

Fico totalmente travada, pego as sacolas com o nosso café da manhã e aguardo encostada na porta do quarto, depois de um tempo sai de uma outra porta passando as mãos no cabelo ainda úmidos.

Me sinto tão sortuda por ter um namorado tão lindo e tão quente.

— Agora estou pronto. — Ele pega a minha mão e beija minha bochecha, abre a porta. — Só uma coisa que eu tenho para dizer: Me avisa quando for fazer essas visitas, hoje as coisas poderiam ter fugido do controle.

— Mas eu liguei...

— Eu apaguei, não queria acordar. sonhei com você a noite toda.

Ele ri e me puxa pela cintura, alcançamos a sala trocando olhares cheio de finalidades, mas tudo é estragado como se alguém acabasse de jogar um punhado de cascalhos na massa de um bolo, Helena tirou os óculos escuros e me olha de cima a baixo. Volto minha atenção para Marlon que encara Helena com o maxilar travado, sobrancelha erguida, irritado, contrariado.

— O que faz aqui? — Ele pergunta e quero me afastar do aperto dele, mas ele não deixa.

— Bom dia. — Ela ilumina o rosto em um sorriso dissimulado — Só vim saber se estava tudo bem, o que disse por telefone foi estranho, mas agora entendi.

O que ele disse por telefone? Estou muito irritada por essa mulher aparecer aqui, não gosto dela. Além do mais me faz lembrar que eles tiveram um caso.

— Me solta Marlon. — Peço cutucando seu abdômen com o meu cotovelo.

— Para quê? — Pergunta retribuindo o carão. — Você não vai a

lugar nenhum, nosso dia só está começando. — Volta a encarar a Helena e diz:— Se me conhece sabe que nunca menti sobre a gente, é aquilo mesmo que eu falei. Estou namorando a Desireé.

Ela baixa a guarda ao franzir a testa, porém consegue disfarçar em um sorriso falso no canto da boca.

— Desculpa não queria causar esse incomodo, como eu disse boa sorte.

Ela sai deixando um clima estranho entre a gente, pego ele distraído olhando para a porta, momento ideal para escapar, ando apressada para a cozinha e se tivesse uma montanha na minha frente eu juro que escalaria ela sem nem sentir. Jogo a sacola na mesa e começo a tirar as coisas de dentro.

— Opa, opa, vejo ciúmes em suas atitudes. — Lanço um olhar mortífero para ele.

— Se isso massageia seu ego, não devia, vergonhoso...

— Mas o que fiz? Esquece isso, depois desse café da manhã delicioso...

— É sério Marlon tenha em mente que estou confiando em você.

— Eu sei... — ele abre a geladeira e pega uma jarra com água. — Não vou te trair se é isso que preocupa você. —Depois de beber água me abraça por trás e diz: — Só tenho olhos para você.

Eu acredito nisso, pior de tudo é que estou acreditando em tudo entre a gente, em um destino só nosso, longe do meu passado e por ele eu posso abrir mão de tudo, até mesmo de procurar pela minha família. E isso vai doer: não procurar pelo meu pai. Preciso pelo menos saber se ele está bem.

— Desi?

— Gosta de torta de frango?

Não quero começar o meu dia desabafando sobre os meus dramas familiares, espero que com ele seja tudo novo em minha vida. Luz, não sombras.

CAPÍTULO DEZESSETE

Elie Anjo - Demônios Reais



Não consegui me controlar ao acordar pela manhã e encontrar a Desireé em minha cama, senti o seu cheiro e sua presença quando ela cruzou a porta, porém achei que ainda estava sonhando.

Por Oric!

Quase fiz o que nesse momento não quero fazer. quando estou perto dela me sinto completamente fora do controle, acompanhei a Desireé até a saída ia leva-la até a loja, entretanto, ela disse que não precisava.

Meu lobo está sendo domado por ela e isso é terrível. No fundo isso não está sendo ruim, eu estou gostando. Gostando de ter a Desireé como namorada e quando estava entre suas pernas não pensei em mais nada além do quanto ela é muito gotosa, sua boceta tem um desenho gordinho e toda lisa, na medida que a provocava com a boca ela ficava mais excitada.

Agora ela se foi...

No café da manhã ela tentou agir de maneira normal, mas estava tão desconfortável quanto eu.

Bater uma debaixo do chuveiro não foi o suficiente e eu tenho tantas coisas para me ocupar, mas como? Com essa baita ereção,

estou há dias sem estar enterrado em uma boceta.

Isso é tortura caralho!

Me pergunto se isso também faz parte da maldição, o Raony teve suas estruturas desarmadas ao lidar com a Grace, pelo simples fato que ele é arrogante e a Grace foi uma novidade para ele, a Desireé está sendo uma novidade para mim — não apenas porque ainda não estamos mais avançados no relacionamento, mas porque considero tudo nela único da sua beleza ao seu jeito.

Não tenho coragem de levantar do sofá nem para abrir a maldita porta, olho ao redor da sala e a quenga não está. Espero que ela não tenha fugido.

Não estou esperando ninguém.

Será que é a Desireé, ela esqueceu alguma coisa?

Abro a porta na expectativa, todo assanhado como um garotinho apaixonado.

Será que estou apaixonado?

Não acredito... tão rápido assim?

Raony levou quatro anos então por que comigo tem que ser tão rápido?

Ainda estou driblando meus pensamentos quando a Helena atravessa a porta.

— Temos que conversar Marlon. — Há uma sonoridade muito séria em sua voz, quando no fundo só veio aqui a procura de pau.

— Sobre? — Indago descendo o olhar para as pernas dela, e ela faz o mesmo, focando na alteração entre as minhas. Caralho estou muito duro! Preciso foder, ou preciso brochar.

— O que aconteceu com você? Tive que esperar essa garota ir

embora para poder conversar com você, Marlon você não é assim. Relacionamento? Com uma garotinha? Onde está a lógica disso tudo?

— Tem razão não tem lógica nenhuma. — Persigo seus lábios carnudos, estou com muito tesão.

— Essa garota apareceu na cidade e vive com a Grace, eu nunca acreditei nisso, mas o que sente Marlon? Como aconteceu? Como a conheceu?

— Onde quer chegar?

— Bruxaria!

Reviro os olhos e prendo sua cintura a levando para a parede roço minha ereção nela, e aqui estamos nós...

— É bem pior que isso. Então para de falar besteira e me faz acreditar que eu ainda sou eu sem a Desireé. — Preciso acreditar que ainda há uma saída. — Me beije.

Porque o olhar malicioso dela não me atrai mais, ela me beija como de costume.... Não. Há alguma coisa estranha com esse beijo, com esse gosto, não é fresco, tímido, quente, carinhoso como da Desireé e chega a ser doce posso sentir o gosto doce. No entanto, o beijo da Helena é como está beijando um pedaço de carne sem vida. Afasto o beijo, mas ainda insisto ao cheirar a pele do seu pescoço... tanto o cheiro como o sabor são desagradáveis a ponto de me causar gastura.

— Marlon?

— Não dá Helena — cubro o rosto com as mãos — Já estou intoxicado com isso, não tem como fugir eu também não quero fugir, por favor vai embora e não apareça mais.

Ela sai batendo os pés no misto de confusão e raiva. Eu nunca senti isso, sou inexperiente e não sei como agir, mas se existe uma pessoa para me ajudar nesse momento é o Raony.

Eu achava que estava indo bem, porém se beijei a Helena é porque não estou — sinto uma pontada de decepção, isso foi vergonhoso queria despejar na Helena tudo, queria foder duro e só fui impedido pela maldição; então Demônios. Eu não sei se rejeito outra mulher porque estou apaixonado pela Desireé ou isso é tudo por causa da maldição.

Se for assim, estarei mentindo para ela, para mim — não estou apaixonado de verdade, estou com ela por obrigação.

Não posso culpar apenas a maldição, é culpa minha não conseguir controlar essa vontade de foder, anos vivendo uma vida vazia usando a foda para preencher as lacunas, mesmo assim não justifica meus atos.



Zapo para a casa do Raony, me lembro o quanto ele estava todo bobo quando pediu que construísse essa casa, já estava apaixonado pela Grace, passo pelo gramado sentindo a presença dele vindo detrás da casa, seu quintal se expande para além da floresta. Comprou uma área imensa para poder se transformar e ter mais liberdade.

Encontro o Raony descalço e sem camisa, apenas de calça Jeans *skinny*.

— Ora, ora se não é o Marlonito. — Ele cruza o olhar no meu, com um sorriso de deboche.

— Foda-se.

— O que quer? Não me diga que veio para o almoço...Hum... — fala isso porque nunca almocei com eles, Grace vive me convidando e eu nunca apareço ao contrário do Jandir que faz todas as refeições

aqui até o Raony estipular horário para ele zapar, ou ligar antes para não encontrar o casal em situações comprometedoras. — Vejo mudanças, tem dedo de moça aí.

— Sério Raony, foda-se. — Chuto o chão com raiva e ele acompanha tudo o que eu faço. — Onde está o Gael?

— Brincando com o pai dele.

Estranho o que ele disse, mas sentir o cheiro do lobo filhote, caralho lobo mesmo. Gael sai detrás do arbusto com o rabinho balançando, a pelagem dele é totalmente branca, chega a ser um albino com olhos azulados.

— Que cruzada linda, não é? Eu e a Grace. — Fala convencido se agachando para pegar o filhote.

— Ele já consegue se transformar!

— Há algumas semanas ele começou a se transformar em sua forma de lobo, veja os chifres estão nascendo.... — Ele passa a mão na fronte do pequeno lobo albino, mas Gael retribui mordendo o seu braço de maneira descontrolada. — Mas ainda fica confuso quando está assim, a Grace surtou quando ele começou a destruir a mobília — Raony alinha o pequeno lobo frente ao rosto e imita um comando através do olhar. — Não morde papai. — Imediatamente Gael solta um gemido de arrependimento e começa a lamber o braço do pai. — Bom garoto, agora vá pegar o Graveto. Não encontrou?

— Que porra é essa cara? Está criando seu filho como um pet?

— Não idiota. — Ele solta o Gael que corre alvoraçado para a floresta com as pernas desalinhadas, cambaleando — Estou treinando-o ensinando a rastrear e a se manter sob as pernas nessa forma de lobo e principalmente mantendo ele ocupado para não destruir as coisas dentro de casa. — Ele senta-se na grama e faço o mesmo. — Mas ele será mais forte que eu, quem sabe o Supremo...

— O Supremo eleito é o Rudá, logo quem vai ocupar o cargo de

sucessão serão seus filhos.

— Tudo pode mudar, aposto tudo no Gael, ele vai superar os tios dele.

— Para isso que está treinando-o? Para tirar a coroa do Rudá?

— Claro que não... isso é algo que vai acontecer naturalmente, sou um pai antes de ser um lorde, não tive a mesma oportunidade que o Gael está tendo, nosso pai sempre foi ausente e não ensinou nada...

Um inferno que ele tem razão! Nossas mães não sabiam como nos instruir em relação a nosso lado paterno, nossos poderes demoníacos vieram primeiro.

O Rudá sempre aprendeu a dominar suas habilidades primeiro e ensinava para a gente.

— Sei...

— O que veio fazer aqui?

— Tirar uma dúvida.

— Sobre a Desireé. Sabia que viria, só não avisou para eu preparar o funeral. — Reviro os olhos enquanto ele ri. — Fala logo, diz que está caidinho por ela. Não viria aqui se não estivesse.

Coço a nuca e estico as pernas no gramado.

— Na verdade quero saber se o que eu sinto está relacionado a maldição, ou aos meus sentimentos.

Raony bufa e libera uma sonora gargalhada, nunca me senti mais exposto e envergonhado na vida. Na vez dele não foi diferente eu o ridicularizei e não foi pouco.

— Olha só... se fosse o Rudá me perguntando isso teria mandado ele para puta que pariu. Mas como é você a resposta certa

é: Obvio que você está se apaixonando, ou já está apaixonado seu idiota, nem marcou sua fêmea para estar preso a ligação...

— Eu beijei a Helena e acredite foi a pior experiência da minha vida...

— Você beijou a Helena... — Arqueia a sobrancelha. — Hoje? Fodido, traindo a Desireé.

— Não! — Brado desesperado, noto o sorriso se alargar na cara dele e novamente ele gargalha. — Idiota.

— Se está se sentindo culpado é porque já está na força. Quando você a marca se cria um vínculo, mas de fato não tem nada a ver com nossos sentimentos mais profundos. — Ele levanta-se da grama e encara o lugar que Gael havia se embrenhado. — Vou atrás do meu filhote ele está demorando. Quer vim?

Concordo balançando a cabeça em silêncio nos distanciamos cada vez mais da casa, adentrando na floresta, perseguindo o cheiro do Gael, depois de um tempo se torna mais forte.

— Não é muito arriscado deixar ele ir tão longe?

— Já vasculhei essa área e marquei território é seguro para ele explorar não posso mantê-lo preso na melhor fase da vida dele, a fase do descobrimento. — Raony debruça em um tronco de árvore caído no chão coberto por musgos, ele fica um tempo encarando o tronco como um idiota o que me faz debruçar e ver o que tem dentro da parte oca do tronco. — Ele está dormindo.

Não tem como não dizer que ele é muito sortudo, ao ver Gael deitado com o pequeno graveto na boca e com certeza com o cheiro do pai dele dá até vontade de colocar um filhote no mundo também.

De maneira tênue Raony o carrega e no caminho de volta ele se transforma na sua forma humana novamente, pelado e dormindo, o pai dele pega o graveto de volta e joga no jardim.

— Vai ficar para o almoço?

— Pode ser.

— Da próxima vez traz a Desireé, daqui a pouco a Grace está aqui. — Ele tira o celular do bolso, coloca o Gael no sofá. — Ela deixa tudo pronto só preciso esquentar. — Me explica ao seguir para a cozinha.

Nunca imaginei ver o Raony tão "adestrado", mas ele parece feliz, a imagem do meu sobrinho me deixou cheio de orgulho, imagina se fosse um filho meu? Não. No que estou pensando?

Desireé está na flor da idade e ainda tem a maldita família dela que claro que ela terá que se afastar. Nossas fêmeas terão que abrir mão disso, por exemplo, daqui há alguns anos o Raony e a Grace se mudarão, por não envelhecer, os humanos vão começar a estranhar... isso se o Rudá não transformar essa cidade em uma cidade fantasma e só nossa — mas até lá elas terão que abrir mão das suas vidas e nos seguir.

CAPÍTULO DEZOITO

Elie Anjo - Demônios Reais



As atitudes do meu namorado estão estranhas e eu não sei o que aconteceu, ele está me evitando e sempre com a desculpa que precisa dar atenção para alguns clientes em atraso.

De fato, o estúdio que fica do outro lado da rua vive movimentado, mas sempre foi assim e ele tinha tempo para levar a Lagertha para passear e agora que sei que ele consegue zapar então por que não tira um tempinho para fazer isso?

Das poucas vezes que respondeu minhas mensagens foi para dizer que está bem e perguntar se estou bem, por vezes cogitei em dizer um sonoro não. Claro que não estou bem com esse gelo todo.

Entretanto, aguardei o final de semana para conversar com ele já que o estúdio está fechado, deslizo os dedos no meu aparelho para ler as últimas mensagens do meu e-mail e Ivan não desistiu de enviar mensagens. E se ele souber onde está o meu pai? Se meu pai estivesse voltado, ele mesmo teria entrado em contato comigo.

Isso é o que me preocupa, meu pai não ter entrado em contado comigo é sinal que as coisas não vão bem. Respiro o ar fresco da varanda na intenção de me tranquilizar, está anoitecendo e estou entediada, comecei a pintar a paisagem do lado de fora, porém deixei o cavalete de lado para dar atenção ao celular.

Ouço o barulho do fusca da Grace, ela estaciona e sai do carro abre a porta dos fundos e tira o Gael do assento.

— Oi, leu a minha mensagem? — Pergunta, ela me mandou mensagem avisando que viria.

— Sim.

— Bom trouxe o Gael comigo se não se importar. — Ela deixa o garotinho no chão da varanda e segura sua mão, ele usa um gorrinho vermelho. — Diga olá para sua tia Desi.

— Olá.

A bochechas vermelhas dele suspendem formando um sorriso com covinhas fofas.

— Oi docinho...

Pego sua mão também e abro a porta para eles, já dentro de casa Gael solta nossas mãos para correr pela casa.

— Lagertha... — Chama pela cadelinha do Marlon.

— Ela não está aqui meu amor, depois levo você para vê-la — diz Grace seguindo para o quarto. Que eu saiba era o antigo quarto dela, — só vim pegar algo que estava trabalhando, sabe como é... Meu marido não gosta que fique praticando bruxaria perto do Gael, na verdade ele morre de medo da gente se machucar enquanto ele está fora. — Solta um risinho, se ajoelha ao pé da cama e desliza um azulejo revelando um espaço secreto de onde tira uma caixinha. — Isso é o que eu ando aprontando sem o Raony por perto.

Observo tudo curiosa, porém a única coisa na caixa é um pequeno livro com dois braceletes.

— Você é uma bruxa de verdade?

— Não... — Ela fala de maneira tão divertida. — Mais ou menos tipo eu fiz esse feitiço para ver se dava certo, deixei ele por alguns

meses no vazio sem que ninguém soubesse que existia além de mim claro, segui direitinho as instruções. — Passa o bracelete de metal barato no pulso. — Veremos.

Fecha os olhos com medo e me joga do outro lado da cama preparada para alguma explosão, não demorou segundos para eu abrir olhos novamente, graças a Deus nada explodiu, mas aparece mais alguém no quarto.

— Papai! — Exclama o garotinho.

Levo a mão ao peito ao suspender o rosto que enfiei no travesseiro.

— Mas que susto da porra Grace Jane! O que pensa que está fazendo? — O marido da Grace está segurando os ombros dela, ele parece furioso.

— Estava testando algo novo e se você está aqui é porque deu certo.

Sou a única que não entendi, ele avalia Grace depois o Gael e pergunta:

— Vocês estão bem?

— Eu estou. — Respondo, mas sei que ele não perguntou por mim nem me notou aqui, tenho certeza.

— Nunca mais faça isso e tira a porra desse bracelete. — Ele leva a mão a cabeça. — Os piores segundos da minha vida, zapar nunca demorou tanto.

Os dois estão em clima um tanto... Climão mesmo, estou aqui fazendo parte da cena sem entender nada.

— Não vou usar mais ele juro. — Grace faz um biquinho doce. — Fiz para testar.

— E o que ele faz? — Já que não entendi pergunto, essa é a

única vez que o Raony me direciona um olhar.

— Ele ocultou minha presença é como se eu não existisse mais e eu avisei ao Raony para zapar para o antigo quarto da minha avó se sentisse algo estranho, mas não expliquei o motivo...

Que fofos, espero que o Marlon seja assim comigo mesmo que seja do jeito dele.

— Poderia ter me preparado Grace Jane. Não se faça mais de cobaia, tão pouco a mim! — Rosna, — vamos.

— Não estava trabalhando? Vai indo na frente querido e leve o Gael... — Pede carinhosamente.

— Não vou ter tempo para cuidar do Gael na boate...

— Eu apareço por lá daqui a pouco preciso conversar com a Desireé.

— Tudo bem, mas se livre desses braceletes. — Ele solta a cintura da Grace para dar atenção ao filho que está com os braços envoltos em suas pernas, passa a mão afagando a cabeça do filho antes de zapar.

— Mas você quer matar o homem Grace Jane! — Caio na cama rindo, tive pena do desespero dele.

— É bom apimentar o relacionamento, mas juro que a intenção não foi essa... — Ela guarda um dos braceletes na caixinha. — O que eu usei não vai funcionar mais... vou descartar o outro.

— Não! — Brado, — preciso conversar sobre o Marlon, depois você faz isso.

Arrasto Grace para se sentar na cama comigo.

— O que aconteceu?

— Ele está me dando um gelo e não sei o que fiz.

Falo sentindo que tirei um peso das minhas costas, já conversei com o Rucinho sobre isso e ele sabe o motivo do Marlon está me dando um gelo embora não tenha me contado nada, isso deve estar ligado a fidelidade que ele tem com os padrões dele eu nunca serei a número um na vida dele, ele nunca será totalmente fiel a mim.

— Como ele pode? Vocês não estão em um relacionamento? Salafrário! — Grace demonstra total irritação diante do que falo, não é minha intenção coloca-la contra o cunhado dela, só preciso de orientação do que fazer.

Bom ela é casada com o irmão dele...

— Não sei como agir, se eu perguntar não quero parecer que estou pressionando-o, pois ele nunca se envolveu em um relacionamento eu também não... — Continuo desenhando uma trilha torta de pensamentos, na intenção da Grace desembaralha-lo.

Aguardo respostas, Grace está imersa em seus pensamentos continua a encarar o vazio com os olhos semicerrados por algum tempo até que ela dita:

— Você não vai ficar aqui com todas essas dúvidas, vai fazer com que o Marlon fale tudo isso para você não faço ideia o que se passa naquela mente! — Ela morde o lábio, — vamos à luta querida, vai passar na cara daquele idiota que você não vai ficar aqui aceitando ser ignorada.

— O que eu faço exatamente?

— Vamos sair! — ela se levanta da cama como se acabasse de ter a melhor ideia do mundo, eu não deveria me sentir assim, mas estou empolgada com a ideia de ver o Marlon. — O que está esperando? Onde estão suas roupas sexy?

— Não sei se tenho...

— Tudo bem vou ligar para o Ructon, depois para o Raony e sua roupa sexy vai estar aqui muito em breve. — Pisca para mim, —

em uma zapada.

— Ok, vou tomar um banho! — Corro pelo quarto como uma barata tonta, estou com tinta em meus braços, ouço Grace conversando com o marido fazendo uma voz dengosa.

— Meu Deus, que loucura!

É o que digo antes de me trancar no banheiro.



Eu me senti em algum tipo de programa de beleza quando sair do banheiro e encontrei um vestido sobre a cama, depois que o Ructon me maquiou e Grace me deixou na porta dessa boate eu me dei conta que agi por impulso e sinceramente eu gostei, não queria usar esse vestido não sei se combina comigo, primeiro que ele têm uma fenda na coxa que vai um pouco abaixo do meu quadril, a fenda é transpassada por um detalhe metalizado que une uma parte com a outra também há um detalhe metalizado na gargantilha, e sem contar nesse decote V que desce até meus seios, minhas costas também estão expostas.

O que é que eu tenho na cabeça?

É o que me pergunto ao entrar na fornalha do demônio e ser avaliada por boa parte dos machos desse lugar me faz querer sair correndo, ou de fininho da mesma forma que entrei. Rucinho disse que estaria aqui. Mas onde? Estava comigo no carro depois desapareceu.

Pego o celular da pequena bolsa de mão e não há chamada do Marlon.

Será que ele está em casa?

Não posso voltar sem ter respostas, essa possibilidade me deixa aflita não sei o que está acontecendo e preciso descobrir, subo as escadas me sentindo melhor por ter saído daquele ambiente. Quando estou prestes a alcançar o último lance de escada ouço uma voz feminina conversando docemente na porta do apartamento dele.

— Marlon abre a porta. Sei que está aí. Você está bem? Deus você... — Helena fala pelo celular do lado de fora, sinto alívio ao constatar que não estão juntos.

Mas o que essa vaca está fazendo aqui? Aperto mais minhas mãos, a bolsa escorrega e cai fazendo um barulho. A droga. Pego ela do chão e tento sair de fininho, mas simplesmente não consigo.

Ele é meu namorado e quem tem direito de saber o que está acontecendo com ele não é a Helena, sou eu. Primeiro preciso controlar essa raiva, não vou dar o gostinho dela me ver descontrolada.

Continuo meu caminho até a porta, paro frente a Helena que manda mensagens do seu aparelho. Pego meu celular e clico no contato do meu namorado, ela me encara um pouco pálida. *Por favor, Marlon atenda*. Quase deixo escapar um riso quando a chamada é atendida.

— Marlon...

— Oi, sei que está aí fora já estou indo abrir a porta.

Sorrio vitoriosa para ela.

— O que faz aqui? — Controle? Não sei para onde ele foi nesse momento. — Não desistiu de levar um fora? Se eu encontrar você aqui novamente eu vou arrancar cada fio loiro da sua cabeça.

Pego o celular da mão dela.

— Devolve! — Ela me persegue no corredor, quase eu caio do salto alto quando desvio da Helena que tenta tirar o celular de mim.

Preciso saber se o Marlon mandou alguma mensagem para ela marcando algum tipo de encontro... Meus olhos, meus dedos frenéticos vagueiam pela tela e vejo ela mandou muitas mensagens, porém nenhuma resposta dele.

— Vaca! — Jogo o celular no chão e piso com o salto, não me contentando com isso piso mais vezes. — Que ódio!

Helena me empurra, quando eu estou preste a revidar ouço o barulho do trinco da porta destravar.

— Chega Desireé. — Lanço um olhar furioso para ele, está apenas de toalha, vem até mim fungando. — Vai embora, Helena.

— Ela quebrou a droga do meu celular.

Ele encara o chão com a aparelho sobe os meus saltos.

Faço um sinal de adeus para ela, não controlo a minha língua que escorrega para fora em um gesto infantil direcionado para Helena que entra no elevador deixando o dedo do meio para mim.

Não estou mais confiante, fraquejo com minha mente martelando em dúvidas.

— Vem... — Ele me arrasta para dentro do apartamento, fecha a porta e me aperta nela, não dando chance de sair, respingos de água do seu cabelo caem em meu busto desnudo — Por demônios, o que foi isso? Um homem não pode tomar banho em paz?

Por estar com muita raiva dele não tiro o escudo, continuo com os braços cruzados e na medida que o encaro minha expressão suaviza.

— Por que estava me ignorando?

— Por que está vestida assim? — Ignora minha pergunta para focar em mim, desce o olhar até o meu busto onde a gota da água está fazendo uma linha, descendo cada vez mais. — Muito linda. Toda vez que isso acontecer você vai aparecer assim?

— Vai se achando idiota! — O empurro, mas quem disse que consigo afastá-lo? Ainda sinto a protuberância em baixo da toalha.

— Não está ajudando muito... — Todos os meus botões de raciocino foram para bem longe quando ele fala tão próximo a minha pele, sussurra em meu ouvido, me cheira, — Tão linda quando está com ciúmes.

— E você é tão babaca quando me faz ficar com ciúmes. — Retruco.

— Humm, continue, mas devo alertar que estou cogitando a ideia de deixar você sair daqui sem danos mais profundos se é que me entende... — Ele desce a mão pelas minhas costas me fazendo arrepiar. É uma parte muito sensível digamos assim, como boa parte do meu corpo. Mas isso quando ele me toca. — Quem deu a ideia de entrar aqui vestida assim?

— Estava na boate decidi passar por aqui... — Engulo em seco, — então como você resolveu me ignorar vim saber o motivo, mas acho que ele estava bem na porta mandando nudes para você. — Não dá para sustentar indiferença quando me encontro desse jeito, possuída de raiva.

— Como você viu não atendi as ligações nem vi as mensagens tão pouco abri a porta para ela e sim estou te ignorando, mas isso não tem a ver com a Helena... — Suas mãos vão para minha boca e contorna ela, — preciso confessar algo para você e isso está me matando.

— O quê? — Respondo debilmente com o peso do olhar dele sobre mim.

— Desi alguns dias atrás cometi a burrada de beijar a Helena, — sinto uma pontada em meu coração, deixo os braços caírem desolados ao lado do meu corpo, quero respirar um pouco e pensar melhor em tudo, no entanto, estou presa, ele prende minha cintura com um braço e o outro está apoiado na porta. — Fale alguma coisa.

— Traidor... — Falo baixo, não queria que saísse, pois eram os meus pensamentos. Mas novamente me senti como se não pudesse mantê-lo apenas para mim. Marlon exercesse esse poder sobre mim.

— Sim, me senti assim, mesmo o beijo tendo durado pouco, o que importa eram os meus pensamentos. eu queria beijar e queria fazer outras coisas, mas a vontade foi impedida, não me senti bem em beija-la.

— Por causa da maldição. — Concluo com os olhos ardendo de tanto segurarem as lágrimas.

— Eu acreditei que fosse isso... — Ele continua a analisar meu rosto, sinceramente nem sei o que pensar, apenas sinto raiva, sinto que não sou o suficiente para ele e queria ser— Até que esses dias você começou a ocupar meus pensamentos, na verdade eu não queria a Helena com aquela intensidade, mas sim você e eu queria zapar para encontrá-la então me dei conta do que meu irmão disse para mim.

— O que ele disse?

— Que estou me apaixonando ou estou apaixonado. — Meu coração dar um salto, as sobrancelhas dele permanecem vincadas, apreensivas, seu olhar está um pouco aturdido.

Em um gesto impensado passo a mão em seu rosto desço até a sua nuca, seu cabelo umedece minha mão.

— E isso é algo ruim? — Ele curva mais seu corpo, tocando sua testa na minha.

— Não. Ter você assim perto de mim é algo muito bom.

— Era só ter me procurado antes.

— Precisava pensar, mas fui um idiota perdendo meu tempo fazendo isso, porque o que eu preciso é me permitir sentir. Você me perdoa? — Sua voz grave parece me levar para um estado de transe.

— Sim.

— Não vai mais acontecer.

— Eu sei. — Ele está sendo sincero e eu posso sentir.

Seus lábios colidem com os meus, me prensa tão forte contra porta que me sinto flutuar não só pelo beijo, mas suas mãos agarram meu quadril e me ergue um pouco do chão, minhas pernas cruzam em sua cintura, as palmas das suas mãos permanecem abertas em minha bunda, o beijo se aprofunda mais.

Marlon me beija como se estivesse fazendo outra coisa e que com certeza eu iria adorar, estamos ofegantes e incapazes de separar nossos lábios, sua mão se move para baixo do tecido fino entre minhas pernas, minha boceta lateja, já posso imaginar seu toque mais íntimo e anseio por isso. estou extremamente entorpecida por eles, até que ele separa a minha calcinha e seu dedo toca em minha pele úmida e quente.

— Marlon...

Respiro intensamente sob sua avaliação a essa altura do campeonato ele deixou de me beijar, começa a distribuir beijos em meu pescoço, seus toques habilidosos causam uma confusão gostosa em minha mente e em meu corpo.

Os movimentos circulares continuam em meu clitóris.

— Tão molhada, queria estar dentro de você... — deixa o som escapar como um grunhindo.

Cada minuto que passa me sinto mais ansiosa, mais ofegante, mais febril, ele pausa os movimentos deixando o polegar em cima do meu clitóris quando começo a palpitar gozando em sua mão. Noto as pupilas dilatadas dele, alucinado, me observa enquanto meus lábios tremem se rendendo a sensibilidade que ele deixou, ele tira as mãos entre minhas pernas e me mostra a mão molhada leva o dedo até boca e chupa.

— Sei que ainda não se sente pronta. Mas isso não quer dizer que não vou toca-la, leve isso como fases de preparação.

— Qual a próxima fase?

Ele ri, gosto de como ele passa de modo selvagem para brincalhão.

— Logo, logo. Me espere aqui, acho que preciso tomar um outro banho você não foi a única a fazer meleira. — Desço o olhar para a toalha. — Não me olhe assim eu estou sem sexo, mas te ver assim me deu um tesão da porra. — Diz isso contornando a sala, — quando eu voltar, te levo para casa.

Vai embora me deixando de pernas bambas nesses saltos altos.

CAPÍTULO DEZENOVE

Elie Anjo - Demônios Reais



u e Margarida temos um compromisso, hoje é dia de visitar meus avós e estou feliz por papai me deixar sair, porque é um dia especial estamos comemorando o aniversário de casamento deles, mas meu vovô e minha vovó são mafiosos como o papai.

Balanço minhas pernas no banco do carro segurando a mão do meu pai e assim que chegamos na enorme mansão cercada de seguranças eu desço, dou uma última olhada para o meu papai antes de sair correndo.

A mamãe não pode vim porque papai a mandou ir embora, mas ela não gosta dos meus velhinhos. Mamãe não gosta de ninguém e não sei porque ela não mudou de família logo, mas ela é minha mamãe e todas as histórias contam que as mamães são boas e que temos que ama-las. Mas a minha não me ama, mas eu queria que me amasse.

— Chegamos! — Brado seguindo para dentro da mansão, ora eles ainda não estão aqui? — Vocês estão se escondendo não estão?

Mas eu sou mais rápida, corro para o escritório do meu vovô e o encontro sentado em sua cadeira, ele sorri quando me ver.

— Minha pequena, venha aqui dar um abraço em seu vô. — Corro e o abraço, eu e a Margarida. — Sua vó fez aquele bolinho com calda que você gosta. Onde está seu pai?

— Fumando lá fora.

Vovô coça a barba branca e me lança um olhar de ternura,

depois a minha avó entra procurando por mim. Nessas horas eu queria ser maior! Nem é minha intenção me esconder, mas fiquei escondida atrás da mesa do vô.

— Estou aqui... — solto um risinho e corro para abraça-la também.

Eu gosto tanto deles e gosto de vim visita-los, eu e a Margarida. Alguém bate na porta do escritório deve ser o papai.

— Quem é? Se for você Dimitri pode entrar. — Fala meu vovô.

— Sou eu, Magda.

Mas a mamãe não veio com a gente, papai sabe que ela está aqui?

— Espero um pouco Magda. Desi querida que tal brincarmos de esconde, esconde? — Meu vovô me lança um olhar de cumprisse.

— Que tal se esconder no armário? — Vovó cochicha em meu ouvido. — Fique lá e só saia quando sua mãe for embora.

— Sim. — Cochicho de volta.

Procuro um armário que eu possa entrar, me escondo junto com os livros. Dou uma última olhada para os meus avós e fecho a porta.

— Shiii, faça silêncio Margarida não é hora para birras! — Abraço a Margarida a pobrezinha morre de medo do escuro.

Mamãe briga com eles, também ouço a voz de outro homem que não consigo identificar. Cubro a boca para não gritar, mas espio pela fresta do armário.

Eu vi...

Vi quando ela atirou neles.

— Acho que tem mais alguém aqui! — Fala o homem vindo até mim.



Acordo com um grito e é o meu próprio grito de pavor que ecoa pelo quarto, passo a mão em meu rosto em minha pele oleosa pelo suor. A luz do abajur não foi apagada Graças a Deus, também sinto o braço do Marlon se mover ao meu lado, ele se apoia no cotovelo e

me encara preocupado. Ele dormiu aqui? Ele me trouxe e ficou comigo até que eu pegasse no sono.

— Foi um pesadelo. — Marlon tem a voz calma e estou feliz por tê-lo por perto, o abraço e ele se desequilibra e cai com a cabeça no travesseiro, porém continua me afagando. — Você está assustada, quer me dizer o motivo?

— São tantas coisas. — Todo esse tempo eu tentei manter meus pensamentos longe do meu passado, mas ele me persegue e vai continuar me perseguindo — Marlon ela não vai desistir de vim atrás de mim.

— A sua mãe. — Desgrudo do seu aperto e me sento na cama com os joelhos dobrados.

— Sim... — Marlon também se senta ao meu lado, choro e daqui a pouco meus olhos ficarão inchados, ficarão uma droga. — Eu ainda tenho medo, todos os dias tenho medo.

Marlon tem um olhar questionador, não gosto quando ele faz isso eu acabo abrindo a boca e contando tudo para ele e não quero envolvê-lo nessa merda toda.

— Me conta com o que sonhou. — Ele não me toca mais, quer apenas me ouvir.

— Eu presenciei o assassinato dos meus avós paternos. — Começo a tocar na barra do short do meu pijama, devo estar parecendo uma louca agora, odeio voltar para esse assunto. meu coração não consegue sustentar uma batida regular, me sinto ansiosa ao extremo a ponto de sentir minha pele formigar e minhas mãos começam a tremer. — Eu era muito pequena, mas lembro e sei quem matou, eu não consigo esquecer aquela cena que vi através do armário.

— Eu sinto muito. — Ele passa os braços pelo meu ombro e me conduz para um abraço, encosto a cabeça em seu peitoral e foco em seus pés descalços sob os lençóis. — Não fazia ideia, pode desabafar para mim princesa.

— Não sou uma princesa, princesas não tentam se matar. Mordo os lábios e engulo sentindo minha garganta destravar um nó.

— Por demônios! — Ele me abraça mais forte ainda.

Me sinto envergonhada em compartilhar essa fase, não posso

dizer que se eu voltasse no tempo eu não faria a mesma coisa, mas todo mundo tem direito a um novo recomeço e eu também quero ter o meu.

— Era outra Desi, eu estava desesperada queria encontrar na morte a liberdade. Nas duas tentativas eu estava com ela, não aguentava mais acordar todos os dias e servir café da manhã para a assassina dos meus avós, era tudo tão doentio que tive que transformar nossa convivência em algo normal... E que aquilo era tudo o que eu podia ter na vida — agarro sua camisa enquanto desabafo descontrolada — mas antes de chegar a essa conclusão eu tentei me matar, o confinamento, o quarto escuro, as torturas psicológicas eu não suportava mais ela sabia que eu vi, eu não contei nada para o meu pai, por medo, ela sempre me deu medo e depois de um tempo convivendo com um monstro criei uma falsa coragem, uma barreira, mas tão frágil...

Me separo do seu abraço, mas ainda estamos próximos Marlon desliza o polegar na minha bochecha enxugando minhas lágrimas.

— Você é forte Desi...

— Não tão forte assim eu tentei...

— Não me olhe assim, pois não vou julgá-la, eu não passei pelo que você passou, você lutou sua própria luta e sozinha. Você é forte sim! Mesmo aquela mulher tentando enfraquecer você, ela não conseguiu. Você não é nada daquilo que ela disse. — Marlon fala com carinho, me abraça mais uma vez de uma forma que me faz me sentir protegida, — Você passou por tudo isso ainda tão nova. Me diz sobre agora. Ainda pensa em fazer isso?

— Não! — Digo confiante, — desde o dia em que você me encontrou, que não estou mais presa, que existo, que me sinto livre.

— E vai ser assim: Não vou prender você a nada e a nenhuma maldição, você é livre para escolher.

— Obrigada.

Não quero ser mais aquela garota, cometi muitos erros e deixei o medo me dominar por completo. eu poderia ter contado para o papai, mas eu era uma criança manipulada pelo medo. Por Deus, eu era uma garotinha que vivia dividida entre amar e odiar a própria mãe, não, eu não a amava, não a amo. sempre tive medo.

Desde daquele dia no armário não consigo mais ficar em

ambientes fechados, fui arrastada por aí por ela como algum tipo de troféu, ela ainda me usaria com o papai ou até mesmo para o Ivan.

Esse pesadelo pode ter sido um sinal, ela pode voltar e me afastar das pessoas que amo a qualquer momento.

Não posso deixar que isso aconteça.

— Marlon.

— Hun...

— Eu quero que me marque. — De imediato meu rosto se torna febril, pois para ele me marcar teremos que acasalar.

Ele se afasta do abraço para melhor nos olharmos.

— Desi... O que está se passando nessa cabecinha?

— Tem razão é uma péssima ideia! — Só não quero parar de existir para ele, quero que ele me encontre onde quer que eu for. — Como funciona a ligação? Só acontece quando acasalamos?

— O Raony conseguia sentir a Grace quando ela estava em perigo, com medo, mas ainda não funciona assim para mim.

— Vamos descobrir juntos como funciona. — Seguro sua mão.

— Quer acampar comigo? — Ele me pergunta sem jeito, será que isso é um encontro mais picante... — Se não quiser tudo bem.

— Claro que eu quero. — Quero que aconteça com o Marlon, preciso pertencer há algum lugar e minha escolha é ele porque eu também me apaixonei. — O que precisa?

— Deixa que resolvo tudo. — Desde que começamos a conversar ele ficou mais sério, também sinto seus olhos queimando em minha pele, esse momento acabou de ser transformado em outra coisa desde que falei sobre acasalamento, divago em seu rosto bonito. — Não pense muito sobre isso, não importa qual for sua escolha eu não vou te deixar.

— Se eu disser que quero saber o motivo agora, o motivo de você não querer me deixar... você me diz? Meu namorado...

Ri, e planta um beijo em minha bochecha, acaricia a outra com seu polegar.

— Porque você é minha paixão. — Sorrio como uma boba. — Agora deita aqui e tenta dormir de novo, deixa tudo isso no passado e segue em frente comigo.

Ele me faz derreter toda vez que tenta me dar carinho desse jeito, também gosto da outra forma embora deva admitir que sou uma

peessoa carente, muito carente de afeto e o Marlon está me preenchendo nesse aspecto. Gosto disso tudo entre nós dois, ele está se tornando meu amigo, meu companheiro. Deixo escapar mais um risinho bobo enquanto ele me cobre ficando também debaixo da coberta.

— Está rindo de quê? — Seus olhos azuis as vezes ficam quentes, talvez seja apenas o reflexo da pouca iluminação do quarto.

Marlon desliza a mão na carne da minha nuca, sobe a mão para o meu cabelo preso em duas tranças para não embaraçar.

— Sei lá.... Nunca pensei que você seria esse doce.

— O que pensou que eu era? Se for um demônio acertou... — Ele passa a cheirar a minha nuca, mas quando sorri grosso em meu cangote é que eu me arrepio toda.

— O Marlon, simplesmente o Marlon já define muita coisa, um cara que gosta de foder. — Me sinto mais livre para conversar com ele.

— Era para eu me sentir ofendido? Pois é sim eu gosto, minha namolinda. — Mordisca a minha orelha, — gosto de provocar também e fazer você go... Huf! — Afasta-se de mim — dorme e não me provoca com essas conversas.

Bufo, eu sou inocente não disse nada. Ele me aninha mais sem me provocar e apenas ouço sua respiração. depois de um tempo quem acaba dormindo é ele, não eu, pois perdi completamente o sono, mas não me levanto da cama fico ao seu lado observando-o dormir e quando a luz do sol começa a entrar pela fresta da janela eu acabo pegando no sono também.

CAPÍTULO VINTE

Elie Anjo - Demônios Reais



roga, sou um fodido e depois das coisas que ouvi dela só
D reforça a ideia que se o Rudá me contasse sobre a existência da minha fêmea as coisas seriam diferentes. O sofrimento dela e tudo o que ela passou. Foda. Eu teria protegido minha garota, tive que escutar tudo o que ela me disse mantendo o controle da minha raiva, mas sentir o gosto do sangue de todos os que fizeram mal para ela. Por demônios vou matar aquela mulher!

E como me arrependo de não ter causado um ferimento mais profundo naquela vadia!

Esmurro o saco com força sentindo o meu coração pulsar descontrolado pela adrenalina, preciso colocar tudo para fora antes de levar a Desi para acampar, pois do jeito que estou... quero foder duro!

Sim sou um fodido por ficar pensando nessas coisas agora. Quero focar minha atenção, não consigo nem fazer o traço na pele de alguém, paro de esmurrar o saco que coloquei pendurado em meu quarto! Meu corpo está coberto pelo suor, tiro as luvas e a jogo no chão me deito nele enquanto encaro o teto.

Agora as coisas dependem de mim, preciso assumir um compromisso em fazer Desireé feliz. No entanto, o desejo de marca-la é intenso, preciso que dê certo — quero sentir toda vez que ela estiver com medo, como o Raony sente — quero ir até ela toda vez que ela estiver em perigo.

Nunca pensei que ia invejar o Raony por ter alguma coisa, mas

agora o invejo. Invejo a ligação que ele e a Grace possuem.

Depois de um banho começo a preparar o acampamento, zapo com a barraca nova que comprei e depois de passar a manhã montando tiro o período da tarde para levar os colchonetes, lanternas, sacos de lixo, repelente. Escolhi um local bem distante do último acampamento, na última zapada levo comigo garrafa de água e algumas coisas para comer.

Quero a tranquilidade das montanhas para termos nossa primeira noite juntos, sem pressa, sem outro ser humano por perto. Só eu e ela.

Já pela tarde eu levo a Lagertha para passear, sento no banco do parque e solto a quenga que sai em disparada se esfregando nas coisas. Estou com o saco para recolher a sujeira dela. Me distraio pensando nos últimos dias e em como eu e Desi estamos evoluindo aos poucos e o maldito do Rudá nunca mais deu as caras. acho que ele entendeu o recado.

Não vou deixar a Desireé partir, mando uma mensagem para ela informando que vou busca-la, uma hora dessas deve estar fechando a loja.

No caminho aproveito para passar na loja da Dora, eu acabei gostando de passar tempo com ela e com os velhotes! Os conhecidos da boate ou de farra não é a mesma coisa. Não se dá para sair pedido conselhos ou contando certas coisas, sinto que posso confiar na humana Dora.

Mas encontrar o Rudá na loja me deixa intrigado. O que esse maldito faz aqui? Ele está com as mãos enfiadas no bolso da calça social e um suéter azul com algumas listras brancas, olhando concentrado para uma tela pintada com uma paisagem rural, mas o que chama atenção é o cavalo negro.

— O que faz aqui?

— Não posso mais visitar o comercio local?

Não respondo nada, o ignoro, Dora está atendendo outro cliente. me nego a acreditar que esses dois se conhecem que ele está tentando roubar minha nova amizade também.

— E como está a Desireé? — Rudá pega um livro com imagens de vários quadros.

— Não é da sua conta.

— Tem certeza? — Fecha o livro e diz: — Ela será da minha conta até que você a marque!

Não vou falar com ele sobre o progresso do meu relacionamento. Foda-se. Ele não tem o direito de se envolver entre a gente.

— O que você quer infeliz?

— Que você cresça.

— Se crescer significa ser como você, nunca!

Dora assim como outro cliente começa a se incomodar com a nossa conversa.

— A Desireé será tirada de você, Marlon, estou tentando alertá-lo.

Antes de se dirigi até a porta ele me direciona um olhar sem significado algum, o mesmo fodido olhar de superior de quem sabe de tudo, de quem está a um passo à frente! Em seguida o outro cliente também sai restando eu a Dora e a quenga na loja.

— Acabei de presenciar uma briga de irmãos? — Dora indaga, porém parece saber a resposta.

— Você o conhece?

Ela torce o nariz fazendo um gesto de confirmação.

— Ele não mudou nada.

— Como assim?

— O conheço de outro tempo, quando eu era uma garota apaixonada pelo seu irmão. — Caralho! — Eu sei quem vocês são e fingi que não sei de nada faz parte de manter o segredo de vocês, por isso eu não lhe disse nada.

Não gostei de saber que essa gentil senhora um dia já foi apaixonado pelo canalha do Rudá. Minha primeira amizade de verdade, não consigo evitar minha testa de enrugado, congelo em meu rosto uma carranca de negação.

— Não me olhe assim querido fui apenas um caso como muitos que ele já teve. — Ela fica vermelha e sem jeito. — Não pude compartilhar a imortalidade com ele, porque eu sou humana.

— Ele contou a você quem é?

Claro que sim, do contrário nós não estaríamos aqui tendo essa conversa, Rudá quebrando as regras, contando para uma humana quem ele é. Cadê o Demônio perfeito?

— Ele nunca me falou de vocês, apenas dele antes de ser dona de uma loja de arte, eu estudei psicologia então nem me peça para contar os pontos fracos dele.

— E ele tem? — Bufo, me encostando no balcão para continuar a conversa. — Acho que o único ponto fraco do Rudá até agora é você, Dora! Se ele contou quem era para você é porque de fato ele era apaixonado por você.

Dora ergue as bochechas em um sorriso.

— Porque sou irresistível. Ah, nem acredito que fiquei com um demônio assim, bons tempos meu caro, bons tempos! — Ela abana o rosto e dá meia volta no balcão

— Hey! Moça nem pense em fugir dos detalhes. — A sigo pela loja extremamente curioso.

— Ora, meu rapaz tenha um pouco de pudor, não vou contar detalhes de como ele é bom de cama! — Ela ri, depois passa para uma expressão mais séria, — mas se quer saber eu queria ser a predestinada dele e ele também, mas fui feliz com o meu marido...minha vida seguiu.

A dele não!

Quase sinto pena do Rudá, quase...

— Ele vem aqui sempre?

— Algumas vezes ao ano, essa é a primeira vez que entrou e parecia querer desabar... Das últimas vezes só passava frente à loja dando uma breve olhada através da vidraçaria...

Então aquele infeliz fica posando de irmão padrão a ser seguido, ele fez algo que nem eu e tão pouco o Raony foi capaz de fazer, ficamos com inúmeras fêmeas humanas e elas nunca souberam quem realmente somos.

— Eu tenho que ir.

— Ok, apareça mais por favor, você atrai clientes. estou quase pagando você para ficar ali na frente sentado apenas de sunga tenho certeza que a loja vai encher... — Dora fala fantasiosa. — Você me ajudaria a atrair clientes!

— Não!

— Da próxima vez que perder para mim em uma partida de pôquer se lembre dessa proposta.

— Nunca mais vou vim jogar pôquer. — Sorrio para ela e dou

uma piscada antes de sair com a quenga em meu encalço.

Olho no meu relógio no pulso e está na hora de buscar minha garota!



Passo em casa e deixo Lagertha. depois que tomo um banho zapo para o portão de saída do prédio, ansioso atravesso a rua indo em direção a loja, abro a porta ao som do sininho vejo a silhueta curvada no balcão, não é a Desi, mas a Grace Jane dando um cupcake para o Gael. quando mais novo ele não gostava de doces até Grace o convencer as escondidas do Raony que não há nada melhor que comer chocolate — agora Gael é do time de quem gosta de doces.

— Oi Marlon!

— Oi, e a Desi?

— Ela não está com você? Ela saiu faz um tempinho, disse que ia encontra-lo.

— Não! Vou ligar para ela.

Deixo a loja e faço a ligação do lado de fora, com o olhar vasculhando a rua a procura dela, Desireé não atende.

Fico alguns segundos inquieto olhando a tela do aparelho, logo essa inquietação se transforma em algo mais intenso mais desesperador sobre o aparecimento do Rudá e o desaparecimento da Desireé comecei a ligar as duas coisas levando para o meu peito uma arrancada diferente, um ardor e desconforto no qual eu nunca senti e fui envolto em sentimento de medo, desespero! Demônios o que está acontecendo? Parece que acabo de ser envolvido por sensações que não são minhas, mas da minha fêmea. Eu posso senti-la. Demônios ela está em perigo!

Marlon, por favor me ajude!

Consigo ouvi-la, ela chama por mim!

Meu corpo é arrastado para o meio de uma estrada, zapei de

imediatamente por um lado isso me deixa feliz, por outro quer dizer que minha fêmea está em perigo.

Um carro passa em alta velocidade por mim, capturo o cheiro da Desireé, imediatamente saio da estrada e deixo as transformações se apoderarem de mim, corro pela borda da estrada sob quatro patas ligeiras.

Eu vou matar, destroçar quem está tentando tirar minha fêmea de mim. sou veloz correndo e por vezes zapo tentando alcançar o carro e não sei como está a situação da minha garota, mas sinto o cheiro do sangue dela.

Subo uma parte íngreme do terreno e aguardo o carro passar, solto em cima dele com as garras arranhando o teto dele, o carro freia bruscamente me jogando para a lateral, persigo o cheiro que vem do porta malas e usando meu controle de telecinese, movo a porta arremessando no meio da estrada, outro carro passa em alta velocidade, quase sendo atingido.

Desireé está encolhida e gritando, posso sentir com intensidade o quanto está amedrontada presa em algum tipo de surto, pois ainda não conseguiu abrir os olhos, lembrei da sua claustrofobia então começo a acalmá-la com lambidas em seu braço.

Sou eu Desi, sou eu!

Tento trazê-la de volta.

Não sei o que aconteceu com o motorista, não posso deixar a Desireé assim, ela me olha com os olhos vermelhos e inchados.

— Marlon.

Sim, saia do carro, venha comigo!

Raspo as patas da frente no chão, ansioso e desesperado para que ela saia do carro, devagar e tremendo ela sai do porta malas, permaneço ao seu lado apoiando seu corpo.

Até ouvi o *clic* de uma arma sendo destravada.

CAPÍTULO VINTE

UM

Elie Anjo - Demônios Reais



— **N**esse cartucho há quinze balas e eu vou descarregar em você. — Diz a maldita que me colocou no mundo.

Eu tinha acabado de sair da loja quando fui abordada por ela, ela me apontou uma arma e mandou que eu entrasse no carro, como tentei escapar ela parou o carro na estrada para me colocar no porta malas, nunca senti tanto medo, isso é desesperador e quando ouvi o som de um uivar, das lambidas do Marlon tive esperança de que hoje definitivamente não vou morrer, não vou para longe do Marlon.

Não se mova, Desi.

Eu escuto a voz dele através da minha mente ele é um lobo enorme com pelos brilhando, salta em cima da minha mãe e tudo é tão rápido, em questão de segundos ouvi vários disparos e não contei, pois, a única coisa que faço é gritar, ao ver o sangue jorrar através da pelagem do Marlon e a cabeça da minha mãe rolar na estrada.

— Marlon — ele é a única pessoa que estou preocupada, a única que se importou comigo. — Por favor me diz o que posso fazer.

Falo em meios às lágrimas e ele desaba no chão coberto de sangue.

Você está bem?

— Não! Preciso saber se você está bem. — Atrapalhada eu começo a vasculha-lo, — Você foi atingido.

Vou ficar bem...

Os irmãos dele aparecem próximo a gente, o marido da Grace está apenas de cueca e o Jandir de toalha com os cabelos ainda com espumas do shampoo, o único vestido e com um suéter é o Rudá.

Ah, seus fodidos! Porque porra estão pelados na frente da Desireé?

Meu lobo rosna.

— Eu estava me vestindo, — explica o marido da Grace, — eu vou arrumar essa bagunça.

Jandir se agacha e viro o rosto que está ardendo antes que eu veja mais que o necessário.

— Vamos cuidar de você irmão!

— Melhor buscar o Ructon para ajuda-lo, Raony. — Diz Rudá tocando em meu ombro.

Zapamos para a casa antiga da Grace, me sinto tão mal, tão esgotada e muito preocupada com Marlon, o sangue dele manchou minha roupa e toda vez que vejo meu peito aperta. Jandir insistiu para eu ir tomar um banho e foi o que eu fiz, vesti qualquer roupa, entretanto, ao ouvi o grito do Marlon vindo de um outro quarto na casa me desespero.

Saio tropeçando na calça e antes de alcançar a porta consigo terminar de me vestir.

— O que está acontecendo aí dentro?

— Rudá está tirando as balas dele sem usar anestesia não funciona muito bem na gente, daqui a pouco ele vai ficar bem. — Jandir aparentemente está calmo jogado no sofá ainda não vestiu nenhuma roupa, para completar o Raony zapa na sala trazendo o Ructon de terno e gravata. — Ructon melhor ir ajudar o Rudá ele deve estar torturando o Marlon...

— O quê? — Fico sem palavras quando o Jandir começa a rir.

Ructon dá uma piscadinha antes de entrar no quarto.

— Pior é quando perdemos um membro, dói na hora de regenerar. — Continua Jandir. — Aqui tem café? Estou nervoso e quanto estou assim sinto muita fome.

Eles foram ao encontro do irmão do jeito que estavam, isso quer dizer que todos nessa casa estão extremamente preocupados, porém demonstram isso de maneira diferente. Tento manter a calma, mas

ela não vem então começo a andar de um lado para o outro roendo o que sobrou da unha, sei que minha mãe está morta e com a cabeça arrancada, sei que as coisas podem se complicar mais ainda a partir de agora. Droga. Mas hoje eu tinha planos de ficar com o Marlon. E pensei nisso, pensei nele o tempo todo.

A porta do quarto se abre e suspiro, Ructon diz:

— Já pode entrar Desi. — Sai com uma bacia de toalhas ensanguentadas.

O cheiro de sangue e álcool está espalhado pelo quarto, Marlon está sentado na cama com as pernas totalmente esticadas com o lado do abdômen enfaixado, Rudá não está mais no quarto. Trocamos um olhar e ele bate a mão no colchão, sigo o gesto e engatilho até a cama e me sento ao seu lado.

Ele ganhou uma palidez, não sei como funciona o processo de regenerar.

— Vem aqui. — Diz ele usando seus braços para me envolver em um meio abraço, mantenho distância do seu ferimento. — Me diz como você está, ela fez algo com você antes de eu chegar. Disse alguma coisa?

— Isso não importa mais, ela está morta. — Ela me disse sim, mas não é algo que quero compartilhar com ele, minha mãe tinha intenção de me levar de volta para a Rússia. E sabe lá Deus para quem ela iria me entregar. Meu maior medo agora é que mais alguém saiba da minha localização. — E você como se sente agora?

— Só vou levar algumas horas para me recuperar.

— Eu sinto muito por hoje e obrigada Marlon. — Beijo sua bochecha.

Quero poder dizer que eu o amo, mas mordo meu lábio me contendo.

— Não sinta e já não acho uma boa ideia irmos acampar... — Ele limpa a garganta. — Eu acabei de salvar sua vida, não quero que vá pelo calor do momento, melhor darmos um tempo sobre isso. Você precisa desse tempo.

Encaro ele perplexa, não esperava essa atitude, ele está preocupado comigo, com os meus sentimentos e isso demonstra que ele gosta de mim, talvez não tanto quanto eu nesse momento. Marlon está com a parte de cima despida, presumo que apenas o lençol

cobre seu quadril.

— Mas a gente tinha combinado isso antes de tudo acontecer.
— Suspendo o olhar mirando em seu lindo rosto. — Não precisamos adiar, quer dizer só se você não se sentir pronto.

Ele esboça um sorriso um tanto malicioso.

— Sempre estou pronto para fazer isso, não vai ser algumas balas que vão me derrubar. — Se empolga demais e movimenta o tronco esquecendo-se que ainda não está totalmente recuperado — Mas você tem certeza? Podemos ir depois...

— Tenho certeza não vou deixar que aquela mulher estrague meus planos, meus momentos e... — Seguro as bochechas — Quando estou com você esqueço de tudo.

Limpo as lágrimas que rolam, lembrando dos últimos acontecimentos repetindo para mim que tudo acabou, quero que acabe. Deito-me ao lado dele que passa a acariciar meus cabelos, costas, em silêncio permitindo que eu me sinta livre para chorar, desabafar.

— Vou proteger você, — desliza no colchão e deita-se ao meu lado — ela não vai mais voltar. — Assinto, — vamos acampar.



Marlon pega no sono me levanto da cama de fininho, corro para o quarto, então eu lembro da mochila que tinha deixado no carro da minha mãe. Céus, saio do quarto e encontro a mochila em cima do sofá, na minha agonia deixei passar o detalhe que o Raony a trouxe e para minha sorte nada ficou para trás. Ligo a TV, já que estou sozinha em casa esse silêncio me incomoda principalmente que os meus pensamentos começam a martelar.

Preparo uma sopa de caixinha para ele comer, coloco o prato e os talheres em cima da mesa, Marlon acorda um pouco depois, aparece na cozinha já vestido com uma regata preta e calça jeans.

Incrível como não há mais palidez e seu aspecto voltou ao

normal.

— Fez para mim?

— É só sopa de caixinha. Não deve estar tão boa assim.

— Não se preocupe com isso logo vou estar comendo algo delicioso. — Senta na cadeira e fica alguns segundos me olhando, já devo imaginar que a cabeça dele passa coisas obscenas. — Não vai comer?

— Estou sem fome.

— Senta aqui, Desi. — Arrasta a cadeira onde está sentado, dá leves tapas em suas coxas indicando onde devo me sentar, sorrio para ele e me sento em seu colo. — Agora vamos comer, acredite vai me agradecer por isso mais tarde. — Ainda não me acostumei com a ideia que meu namorado é um tarado, no bom sentido, claro, ele enche a colher de sopa e depois de assoprar pede: — Abre a boquinha, baby.

— Não era para ser assim, não era para estar cuidando de mim. — Reclamo.

— Vou prolongar meus cuidados a noite toda. — Beija meu ombro e roça o rosto em minhas costas, me aperta em um abraço, não me movo acabo ingerido a sopa rapidamente. — Eu senti você, isso aconteceu antes de acasarmos, significa que já temos uma ligação.

Não oculta a empolgação na voz.

— Acho que isso tem um significado maior...

Meu corpo está quente e a marca atrás da minha nuca começou a pinicar, sob olhar dele, segura meu queixo me forçando a olhá-lo, permanece sério e com o olhar carregado de ternura ele me diz:

— Isso significa que eu te amo. — Nada forçado, saiu de uma maneira natural, sincera, isso me surpreendeu — A ideia de perder você dói, sinto muito, demorou para admitir, mas eu te amo e quero que se sinta amada por mim. — Marlon limpa meu rosto molhado, — e porque diabos está chorando? Não quero que chore mais, principalmente quando eu falar que te amo, pois isso me deixa feliz...

— Me faz feliz também, mas você está falando isso porque está com pena.

— Por demônios! Não tem jeito, vou ter que demonstrar que te amo de outra forma.

— Mas...

Ele sorri.

Tarde demais para poder voltar atrás no que eu disse, ele me tira do seu colo e habilmente me carrega, solto um gritinho antes de zapar para o acampamento.

CAPÍTULO VINTE

DOIS

Elie Anjo - Demônios Reais



Seu olhar está vidrado em mim quando alcançamos a barraca eu sou a primeira a entrar, ele joga a lanterna acesa dentro dela, sento-me no colchonete e tiro minhas tamancas, Marlon permanece parado acompanhando tudo o que faço, até que antes mesmo de entrar na barraca tira sua regata, o rubor toma conta do meu rosto, arrasto meu corpo para mais fundo da barraca dando espaço para ele, percebo que está apenas de chinelo assim como percebo o volume em sua calça jeans, seus dedos ásperos começam a suspender minha blusa, devagar e paciente, torturante.

Ajoelhado apenas de calça jeans ele tira minha blusa com a minha ajuda me deixando apenas de sutiã, sua mão toca na alça do meu sutiã, a puxando para o lado, depois sinto seu lábio quente roçar em meu ombro depositando alguns beijos doce, tateia minhas costas até encontrar o fecho do sutiã e com cuidado ele o separa fazendo com que os meus seios médios pulem livremente roçando de leve em seu peitoral, o toque faz com que tudo inflame, o bico arrebitado raspa em seu peito duro, Marlon solta uma respiração longa e beija a curva do meu pescoço.

— Tudo bem até agora?

— Sim. — Sinto um pouco de desconforto ao imaginar que ele está me vendo despida, não sou tão confiante assim em relação ao meu corpo. — Está tudo bem com você também?

— Se estou bem? — Ri, — Querida é como perguntar para uma criança com a boca cheia de doce se ela está feliz!

Estou nervosa e ele deve ter sentindo isso, acredito que nesse momento meu nervosismo só atrapalha.

— Relaxa, minha linda.

Dizendo isso ele toca em meus lábios de leve, o beijo se aprofunda para algo mais cru, mais rápido e faminto. Sua mão começa a tatear meu seio e me arrepio gemendo com o polegar dele fazendo círculos no bico dele enquanto me beija, contorço-me apertando minha perna sentindo o quanto está inflamado entre elas, separa o beijo e noto a palidez em seu olhar ganhar um tom mais avivado, céus, acho que ele está tentando manter o controle.

Ele toma meu seio com a língua quente, grunhe ao esticar o bico dele deixando-o mais enrijecido, se é que isso é possível. tudo acontece de maneira alucinante, a forma como o prazer se espalha pelo meu corpo, que alcança lugares inusitados e os deixa sensíveis ao toque dele.

Deixa o seio para lamber o outro, isso me faz gemer e aperto os dentes no lábio inferior, passo o braço em seus ombros largos, sua mão desce até meu quadril apertando e descendo minha calça jeans.

— Eu preciso que se deite. — Fala com a voz distante e rouca. Me deito de costas e ele coloca um travesseiro debaixo da minha cabeça, não desviando o olhar de mim, tira algo do bolso e reconheço que é um pacote de camisinha, isso é bom, pois não é um bom momento para pensar em engravidar.

Desabotoa sua calça jeans, depois que a tira joga de lado mantendo apenas a cueca e sua dura ereção fica mais visível. Espalha seu corpo por cima do meu, seu cheiro não é mais de sangue, mas da sua fragrância fresca, ele deve ter zapado para tomar banho e pegar novas roupas enquanto preparava sua sopa, — Você é linda Desi, quero estar em cada pedacinho de você.

— Marlon — subo as mãos até sua nuca toco em seus cabelos,
— eu também te amo.

Ele me beija com selvageria, sua língua é mais dura fazendo coisas que me faz suspirar enlouquecida, aprofunda o beijo como se não tivesse o suficiente de mim, separa o beijo e sua mão aperta minha cintura mantendo meu corpo no mesmo lugar, tira a calça jeans de maneira impaciente, me deixando apenas de calcinha.

— Você é muito gostosa. — Desce minha calcinha, beija a minha coxa e quando enfim tira minha calcinha, curva-se frente as minhas pernas e as abre, toca no triangulo da minha boceta e sou incapaz de ficar calada, da mesma forma meu corpo reage se movendo. — Molhadinha.

Ele mantém o dedo no lugar e sobe para me beijar e meus lábios estão ardendo, minha boca fica sedenta e sinto tudo tão intensamente.

— Marlon, por favor... — Suplico, querendo que termine com essa tortura.

— O que você quer minha garota quente? — Pergunta com um sorriso diabólico.

— Que continue, só que mais... — Arfo quando ele circula meu clitóris.

— Mais?

— Profundo...

Novamente solta uma risada grossa e convencida, ele distribui beijos em meu pescoço, desce para meu seio e mordisca, vai descendo, descendo... até soprar seu hálito quente e fresco em minha boceta, parece que minha mente se dissolveu nesse momento, ele passa sua língua e alcanço algo intenso, difícil de controlar.

— Aí... Céus, muito bom.

Ronrona esfregando mais sua boca, língua, dedo.

— Isso é delicioso minha linda.

— Sim!

Aperto o cobertor grosso de algodão com os dedos dos pés com o peito subindo e descendo, ele tira o dedo da minha região úmida e esparrama a mão em meu quadril quando começa a me chupar de maneira desesperadora.

— Marlon... — estou impaciente, ansiosa, necessitada, sentindo que vou alcançar o prazer com meu corpo formigando como nunca.

— Deixa vim... — fala vibrando sua boca, e sua língua continua a contornar minha vagina, — Eu preciso que goze para foder você de maneira que não sinta tanta dor, fique lubrificada e relaxada.

Diante da minha falta de controle gozo, ele continua a me devorar até mesmo fazendo barulho de chupões, ele suspende o rosto para me olhar, sua boca está brilhando e molhada, tira a cueca por fim e sua ereção faz jus ao volume que tinha, seu pau grande, grosso, rígido, Marlon fica entre minhas pernas e toca em sua ereção movendo a mão de maneira constante, aperta meu seio e joga a cabeça para trás, vira-se de lado e atinge a lona da barraca com seu gozo, estica o braço para pegar a camisinha abre o pacote com os dentes enquanto me encara. Ele ainda está duro e faminto e eu ainda estou me recuperando, mas o quero dentro de mim.

Ele vem até mim depois de colocar a camisinha, envolvendo meu corpo ao seu e afastando minhas coxas, seus lábios deslizam pelo meu pescoço, arqueio e uno mais nossos corpos, nossas respirações estão ansiosas, novamente me beija, agora sinto o meu gosto nele, compartilhamos um beijo agridoce antes de sentir seu pau cutucar a entrada da minha boceta. ele é paciente, noto o quanto está se controlando para não causar desconforto, mas é praticamente impossível, sua ereção grossa separa minhas paredes e ao entrar gemo reclamando da dor, fico tensa e ele percebe.

— Vai ficar tudo bem. — Tenta me relaxar e torna a me beijar, sinto ele empurrar com mais força e sem me dar conta, por pura satisfação própria começo a me abrir mais para ele, o recebendo palpitante, pronta — Eu te amo. — Sussurra.

Fecho os olhos e me entrego de corpo e alma para ele, me apegando ao sentimento que tenho por ele, pois o amo, o amo.

A dor passa para algo mais aconchegante e prazeroso a ponto de fazer meus olhos lacrimejarem, senti-lo dentro de mim é algo formidável, abro os olhos enquanto gemo e encontro seus olhos em mim, tão lindos, nublados de prazer, sua pele começa a brilhar por causa do suor, seu corpo imponente projeta sensualidade em cada movimento que ele faz, me invade lentamente, eu me ajusto até arrisco me mover justamente com ele e isso o estimula a ir mais rápido, me invade cada vez mais forte.

— Desi você é um pecado, — rosna — uma delícia.

Nossos rostos se tocam de maneira amorosa, embora ele olhe como se fosse uma fera querendo me tragar.

Ele continua indo mais rápido, mais fundo, me fazendo gemer intensamente chamando por ele e eu escuto falar coisas sujas, até mesmo um pedido suplicante: *"Demônios Desi, como pode ser tão gostosa, não vá a lugar nenhum estou preste a encher sua boceta..."*

No entanto, eu não o obedeci percebo que cada vez que me movo ele fica mais alucinado, então contraio testando, aprendendo coisas novas, arranho suas costas sentindo que eu estou preste a chegar lá, ele arqueia.

— Está bom?

— Perfeito!

Ele acertou um ponto muito bom dentro de mim, o que me faz gritar de prazer, ele solta um sorriso quente.

— Acertei, huh?

Ele faz de novo, de novo e de novo mais rápido e várias vezes em estocadas mais agressivas, porém nada dolorosas. me levando a loucura.

— Marlon!

Berro seu nome, ao sentir os espasmos me contraio, aperto forte, devagar, longo, infinitamente gostoso!

— Você é minha Desireé. Só minha!

Ele esconde a cabeça em meu pescoço e me morde pulsando dentro de mim, derramando, rangendo como uma fera sem controle, me arrepio apertando mais seu corpo ao meu.

Estou envolta de um afeto sublime, da sua pele ardente, do seu toque possessivo e o ardor da mordida cresce e ele começa a me lambeir. Estou tão sensível que acabo rindo um pouco, com os olhos cansados, sonolenta e satisfeita, voando junto com as nuvens.

Marlon desgruda a boca do meu pescoço depois de beijá-lo, ainda o sinto dentro de mim.

— Você está bem? — Toca em meu rosto, agora vejo preocupação em seu tom.

— Se eu estou bem? — Falo debilmente, continuo a repetir o que ele disse: — Querido é como perguntar para uma criança com a boca cheia de doce se ela está feliz!

— Esta é minha garota. — Ri, mas ri com vontade, deixa um sorriso relaxado pairando em seu rosto, até que me beija deixando faltar oxigênio — Você não vai sair daqui hoje.

Se retira de dentro de mim, assim como separa nossos corpos e sinto a ausência do seu peso e do seu calor, mas logo que tira a camisinha ele deita-se ao meu lado.

— Hum... — Murmuro, estou me sentindo exaurida.

— Descanse.

Cochilo um pouco em seus braços, percebo quando ele me cobre com o cobertor, o som da mata e as batidas do coração dele é tranquilizador, eu não consigo ter medo. E quando acordo estou deitada sob ele ainda, seus cabelos emaranhados e olhos entreabertos, não parece estar dormindo.

— Marlon... — O chamo com voz manhosa.

— O quê? — Ele tem um tom divertido quando brinca com o bico do meu mamilo, depois arruma meu cabelo para o outro lado e esconde o rosto em meu pescoço — O que você quer?

Me lambe, e rio, sinto o seu sorriso em minha pele.

— Ah, você sabe.

— Hum... sei? — Ele desce o dedo até meu umbigo. — Talvez sim, talvez não... me diz você.

— De novo. — Apoio a mão em seu abdômen e me levanto, sento em cima dele.

Marlon desce a mão até minha bunda.

— Você tem uma bunda muito gostosa. — Aperta, firmando meu corpo mais para baixo, para mais perto da sua ereção. — Pega outra camisinha no bolso da calça por favor não demore.

Dá uma batidinha nela.

Os toques dele deixaram marcas, não marcas profundas, mas é como se estivessem impregnadas em mim me marcando e catalogando a minha sensibilidade.

— Eu posso? — Mostro a camisinha para ele.

— Meu corpo é seu. — Eu estou adorando vê-lo tão manso. Cubro seu pau com a camisinha satisfeita por não ter demorado tanto

para colocar. — Como se sente me domando?

— Isso é bom, eu também me sinto mais sensível, um pouco fogosa.

— Só um pouco? — Ele está tão convencido e brincalhão. — Me monta e veremos.

Desço devagar relaxando a abertura da boceta, Marlon move os dedos em meu clitóris e com a outra mão estimula o bico do meu seio.

Eu começo a cavalga-lo, persiste em estimular meu clitóris, mas ele não se dá por vencido e senta-se e ficamos em posição de lótus, ele volta a devorar minha boca, até que gozo dessa vez mais rápido, aperto seu pau de maneira inconsciente, o que o faz rosnar.

— Parece que quer esmagar meu pau. — Ele pede, sua mão aperta minha bunda e ele dar uma estocada mais funda, gozando. — Volto a repetir, não vai sair daqui hoje.

CAPÍTULO VINTE TRÊS

Elie Anjo - Demônios Reais



A levei até o meu banheiro para tomarmos um banho, como ela estava dormindo em meus braços praticamente a ajudei apenas com o banho sem tentar nenhuma graça e também ela pediu para que eu pegasse sua mochila que tinha deixado para trás, aproveitei para levar novos lençóis. nessa ida e vinda encontrei na cozinha, na minha geladeira um bilhete da Dora em cima de alguns sanduíches.

Nesse momento minha garota está dormindo confortável, estou abraçando ela por trás e respirando próximo a sua nuca, Desi amarrou seu cabelo em um coque solto deixando a pele da marca visível, amo o efeito da luz do sol tocando em sua pele morena e estou viciado em seu cheiro e em sua pele de veludo, um dos motivos de me enterrar tanto em seu pescoço e sentir seu cheiro delicioso isso faz meu pau enrijecer de imediato.

Não pensei que as coisas seriam dessa forma e deve ter sido porque eu vi mais obstáculos para ama-la do que realmente tinha, sendo eu criador de todos eles. agora não existe mais nenhum em meu coração, essa garota me nocauteou, tive que pegar leve com ela, difícil e por vezes meu lado fera queria ser mais dominante, nós somos assim por natureza, porém achei melhor deixa-la no controle, conhecendo seu corpo esbelto, se aventurando e aprendendo como me deixar louco.

Tenho certeza absoluta que nós compartilhamos algo só nosso e meu maior medo agora é de perde-la — dei tudo para ela. Tinha um estilo de vida leviano e não estava disposto a renuncia-lo, mas chega uma hora que a gente precisa arriscar, se jogar, estou fazendo isso, dando chance aos meus sentimentos e se ela é meu destino não vou correr, não quero fugir. Mas e ela? Sente o mesmo sobre isso? A minha insegurança é de ser deixado de escanteio em algum momento da sua vida, não quero prendê-la ela precisa ser livre depois de viver em cativeiro.

Enrosco os braços por baixo da sua cintura, meu pau cutuca o volume perfeito da sua bunda.

— Bom dia. — Ela diz.

Observo a camada de cílios espessos se moverem, beijo sua bochecha e respondo:

— Bom dia.

— Estou morrendo de fome.

— Estamos sentindo a mesma coisa. — Giro seu corpo deixando-a de frente para mim, fico por cima dela e continuo: — Também estou morrendo de fome.

— Não essa fome, Marlon...

— Hun... — Mordisco seu queixo. — O que quer comer?

— Qualquer coisa.

— Não posso estar incluso no cardápio?

— Depois, quem sabe. — Ri.

— Então vamos comer!

Saio de cima dela e ela sorri e gosto disso, da leveza desse momento, Desireé é uma garota forte foi capaz de suportar muita coisa, não quero perguntar mais sobre como se sente sobre a mãe dela. Entretanto, sei que há mais coisas. aquela velha não iria atrás

dela para matá-la, ela tinha dito que sua mãe iria leva-la para o seu irmão.

Ah, sim outro infeliz que terei que dar fim, preciso encontra-lo e sei quem pode me levar até ele. O Ructon.

Pego os sanduíches na mochila, passamos a noite com a barraca aberta lembro do fato que ela não gosta de lugares fechados e comprei uma barraca bastante espaçosa e nessa hora a luz do sol nos alcança, sentamos próximo à entrada da barraca, trouxe uma caixa térmica com suco, cerveja e garrafas de água.

— O que vamos fazer agora? — ainda não terminou de comer o sanduíche ela levou um tempo bebendo água antes de começar a comer.

— Podemos dar uma volta por aí, é um lugar bonito. — Mordo o meu sanduíche pegando um saco plástico para fazer de lixeira, Jandir mora em algum lugar próximo a onde estamos. — Se você quiser...

— Claro que sim, vou comer e vestir algumas roupas.

Como meu sanduíche e Dora acertou em cheio fazendo eles, parece até que sabia dos meus planos e não duvido disso, não sei qual o nível de amizade entre ela e o Rudá atualmente, e não duvido que o Jandir a conhece também.

Como estou de calça, visto uma camiseta e aguardo do lado de fora Desireé se vestir, por sorte ela vestiu uma saia jeans mais curta, fácil de ser tirada. Usa sandália rasteira e continua com o cabelo em um coque, prefiro sua juba solta dando um aspecto selvagem.

Pego uma cerveja antes de sair, caminhamos por uma trilha segura, o maior perigo da Desireé está ao lado dela — um lobo faminto por sexo, por ela.

Ela se distrai durante a trilha, tira algumas fotos com o celular e parece se sentir livre. Solto sua mão em algum momento dando liberdade para ela explorar mais, sento-me encostado na sombra de

uma árvore com o chão coberto das folhas. Não estamos mais no período do inverno.

— Hey, olha para mim! — Desireé pede, em seguida um *clic*, ela tira uma foto minha — Ficou lindo.

— Eu quero fotos suas. — Bebo o restante da cerveja na garrafa.

— Nudes?

— Eu não disse isso...

— Ah, para quem não te conhece que te compre! — Ele joga a cabeça para trás se perdendo em um riso.

— Aqui seria um bom cenário!

— Marlon!

— Eu deixo você tirar algumas minhas também. — Pisco. — Exclusivas.

Ela continua rindo e vem até mim senta-se ao meu lado e encosta-se em meu ombro, começa a passar as imagens que tirou me mostrando todas elas.

— Estou achando tudo muito incrível. — Deixa o celular no colo e passa os braços em volta do meu pescoço — Você foi incrível. — Desço a mão até sua cintura a puxando para mim. — Mas eu acho que também fui incrível controlando a fera.

— Hun. Foi? — Roço meu nariz na linha do seu maxilar subindo até sua bochecha — Que tal me deixar ter mais controle agora?

— Talvez sim, talvez não... — Fala brincalhona — Hoje é o meu último dia de folga.

— O meu também, um último e feliz dia de folga. — Não tem como não ser malicioso quando Desireé é apetitosa a cada curva, —

Quer voltar para a barraca?

— E perder o cenário?

Sorrio sobre sua pele ardente, estou enrijecido e querendo encontrar sua intimidade, por sorte trouxe camisinha, acredito que a Grace já conversou com ela sobre o detalhe de ter uma criança, isso não é apenas uma escolha minha. tenho a consciência que esse não é o momento, ela é jovem e tem seus planos, mas mesmo assim é arriscado deixa-la vulnerável principalmente depois de tudo, depois de quase tê-la perdido.

Minha palma desliza sobre sua coxa macia, a beijo com fome sentindo o gosto doce do suco de uva que ela bebeu, dou voltas com a língua no profundo da sua boca. Sinto o arrepiar dela na palma da minha mão deixando o trajeto até sua bunda carnuda um pouco áspero, excitante. Impaciente tiro sua camiseta e ela não está usando sutiã, para minha perdição eterna ela tem seios volumosos e duros, empinados, manejáveis, quero me deleitar em cada pedaço desse corpo.

Tomo seu seio com a mão apertando e manejando ao meu bel-prazer, Desireé começa a balbuciar sons tímidos de excitação.

Eu estou me sentindo como se tivesse acabado de sair de um lago em chamas, nunca gostei tanto de sexo como agora. Continuo a apalpar seu seio para cima e para baixo, tomo com minha boca rodeando o bico dele com minha língua úmida, abocanho ele mais ainda me banqueteando da maciez da sua pele.

A minha outra mão aperta forte a pele da sua bunda até sentir meu dedo roçar no tecido da sua calcinha, gemo e as separo e acabo enterrando-a em seu rego.

— Desireé me deixa ter você toda. — Como é difícil controlar essa fera, espaçosa, possessiva e gulosa. Isso tudo está enraizado em mim.

— Sim... — Desireé tem os lábios trêmulos e avermelhados,

marcados pelos meus beijos.

Demônios, como ela é linda, quero beijar cada pedaço desse corpo esculpido pelos deuses, não sei se isso será possível agora diante do meu apetite, passo a língua pelo lábio para umedece-los.

Tiro a mão da sua bunda e rapidamente tiro minha camisa, joga-a no chão aberta, fazendo uma cama improvisada entre as folhas, para pelos menos não deixar que suas costas tenham tanto contato direto com a umidade delas.

Percebo que ela está mais relaxada, deita-se rendida de frente para mim desço sua saia e passo pelo seu calcanhar, gosto de vê-la assim, sem resistência as minhas vontades mais intimas.

Há uma mancha no centro da sua calcinha desenhando uma boceta gorda e apertada, demônios. A lembrança de estar dentro dela atravessa minha mente *parecia querer tragar o meu pau*. Ela suspende mais o quadril facilitando para que eu tire sua calcinha, vejo rubor e o desejo nítido em seu olhar.

Solto o ar, usufruindo do cheiro da minha fêmea excitada, basta apenas tocar para sentir sua boceta melada.

— Estou louco para foder você com força. — Levo o pouco de concentração que tenho para enfiar um dedo dentro dela, começo a acariciar seu clitóris com o polegar de leve enquanto a fodo mais rápido com os dedos até sentir seus gemidos mais livres, coloco mais um dedo admirando a linda mulher deitada se rendendo aos meus toques e esperando para preenchê-la, Desireé está úmida, pingando e tão necessitada quanto eu.

— Vire-se. — Peço para ela e seu olhar ganha um ar de perdido, mas ela apenas fica de bruços me dando a visão da sua bunda e dos seus seios sendo pressionados pelo seu próprio peso, — Ah, Desireé não sabe as coisas que quero fazer, na verdade quero te mostrar todas elas.

Meu dedo melado começa a traçar a entrada do seu cu, empurro

seu quadril mantendo-a de bruços eu me levanto e tiro minha calça, meu pau está pulsando para se enterrar nela. Ajoelho-me e puxo seu quadril com cuidado mantendo minha garota de joelhos, de quatro, faço círculos em sua bunda com a palma da mão aberta, me agacho mais ainda e dou uma vagarosa e longa lambida na sua boceta encharcada subindo até a entrada do seu cu apertado, ela arqueia gemendo, ser delicado é algo perturbador, agonizante. Ainda quero foder duro e como quero.

Desço a cueca deixando na altura das coxas, eu toco na ereção e dou uma bombeada, curtindo o momento, a cena dessa bunda linda brilhando sob a luz da manhã da mesma forma sua boceta lisa e receptiva.

Uno a cabeça do pau em sua bocetinha melada.

— Ah... — Ela geme, mas eu não entro, continuo a fazer movimentos de ida e vinda melando a cabeça do meu pau na sua cremosidade — Por favor, faz logo isso.

— Nã...

Da última vez que tiro o meu pau, a cabeça do mesmo está coberta da sua excitação, não aguento mais torturar, pois isso também está me torturando. Tiro de vez a cueca e cubro meu pau com a camisinha que estava no bolso da calça, estou tomado por um prazer intenso, puxo mais seu corpo e faço uma penetração dura.

— Aí...

Uma vontade primitiva se apodera de mim quando estou dentro dela, controlo minhas garras e presas, porém é inútil, elas tornam a crescer, esqueço delas para pegar um ritmo na foda, bato forte contra sua bunda com o prazer inundando cada parte do meu corpo febril, entro cada vez mais rápido, recebendo uma rajada de prazer eletrizante.

— Oh... Sim, Marlon muito bom.

— Gosta de fodida por trás, hun. — Dominantemente a preencho, — deixa eu dar um tapa gostoso em sua bunda, por favor, delicia. — Isso saí quando alcanço um ritmo formidável.

— Sim.

Apalpo fortemente e dou uma tapinha de leve enquanto meu pau enterra, ela aperta meu pau. estou sentindo o quanto está perto de alcançar seu prazer e porra eu também, incito o seu clitóris inchado com o dedo, uivando, paro de bater forte e começo um movimento lento moldando sua boceta com os dedos.

— Não para...

Paro. Ela reclama, paro com os dedos e foco em foder forte, seguro sua bunda e arremeto veloz, forte, deslizando para dentro dela, estou pulsando como um animal faminto que sou. Desireé contrai apertando o meu pau, gozando e chamando por mim, sim, deliciosamente essa garota aperta o meu pau me levando a loucura. Ela pertence a mim e eu sou dela.

— Demônios... Tão gostosa, Foda Desi, foda, — arfo totalmente fora de controle, pulso dentro dela jorrando alucinado, meu corpo se arrepia e sinto o mundo girar em minha cabeça, nunca vou cansar disso. depois de gozar saio de dentro dela rapidamente.

Viro seu corpo e me coloco por cima dela, tomo seus lábios em um beijo cheio de vigor, nossas peles se esfregam um pouco úmidas, ela respira intensamente.

Quero uma foto dessa imagem, quero guardar esse momento insano para sempre.

— Você me deixa assim. — Assovio e beijo a marca logo acima do seu ombro. — Delicia.

Me deito na folhagem ao seu lado, sinto o cheiro de sexo e terra úmida.

— Um feliz último dia de folga. — Ela murmura e eu rio. Beijo

sua cabeça e afago seus cabelos volumosos soltos pelo calor do momento e que calor!

CAPÍTULO VINTE

QUATRO

Elie Anjo - Demônios Reais



O tempo em que estive com o Marlon foi maravilhoso, porém nos despedimos para voltarmos para as nossas rotinas.

Passo a mão na marca na minha nuca antes de entrar na loja. como dormi na casa do Marlon não precisou que Grace fosse me buscar, assim que entro na loja o cheiro doce me invade, sorrio, na verdade ultimamente estou sorrindo muito.

O marido da Grace zapa na loja.

— Bom dia! — Digo indo para trás do balcão.

Não obtive respostas, apenas um aceno e ele entra na cozinha então ouço o barulho de algo cair no chão.

— O que faz aqui seu infeliz! — Grace grita, acho que eles estão brigados. — Não quero olhar para sua cara saia!

Me sinto desconfortável, pois estou ouvindo minha patroa discutir.

— E que diabos eu fiz agora?

— Não se faça de inocente, Raony!

Começo a cantarolar baixinho tentando desviar o foco da discussão. Ah, mas é impossível eles estão perto de mim.

— Sou inocente e você é ciumenta!

— Eu vi as malditas fotos eu vi com esses olhos que a terra há de comer! Seu traidor! — Ela joga alguma coisa no chão — Ainda anda vendo nudes de outras mulheres.

Ai meu Deus, babado!

Me debruço no balcão para ouvir melhor.

— Eu não vi nada não abri as mensagens.

— E por que dá seu número para estas vagabundas?

— Eu não dei, não sei como ela conseguiu. — Os dois saem da cozinha, ele está de bermuda e camiseta e com a cara de quem quer destruir o planeta — Como você viu eu não baixei as imagens, você que fez isso quem deveria estar com ciúmes sou eu. Estava vendo fotos de mulher pelada, Grace Jane?

Seu tom é de deboche.

— Ridículo. Vá para o inferno! — Grace cruza os braços, — Oh, Desi você já chegou, bom dia querida!

— Bom dia. — Respondo tensa.

— Já estou indo Grace e ver se não fica pensando besteira o dia todo.

— Você não sabe o que te espera, Raony. — Ela bate o pé e se vira.

— Nem comece com suas birras. — Pega o celular do bolso e coloca no balcão. Ela o ignora — Não sei o que faço com você, se te dou uma surra quando você chegar em casa ou faço greve como você costuma fazer. — Grace fica vermelha. — Prefiro surra, querida.

Surra? Levo um tempo para decifrar. Ah, sim aquilo...

— Saia daqui! — Raony zapa com um sorriso na cara e Grace

Jane pega o celular e coloca no avental — E como foi com o Marlon?

— Tudo bem.

— Você está radiante, mas eu vou marcar uma consulta na ginecologista para você. — Ela senta-se na mesa e coloca o celular em cima dela. — Ele usou camisinha?

— Sim.

— Mesmo assim vamos ao ginecologista.

Pego o meu caderno de anotação e digito a senha no login do computador, abro o sistema e começo a contar as notas do caixa, abro o caixa da loja com um valor que Grace costuma deixar para mim.

Rucinho é o primeiro cliente, ele entra na loja com uma xícara e de pijamas.

— Enquanto vocês discutiam tive que ser babá do Gael, acrescente isso no meu salário que está atrasado. há dois meses seguidos vocês depositam meu salário na data errada, não é dia quinze é dia seis, todo o dia seis, por favor. É o meu salário e atraso é inadmissível.

— Culpe o Raony aquele traidor. — Grace está ansiosa ao olhar para a tela do celular. — Estou com medo de ver o que tem nesse celular.

— Não gosto quando vocês brigam, meu senhor fica de mal humor. Agora, por exemplo, fui perguntar sobre o atraso ele me mandou para puta que pariu. — Ructon pisca para mim sorrindo, — por isso que só cobro cinquenta mil para o docinho do Jandir, além de pagar no dia não me dar trabalho. E acho que, o meu senhor, é inocente. E a senhora está paranoica, o que é ruim porque ainda nem chegou a viver cem anos de imortalidade, já podemos pensar em crise de idade? Como sofre o Rudá. — Ele dispara. — Ou só ciúme bobo mesmo.

— O que você coloca em seu café Rucinho? — Meus olhos seguram uma lágrima de riso.

Grace revira os olhos.

— Você sempre fica do lado dele. — Grace diz.

— Só estou de mau humor, aquele delegado infeliz me acordou antes do sol beijar minha bunda para falar que encontrou algo incomum na saliva do lobo e com certeza é o outro lado do Marlon. Estou com medo dele se tornar mais paranoico do que já é e começar a perseguir a nossa família.

Isso é ruim, por um lado me sinto culpada por trazer problemas para eles. Acabo de chegar na família e os envolvo na minha vida conturbada, uma cliente entra na loja e pega uma cesta e começa a colocar algumas guloseimas.

Grace Jane decide desbloquear a tela do celular, seus olhos se arregalam e tanto eu como o Ructon focamos nela. Ela passa as imagens freneticamente, fica vermelha, se abana com a mão, morde o lábio, umedece...

— Que diabos está vendo? — Pergunta Ructon.

— Meu marido é o melhor, deixou o celular cheio de nudes dele.

Ructon ri e diz:

— Nem eu teria pensado nisso. Minto. Teria sim!



Chego em casa pegando carona com a Grace Jane, meu namorado estava muito ocupado no estúdio que nem o vi saindo para almoçar, quando comecei a trabalhar na loja da Grace meus pés

doíam por ficar em pé tanto tempo agora já se acostumaram, a loja começa a ganhar movimento a partir das 10:00 horas, porém ultimamente temos clientes que tomam café e não apenas aqueles que deixam para comprar sobremesa depois de almoçar no restaurante ao lado.

Tiro as roupas da mochila e jogo na máquina de lavar, minha vagina está um pouco dolorida assim como o meu corpo, pego o sabonete íntimo e a bucha de banho. Tomo um banho demorado e quando saio fico apenas de toalha enquanto termino de arrumar as coisas. Depois visto o macacão jeans que Marlon tinha comprado para mim, é a minha peça de roupa favorita.

Pego meus materiais de pintura e dentro da caixa onde fica os meus pinceis encontro a pulseira da Grace, eu guardei ela achando que a Grace iria desistir de jogar fora, deixo ela no mesmo lugar e vou até a cozinha a procura de alguma coisa para forrar o estômago, faço um macarrão instantâneo usando o micro-ondas, depois que como, me sento frente ao cavalete.

Marlon comprou a linha de pinceis para profissionais, espalho a tinta óleo na paleta e começo a misturar tons quentes. Pego o meu celular antes de começar a pintar e começo a passar nossas fotos, eu simplesmente acho fascinante as tatuagens que ele tem em seu corpo e as que ele faz. Gostaria muito de receber um convite dele para ficar um tempo no estúdio vendo ele trabalhar.

Ele me mandou algumas mensagens na hora do almoço, continuo a conversa que tínhamos iniciado mais cedo:

– *Hoje você não almoçou :/*

Envio para ele e não leva muito tempo para ele responder:

– *Tive que adiantar um trabalho. Amanhã vamos almoçar juntos.*

– *Tudo bem. Quer assistir algum filme mais tarde?* – Proponho.

– *Daqui a pouco zapo aí ;)*

Ele me manda alguns emojis de coração e depois fica off-line, dou atenção para minha tela. faço um rápido esboço com o lápis, desenho ele sentado debaixo da árvore com a garrafa de cerveja na mão, era uma linda paisagem a qual jamais me esquecerei: Os arbustos, as árvores, o som dos pássaros, o farfalhar das folhas balançando ao vento, os desenhos feitos pelas copas das árvores, tinha algumas flores silvestres se sobressaindo em meio ao verde salpicado pela brisa da manhã. Um encanto. Eu me sentir livre, como estar em um sonho cheio de magia, como se estivesse em um paraíso primaveril, afinal de contas é primavera!

Ele nunca pode ver essa tela. Não vai ficar uma obra de arte. Argh! Não sou tão boa assim, exatamente por isso que ele não pode ver.

Começo a pintar o céu cobrindo o fundo das árvores, deixando o desenho dos galhos e das folhas e assim fico um bom tempo no meu quarto terminando de pintar o céu, também não sai disso. Tenho a mania de ser muito perfeccionista quando desenho ou pinto e para o trabalho ficar pronto levam horas.

Recebo uma notificação no celular em cima da mesinha redonda ao lado do cavalete, deslizo o dedo na tela, pode ser o Marlon avisando que está vindo o que me faz levantar de imediatamente, preciso cobrir a tela para ele não ver.

No entanto, é mais um e-mail do Ivan que vive enchendo minha caixa de mensagens. eu não dei atenção aos últimos que ele enviou, uso o mesmo e-mail na esperança que ele envie alguma notícia do meu pai, sim, ainda estou muito chateada com ele por ter me vendido para o irmão do Marlon, — porém ele é minha única família e preciso ter certeza que ele está bem.

Abro o último e-mail enviado por ele, cliço no link que dá acesso a um vídeo e aguardo carregar, depois cliço no play minhas mãos estremecem ao assistir o conteúdo: Meu pai preso a uma cadeira com o rosto desfigurado em hematomas e inchaços, não consigo ficar em pé, estou suja demais para sentar na cama então me sento no chão

apoiando-me na parede, não consigo me manter firme desabo em pânico e em angústia ao ouvi o que ele diz:

"Não faça o que eles querem Desi." Ele é atingindo por um soco por um homem encapuzado, "filha escute seu pai não se sacrifique.... Me perdoa por ter sido um péssimo pai, eu tentei, você não merece isso aqui... Eu te amo Desi e tentei protegê-la, falhei..."

Meu pai está mais magro e com roupas rasgadas, dou zoom na tela para focar nas cicatrizes e hematomas em sua pele, seus dedos estão inchados das unhas arrancadas.

— Meu Deus! — Abafo o soluço com a mão e começo a chorar desesperada.

Respiro, inspiro e excluo o vídeo, pois sei que o Marlon deve estar me sentindo, ele zapa até o quarto de imediato, sem camisa ele ainda estava se vestindo, minha garganta se fecha em um nó sufocante e novamente sou tomada pelas mesmas sensações que me fazem ficar desesperadas, amedrontadas, perco o equilíbrio emocional, pois é como se destravasse em minha mente todas as lembranças ruins acumulados durante anos, as sensações, a dor e sou envolta em um manto negro, vazio, desesperador. Eu sei que o ar ainda está aqui, mas eu não consigo tomar mais dele, sei que se me acalmar vou aprender a respirar de novo, mas não consigo me acalmar.

— Desireé, estou aqui. — Marlon me envolve em seus braços me carregando e eu odeio ser tão vulnerável assim, odeio sentir tudo isso, no entanto, não é fácil me livrar disso de um dia para o outro. Eu tentei achei que estava indo bem, até agora, pois estou em pânico. — Eu estou aqui...

A voz do Marlon e o aconchego do seu abraço começa a afastar o meu temor, e preenche uma lacuna interior, preciso ser mais racional não posso me entregar a esse pânico que me faz tão mal. Aquela mulher não pode mais me trancar em um quarto escuro e descontar toda sua raiva em mim.

Preciso acreditar que eu consigo.

Sinto um frescor cobrir minha pele, estou do lado de fora da varanda. Marlon me trouxe para cá. Toca em meu rosto e me coloca no chão, não deixando de me abraçar de me manter próximo ao seu calor e da brandura do seu afeto sincero, beija meu rosto e acaricia meu braço e pergunta:

— Me diz o que posso fazer?

Permaneço em silêncio apertando sua cintura com força. Depois de levar alguns segundos me acalmando respondo:

— Eu recebi uma mensagem do Ivan, papai está com problemas!

— Desi...— Ele me leva até a cadeira espreguiçadeira e do outro lado da varanda é onde fica a rede onde Ructon costuma tirar um cochilo. — Isso não é nada bom, não são pessoas que você tem que lidar.

— Eu não posso virar as costas para ele. Ele está sofrendo e o que eu poder fazer para aju...

— Não completa, eu não vou deixar você se arriscar por um homem que te vendeu para o Rudá.

— Eu sei, mas... — Deixo os ombros caírem, me dou por vencida, mas preciso pensar no que vou fazer sobre isso, se entro em contato com o Ivan ou não.

— Vai ficar tudo bem — Garante depositando um beijo em minha bochecha.

CAPÍTULO VINTE

CINCO

Elie Anjo - Demônios Reais



Acordo sentindo um peso em minha cintura, o braço dele está me envolvendo de maneira protetora, porém percebo que ele está acordado me observando.

— Bom dia.

— Se sente melhor?

— Sim. Obrigada. — Me viro na cama para poder abraçá-lo, ele passou a noite comigo, isso foi bom, pois me senti amparada. — Eu sinto muito por tudo isso.

— Ei, não se sinta culpada por nada. — Beija minha bochecha, sei que ele está preocupado comigo e não quero mais envolvê-lo nesse assunto, demorei para dormir pensando no que fazer. Entretanto, deixei ser levada pelo sono, é muito difícil pensar nessas coisas com o Marlon por perto, sinto que não estou considerando as opiniões dele. — Sabe, mais cedo enviei uma mensagem para a Grace e pedi para ela lhe dar um dia de descanso.

— Não precisava Marlon, não é como se estivesse doente. — Ele continua a esfregar um dos meus braços de maneira carinhosa. — Não posso perder esse emprego, na verdade eu até pensei em começar a trabalhar a noite e fins de semana na boate.

— Não acho uma boa ideia, e sim, você precisa de um descanso. Grace disse que vai passar aqui daqui a pouco para leva-la

ao ginecologista. — Limpa a garganta desconfortável. — Está tudo bem com você? De alguma forma te machuquei?

Seus olhos cristalinos estão me fitando sem piscar.

— Não. Ela só está preocupada, afinal de contas sou uma humana...

— Certo, mas qualquer coisa você me diz. — Esboço um sorriso. — Mais tarde quero levar você para um lugar — Nunca o vi mais sem jeito — coisas que eu faço quando tenho tempo. Agora tenho que ir, preciso cuidar da quenga. — Me beija antes de sair da cama, — acho bom ir até a cozinha antes que o café esfrie.

Diz antes de zapar, pulo da cama e calço meus chinelos, corro até a cozinha e encontro uma xicara de café na mesa e ao lado algumas guloseimas da loja, Marlon também cortou algumas frutas para mim. Suspiro agradecida pela generosidade dele. Nunca me sentir tão bem cuidada na vida, ele se importa comigo, me ama e essa sensação confortável que sinto ao estar ao lado dele não tem preço.

Tomo o meu café, depois tomo um banho e me arrumo, Grace também tinha mandado uma mensagem avisando que conseguiu marcar uma consulta para hoje de manhã. Quando ouço o barulho do seu fusca vou ao seu encontro, ela buzina fazendo barulho e gritando "bom dia", pelo visto a noite foi boa. Nitidamente fez as pazes com o seu marido.

Ela colocou algumas músicas gospel para tocar no rádio, a clínica fica em um prédio de dois andares, os prédios dessa cidade não são altos e aqui não há nenhuma construção que chame muita atenção, é um lugar perdido no fim do mundo. Minha mãe nunca me levou ao médico e agora tenho a Grace com o braço envolvida nos meus, se preocupando e cuidando de mim.

— Está tudo bem? — Ela me pergunta, depois de ficar um tempo observando-a com cara de paisagem. Grace joga os cabelos loiros radiante, ela tem um brilho e uma doçura que não dar para

passar despercebido.

— Estou.

— Não se preocupe a pessoa que vai lhe atender é uma mulher muito gentil, depois da consulta você pode ficar lá em casa brincando com o Gael — ela revira os olhos — aí sou uma mãe babona e ele está fazendo muitas gracinhas.

— Tudo bem.

— Aproveita e almoça com a gente e leva o Marlon, ele nunca aceita meu convite.

— Certo. E sinto muito por não ter aberto a loja hoje.

Grace continua com a expressão suave, tranquila, pairando em seu rosto.

— Ah, por favor, relaxa, um dia a menos não faz diferença para mim, na verdade mantenho a loja para me manter independente. Não vou dar o gostinho ao Raony para ele me sustentar, apesar dele não me deixar pagar as contas e nem pagar nada com o meu dinheiro, bom não vou reclamar, sobra mais para mim. Gasto comprando as coisas que quero para mim e para o Gael. — Ela levanta os dois dedos indicadores para cima e continua — E estou juntando muita grana para meu filho gastar quando estiver maior de idade, sabe essas coisas faculdades e ele tem que trabalhar duro! não estou criando encosto... — Ela fala um pouco mais alto atraindo atenção de algumas mulheres. — Continue com suas vidas, queridas.

Rio, há algumas mulheres grávidas também porque no prédio há outras especialidades, logo ao lado tem um obstetra. Uma das mulheres eu acabo reconhecendo é uma das atendentes do mercado, noto sua barriga saliente se sobressair.

— Oh meu deus, Ruth! Você está grávida, mulher! — Grace se agita no banco.

Ruth passa a mão na barriga não tão grande assim e lança um

olhar de desprezo para Grace.

— Ah, por favor, Grace como se você não soubesse. Todos sabem que estou grávida.

— Desculpa, mas não saiu no jornal. Felicidades é muito bom ser mãe... — Ruth revira os olhos e Grace foca na mão sobre a barriga dela — Ah, entendi a grosseria, engravidou sem casar, da minha vez você e esse povo retrógrado me encheram o saco. não se preocupe não vou retribuir.

— O pai é o Eric.

— Oh, pobre coitada! — Grace permanece com os olhos vidrados e esbugalhados. — Aquele cretino! Mas que desespero é esse mulher!

Perdida na história, pego uma revista em uma mesa ao lado e começo a folhear.

— Ele mudou. Não é mais aquele galinha...

Grace começa a gargalhar alto. Novamente atraindo atenção dos outros.

— Desculpa Ruth, mas é como dizer para um pinto que ele vai crescer e virar uma mula.

— Olha aqui, Grace Jane, não é porque sai por aí com aquele homem passando na cara dos outros que tem um casamento dos sonhos que eu também não posso ter. Eric mudou!

Ruth diz irritada se empurrando na cadeira, Grace fica em silêncio, mas sei que ainda está remoendo o assunto e segurando o riso.

— Conhece a Desireé? É a namorada do Marlon e futura esposa e mãe dos filhos dele.

— Um cafajeste e você ainda acha que eu estou na pior. —

Bufa. Deixo a revista de lado e encaro a mulher com frieza. — Até um dia desse estava comendo a Helena e metade das mulheres dessa cidade...

— Não é melhor você calar a boca e cuidar da sua própria vida? Que pelo visto é bastante desesperadora. — Digo irritada.

Grace cobre minha mão que repousa no braço da poltrona com a sua metendo parada ali.

— A propósito Ruth não era para ele acompanhar você na consulta?

Estou ansiosa para ser chamada logo, pois essa conversa está me deixando muito irritada. Só de lembrar da Helena e... Muitas mulheres? Encaro a minha volta e posso sentir os olhares das outras mulheres infernais sobre mim, será que alguma delas ficou com o Marlon? Até mesmo a própria Ruth!

— Ele vai vir, Eric quer esse filho tanto quanto eu.

— Que bom! — Grace encerra a conversa.

Sou chamada na sala e antes de entrar, Grace me disse que ia ficar tudo bem.



Como tinha imaginado, está tudo bem, ela passou um sabonete íntimo e me indicou anticoncepcional... Não comento muita coisa com Grace ao sair do consultório, Marlon me mandou uma mensagem, ele disse que ia me buscar para levar para algum lugar.

Assim que saio o encontro me aguardando frente ao prédio com uma *Ducati*. E eu nunca andei de moto, ver meu namorado espetacular sentado nela com o capacete erguido me esperando é

algo surreal.

— Vou esperar vocês para o almoço. — Fala Grace indo em direção ao fusca rosa. — Tem alergia alguma coisa Desi?

— Não. Obrigada por hoje, Grace. — Sorrio, me sinto tão sortuda e tão acolhida.

— Tudo bem minha querida, divirta-se. — Pisca para mim.

Corro até a moto do meu namorado e dou um meio abraço nele.

— Deu tudo certo?

— Sim, onde vamos?

— Surpresa. — Ele está misterioso, me entrega um capacete. — Segure-se firme, Desi.

Balanço a cabeça já pesada pelo capacete, Ruth sai do consultório sozinha discutindo com alguém pelo celular e no fundo acabo sentindo pena dela. Acredito que com Marlon as coisas seriam diferentes, ele jamais me deixaria sozinha em um momento assim. Sim, penso em ter filhos com ele, porém ainda não é o momento.

Chegamos a uma instituição um pouco mais distante do aglomerado de casas, em uma casa verde com um coração pintado na parede escrito "Adote um focinho", "Adote um pet" e outras frases pichadas. reconheço os traços nas paredes e a assinatura, foi o Marlon quem fez as pinturas e pela situação as pinturas são antigas. Ouço os latidos dos animais, eles se agitam do lado de dentro dos muros.

O portão se abre e um senhor nos recebe.

— Eles reconhecem quando o senhor está chegando. — O senhor dá espaço para a moto passar, aperto o Marlon abraçando suas costas antes de descer da moto.

Me sinto emocionada por conhecer esse lado dele e tudo o que

aquela mulher disse sobre ele, não é tudo o que ele é.

— Só me promete uma coisa? Desi.

— O quê?

— Sei que é difícil, mas não pode levar todos. — Ele termina de guardar a moto com o capacete que lhe entreguei, além da moto tem mais um carro estacionado. — Vamos ver como você vai cuidar do nosso primeiro baby.

Sorrio, Marlon segura minha mão me puxando para dentro, cumprimenta alguns funcionários, entre eles vi um homem de jaleco branco sai de uma das portas para falar com ele na porta e está escrito: Clínica veterinária 24horas.

Que demais! Passamos pela lateral da casa, rodeado por funcionários, vejo quatro ambulâncias estacionada e pergunto:

— Como funciona exatamente?

— São unidades moveis de saúde para os pets, tipo, caso alguém ligue pedindo atendimento para algum animal ferido e uma vez no mês elas vão para as ruas para vacinar os animais, oferecer serviços como castração para isso tem que agendar, embora os serviços sejam gratuitos incluindo a medicação mesmo a animal tendo dono.

— Isso é incrível.

Alguns correm e começam a nos cercar, são cachorros, porém vi que o terreno é separado para gatos também, Marlon pega um cachorro no colo, pequeno e fofo. São tantos de diversos tamanhos.

— Você mantém esse lugar?

— Hum, rum... Há pessoas que têm pets mais não se preocupam com eles, por isso oferecemos as coisas gratuitas para qualquer um para incentivar as pessoas a trazer eles para alguma consulta. Todos são muito bem cuidados, a equipe manda muito bem.

Ele esquece de mim para brincar com os outros.

— Se eu pudesse adotava todos. — Digo ainda emocionada. — Mas eu tenho que escolher apenas um, não sei se consigo.

— Se quiser podemos ver na ala dos gatos. — Ele sugere enquanto acaricia o pescoço de um.

— É uma boa ideia, sempre quis ter uma gatinha.

Marlon me leva até a outra parte e foi a coisa mais difícil escolher apenas um. Saio com uma gatinha com os pelos pretos, antes de levar para casa passamos no veterinário e saímos com a certidão de nascimento e a data que é para levar meu neném para vacinar.

O nome que eu escolhi é "Lua" coloco a caixa no colo e Marlon me ajuda com o capacete. Lua começa a "miar" desesperada.

— Pobrezinha ela não é acostumada a andar de moto assim como eu.

— Vou tentar algo. — Ele se abaixa frente a caixa, percebo o tom dos seus olhos mudarem um pouco logo Lua para de ficar agitada, — acho que ela consegue ir dormindo até a gente chegar em casa.

Não foi difícil o caminho todo, Marlon só estacionou quando chegamos na casa da Grace. Só não esperava a família toda reunida nos aguardando.

CAPÍTULO VINTE

SEIS

Elie Anjo - Demônios Reais



incrível como as nossas fêmeas unem a família e eu nunca **É** imaginei que seria dessa forma, nunca imaginei estar perto dos meus irmãos para nos juntarmos no quintal para fazermos churrasco a nova membro da família agora é a nova amiga do Gael, Lua é dominada pelo pequeno híbrido que tem o poder de cativar as outras espécies. Também tive que zapar para buscar Lagertha e Ructon. Ainda bem que Rudá não deu as caras para estragar nosso lazer.

Porém, tenho o olhar voltado para Desireé que está na cozinha ajudando Grace, encaro ela através da janela e percebi que embora não tenha falado nada, ela está muito distante e preocupada. Uma hora ela terá que sentar e conversar comigo.

— Marlon, pode pegar a carne por favor? — Pede Jandir enquanto agita o fogo com uma tábua de cortar carne.

A fumaça se alastra no quintal, mas antes de zapar Ructon ordena:

— Traga a cerveja também.

Ele se espalha mais na espreguiçadeira no deck da piscina.

— Não pense que você vai ficar aí sem fazer nada, Ructon! —

Raony liga a mangueira do quintal enchendo a piscina plástica para o Gael brincar.

Ructon descruza os braços para tirar os óculos escuros.

— Hoje é dia do patrão fazer comida para o empregado, continuem... — Diz ele. Imediatamente Raony molha ele com a

mangueira. — Estou brincando! Estou brincando! Vou pegar a cerveja, vou pegar tudo!

— Tem medo de água, Ructon? — Zombo, rindo com o Raony.

Gael atravessa o deck carregando Lua, e minha cadela está estirada no chão cansada de tanto correr.

— Tio ela pode tomar banho? — Aponta para a piscina.

— Se você fizer isso ela vai ficar traumatizada logo no primeiro dia na família. — Rio, — mas pode dar banho na quenga, ela adora brincar na água.

Ele sorri e pergunta:

— O que é quenga?

— Bonita em japonês. — O pai dele responde. — Se Grace ouvir a nova palavra no vocábulo dele você está ferrado.

— Foi mal, esqueci.

Desireé ajuda Ructon, trazendo mais cerveja e a carne colocando tudo na mesa, assim que a piscina enche Gael solta a gata e se joga na piscina, não precisou nem chamar a quenga ela saiu em disparada se jogando na piscina para alegria do meu sobrinho.

Grace traz a salada, arroz, feijão e alguns aperitivos, Desi vem até onde estou sentado na espreguiçadeira e senta-se passando a mão na minha cintura, beijo sua testa.

— E como está se sentindo? — Pergunto bebendo mais um gole da minha cerveja.

— Estou bem, onde está a Lua?

— Estava aqui há pouco tempo.

— Vou procurar por ela. — Concorde, vendo-a se afastar tenho que respeitar o momento de adaptação dela.

Porém não é apenas ela que está preocupada, Ructon senta do outro lado da espreguiçadeira, momento ideal para arrancar mais algumas coisas dele.

— Desireé está recebendo mensagens do irmão dela. Está sabendo disso?

— Claro que não, meu senhor. — Ele fica pálido. — Sobre o quê? Ela disse?

— Não, mas não é coisa boa. você tem notícias dele? Sabe onde ele está?

— Não.

—Acho bom não está mentindo, Ructon.

— Não faria isso, meu senhor, sei que ele está procurando por ela, mas estamos no fim do mundo, ele não vai encontrá-la aqui.

Preciso garantir que ninguém vai tentar tirar a Desireé de mim, não sei o que esse tal de Ivan está planejando, entretanto, seja lá o que for não é coisa boa e ele quer atrair a Desireé para o perigo, cada pedaço da minha alma pode sentir o perigo espreitar. Tenho que fazer alguma coisa e melhor estratégia de um predador é caçar ao invés de ser caçado.

Grace sorri levemente para mim quando o meu olhar cruza o dela, Raony está sentado na borda da piscina com os pés dentro dela. O desconforto paira no ar, por que a Desireé está demorando tanto?

Troco um olhar com o Ructon que deve ter pensado a mesma coisa.

— Ela deve estar no banheiro. — Ele diz, mas não dou ouvidos.

Me levanto e persigo seu cheiro, o lugar que ela saiu para ir atrás da gatinha, meu coração fica descontrolado e os meus pelos da nuca se ouriçam. Vejo Desireé sentada na grama do jardim brincando com a gata. Ela sorri para mim e eu sorrio de volta, solto um longo suspiro, mas o momento de alívio dura pouco quando ouço o barulho de um tiro estrondar em meus tímpanos. Desireé solta um grito estridente e zapo até ela lançando meu corpo sobre o seu. Ela segura forte a gatinha assustada que começa a arranha-la.

Seus olhos verdes se tornam opacos, e novamente parece que vai entrar em algum tipo de surto.

— Desi, está tudo bem. — Toco em seu rosto pálido e gelado, o tiro foi um pouco distante.

— São eles Marlon... — Fala com os lábios trêmulos.

— Não amor não são, presta atenção, não são eles. — Afirmo e a abraço.

A carrego para longe do gramado.

— Eu estou bem, me coloca no chão.

— Sei que está com medo.

Só deixo seu pé triscar o chão quando voltamos ao quintal, Ructon corre e se joga na cerca ficando ali pendurado bisbilhotando a vida do novo vizinho do Raony.

— O tiro veio daí! — Alerta Ructon.

Grace tira o Gael da piscina e nós ficamos em alerta.

Até a sombra de um homem sair da divisão do quintal, as casas são distantes dando a Raony bastante privacidade. Jandir ainda está perto da churrasqueira observando tudo, porém ele não parece preocupado.

— Acho que vocês terão que se mudar. — Ructon diz.

— Ora, ora se não é o Bunda Pálida! — Fala o homem do outro lado da cerca, sua voz é reconhecida por mim de imediato.

— Está me perseguindo seu maníaco? — Devolve uma pergunta e uma cuspada no quintal do delegado.

— É assim que dá boas-vindas ao novo vizinho? — O Homem está segurando uma espingarda. — Desculpa se assustei vocês, eu estava praticando, nunca imaginei que essa cidade pequena seria tão perigosa, pois há lobos e essa arma é para eles.

Rosnamos em conjunto, até mesmo o Jandir ficou incomodado.

— Oh, meu Deus! — Diz Grace Jane. — Somos do grupo de protetores dos animais e não vou deixar você sair por aí atirando. Vou dar uma queixa!

— Minha senhora eu sou o delegado.

Isso quer dizer que o Gael não vai poder se transformar, não com um maníaco à solta. Vai ser muito difícil continuar guardando nosso segredo desse jeito.

— Bom até logo. Tenham um bom dia vizinhos.

— Já vai tarde. — Ructon pula da cerca — Não se preocupem eu e a Grace vamos tacar fogo na casa dele, ninguém vai saber.

Desiree ainda está tensa ao meu lado alisando a gata freneticamente.

— Não vamos deixar que isso estrague nosso lazer. — Grace abraça o filho. — Não é filhote?

— Mamãe você é tão, tão quenga!

Ops. Grace Jane fica vermelha de imediato.

Eu seguro o riso, enquanto o Raony faz a melhor cara de surpreso e diz:

— Culpe o Marlon.

— Ora seus, seus, seus! — Cala-se antes de xingar na frente do Gael. — Hunf... Vão ver só!

Ela pega o Gael e leva para dentro de casa, ele acaba chorando sem entender o ataque de raiva da mãe.



Depois daquilo a tarde não perdeu a graça, pelo contrário fizemos questão de deixar as coisas melhores, na volta para casa ajudei Desireé a arrumar as coisas de Lua, compramos uma caixa de areia para gatos e ração. Ela continua compenetrada quando paramos para ver um filme, não parece prestar atenção no filme.

— Eu tive tanto medo, Marlon, a primeira coisa que me veio na cabeça é que alguém foi ferido por minha culpa. eu pensei no Gael, naquela criança inocente sendo atingida por um tiro.

Finalmente ela diz alguma coisa, não apenas isso, mas chora desesperadamente.

— Não se assombre com coisas que não vão acontecer.

— Eu amo você, amo todos vocês. Nunca se esqueça disso.

— Não vou esquecer porque você sempre vai estar aqui para me lembrar disso.

Beijo sua bochecha confortando-a.

Ela reclama de cansaço, a acompanho até a cama e só saio de perto quando ela dorme de vez. Zapo até o apartamento deixando-a dormindo, pedi para Ructon ficar com ela até de manhã.

Não consigo dormir, não consigo pensar em mais nada que não seja ela. infelizmente é bastante difícil ter que admitir isso, no entanto, a única pessoa que pode me ajudar é o bastardo do Rudá, zapo até a mansão dele. O encontro deitado em sua cama lendo um livro.

Rudá tem hábitos solitários, vive enfurnado entre quatro paredes com a atenção voltada para o museu que é sua casa, suas coisas velhas.

— O que quer? — Ele está com os lençóis cobrindo os pés, a mobília do quarto dele é do século passado, relíquias. — Vai ficar aí olhando a decoração do meu quarto? — Cruzo os braços e círculo o

quarto até uma poltrona para me sentar. — Não se atreva a se sentar nessa poltrona...

Ah, sim tinha me esquecido que o Rudá tem móveis de estimação. sem contar que ele é muito possessivo e territorialista. Não gosta que ninguém toque nas suas coisas, ele sempre foi assim, seus brinquedos nunca eram divididos, uma vez toquei em um trem esculpido por madeira que ele tinha em seu quarto, apenas enfeitava sua parede, ele nem brincava, mas só pelo fato de eu ter tocado ele simplesmente esmagou o brinquedo na minha frente.

A alegria dele é viver isolado, isso também faz parte da sua criatura mística. Quando criança o perturbávamos o chamando de velhote.

— Preciso conversar sobre a Desireé.

Ele suspende seu olhar, sua silhueta está sendo desenhada pela fraca luz do abajur. Mas sua aparência é muito intimidante.

Entendo que entrei na jaula de um tigre.

— Então finalmente decidiu marcar sua fêmea e se tornar responsável...

— Não começa.

— Não sei em que posso ajudar você e também não sei se quero ajudar você. — Dá para perceber o quanto ele está se deliciando do meu desespero.

— O irmão dela está entrando em contato com ela, preciso dar um fim nele e em todos que estão atrás da Desireé.

Ele deixa o livro em cima da enorme cama, o enorme vazio.

— A única coisa que pode fazer é manter ela longe deles. Mas me diga como ela está recebendo as mensagens?

— Por e-mail eu acho.

— Ela tem um e-mail... — Levanta-se da cama, descalço e com o andar silencioso. — A melhor coisa que ela faz é perder o contato com sua família de uma vez. Agora se não se importa, preciso dormir. — Ele liga sua vitrola e começa a tocar uma baixa melodia, música clássica.

Reviro os olhos para ele e antes de voltar para o meu apartamento zapo até o quarto da Desi, ela está dormindo e ouvir o som da sua respiração me acalma.

CAPÍTULO VINTE SETE

Elie Anjo - Demônios Reais



Eu não consigo desviar os pensamentos para outra coisa que não seja meu pai naquela cadeira sendo torturado e do som de tiro e do meu desespero ao imaginar que alguém ali estivesse se machucado, tendo suas vidas viradas de cabeça para baixo e quando aquele delegado apareceu deixou as coisas bem claras para mim, eu só trouxe problemas para eles, isso me faz afundar em uma profunda tristeza porque eu amo eles, nunca recebi tanto amor como nos últimos meses.

Entretanto, está difícil conviver com isso tudo. O que fazer? Não quero deixar o Marlon para trás, tão pouco quero inclui-lo nisso. Chego na loja um pouco mais tarde com os olhos pesados pelo cansaço, acordei no meio da noite e não conseguir dormir mais. Há alguns brinquedos do Gael espalhado atrás do balcão e ouço a voz da Grace cantarolar na cozinha.

Até o seu marido zapar na cozinha e começarem a conversar, depois de um tempo ele sai balançando as chaves.

— Bom dia. Onde está o Gael? — Ele me pergunta.

Como tinha notado a xícara do Rucinho em cima de uma das mesas concluo:

— Bom dia. Ele deve ter saído com Rucinho.

— Ah, sim.

Grace sai logo em seguida com uma torta de chocolate e deposita em uma das prateleiras, Raony dobra as mangas da sua camisa branca. E eu começo a abrir o caixa, Grace entra na cozinha e sai novamente com uma bandeja cheia de guloseimas embaladas em plástico. começa a arrumar na prateleira.

Deixo o caixa para ir ajuda-la, porém, antes mesmo de chegar perto dela, Grace congela deixando a bandeja cair.

De imediato o marido zapa até ela.

— Vai ficar tudo bem, querida!

— Meu filho, levaram o meu filho.

Ela começa a chorar aflita.

— O que aconteceu?

— Cuide dela Desireé, já volto!

Ele desaparece, mas ao invés de ficar parada, Grace corre para fora da loja, corre pelas ruas e eu a acompanho tentando alcançá-la, então percebo que ela está seguindo um carro preto.

Rucinho está caído na estrada, me jogo no chão perto dele. giro o calcanhar de mal jeito e acabo caindo no asfalto de maneira brusca, ralando o joelho.

— Eu estou bem. Saia daqui Desi. — Ele me pede, porém ele não está nada bem, as marcas de pneus estão sobre sua camisa preta, sua pele está ferida, arrancada e totalmente ensanguentada. alguns curiosos se aproximam. minha nuca esfria sendo percorrida por um arrepio assustador, talvez seja pelo pânico. Porém sinto que estou sendo observada. O barulho da explosão faz com Grace grite desesperadamente, meu peito se contrai e me sinto sufocada, desnorreada se me sinto de tal forma não posso imaginar como a Grace se sente.

O carro onde Gael estava fica em chamas no meio da rua, Raony zapa de volta sem ele.

— Eu... — Ele está pálido e parece se sentir sufocado pelo medo como todos nós. — O perdi por questão de segundos, não senti a presença dele Grace.

— Eu não sinto o meu filho Raony, me diz que ele está bem, por favor.

Minha garganta se fecha em um nó. Grace não merece isso, meu Deus o que eu fiz? Isso não pode estar acontecendo. Sou uma pessoa cruel, fui egoísta em permitir que tudo isso acontecesse com eles. Não devia ter me aproximado dessa família, não devia.

Marlon também zapa no meio da estrada, sem se preocupar com que as pessoas vejam, algumas se espantam, embora essa hora do dia o movimento é pouco.

Por último Rudá zapa e meu ouvido começa a zunir e acredito que o som incomoda os outros humanos também.

— Terei que limpar essa bagunça — Diz Rudá. — Vão procurar o Gael, vou apagar a memória dos humanos.

Ele começa a zapar de maneira rápida em alguns pontos específicos ao longo da rua.

Raony não zapa, mas corre até o carro em chamas. Ructon se levanta ainda muito debilitado, mas noto que se regenera aos poucos.

— Pode ir ajuda-los vou ficar bem.

Corro em direção ao carro em chamas.

— Eu sinto cheiro de sangue. Mas não é do Gael. — Declara Raony. — Eu o ensinei a esconder sua presença, ele está com medo e não considerou que seus adversários são apenas humanos.

— Gael! — Grace grita. — A mamãe está aqui!

Saímos do meio da pista, indo a um parquinho infantil nos separamos para procura-lo, encontro uma lixeira jogada no chão, com os lixos esparramados e na borda dela manchas de sangue.

— Acho que o encontrei!

Me ajoelho com cuidado e encontro um lobinho de pelos alvos manchados de sangue, desacordado em meio ao lixo, parecendo estar dormindo. Seu pai o carrega, Gael abre os olhos marejados.

— Ele desmaiou depois de usar suas habilidades. — Raony olha com um tipo de veneração para o pequeno lobo, suspira e acaricia na região da sua orelha. — Bom garoto, você foi capaz de se esconder até de mim.

— Eu nunca tive tanto medo, não quero passar por isso de novo Raony, não quero. — Eles se abraçam com o lobinho no meio do abraço.

— Está tudo bem agora querida, o sangue não é dele, ele deve ter se transformado e mordido seu sequestrador.

— Pulei a janela papai. — Diz o garoto, já transformado e pelado, boceja se aconchegando mais no colo do pai.

— Você também causou a explosão do carro filhote? — Gael balança a cabeça confirmando, enquanto Grace o enche de beijos — Você é o orgulho do papai.

Raony entrega ele para a mãe, continuo em silêncio engolindo o choro e observando tudo. Porém lembro do Marlon, ele desapareceu logo que o Rudá zapou.

Deus, para onde ele foi?

Corro até onde tinha deixado Rucinho e só o encontro na loja sentada em uma das mesas respirando com dificuldade.

— Encontraram ele não foi? Aposto que ele que explodiu tudo.
— Ele ri, mas em seguida solta um gemido de dor. — Eu gritei para ele explodir tudo quando o tiraram de mim.

Minha vida é uma bolha do caos, fui estúpida em achar que as coisas seriam diferentes e acabei envolvendo pessoas inocentes. Preciso admitir que eu baguncei a vida dessas pessoas, envolvendo-as no meu mundo opressor e sangrento.

Marlon zapa até onde estou.

— Você está bem? — Ele me abraça.

— Sim. Onde estava?

— Ajudando Rudá. — Beija minha testa apertando mais o abraço — Não se culpe por isso Desi, não é culpa sua.

Não respondo nada, guardo minha raiva, dor e revolta para mim. Não abrimos mais a loja, limpamos a bagunça restando apenas o carro em chamas no meio da rua e o céu sendo coberto pela fumaça preta.



Marlon me leva para casa, minhas pernas estão dormentes e minha cabeça latejando com intermináveis pensamentos. Tentei construir um abrigo nesse lugar, isso nunca será possível.

Tentei ser Desireé Chandler.

Não posso me tornar isso enquanto Desireé Nicolaev continuar viva. Ainda existo para aquelas pessoas a ponto de querer me usar para alguma coisa.

Marlon passa um tempo comigo, como sempre atencioso e amoroso.

Eu não peço para ele me deixar, preciso muito dele ao meu lado, preciso aproveitar cada segundo que me resta ao seu lado. Eu o amo com tudo de mim embora me sinta protegida ao seu lado, não posso fazer dele minha bengala.

Tomo um chá e me permito dormir um pouco, apenas porque sei que Marlon vai sair logo em seguida, acordo no meio da tarde e pego o meu celular já imaginando o que deve ter nele, mais mensagem do Ivan no meu e-mail, dessa vez ele está preocupado comigo. A última foi mandada uma atrás:

"Estou aqui Desireé peça para seu namorado sair, precisamos conversar."

Meu pulso acelera no titubear das minhas emoções, bastante conhecidas: Ansiedade e temor.

Só que agora há algo a mais, tenho determinação mesmo que seja para fazer a coisa mais estúpida da minha vida, eu preciso pôr um fim nisso tudo. Abro a porta sem pensar mais sobre isso, Ivan está encostado em um *Ranger Rover* preto, parecido com o carro que explodiu.

Sua postura é austera e maxilar tensionado, seu olhar predatório me avalia numa expressão indecifrável, Ivan é definido em soberania, marcado e moldado pelo meu pai para ser mais opressor, tudo isso na intenção de continuar os seus negócios sujos. Esta é a imagem que ele passa embora seja jovem e nunca tive a oportunidade de conhecê-lo de fato.

Mas infelizmente esta é a minha família, sem risos, sem abraços e demonstração de afeto, apenas as migalhas de atenção do meu pai.

Ele sobe as escadas ajeitando a lapela do seu terno azul marinho, por baixo uma camisa estampada com arabescos pretos.

— Encontrei você minha irmã. Que bom que cheguei a tempo.

— Só me diz Ivan que você não tem nada a ver com a tentativa de sequestro daquela criança. — Minha mente ferve, engulo o gosto amargo que domina minha boca. — Por favor...

— Não fui eu, Desireé.

— Então como conseguiu me encontrar?

— Seguindo aqueles caras, pensei que me levaria até o cativado do nosso pai. Me trouxe até aqui, até você.

Limpo o lábio ressecado e deixo-o entrar, farei essa tentativa de confiança, sim, de fato estou sendo movida pelo desespero para encontrar uma saída, pois agora que eles sabem onde estou, não vão desistir e nesse momento Marlon deve estar reunido com seus irmãos e seja lá o que planejam não vão me incluir, porém mesmo sendo poderosos estão pondo suas identidades em risco.

— O que você quer, afinal?

— Que você venha para junto da proteção da sua família.

— Corta essa, por favor!

Ivan é tão alto que sua presença na sala acaba sendo dominante.

— Estou sendo sincero, mas admito que preciso da sua ajuda com o pai.

— Não sei em que posso ajudar. Portanto não vou ajudar.

Não demorou muito para ele me encarar irritado.

— Era de se esperar, por um lado isso me deixa feliz, saber que aquele velho lhe protegeu tanto e para mim apenas a rejeição e no momento em que ele precisa da sua ajuda você simplesmente vira as costas para ele. cuspiendo no prato que comeu.

— Eu era uma garota confinada, fiquei sofrendo nas mãos daquela mulher, não me venha falar de predileção. Isso não me serviu de nada!

Sei que ele não está sendo completamente honesto, mas se fosse o sequestrador não precisaria fazer todo esse teatro para me levar, bastava me levar a força.

— O sequestrador só aceita negociar com você, ele quer você e não sei quem ele é. — Ivan passa a mão no cabelo em um gesto ligeiramente desesperador. — Então acredito que se você não for comigo ele vai vim atrás de você de qualquer jeito.

Não posso acreditar nisso! Eu realmente nasci para ser a moeda de troca, isso é horripilante! Não demoro para tomar minha decisão e dizer:

— Eu vou com você, mas preciso de um tempo.

— Amanhã cedo vamos partir. há um jato em uma fazenda logo aqui perto, o local de pouso é clandestino não posso ficar muito tempo. E a melhor coisa que você faz é não envolver seu namorado nisso, tão pouco a família dele.

Como se eu não soubesse disso!

— Encontro você no primeiro cruzamento dessa estrada, amanhã.

Ele concorda tirando do bolso um charuto, antes de sair diz:

— Obrigado pela confiança.

— Espero não me arrepender disso.

Acompanho ele até a saída e bato a porta, desabo em lágrimas por alguns segundos, até lembrar que não posso ser evolvida por esses sentimentos. Não com um namorado ligado a mim, perseguindo minhas emoções.

Pego a pulseira guardada entre os pinceis, assim como meu celular coloco em minha mochila e deixo jogada no canto do quarto. Já tomei minha decisão e não posso voltar atrás.

CAPÍTULO VINTE

OITO

Elie Anjo - Demônios Reais



Ainda estou me recuperando do susto que tomei, tive medo pelo Gael e Desireé. Como aqueles malditos ousam tentar raptar o meu sobrinho? Eles estão aqui pela Desireé e não posso mantê-la mais nessa cidade andando livremente por aí até dar um fim nesses malditos.

O que me leva novamente a casa do Rudá. O encontro em seu escritório, sentado atrás da sua mesa com os dedos batendo em uma pasta.

— Tenho algo que preciso lhe dizer.

— Finalmente, depois que o pior acontece você decide abrir o bico.

— Não achei que fosse necessário. — Bufo diante do que ele diz. Desgraçado. — Sobre meu contrato com o pai da Desireé, ele nunca existiu...

— Como assim, seu fodido?

— Não use esse linguajar baixo para tentar me ofender. — Me repreende e continua: — Eu apenas forjei o contrato para garantir que você se comportasse como macho... Mas de fato eu e o pai dela tínhamos um acordo, ele entregaria a Desireé apenas para mim, por sua vez entregaria ela a você infelizmente ele não cumpriu com sua

palavra, o acordo nunca valeu muita coisa, o mantinha sobre meu controle enquanto ele dependia dos nossos negócios multimilionário, mas quando ele foi preso, falido e ameaçado pela máfia, nada daquilo valeu alguma coisa.

Eu odeio a forma como ele fala, como se ela fosse apenas uma mercadoria. O odeio mais ainda por manipular nossas vidas, por querer que as coisas saiam seguindo seus planos. E olha no que deu? Agora há mafiosos atrás da minha garota.

— O que sabe sobre o irmão dela? A Desiree disse que o seu pai estava em perigo.

— Não sei o que está acontecendo, o motivo do Ivan estar atrás dela sendo que ele não precisa da Desiree para nada, ela não é uma ameaça para ele disso eu tenho certeza, ele já está no controle, ele começou do zero sem a ajuda do seu pai e está se tornando muito respeitado.

Tem que haver um escape para isso tudo. Não posso aceitar o fato que ela tenha que viver fugindo.

— Eu preciso da sua ajuda, preciso entrar em contato com o irmão dela de alguma forma. Quero afastar esse cara dela.

— Isso será difícil. É como encontrar uma agulha em um palheiro, principalmente porque temos que ser sutis e esconder quem somos, não sei se você terá frieza para lidar com esses tipos de humanos sem causar algum estrago que leve eles a descobrirem quem somos, ainda preciso lidar com o fato que você já matou dois humanos recentemente. — Rudá joga a cabeça para trás em uma posição relaxada. — Tenho quase certeza que isso tem a ver com o pai dela. Por isso precisamos encontra-lo, acho uma perda de tempo ir atrás do Ivan, acredito que o pai dela tem todas as respostas para tudo isso.

Continuo o encarando de braços cruzados, não tenho alternativa, terei que dar mais um voto de confiança a ele.

— Tudo bem, vou confiar em você. Qual o primeiro passo?

— Deixar Desireé em um lugar seguro e partir. leve o Ructon com você, eu não mantenho contato direto com essa ralé, talvez ele possa lhe ajudar nisso.

— Você não vem comigo?

— Precisa de uma babá?

— Óbvio que não. — Retruco.

— Ótimo. Não gosto de ser babá de vocês desde que tive os dedos quebrados pelo nosso pai depois de dar uma bofetada no problemático.

— Ele era só um bebê e nem deve se lembrar que você quase o matou por ele ter mijado naquele livro. — Raony pode não se lembrar, mas me recordo perfeitamente. — Vou atrás do Ructon.

— Se quiser pode deixar a Desireé aqui, é um lugar seguro e isolado...

— Nunca.

Zapo antes que ele continue me provocando. Passo o restante do tempo conversando com o Ructon por mensagens e pedindo para ele providenciar as passagens. pretendo ir para a Rússia o quanto antes, o objetivo é encontrar o maldito do pai da Desireé, saber quem o sequestrou.



Compro algumas coisas para Desireé comer, quem sabe a incentivo a me ajudar a fazer um jantar? Vou contar as coisas para ela amanhã, pois hoje a cabeça dela deve estar cheia.

Chego em casa e encontro Desiree com luvas plásticas e vassoura, esfregando o chão da sala, o forte cheiro de produto de limpeza me faz espirrar.

— Oi amor, trouxe nossa janta me ajuda a preparar? —
Suspendo as sacolas e pisco.

— Sim. — Ela sorri, no entanto, é nítido seus olhos levemente inchados. — Eu já terminei aqui vou tomar um banho, não sei o que me deu decidi fazer uma faxina.

Ela está tensa, também depois de tudo o que aconteceu...
observo em silêncio ela sair da sala.

Vou para a cozinha e jogo as coisas na mesa, ouço ela grita
"vou tomar um banho."

Procuro no celular alguma receita de espaguete, sei que Desiree sabe cozinhar então ela pode me instruir, porém ela demora debaixo do chuveiro, mais ainda para vestir as roupas.

Ela não está nada bem...

Ouço o seu andar no corredor. Tiro a cara de frente do celular para admirar minha namorada deslumbrante. Desço o olhar para seu vestido florido e soltos até suas coxas, está com os cabelos levemente molhados. Ela sorri com uma cara de quem quer aprontar.

— Hoje o dia foi péssimo e só estou pensando em fazer amor com você a noite toda.

— O quê? — Sorrio surpreso com sua proposta e não vou recusar desde que seja realmente isso que ela quer. — Você está com cara que vai aprontar alguma coisa. me diz o que é.

Tarde demais, estou sendo derrubado pelo seu olhar travesso.

— A única coisa que quero aprontar vai ser com você naquela cama.

Ela enlaça meu pescoço e me beija, estava sentindo falta dos seus lábios colados nos meus desse jeito, a beijo com vontade até que se passa alguns minutos e estamos suspirando, desejando um ao outro.

— Vamos para o quarto. — Ela segura minha mão me arrastando consigo.

— Não vamos nem jantar...

Ela para no meio do corredor e fala:

— Eu quero comer outra coisa.

Rio, e apenas a sigo, minha garota se joga na cama e nos beijamos, incitamos um ao outro com nossos toques até que ela tira minha camisa com pressa.

— Por que se vestiu? — Murmuro enquanto suspendo seu vestido.

— Por que queria que me visse arrumada.

— Fez meu pau levantar na hora, também funciona com você pelada. — Ela ri e começa a afagar meu cabelo carinhosamente, — eu te amo linda.

— Eu também te amo, Marlon. Faz algo por mim?

— O que você quiser.

Ela se move debaixo de mim se afastando.

— Fica deitado aí, e deixa que eu tiro minha roupa para você.

— Estou gostando disso. — Digo com um sorriso de orelha a orelha.

Ela tira o sutiã e joga no chão, meu pau está completamente enrijecido, foco na imagem dos seus seios empinados, me

recordando da maciez da sua pele e da minha boca nele. Em seguida faz o mesmo com a calcinha, como amo o desenho da sua boceta macia e lisa.

Desi engatinha na cama e desabotoa minha calça, tento ajudar, mas ela dá uma tampinha na minha mão.

— Eu nunca fiz isso, então fica quieto para eu não lhe machucar.

Concordo e salivo quando ela toca em meu pau e timidamente envolve em sua boca, seguro a vontade de agarra-la.

Desi começa a fricção com as mãos de cima para baixo enquanto lambe me levando a delírios, a boca inteira dela preenche a cabeça do meu pau, melando, chupando e lambendo com sua língua devassa por vários minutos.

— Muito bom Desi. — Sibilo e sinto cada vez mais me perder na minha excitação, quero devora-la. E sobre fazer amor a noite toda? Topo, sim eu topo.

Os tremores da minha pulsação começam a ficar mais repetitivos, não consigo controlar.

— Está tudo bem? — Ela para e me pergunta.

— Sim, mas é melhor parar porque do jeito que... — Ela me ignora e dar uma outra enterrada funda só que dessa vez se engasga, arfo e me reviro nos lençóis de tanto prazer. — Venha aqui.

Tento toca-la, mas ela se afasta com um sorriso malicioso, senta-se em cima de mim com as pernas abertas, segura meu pau e roça em sua boceta e me deleito ao perceber sua umidade. No entanto, ela tira uma camisinha de debaixo do travesseiro e cobre o meu pau.

Se dobra para frente tocando meus lábios, beijo ferozmente, envolvendo sua cintura, apertando contra mim, desço as mãos até sua bunda e juntos nos encaixamos, ela começa a cavalgar. a

princípio tentando se encaixar melhor e quando finalmente consegue mais conforto, pega um impulso que faz cada gota do meu sangue ferver. Sim, caralho estou todo arrepiado desesperado para me mover também.

Desireé revira os olhos quando não resisto e estoco com força.

— Se toca para mim, Desireé.

— Sim...

Ela dá início ao que pedi, apalpa seus seios enquanto tenta manter o ritmo na cavalgada, meus olhos se enchem de luxúria e não consigo mais me segurar, puxo seu corpo unindo ao meu, moldando um aperto, separo mais suas pernas, tento me livrar da calça jeans e só consegui arrancar usando minhas habilidades, tive que rasgar, porque nesse momento não há nada que tire Desireé de perto de mim.

ela morde de leve meu ombro gemendo de maneira safada mantenho um ritmo constantes nas estocadas até sentir seu boceta apertar o meu pau com força, dou uma tapinha estimulante em seu traseiro e o êxtase irrompe, se espalha, me invade, me preenche. Gememos juntos, usufruímos do nosso prazer juntos enquanto gozamos juntos.

A mantenho unida a mim, beijando a suavidade da sua pele perto do lugar onde está minha marca.

Ficamos nos encarando em silêncio, aproveitando o momento, o relaxamento das nossas respirações. Falar alguma coisa agora parece até errado, porém só penso em como a amo, em como quero viver ao lado dela. Que tudo isso termine para nós podermos construir nossa família. Não sei onde minha fêmea pegou esta brasa, mas ela ficou em chamas quase a noite toda e só terminamos de fazer amor quase pela manhã, preciso conversar com ela, tenho tantas coisas para falar, mas durmo completamente esgotado e não sei se vou conseguir acordar tão cedo.

CAPÍTULO VINTE

NOVE

Elie Anjo - Demônios Reais



Depois que Marlon dorme me levanto sendo mais discreta possível, visto apenas um moletom e calço chinelos, estou cansada e com a pele marcada recordando da nossa noite. Dou uma última olhada para ele controlando minhas emoções. Tenho em mente que essa é a coisa certa a ser feita, corro pela estrada até o primeiro cruzamento como tinha combinado com o Ivan o mesmo *Land Rover* está estacionado me esperando, assim que chego perto a porta é aberta e entro imediatamente colocando a mochila em meu colo, Ivan está sentado com a perna cruzada, além do motorista há mais um homem no banco da frente.

— Peça para seu motorista ir o mais rápido possível. — Levo a mão ao peito sentindo a adrenalina vibrar dentro de mim.
— Você ouviu, Alex.

Ivan ascende um charuto.

Ainda não é o momento para usar a pulseira, Marlon vai acordar de imediato e procurar por mim, preciso entrar naquele avião.

Ivan repousa a mão em seu suéter preto, continua em silencio eu não sei nada sobre o Ivan.

— Você cheira a sexo.

De fato, preciso tomar um belo banho, mas se fizesse isso correria o risco de o Marlon acordar.

— Espero que tenha um banheiro em seu jatinho.

— E um café da manhã esperando por nós. — Completa, — trouxe alguma muda de roupa? A viagem será longa.

— Trouxe.

Depois de responder me viro para encarar a paisagem melancólica da manhã. Cada vez mais que ganhamos distancia meu coração se comprimi, levo a mão ao peito apertando, sufocando-o, quero desabar, sou patética nesse momento. Mas quando tudo isso acabar quero voltar para ele, ser só dele e o meu maior medo é que isso não seja mais possível que tudo não passou de um lindo sonho.

Nós chegamos à pista de voo em menos de quinze minutos, as estradas rurais são desérticas e sem fiscalizações, o caminho todo foi cercado por pastos e mais distante podia-se ver a imensidão florestal. Ouvi boatos que os irmãos Chandler são proprietários dessas terras, me pergunto qual a finalidade disso tudo. Ivan é o primeiro a entrar no jato de luxo.

Realmente há uma mesa posta com o nosso café da manhã as poltronas acolchoadas são cobertas por couro preto, também tem uma mesa com um computador portátil e alguns dos seus homens começam a se sentar, no canto há um sofá com almofadas, uma TV e os detalhes na decoração são cinzas ou preto.

Imediatamente pego a pulseira e coloco em meu pulso, Ivan observa sem fazer nenhum comentário.

— Mais adiante fica o meu local de descansar, há um banheiro. — Ele me fala sentando-se na mesa onde o café foi postado — vou aguardar para tomarmos o café da manhã juntos e responder suas perguntas.

Sigo para onde ele apontou passando por uma porta de correr, há uma cama devidamente arrumada dividindo espaço com um armário, sofá, mais uma TV e poltrona, mais adiante há uma porta a

abro e encontro o banheiro. Tiro as roupas sentindo o peso das lágrimas escorrerem pelo meu rosto deixo as emoções e sentimentos de perda aflorarem, me jogo debaixo do chuveiro deixando a água levar cada toque, cada beijo, e o cheiro da nossa última noite juntos. O banho demorou, na verdade demorou para eu controlar o meu pranto.

Tenho que fazer tudo isso valer a pena.

Visto o macacão jeans que Marlon tinha comprado para mim, seco os cabelos com a toalha e saio me sentindo vazia, volto para onde deixei o Ivan, não com muita urgência, mas me arrastando pelo corredor sem animo algum, atraindo atenção dos seus capangas. Jogo-me na poltrona de frente para ele, que bebe um pouco de suco. enche meu copo tentando ser gentil comigo, começo a servir meu prato com algumas frutas, encho uma tigela com leite e cereais, vejo que o Ivan ficou apenas na salada de frutas.

— Deve estar sofrendo por ter deixado seu namorado para trás.

— Não é algo que quero compartilhar com você. — Sou ríspida.
— Mas sobre as perguntas, não tenho uma lista então pode começar a falar o que quiser.

Não sei se o que ele vai falar é verdadeiro, então para mim tanto faz, estou com a corda no pescoço de qualquer maneira.

— Primeira coisa que precisa saber é que não vamos voltar para a nossa antiga casa.

— Isso era de se esperar.

— Já não tenho mais nada a ver com o papai. — Pelo menos teve a decência de falar: — Ele já não é mais um problema meu.

— Ainda não entendi porque quer liberta-lo. — Faço círculos com a colher de prata na tigela de cereais. — Quer me usar para se vingar dele por acaso?

Solta um riso amargo e continua:

— Não perderei meu tempo fazendo isso.

— Então por que quer encontra-lo?

— Questão de honra. — Ele bebe mais seu suco — a pessoa que sequestrou fez questão de espalhar isso e se não somos capazes de cuidar da nossa família de sangue, não seremos capazes de cuidar da irmandade.

— Coitadinho... — Ironizo e ele franze a testa.

— Não tem ideia do que aquele velho me fez passar para ser o seu substituto, mas quando ele faliu, nada daquilo adiantou tive que começar do zero. Nosso pai é um incompetente e ninguém mais o respeita.

— Então você quer liberta-lo para ter o respeito da irmandade.

— Já tenho respeito, quero mantê-lo, não posso ficar parado desde que fui desafiado pelas pessoas que levaram ele, estou pronto para uma boa briga, mas eles querem você.

Estremeço ao ouvi isso novamente, encaro ele com frieza e pergunto:

— Está pensando em me entregar para eles em troca do papai?

— Isso nunca passou pela minha cabeça.

Sua voz é fria, mas seu olhar é coberto por uma faísca desconhecida, continuo a tomar meu café da manhã sob a avaliação dele.

— É melhor ir descansar a viagem, será longa.



Me estico sobre os lençóis sentido o cheiro fresco de Desireé, ela acabou comigo. não sabia desse lado dela. a noite foi mais que perfeita e estou com uma tremenda vontade de... Levanto da cama sufocando-me com o meu próprio desespero, fui ludibriado pela minha excitação e seu cheiro e nem me dei conta que não sinto sua presença. Há alguma coisa de errado, isso não pode estar acontecendo.

— Desireé! — Chamo por ela, me levantando da cama apenas de cueca.

Meu lado místico está desesperado e isso só acontece quando a outra pessoa não existe mais, levo a mão ao rosto tentando me lembrar de algum som, cheiro... não me contentando em ficar à mercê das minhas lembranças começo a zapar pela casa, quintal e cada segundo meu coração aperta sendo esmagado pela dor da perda.

Não...

Demônios, não.

Zapo para a estrada e persigo seu cheiro e as pegadas recentes no chão de terra, no primeiro cruzamento vejo marcas de um carro onde as pegadas terminam.

O que aconteceu?

Não consigo senti-la.

Logo sou tomado pelas suas palavras e suas atitudes, me lembro que ela estava limpando o chão com produto de limpeza e meu nariz sensível não capitou mais nada além disso. Como não me

atentei que ela estava tentando esconder o cheiro de mais alguém, com certeza a mesma pessoa que a levou para longe de mim.

Como ele pôde me enganar desse jeito? Isso não é tão importante agora, pois eu não a sinto mais. As batidas do meu coração se tornam dolorosas a cada pontada, o ar foge dos meus pulmões, ele está bombeando como se a qualquer momento fosse explodir, tonto e gelado como um defunto sou derrubado ao chão pela ausência de força para me manter em pé, não posso acreditar que ela se foi, ela morreu!

Solto um uivado do fundo da minha alma, cresce rasgando minha garganta transmitindo minha dor visceral, ódio, culpa, eu não vou morrer até encontrar o desgraçado que a tirou de mim.

— Marlon. — É voz do Rudá, ainda estou com o corpo se contorcendo, tentando controlar minha transformação, meu lobo quer destruir, matar, até que sua sede de vingança seja substituída pelo luto. — Não me diga que...

Rudá tira seu terno e joga me cobrindo. Minha visão fica turva e acho que se não me transformar vou acabar morrendo.

— Ela se foi, Rudá...

Não consigo pronunciar que minha garota se foi para sempre que nunca mais vou ser capaz de senti-la, de ouvir sua respiração perto de mim ou o som do seu riso, da sua voz, essa ideia dói demais e sou tomado pelas lágrimas, nunca chorei, nunca sofri tanto como agora. novamente uivo, sinto minhas garras rasgar minha pele.

— Não se transforme, irmão! — Jandir diz, se jogando ao chão, me amparando. — Mantenha a consciência, não vamos conseguir lhe trazer se você deixar ele te dominar.

Raony é o último a zapar trazendo a Grace consigo, estou fora de controle não é um bom momento para reunião em família.

— O que aconteceu? Estou sendo tomado por um sentimento de

perda. — Diz Raony, — Como se ele fosse...

— Não completa, ele não vai morrer só temos que manter ele nessa forma. — Declara Jandir.

Estou tentando não me render a fúria da fera, a sua insanidade se eu me render serei alto destrutivo.

— É a Desireé, ele acha que ela morreu. — Explica Rudá — E pela sua reação ele não deve mais sentir a presença dela então...

— Eu sabia, eu sabia. — Grace brada, — ela não morreu ela deve ter pego uma das minhas pulseiras!

— Que pulseira? — Rudá e Jandir perguntam.

Estou sem condições nenhuma de falar alguma coisa quando cada parte de mim luta contra o sangue místico que percorre meu corpo.

— A Grace Jane inventou de fazer uma maldita pulseira enfeitiçada que oculta a presença da nossa fêmea, não conseguindo mais senti-la. — Raony não esconde a irritação ao explicar.

— Como pode fazer algo tão perigoso, Grace? — Fala Jandir com os olhos esbugalhados, com um medo na voz e ele ainda nem encontrou a fêmea dele.

— Eu não sabia que ia dar nisso, eu sinto muito.

— Marlon, preste atenção — Rudá espreme meu rosto movendo para encara-lo, rosno para ele, meus chifres se alongam antes mesmo de me transformar em lobo — seja racional, ela não morreu deixe isso claro para esse lado que quer dominar você.

Os olhos dele faíscam e ouço sua voz ecoar em minha mente repetidas vezes me puxando de um precipício que estava preste a me lançar.

— Estamos com você, irmão. — Sim preciso lutar contra isso, é

apenas o Jandir tocando meu ombro e me confortando. me viro para encarar o céu fixando as palavras do Rudá em minha mente, em meu coração, preenchendo o vazio que ela deixou com a lembrança da sua presença, pois terei que me conformar que isso é tudo o que me restou, lembranças... — As cores dos seus olhos estão voltando ao normal.

Leva alguns minutos em um silêncio absoluto, como se esses minutos fossem dedicados a um momento fúnebre, os tremores dissipam, as garras, os chifres e sei que o Rudá usou suas habilidades de manipulação em mim, posso ter convencido meu lado místico que ainda há esperança que ela de fato está viva, mas isso não ameniza a dor da perda.

Me levanto do chão sob os olhares dos meus irmãos e Grace que chora.

— Onde será que ela está? Por que ela nos deixou? —
Pergunta Grace fungando.

Grunhi devolvendo o terno do Rudá.

Me sinto envergonhado por ter sido passado para trás por uma garota, cego de amor e confiança. Dei a ela minha vida e quase fui morto e na verdade não quero preocupar meus irmãos, mas estou morrendo por não conseguir senti-la e nenhuma explicação racional pode tirar essa dor e vazio de mim.

CAPÍTULO TRINTA

Elie Anjo - Demônios Reais



Rússia - São Petersburgo.

Passamos pelos conhecidos palácios da capital cultural da Rússia, um lugar que remete romance, mas para mim nesse exato momento nunca me sentir mais apavorada ao atravessar os portões da imponente mansão que mais se assemelha a um dos palácios, a mansão está cercada pelos capangas do Ivan. Nitidamente o sistema de segurança que ele montou transforma o lugar em uma fortaleza velada pelo luxo e imponência. Ainda assim entro sem que ninguém me force, esse lugar me manterá segura e presa ao mesmo tempo. Mais uma prisão na minha vida.

— Sei que não gosta de lugares fechados pedi para preparar um quarto no segundo andar com vista para o jardim é bastante amplo e iluminado. — Ivan está com os ombros mais relaxados, tira do bolso um envelope e me entrega, — enquanto descansava preparei isso para você.

Pego o envelope e abro vendo um cartão de crédito dourado.

— Não vou precisar disso.

— Já tem roupas suficiente em seu closet, e recomendo que faça compras online. Por enquanto ninguém pode saber que você está aqui, apenas pessoas de confiança entra por aquela porta.

— Tudo bem, quero ir para o meu quarto.

Não demorou alguns minutos para ser guiada para o quarto por um dos seus empregados, uma mulher com cabelos prateados vestida com um blazer, dando a entender que quando o Ivan está fora ela que cuida das coisas, se apresentou como Samanta, ela abre a porta do quarto dando espaço para eu entrar.

Não me sinto nenhum pouco entusiasmada ao me deparar com todo esse conforto e o que me chama mais atenção é a janela de vidro que cobre toda a parede dando a visão para o jardim, suspiro me sentindo mais aliviada por isso, há uma sacada também e um closet abarrotado de roupas novas.

— Qualquer coisa estarei a sua disposição. O Ivan costuma jantar em casa e tenho certeza que vai apreciar sua companhia.

Eu não respondo nada, apenas assinto ansiosa para que ela me deixe sozinha e graça a Deus Samanta faz isso, a primeira coisa que faço é pegar o meu celular, tenho que tirar o chip, ligo o aparelho ansiosa para receber notícias do Marlon e me decepciono ao ver apenas mensagem da Grace e do Rucinho, choro ao ver nossas fotos. desinstalo todos os aplicativos e deixo apenas nossas fotografias.

Tomo um banho e visto um dos vestidos, sem perder meu tempo escolhendo algum, apenas pego o mais simples, da mesma forma a tamanca, deixo meus cabelos soltos como de costume e na medida em que ele seca os cachos rebeldes vão começar a arma.

Procuro pelo Ivan e volta e meia me deparo com um dos seus homens andando pelos corredores. Encontro uma ampla sala de jantar, Ivan ainda não apareceu, alguns empregados começam a arrumar a mesa pretendo explorar a casa mais tarde.

Ivan aparece logo depois segurando um tablet, senta na mesa e não me direciona nenhum olhar.

— Sente-se, Desireé, é melhor se acostumar com a minha presença. E você está muito bonita nesse vestido. — Diz isso depois

de ter levantado o olhar para me avaliar.

— O que vamos fazer agora Ivan? Para trazer o papai.

— Em breve o sequestrador vai entrar em contato comigo e a essa altura do campeonato deve saber que encontrei você. — Um dos empregados lhe serve vinho, — Então não se preocupe com isso. Vamos saber o que ele quer com você.

Sorri torto me deixando bastante desconfortável, me senti desconfortável durante o jantar todo e tive bastante dificuldade para dormir, passo a madrugada na frente do computador comprando matérias de pintura, não sei quanto tempo essa negociação vai durar espero que tudo isso termine logo.

Sinto falta do Marlon, parece que uma parte de mim simplesmente foi arrancada, também sinto falta da Grace e do Rucinho. Pego o dinheiro que tinha juntado durante esses meses, não é muita coisa, mas vou usar para alguma emergência.



Rússia - Moscou

Não vou descansar até encontrá-la, boa parte da culpa é minha por ter confiado cegamente nela. Ela é apenas uma garota se sentindo ameaçada e culpada. Ainda assim não sei se vou conseguir perdoá-la pelo o que ela fez, nada justifica ter me deixado para trás. Nesse momento a única coisa que consigo sentir é raiva, estou ficando no apartamento do Rudá, uma cobertura luxuosa.

Passaram-se uma semana e não consegui nenhuma informação. embora o Ructon esteja me ajudando. como o Rudá

disse, é como encontrar uma agulha no palheiro, primeiro que o desgraçado do irmão dela virou um fantasma.

Não se tem notícias mais dele aqui na capital, até mesmo Rudá se moveu para ter informações sobre ele — mas nada, absolutamente nada.

Estaciono o carro frente ao restaurante para me encontrar com uma ex-acompanhante do Ivan, segundo Ructon ele é bissexual, porém gosta mais de homens, mas para sair em público sempre teve suas namoradas de fachadas e antes de desaparecer deixou uma enorme lista de corações partidos. Esta por exemplo é uma atriz bastante famosa. Deixo o carro aos cuidados do manobrista e me direciono para o interior do restaurante.

Não sei se tenho um coração fiel nesse momento que me encontro desesperado e com muita vontade de me vingar. Nem um bilhete, nem um adeus, trinco o maxilar controlando meu temperamento que ultimamente não é um dos melhores, isso me lembra do tempo em que o Raony ficou longe da Grace.

Sou recepcionado e guiado para uma das mesas.

Para minha surpresa minha acompanhante dessa noite já se encontra. seus lábios estão marcados em um batom vermelho, tem uma pinta logo ao lado dos lábios, seus cabelos loiros estão aparados acima do pescoço e nada mal. Ela é muito atraente, pisca com os cílios longo assim que me ver.

— Boa noite. — Digo antes de me sentar, trocamos algumas mensagens antes desse encontro.

— Muito boa, — sorri com malícia — Ser procurada por causa do meu ex-namorado não é algo que me deixa feliz.

— Sinto muito por isso.

— Não sinta, também sou agradecida porque se não fosse por isso jamais encontraria alguém como você. Marlon, não é isso?

— Isso mesmo, Chloe.

As coisas estão indo bem, pego o cardápio mesmo estando sem apetite algum, finjo estar interessado.

— O que quer saber sobre o Ivan? Mas antes de responder o que vou ganhar em troca?

— Qual seu preço?

— Não fale como se eu fosse uma prostituta barata. Que tal conversamos sobre isso no nosso segundo encontro?

Isso será mais agonizante do que imaginei.

— Não terá um segundo encontro.

— Você só vai saber o que quer no seu segundo encontro, ou podemos terminar nossa conversa no meu apartamento.

Bato na mesa e ela se afasta assustada, juro que eu nem queria ter esse tipo de reação, isso tudo é culpa do meu temperamento recente. é como se estivesse buscando uma boa briga a qualquer preço, minha criatura autodestrutiva.

— Você me fez perder meu tempo vindo até aqui. — Me levanto e saio sem olhar para trás.

Só não esperava ser seguido por ela, saio do restaurante com ela no meu encalço.

— Espera, Marlon! Por favor, só estava lhe provocando.

— Não tenho tempo para isso.

Chloe segura meu braço me detendo na entrada do restaurante aparentemente arrependida.

— Eu não tenho mais contato com o Ivan, mas ouvi boatos que o pai dele foi sequestrado e ele desapareceu para caçar os sequestradores.

— Isso não é novidade para mim.

O único interesse que tenho naquele miserável é que vou matar por tirar a Desireé de mim.

Chloe enrosca mais o braço em mim, se aproveitando do momento.

— É só isso?

— Acho que sim. — Faz uma cara pensativa e revira os olhos.

— De nada me serviu, obrigado pela tentativa de jantar.

Tento puxar meu braço, porém sou atingindo por um flash.

Um maldito paparazzo:

—Chloe esse boy quente é seu novo namorado?

Ela solta um risinho.

— Formamos um belo casal, né?

Que mulher louca, rosno e ela solta o meu braço imediatamente. O manobrista entrega as chaves do meu conversível.

Entro no carro e deixo o restaurante para trás em uma arrancada, cada dia que passa me convenço que será difícil encontrar a Desireé, talvez eu nunca a encontre. Talvez ela envelheça e morra me levando consigo... ah, mas se eu a encontrar ela vai me pagar por tudo.

CAPÍTULO TRINTA

UM

Elie Anjo - Demônios Reais



Um mês e meio depois.

Saio do quarto furtivamente para não correr o risco de a Samanta saber, atualmente parece mais minha babá e vivo me inclinando das suas perguntas persistentes. Cismou até com aminha pulseira, porque nunca tiro do braço. Afs. Como se eu devesse alguma satisfação para ela. Os sequestradores não entraram em contato o que está me deixando muito irritada e nesse momento Ivan deve estar enfurnado em sua sala de pratica de tiros, passo por Samanta que está na sala de jantar concentrada em seu computador portátil, dou meia volta sutilmente para procurar Ivan pela casa.

— Encontrei o que me pediu senhorita, Desireé.

Viro-me de volta para ela, limpo a garganta e digo:

— Muito bem Samanta, obrigada.

— Amanhã ele estará disponível para sua primeira aula, pedi para preparar seu estúdio, — não precisava disso só pedi algumas aulas de pintura, não aguento ficar dentro desse lugar sem fazer alguma coisa e simplesmente amo pintar, — aproveitei também e fiz uma grade de aulas. soube que você parou de estudar aos quinze anos, quando sua mãe lhe levou. Pretende cursar faculdade?

Não gosto disso, pois na mente dela eu vou viver ao lado do

Ivan para sempre. em outras circunstâncias tudo isso seria maravilhoso, não a parte de viver com o Ivan, ele não demonstrou suas garras até agora. Entretanto, não pretendo ficar aqui mais que o necessário se o Ivan acha que vou sucumbir a essas ofertas está muito enganado.

— Onde está o Ivan?

— Em uma reunião...

— Ótimo vou falar com ele. — Me livro da presença desagradável de Samanta para lidar com outra pior ainda, o encontro em seu escritório, como a porta está escancarada entro e olho afrontosamente para Ivan sentado no sofá conversando com outro homem que aparenta ter a mesma idade que ele e ao notar minha presença ambos dão atenção para mim. — Não têm algo mais importante para fazer do que... — Nem sei quem é esse homem tão pouco sei o que ele está fazendo — Já faz quase dois meses Ivan!

O homem tem um sorriso no canto da boca, seu rosto é coberto por pelos ralos castanhos, assim como seu cabelo.

— Bom dia minha querida irmã.

Sebastian esta é minha irmã caçula, a que sempre falei para você, e Desireé esse é meu amigo desde a época da faculdade ele está me ajudando com o nosso pai.

Cerro os dentes deixando explícito meu desapontamento. Ele só está de papo com o amigo dele, mas ainda assim digo:

— Oi, prazer.

Fico parada perto da saída.

— O prazer é todo meu. — Sebastian levanta-se vindo até mim, suspende a manga do seu suéter cinza em um gesto habitual e estende sua mão para mim, aperto a mão dele, mas ele leva a minha mão até sua boca e beija. — Você é mais linda pessoalmente do que nas descrições do Ivan.

— Deve ser porque quando eu descrevia, ela era apenas uma garotinha.

Ivan ri e eu franzo a testa. sem perceber estou fazendo uma careta enojada para ele, Deus está difícil segurar meu gênio e ainda por cima estou naqueles dias.

— Suas descrições eram péssimas, Ivan.

— Como ele me descrevia?

— Como a garotinha intocável do papai. — Revela Ivan, cortando o amigo — Mas esses dias de convivência estou conhecendo sua versão menina mulher.

Estou com vontade de chutar a bunda dele agora.

— Descobriram alguma coisa? — Pergunto.

Sebastian se afasta mais de mim e me encara de relance, cruza os braços e sinto um ar misterioso pairando em seus graúdos olhos castanhos.

— Recebemos outro vídeo há alguns dias. — Ivan fala, exala e continua: — Não queria que se preocupasse com isso então preferi manter segredo até porque...

— Vá para inferno Ivan, do que adianta ficar confinada nessa casa se vou ficar por fora das coisas. E a parte que os sequestradores só queriam falar comigo?

Noto o divertimento de Sebastian enquanto belisca a ponta do nariz.

— Ela é durona, isso você não me disse.

— Vou te dar cinco segundos para perder o interesse na minha irmã. — Ivan direciona um olhar duro para Sebastian.

— Eu ainda estou aqui querendo respostas!

— Você venceu, vou mostrar o vídeo, na verdade conversei com o Sebastian e ele me convenceu a deixar você a par das coisas — Ivan se embrenha para trás da sua mesa, desbloqueando a tela do seu computador — Pronta?

— Se eu não estivesse pronta não estaria aqui. — Retruco e ouço o fraco riso do Sebastian.

Reviro os olhos.

Homens...

No vídeo meu pai está vivo graças a Deus, preso em uma cadeira e percebo que a aparência dele não está mais terrível, mas seu rosto com aparência cansada ainda tem algumas manchas de escoriações, no vídeo ele fala que me ama, em nenhum momento cita o nome do Ivan, realmente o relacionamento deles dois não é muito bom embora me sinta aliviada em saber que ele esteja vivo tenho medo de imaginar o que está por vim. Simplesmente odeio a possibilidade de ficar presa aqui por mais tempo.

Meus ombros ficam tensos quando o vídeo chega ao fim, um homem encapuzado toma a frente da tela, ele é muito alto e corpulento, tem uma tatuagem de dragão cobrindo seu braço e quando começa a pronunciar não consigo focar em mais nada que:

"A partir de agora Desiree seguirá minhas ordens. Por enquanto ficará sobre os cuidados do seu irmão mais velho, até o dia da troca. Vou até você quando estiver pronta."

— Que coisa mais estúpida! — Brado — Sobre seus cuidados, Ivan? Se você tiver alguma coisa a ver com o sequestro do papai vai ver só!

Saio de perto deles.

— Por isso que não queria mostrar o vídeo para você, também pensaria a mesma coisa se estivesse em seu lugar, mas minha querida, eu não sequestrei o velho e não tenho motivos para manter

você aqui.

— O que ele quis dizer sobre troca? — Pergunto encarando fixo para Ivan sem dar chance de ele desviar o olhar.

— Eu e Sebastian acreditamos que ele quer você. Sei lá, para algum tipo de vingança contra o papai, talvez isso tudo seja para torturar o papai, pois você é a queridinha dele.

— Ah, maravilha! Mais alguma coisa que esconde de mim?

— O velho tentou suicídio várias vezes e antes que me pergunte como sei disso posso te mostrar cada vídeo enviado, estou tentando poupar você. E também não vou deixar que essa troca aconteça, já vamos ter encontrado ele. — Diz confiante.

Infelizmente não tenho a mesma confiança que ele.

— Isso quer dizer que vamos entrar nesse joguinho, vou ficar aqui esperando essa tal troca até você encontrar ele?

— Isso mesmo.

— Que inferno!

Digo marchando em direção a saída, sabia desde o início que as coisas não seriam fáceis. Não posso chorar pelo leite derramado, portanto, se já cheguei até aqui tenho que ter paciência e terminar o serviço, faço o percurso até a sala de jantar encontrando a Samanta no mesmo lugar, suspiro e digo:

— Pode preparar as aulas, mas por favor quero prioridade para minhas aulas de arte.

— Amanhã terá sua primeira aula, senhorita.

Volto para o meu quarto, completamente entediada sem nada para fazer, pego o meu celular fico vendo as fotos com o Marlon, dele deitado despido na cama, tirei fotos de todas as suas tatuagens e de tanto olhar comecei a fazer desenhos delas.

Me jogo na cama e minha bunda fica em cima de algo mais rijo que a maciez do meu colchão me levanto e tateio por debaixo dos lençóis até encontrar algo, puxo e vejo que é apenas uma revista de moda.

Me poupe! Quem colocou isso aqui agora?

Provavelmente alguma empregada pode ter esquecido aqui, pois são as únicas pessoas que entram aqui, nem mesmo a Samanta entra em meu quarto sem permissão.

Na capa há uma foto de uma atriz, passo uma página mais porque não tenho o que fazer do que por curiosidade, ora, acredito que ter aulas vão ocupar a minha mente e preciso voltar a estudar, leio algumas descrições falando do tempo em que ela se prostituía. *Bla, bla, bla... Mais bla, bla...* Olha só... Começo a me interessar mais ainda ao ver a imagem dela ao lado do Ivan, e ela diz que foi ele seu salvador, que tirou ela da prostituição e ela é eternamente agradecida. Rio, dou altas gargalhadas dessa tal de Chloe. Pobre coitada logo o Ivan? Ele é lindo... Mas parou aí.

Em uma sequência de fotos com ex namorados, foco em uma em especial. fico pasma ao ver uma foto dela frente a um restaurante, grudada no meu namorado. Esbugalho os olhos e aperto a revista focando em cada detalhe, não deixando passar nada, incluindo a expressão irritada dele, corro até minha escrivaninha onde fica meu computador e começo a pesquisar coisas relacionadas a imagem, pelo nome do restaurante encontro o endereço, fica aqui na Rússia, embora seja em Moscou. Deus! Levo a mão ao peito ciente que ele está tão próximo de mim, volto a encarar a revista e a data da foto que é recente. Depois que eu partir.

Me encolho na cadeira cedendo a vontade de chorar, o que ele estava fazendo com esta mulher? Será que ele sabia que era ex do Ivan? De alguma forma ele está procurando por mim? Ou ele não sabe nada sobre ela e só... Meu coração dói só de pensar que Marlon me esqueceu.

Deslizo o dedo no metal frio da pulseira e por um momento, só por um momento penso em tira-la para ele me sentir e vim até mim. *Ah, Marlon.... Sinto tanto sua falta.*

Pego a revista e desço as escadas correndo, vou até a cozinha industrial que o Ivan tem e acredite encontrar uma faca nesse lugar é uma tarefa muito difícil. Coloco-a no bolso do meu moletom, Sebastian não está mais no escritório tão pouco o Ivan, então lembro que a essas horas ele está praticando tiro.

Que ótimo vou confrontar o Ivan sem testemunhas, ele está com um colete a prova de balas, óculos de proteção e um tampão no ouvido que impede de me ouvi chegar, ele efetua alguns disparos com sua pistola, deixo ele descarregar a arma para me jogar em cima dele pressionando a faca em seu pescoço.

— Que porra de susto, Desireé! — Fala ao perceber que sou eu.

— Desgraçado o que você quer? Você deve achar que sou muito idiota. — Não vou mentir, estou adorando estar com a faca na garganta dele, queria fazer isso a um bom tempo. — Não se mova que hoje estou fora de mim.

— Percebe-se, querida, — ri. Ora, se ele acha que não tenho coragem de cortar a garganta dele está muito enganado — O que aconteceu?

— Não se finja de desentendido. — Entrego a revista para ele. Continuo pendurada em suas costas com as pernas envolta na sua cintura, ainda bem que estou com um short jeans não me sinto tão desconfortável nessa posição — Agora me diz, por que fez esta armação? É para me manter aqui com você? Não funcionou quando tudo isso terminar na primeira oportunidade que tiver vou procurar por ele.

Estou com as mãos trêmulas.

— Eu sinto muito, mas não sei o que está acontecendo e desde quando você ler revistas de moda?

— Estava na minha cama, alguém colocou lá.

— Isso não tem nada a ver comigo. — Ele descansa os braços e coloca a pistola no coldre em sua cintura. — Ele é minha ex sim, entretanto, não tenho mais contato com ela. já não tenho contato com muita gente desde que tudo aconteceu.

Fico em silêncio sem ter a dignidade de impedir as lágrimas de caírem.

— Você está mentindo.

— Não estou, não acha que isso não seria muito óbvio? — Ivan envolve a mão no meu braço, deslizando até minha mão que segura a faca em seu pescoço — Sei que é difícil, mas preciso que confie em mim. não imagino o quanto está sofrendo, mas eu só tenho você de família, nada disso está sendo fácil para mim também.

Fungo e o deixo tirar a faca, quando tento descer das suas costas largas ele faz algo inesperado enlaça seus braços em minhas pernas me mantendo imóvel, seguro em seu pescoço com medo de cair quando ele se movimenta.

— O que está fazendo?

— Eu nunca tive a chance de carregar você quando era pequena, estou fazendo isso agora.

— Não vejo graça. Me coloque no chão. Não é porque não matei você que tenho alguma consideração fraterna por você!

Ivan solta uma risada grossa.

— Tenho certeza que colocar uma faca no pescoço do irmão não é a demonstração de amor mais linda.

— Da próxima vez não vou vacilar. Me solta!

— Só quando estiver em seu quarto, descansando essa mente

surtada.

Não há em alteração em sua voz que demonstre irritação. Pelo contrário parece ter adorado o fato que o ameacei com a faca.

Ele sai da sala de tiro me carregando em suas costas, atraindo a atenção dos seguranças do lado de fora.

— Seus seguranças são lerdos.

— Vou alertar eles sobre uma assassina fatal vivendo entre nós.

Droga. Não queria rir, mas acabo rindo.

Eu jamais imaginaria que Ivan tinha um lado inofensivo. E nesse breve momento a ideia de ter um irmão mais velho me agrada, sou realmente muito carente de afeto.

Ivan nem parece sentir meu peso, eu não sei, mas nesse momento fico sem argumento algum, de repente ele projeta a imagem de inocente.

Sou deixada na porta do quarto por ele.

— Descanse, vou tentar descobrir quem colocou a revista em seu quarto. Não me agrada o fato que minha irmã caçula namorou um cara que está saindo com minha ex.

— Atual namorado fique sabendo você. — Bufo.

Ele dá uma piscada antes de sumir pelo corredor.



Quando penso que as coisas estão difíceis, ao chegar no meu primeiro dia de aula, empolgadíssima depois de ver o estúdio de

ponta que Samanta montou para mim, ela não me preparou para encontrar o meu novo professor de artes, aguardando por mim com um sorriso de orelha a orelha.

— Sebastian?

— Pronta para o seu primeiro dia de aula?

Meu Deus, retiro o que eu disse, odeio o Ivan e se ele acha que vai empurra o amigo dele para cima de mim vai ter uma bela surpresa. Meu coração já tem dono.

CAPÍTULO TRINTA

DOIS

Elie Anjo - Demônios Reais



1 ano e meio depois.
Moscou - Rússia

Esfrego minhas mãos uma na outra, mais por causa da ansiedade do que para amezinhar a frieza, o branco da neve cobre toda a capital, fiquei de me encontrar com o Ructon na *Praça Vermelha*, próximo a catedral de São Brasília já passa da madrugada e isso é muito bom ninguém precisa ver o que vamos fazer ou o que estamos caçando, eu sinto que estou mais perto de encontrar o pai da Desireé, sem ele sei que jamais vou conseguir ter minha fêmea de volta. Sei que preciso de respostas. Entretanto, estou mais interessado em manter esse homem sobre meu domínio.

Rudá disse que não é hora para vingança bobas, mas foi por causa dele que ela me deixou e vai ser por causa dele que ela vai se rastejar até mim. Cada dia que se passava sentia que ficava mais difícil lidar com a perda, a ausência que ela me causou e agora não sei mais o que eu sinto, meu outro lado por não sentir sua presença acredita que ela não existe mais. Mas eu... Não consegui ficar um dia sem pensar nela, ou sem querer tê-la de novo na minha vida, mesmo com raiva eu sei que ela é a única mulher que domina meu coração.

Não vou procurar por ela porque sei que ela não vai voltar comigo e sabemos que eles estão em algum tipo de negociação demorada, o pai dela ainda está com os sequestradores.

Ructon está encostado no carro, se vestindo de maneira patética com um grosso casaco e um charuto na boca, chapéu e deve estar com um coldre com uma pistola por debaixo dele.

— Quer ver minha tatuagem de mentirinha que eu fiz?

Parece uma criança, fala empolgado e com um sorriso na cara.

— Não. Por que você se fantasia?

— Gosto de entrar no clima, hoje eu sou um mafioso.

Ele abre a porta e eu entro. Depois de se sentar ele dar partida no carro, seguimos para o lugar onde um dos informantes disse que está o possível "algoz" que tortura e vigia o pai da Desireé. Não foi fácil obter essa informação é uma teia de aranha e as informações eram muito rasas, levam dias para separar o que é verdade ou mentira. Ainda bem que Ructon tem bastante contato, ele passou a morar em um motel na esperança que o irmão da Desireé entre em contato com ele.

Descemos em um comércio clandestino, é uma avenida com vendedores noturnos onde vendem várias coisas ilegais, entramos em um galpão onde funciona um algum tipo de bar, com prostitutas e escravas sexuais várias delas dançam nas mesas, palco, exibem seus corpos desnudos. Tiro a mão do bolso e sei que minha presença chamou atenção de algumas pessoas, não é questão de se camuflar acredito que por ser minha primeira vez no lugar eles ficam com o pé atrás.

— *Privet!* — Ructon diz "olá" em Russo para um barman — Bóris.

O Barman passa a encarar a mim.

— E quem quer saber dele?

— Um novo cliente que precisa dos seus serviços. — Explico tirando da minha carteira uma boa quantia de dinheiro.

— Ele está lá atrás no racha.

— Como vamos saber quem é? — Pergunta Ructon.

— Ele tem um dragão no braço.

Estamos procurando por uma tatuagem então. Passamos pela porta larga do galpão indo em direção multidão que assiste a corrida, ainda nem começou na verdade há dois carros na pista de competição, procuramos discretamente, até eu focar em um participante primeiro o que chamou minha atenção foi o seu tamanho e seus braços erguidos em um deles uma tatuagem de dragão que cobre até acima do ombro, ele tira a camiseta preta e começa a balançar causando euforia nas pessoas.

— Não posso zapar com ele aqui tem muita gente. — Digo ao Ructon.

— Vou conversar com ele.

Ructon encontra dificuldade para ultrapassar a multidão que se formou ao redor do homem e quando consegue chegar perto dele sussurra algo em seu ouvido, ligeiramente ele encara Ructon com fúria e fala alguma coisa, Ructon sorri e volta com um ar confiante.

— Tudo certo ele vai dizer o que a gente precisa saber...

— E o que ele quer em troca?

— Bom na verdade eu disse para ele que tem um novo participante que vai arrancar o título dele.

— O quê? Nem fodendo vou participar disso aí. Vou forçar o Bóris a falar, usando minha manipulação.

— Ele está cercado por pessoas, é arriscado fazer isso com ele. — Realmente a atenção está sendo voltada para o campeão — além do mais ele é um campeão e tem muito orgulho envolvido eu o desafiei se você ganhar dele, ele vai vim com a gente e falar o que precisarmos e claro que ele não sabe que a gente quer saber do sequestro!

— Eu nem tenho um carro para competir com ele!

— Aquele ali é um bom carro. — Aponta para o carro do oponente do Bóris, que está sendo ignorado pelas pessoas, pois não há ninguém cercando o carro dele.

— Entendi.

Droga. Sério a Desireé vai me pagar por tudo isso.

Apareço de maneira súbita na frente do dono do carro que está preparado para entrar no carro toco em seu ombro e faço ele me encarar.

— Qual é a sua cara! — Tenta me empurrar.

Entretanto, mantenho meu olhar, que a essas horas devem ter mudado de cor.

— Preciso do seu carro emprestado.

— Precisa? — Repete com a íris ficando acinzentada — eu não terminei de pagar, — sua voz se torna embargada.

— Não tem problema. Me dá as chaves? — Estendo a mão e de imediato ele me entrega. — Obrigado, mas acho que você está cansado demais deveria ir para casa descansar.

— Estou com muito sono.

Largo o homem e antes de entrar no carro desafio Bóris com um olhar acho que agora ele sabe quem é seu novo adversário. Ructon senta-se no banco ao lado então pergunto:

— O que prometeu a ele caso eu perca?

— Sua bunda.

— Que caralho, Ructon.

— Ele te achou muito bonito.

— Foda-se.

Ructon passa o cinto de segurança sorrindo.

— Não será uma competição, será um massacre só é usar suas habilidades, tipo você consegue fazer com que o carro dele dê uma pane e fique mais lento.

— Isso se chama trapaça. Vamos vencer do meu jeito.

Ructon começa a imitar um uivar para fora da janela.

— Aqui meninas o lobão vai ganhar! — Mas que cara barulhento, o pior de tudo é que está chamando atenção e algumas garotas sorriem, e sei que acabo de deixar o Bóris com ciúmes da atenção roubada dele.

— Vou acabar com você! — Ele fala antes de entrar no carro.

Aguardo o sinal e quando enfim dou partida sinto de cara a potência do carro turbinado.

— Caralho, preciso de um desses.

Eu e Bóris seguimos em linha reta lado a lado nos primeiros minutos, até ele ter facilidade para ultrapassar sabia que não seria fácil não é à toa que ele é o campeão, porém só saio daqui com as informações que preciso, demorou muito para chegar até esse cara e não posso perder.

— Boa hora para usar suas habilidades...

— Calado! Se eu fizer isso do jeito que estou bem provável que exploda o carro dele e nada disso adiantaria.

Pegar o Bóris agora é um momento perfeito, pois ele some sem deixar rastros e com certeza quem está por trás desse sequestro é gente grande. *Ah, Desireé, Desireé... vai me pagar, vai me pagar...*

Meu outro lado é tão competitivo e autodestrutivo ultimamente que não demora muito para ele sobressair fazendo com que eu rosne.

— Ah, não Marlon se controla, se controla!

Já não vejo mais um carro, vejo um alvo, uma caça e começo a perseguir o outro carro pela pista, toco no fundo dele com o meu que o faz arranhar a pista em uma freada brusca em uma curva e por fim ele colide com um monte de pneus.

— Seu desgraçado! — Bóris grita.

E eu acabo o deixando para trás, agora quem está me caçando é ele, entretanto, estou há alguns metros da chegada.

E advinha? Cheguei primeiro.

Ructon leva mão ao peito gargalhando.

— Isso foi tão legal. De novo! — Desce do carro vibrando como um louco, como um torcedor no final da copa do mundo, não é muito bom deixar o Ructon sobre o efeito da adrenalina — O lobão ganhou!

Desço do carro e várias garotas começam a se esfregar em mim, ainda tenho atenção no maluco do Ructon que está desabotoando sua calça que caralho ele está fazendo agora?

Ele mostra a bunda pelada para Bóris que acaba de descer do carro depois de dar um tapa suspende a calça e sai correndo se jogando em cima de mim.

— Qual seu problema? — Rosno para ele que se esconde atrás de mim.

— Desculpa eu só me empolgo demais. — Ele se recompõe e mostra a pistola debaixo do casaco. — Meninas esse macho já tem dona, sou o segurança dele enquanto ela não está por perto, portanto se afastem.

Levo a mão ao rosto me controlando para não apertar o pescoço do Ructon, Bóris tenta ocultar sua raiva por ter perdido.

— Acho que temos um acordo e preciso que cumpra isso hoje, quero uma informação vamos para um lugar mais reservado. — Digo para ele, saio de perto da multidão com ele no meu encalço — Te vejo no carro, Ructon.

Quando ganho distância dos holofotes, atravessando uma oficina desértica imediatamente toco no ombro de Bóris zapando com ele para onde deixamos o carro estacionado ele está desnorteadado e completamente assombrado, tenta correr, mas detenho seu corpo sem precisar tocar nele.

— Eu não consigo me mover.

— É... Isso só vai acontecer quando me disser o que preciso

saber, quero o lugar onde Dimitri Nicolaev se encontra.

Vejo Ructon correr até o carro.

— Eu não sei...

— Prometeu passar a informação que eu quisesse, se não contar acredite vai conhecer um torturador que faz você parecer um amador.

Cruzo os braços e mantenho o corpo dele frente ao meu, posso sentir que está com medo de mim.

— Você não é humano...

— Não interessa quem eu sou! Só responde o que perguntei.

Encaro seu pé e aperto o punho, seu pé se contorce para trás o fazendo soltar um urro de dor.

— Fodido.

— Me diz o que sabe. — Ordeno, sentido a região dos meus olhos arderem por usar habilidade de manipulação.

— Eu levo vocês até eles, um lugar que vocês nunca vão descobrir sem mim.

— Melhor manter ele vivo, meu senhor, até encontrarmos o Dimitri.

Assinto concordando, arrasto o corpo imóvel dele até o banco traseiro ele ainda está fazendo barulho por causa do pé torcido, respiro mais calmo ao me sentar no banco da frente. Sentindo que estou a um passo de encontrar o Dimitri e por sua vez perto de ter minha fêmea de volta.

CAPÍTULO TRINTA TRÊS

Elie Anjo - Demônios Reais



— **A**cho que você está pronta. — Conclui Sebastian ao avaliar mais um dos meus quadros — Esse ficaria perfeito na exposição Srta. C.

Atualmente tenho uma loja virtual onde vendo meus quadros, sou a Srta. C, é assim que assino os meus quadros. eu não esperava que meu estilo faria tanto sucesso. Estou me esquivando da ideia de fazer minha primeira exposição, acho muito arriscado até porque os poucos contatos que os sequestradores fazem é para dizer que meu pai se encontra vivo, nada mais que isso estou envolvida em um joguinho de algum psicopata.

— O que você acha Ivan?

Pergunto para meu irmão ao meu lado que também avalia meu quadro que acabei de concluir, ainda está com a tinta fresca e no cavalete.

— Isso é uma decisão sua, é o seu aniversário e podemos fazer isso.

Por um lado, isso seria muito bom para minha carreira artística além do mais vários dos meus clientes desejam conhecer mais minhas obras, mais de mim.

— Então faremos isso. Mas sem fotos minhas, apenas meus clientes algo mais simples...

Meu aniversário é daqui há algumas semanas, Ivan planejava fazer um almoço e convidar amigos de confiança, dele, não meus. Mas teremos mudanças no plano, me levanto do meu banco e encaro os dois se não fosse por eles minha estadia nesse lugar seria pior até me acostumei como jeito mandão da Samanta, as minhas conquistas me fazem bem, porém nada disso me afeta, apaga os meus sentimentos pelo Marlon, sinto muita falta dele que as vezes durante a noite ele ocupa meus sonhos, acordo vazia, talvez nesse momento seja assim como ele se sente.

Deus como desejo que tudo isso acabe para voltar para ele.

Ivan conversa algo com o Sebastian antes de sair, ultimamente tanto o Ivan como o Sebastian andam muito distraídos e preocupados, Sebastian é um ótimo professor e sua formação acadêmica é excelente e Graças a ele evolui como artista. Meu estúdio está cercado por quadros e eu passo boa parte do tempo aqui, acho que vai muito além disso eu moro no meu estúdio esse lugar se tornou o meu refúgio.

— O que foi? — Pergunto ao meu professor que me encara preocupado.

— Achamos que há algo de errado, faz mais de uma semana que não recebemos contato dos sequestradores com vídeos atualizados do seu pai.

Isso é preocupante. Termino de limpar minhas mãos, tirando a tinta seca dos meus dedos.

— Você acha que meu pai ainda está vivo?

Eu estou aqui por ele independentemente de qualquer coisa eu o amo e atualmente também desenvolvi amor fraternal pelo Ivan.

— Mais um motivo para você fazer essa exposição, ele vai entrar em contato. — Afirma Sebastian, porém a forma como ele fala não me passa nenhum pouco de confiança.

Ivan se culpa por não ter encontrado o papai ainda, ele dispõe dos seus melhores homens para isso, entretanto, parece que os sequestradores estão sempre um passo à sua frente. Ele até mesmo chegou a suspeitar do Sebastian e não compartilha mais as coisas com ele, ainda assim as coisas não andam bem. Sebastian não é o informante e não posso acusa-lo quando todo esse tempo ele só está nos dando seu apoio moral e pobre coitado ainda cuida do seu tio doente, está no estado terminal de câncer, das vezes que ele trouxe o homem para jantar com a gente mal pude ver seu rosto coberto por uma máscara e sempre na cadeira de rodas, sempre ao lado de uma enfermeira.

— Espero que isso dê certo. Me ajuda a selecionar os quadros?

— Por que não coloca todos? Todos têm algo seu, esses antigos por exemplo — aponta para as minhas primeiras telas — Vai mostrar sua evolução, não precisa colocar eles a venda apenas em uma galeria especial.

— Gosto disso.

Suspiro e tento não focar em minhas preocupações, pelos menos vou me ocupar com os preparativos.

Sebastian aproxima-se, nunca imaginei que a amizade do Ivan me agradasse.

— Eu tenho que ir. — Seu tom de voz é suave, ele toma minha mão e a beija como costuma fazer. — Hum... Sabe antes da exposição eu... você e eu podemos ir a um jantar?

Ele nunca fez nenhum convite, presumo que estava planejando esse convite faz algum tempo.

— Não acho uma boa ideia.

— Olha se for por questões de segurança eu posso falar com Ivan...

— Eu tenho namorado.

Digo e finjo que me distraio guardando meus materiais, todo o tempo sinto o seu olhar me perfurar enquanto meu rosto arde intensamente, nunca pensei em mais nenhum cara além do Marlon e também nunca imaginei que algum cara além do Marlon pudesse se interessar por mim.

— Você nunca me disse isso. — Não sei, algo mudou em seu tom, sua voz continua baixa. Entretanto, há algo a mais que não consigo identificar — Ele ainda espera por você? Tem certeza?

— Eu não sei, mas eu vou continuar amando apenas ele.

Não quero conversar essas coisas com ele, o rumo da conversa tornou o clima entre a gente desagradável.

— Tudo bem. Eu estou indo.

— Certo.

Droga. Espero que isso não afete nosso relacionamento de aluna e professor. a companhia dele também é agradável.

Passo o restante da semana fazendo os preparativos para exposição, enviei um e-mail com o convite para os clientes que compraram meus quadros. Samanta me ajuda em tudo e confesso que depois de um tempo isso me deixou bastante feliz, estou muito ansiosa para que tudo isso termine e ao mesmo tempo sinto aflição em imaginar que Marlon me esqueceu, seguiu em frente.

Tudo bem que tem isso da maldição. Mas e se não for o bastante? E se ele me odiar e nunca me perdoar? Eu estou conseguindo minha independência, meu lugar no mundo. Sim, posso considerar que estou indo muito bem, conclui os estudos nas aulas particulares e quando tudo isso acabar quero cursar minha faculdade de artes, quem sabe, mas sei que tudo pode mudar.

Independentemente do que acontecer eu simplesmente só penso, só quero voltar para aquelas pessoas que convivi tão pouco tempo e que jamais serei capaz de esquecer.



Isso parece tortura. Sinto que estou perto dela. Acho que isso é mais por causa nossa ligação e isso nenhum amuleto pode bloquear e posso não sentir sua presença, posso não me zapar até ela, mas pressinto que em breve vou encontrá-la.

Só falta ela, pois tudo está saindo como esperado.

Ructon pediu para buscar uma encomenda para ele enquanto estivesse fora, agora ele inventou de decorar nosso novo endereço falei para ele inúmeras vezes que isso é algo desnecessário, mas ele disse: O melhor esconderijo é aquele que ninguém suspeita. Entro em uma galeria de artes e meu coração acelera de imediato seguro o peito ansioso por algo que não sei exatamente o que é.

— O senhor precisa de ajuda? — Uma mulher se dirige a palavra a mim, acredito que seja uma das atendentes.

— Tenho uma encomenda.

Passo as informações do Ructon o nome falso que ele costuma usar.

— Ah, sim ele fez uma compra online, ele nem sabia o que queria me pediu para escolher um quadro, espero que ele goste desse é uma artista muito procurada.

Pego o quadro e não faço questão de ver.

Atualmente estamos morando em uma casa, não mais no apartamento do Rudá, deixo o carro estacionado e jogo sua encomenda no sofá, acho que aqui não é um bom lugar para colocar

o quadro. Quenga e Lua tem o costume de usar o sofá fazendo de sua cama, claro que trouxe meus bichinhos de estimação ao contrário da Desireé que abandonou a gata e a mim, jamais farei isso com os meus animais.

Deixo o quadro encostado na parede e me jogo no sofá.

Tiro um cochilo me preparando para ficar acordado a noite toda no meu turno — Se Desireé soubesse.... Estou louco para passar na cara dela.

Acordo com o barulho de algo sendo rasgado. Lua decidiu explorar o novo objeto da casa com a ajuda da sua cúmplice.

— Quenga você só ensina coisa errada para ela. — Lagertha late para mim, me agacho e pego a gatinha, sento-me no chão focando no rasgo que ela fez. — Merda, Ructon vai encher o saco por causa disso.

Espero não ter danificado nada, tiro a embalagem de vez e sinto o coração acelerar de novo como se estivesse acabado de receber uma carga de adrenalina meu olhar é guiado para os detalhes da paisagem pintada e uma mistura de nostalgia, melancolia, saudade, lembranças... uma torrente de sentimentos ao ver a paisagem de outono, no centro há uma árvore pintada e o desenho não é realista é uma mistura de ilustração com abstrato. Porém o desenho das folhas na copa da árvore me lembra algo... E algo que eu fiz, passei horas desenhando e pedi para o Raony me tatuar isso são minhas tatuagens.

Procuro pelo nome do artista que se chama Srta. C.

Deixo Lua no chão e corro até meu quarto a procura de mais obras dessa artista, ela tem uma loja online percebo um anúncio feito por ela que em breve vai haver sua primeira exposição, passo as imagens vendo os detalhes dos seus quadros e reconheço e minhas tatuagens estão inseridas nas paisagens e só consegue ver quem prestar muita atenção.

Ah.... Desireé, eu te encontrei. Se acha que sou incapaz de reconhecer minhas tatuagens se enganou!

Me joga na cadeira suspirando. *Achei você!*

Agora só preciso saber onde será sua exposição, eu espero não está vendo coisas, tendo algum tipo de alucinação por estar tão obcecado para encontrá-la e se for realmente ela, isso não é coincidência estamos destinados e agradeço a maldição que no final de tudo está me guiando até ela.

Volto na galeria e como esperado ninguém sabe me informar quem é a artista, mas consegui algo útil que vai me levar diretamente até ela, isso graças a dona da loja. Eu ainda fico petrificado toda vez que olho para o quadro, estou com raiva em saber que todo esse tempo ela manteve a maldita pulseira, me manteve longe dela — isso eu nunca vou perdoar. e vou ensinar para essa garota o que acontece quando me enganam.

CAPÍTULO TRINTA

QUATRO

Elie Anjo - Demônios Reais



A cada minuto chega mais gente, Ivan preferiu fazer a exposição na mansão ele disse que não há lugar mais seguro, em contrapartida deixa em evidência nossa localização para os sequestradores embora ele pense que isso não vai fazer diferença, ele confia em seus homens e se eu sair daqui as coisas seriam piores. Entretanto, acredito que Ivan já desistiu do papai só não tem coragem de me dizer, mas em dado momento ele me confessou que jamais me faria de moeda de troca, que me protegeria e por mais idiota que pareça eu confio nessas palavras.

Estou usando um vestido azul celeste com decote V, feito sob medida e deixando minha cintura delgada há uma fenda na lateral que inicia em minha coxa e desce até o final do tecido que toca o chão, a parte de baixo o corte é mais solto. Meus cabelos estão presos em um penteado trançado elegante, a maquiadora fez uma maquiagem simples.

Preciso estar apresentável afinal de contas hoje também é meu aniversário, olho para o adereço em meu braço e ainda bem que esta pulseira não chama muita atenção pego a minha bolsa de mão e me certifico que a pistola está no mesmo lugar, ora não passei meu tempo apenas melhorando minha habilidade artística, aprendi novas habilidades também comecei a praticar tiro com o Ivan. Isso nos deixou mais perto um do outro, passamos mais tempo juntos.

Atravesso o salão sendo que Samanta planejou a exposição em alguns cômodos no primeiro andar, tirando os moveis dando espaço para as galerias com meus quadros, sou acolhida pelo Ivan assim que adentro no salão.

— Você está deslumbrante. — Me recebe passando a mão pela minha cintura — Venha vou lhe apresentar algumas pessoas.

Passamos por Sebastian que me cumprimenta com um olhar, o clima entre a gente está estranho, ainda assim tirarei um tempinho para cumprimenta-lo.

Entre uma apresentação e outra acabo cansando de ficar em pé nesses saltos altos, saio um pouco da galeria a procura de um lugar menos movimentado para poder descansar, além de receber muitos elogios boa parte dos meus quadros já estão reservados por compradores, era para eu está pulando de alegria, mas sinto a ausência de algo, do Marlon e de tudo que vivi ao lado dele.

Sons de saltos atravessam o corredor, reconheço a enfermeira do tio do Sebastian indo em direção a uma sacada que dar visão para a lateral da mansão, para o jardim, porém o que me chama atenção é algo sob o colo do cadeirante, adianto meus passos seguindo eles e ouvindo o zunindo das marteladas do meu coração. Ando o mais rápido que posso e consigo alcança-los logo quando eles chegam à sacada.

— Parados aí! — Pego a pistola da minha bolsa e destravo, aponto primeiro para o cadeirante depois para a enfermeira e por fim vislumbro a silhueta do Sebastian na sacada segurando uma taça de vinho e ao me ver se assusta — Por que ele está com a Margarida?

A minha boneca favorita estar sob o colo desse senhor e se isso foi feito propositalmente eu vou cravar uma bala na testa do Sebastian. Será que Ivan tem razão? Seu amigo é algum tipo de psicopata?

O velho solta a boneca em seu colo, permanece com a cabeça tombada e de boné, com roupas grossas de frio e usando uma

máscara.

— Desireé por que está apontando uma arma para mim? — Sebastian parece desorientado.

— Senhora ele viu a boneca e quis pegar. — Fala a enfermeira.

— Eu não acredito. Tire a máscara dele e esse boné!

A expressão de Sebastian é indecifrável, um misto de decepção e raiva.

— Pode tirar rubi. — Ele ordena com a voz pacífica.

Ela assim o faz e para minha decepção não é o meu pai, mas um homem com o rosto magro e mórbido e algo nele não me faz bem talvez, por estar passando por esse sofrimento ele parece que está vegetando, sofrendo com uma doença incurável, meu estômago embrulha, pisco os olhos e volto a encarar Sebastian que continua com uma carranca.

— Eu sinto muito.

Meu Deus! Tudo isso está me deixando paranoica.

— Achamos isso na exposição, tem uma galeria voltada aos seus primeiros desenhos lá tinha alguns brinquedos seus. — Rubi explica me entregando a boneca.

Pego ela e não sei onde enfiar a cara com tamanha vergonha.

— Me desculpa, eu sinto muito Sebastian.

Travo a arma e coloco de volta na bolsa.

Dou meia volta e abraço Margarida perto do meu coração foi a boneca que o meu pai me deu, sempre foi a minha preferida ela esteve comigo nos momentos mais difíceis da minha infância, quando mamãe foi embora, quando me escondi naquele armário e vi meus avós morrerem eu simplesmente não largava a Margarida.

— Desireé! Ainda não acabamos — Congelo no corredor ao ouvi a voz grave do Sebastian me chamar. — O que foi aquilo? Você achou que era seu pai? Eu sequestrei seu pai? Olha para mim, Desireé!

Levanto o olhar:

— Eu já pedi desculpas. O que você quer que eu faça? Não sei mais o que dizer, nem o que fazer. eu abrir mão da minha vida, a vida que eu queria viver para estar aqui, para tentar trazer meu pai...

Sebastian suaviza a expressão e me abraça.

— Eu não posso imaginar o quanto está sofrendo, mas estou aqui não como um professor, eu me apaixonei por você, pelo menos me dê uma chance.

— Sebastian...

— Eu espero, não precisa ser agora, me deixa cuidar de você.
— Tento afastar o abraço, mas ele me aperta mais contra seu peito,
— Desireé, me dá sua arma e fica quietinha, pois tem um cara estranho olhando para nós. — Ele sussurra próximo ao meu ouvido,
— Por Deus ele está se aproximando e rosnou para mim, eu nem vi ele chegar.

Consigo me afastar para ver quem é, todo o meu corpo endurece quando encaro sem piscar o homem que domina meus pensamentos vestido de terno.

Paira uma nuvem negra em sua expressão fechada, me estremeço e subitamente me afasto do Sebastian. Como ele me encontrou? Certifico que a pulseira está em meu braço, e sim, ela está.

Lembro do nível de possessividade do Marlon então digo:

— Pode ir Sebastian.

— Mas...

— Vou ficar bem.

Marlon continua em silêncio com a mandíbula cerrada e isso me dá mais medo ainda, pois seria mais fácil se ele simplesmente extravasasse e demonstrasse toda a sua raiva. No entanto, ele apenas se contém no mesmo lugar.

Isso parece um sonho, caminho até ele cautelosa ainda abraçada com a Margarida, como ele continua parado nesse momento, eu não me importo dele me rejeitar ou não querer que eu o toque.

Toco em seu rosto, a todo tempo sendo perscrutada pelo seu olhar. Parece estar sem reação, sem fala até que finalmente diz:

— Não sei o que faço com você. — Tira a minha mão do seu rosto e isso sinceramente deixou uma pontada em meu coração.

— Como me encontrou?

Ele nada diz, pega meu pulso e por Deus como amo sentir essa eletricidade que percorre meu corpo toda vez que ele me toca, seu dedo arranca minha pulseira que se despedaça no chão.

— Nada pode me impedir de encontrar você.

Como senti falta da sua voz, do seu cheiro.

Marlon segura firme em minha cintura um gesto habitual antes de me levar para onde ele quiser, como ele sabia onde é o meu quarto? Ele me pressiona contra a janela de vidro fechada da sacada, que dá visão para o jardim.

— Você deve me odiar agora, me perdoa... — Deixo Margarida cair ao chão assim como minha bolsa e envolvo ele em um abraço. — Eu ainda te amo, Marlon, sempre amei só você.

— Shi... — Ele continua a me abraçar, suspira e diz: — É bom sentir seu cheiro, sua presença e... — Segura meu rosto fazendo com

que eu encare seus olhos azuis profundos — E está mais linda do que me lembrava.

Marlon...

Sou tomada pelo seu beijo cálido que abafa todos os meus pensamentos, retribuo na mesma urgência, alongamos o nosso beijo o máximo que conseguimos depois ele que se afasta e fico admirando o quanto ele é lindo quando o desejo toma conta dos seus sentidos, mas há algo errado que não estava ali quando eu o deixei e isso faz com que ele se afaste de mim de maneira repentina.

— Marlon...

— Você cheira a outro macho, chega a me causar náuseas. — Seu tom é mais ríspido.

— Eu sinto muito, ele só estava me consolando, eu tinha acabado de fazer algo muito terrível com ele.

— Sabemos que não é só isso, até quando vai achar que sou algum idiota? Eu vi o jeito que ele te olhou e ouvi claramente a declaração que ele fez. — Ruborizo sobre suas acusações — Muita coisa aconteceu nesses últimos meses, eu não sou mais o mesmo e pelo visto você também não.

— Isso tudo é raiva, você tem direito de estar assim, mas eu e o Sebastian não temos nada. ele é apenas o meu professor. — Balbucio deixando explícito meu desespero.

— Sebastian... Seu professor? Há quanto tempo?

— Desde que passei a morar aqui. — Sou sincera e isso não ajudou muito.

Sua expressão ultrapassa o limite da raiva, o que me faz encolher.

— Tome um banho.

— Preciso voltar para...

— Você não vai sair desse quarto enquanto não tirar o cheiro desse cara de você! E se ele tocar em você de novo vou quebrar de maneira lenta cada osso dele.

Argh!



Não sinto nenhum cheiro além do meu, mesmo assim me esfrego com raiva deixando a água levar toda a maquiagem e trabalho de horas, lavo minhas partes imaginando o que se passa nessa mente insana, uso o chuveirinho e só saio do chuveiro apenas de toalha encontrando a sombra dele em meu quarto.

— Vão sentir minha ausência e procurar por mim.

— Não vão encontrar você. — Um sorriso malicioso paira no canto da sua boca. Aproxima-se de mim e inala profundamente — Desireé... — Sua voz continua em um tom baixo antes de tocar em meu queixo e novamente sou levada para outro lugar, outro quarto. — Estou em um hotel aqui na cidade.

Não tenho certeza de mais nada apenas me deixo ser guiada pelo seu beijo faminto. a toalha cai ao chão e Marlon tem pressa em se despir, me empurra na cama enquanto começa a se livrar da sua roupa.

Ele cai sobre o meu corpo e sou agarrada por ele bruscamente, rosna de maneira animalesca enquanto marca meu corpo com seus toques, toma minha boca por inteira enterrando sua língua no mais profundo da minha garganta, o beijo é sufocante e arrebatador, tremo por debaixo dele quando ele começa a tocar minha boceta úmida com seus dedos, também o beijo, o toco, o arranho, sentindo prazer transbordar a cada toque.

— Como senti falta de estar enterrado em você — ele diz com a respiração entrecortada, separa minhas coxas. — Eu tenho urgência em te foder, não tenho tempo para preliminares.

— Sim. — Concordo, pois também tenho pressa para ter ele dentro de mim.

Solta um rugido possessivo quando tira os dedos melados e lambe antes de novamente voltar a me beijar.

— Preciso saber, me diz que ainda é só minha.

— Eu sou. — Engulo em seco, sentindo minha boca ardendo dos seus beijos, mordidas e sugadas — E você e aquela foto com aquela atriz?

— Não sei de quem está falando.

Ele parece desnortado e focado em mim, me arrepio toda quando ele pressiona seu pau entrando de uma vez.

— Ah!

Grito ao sentir o ardor passageiro que é substituído pelo formigamento gostoso de ser preenchida pela sua grossa ereção.

Ele para dentro de mim sentindo que fiquei mais tensa, enrijecendo. Sua palma desliza até minha cintura e desce até meu clitóris fazendo movimentos circulares. Ele para de me olhar e então suga meu mamilo e arqueio, Marlon dar uma bruta estocada o que me faz estremecer e murmurar seu nome. Continua fazendo isso até sentir que estou mais úmida por dentro e logo seu pau desliza cada vez mais rápido dentro de mim. Ele não espera que eu goze, esta é a primeira vez que ele jorra de maneira descontrolada dentro de mim.

Sai de dentro de mim e diz:

— Vire-se.

Meu coração dá uma pulsada forte sobre sua ordem e viro o

meu corpo ficando de bruços, mas ele desliza a mão até meu ventre me abraçando de costas, meu rosto repousa no travesseiro e cada vez que ele beija a marca em meu pescoço me causa arrepios, beija a minhas costas o que me faz reagir flamejando e errando cada som que tenta sair da minha boca, eu sou muito sensível e mais agora, tudo parece mais intensificado.

— Eu quero te comer por trás.

Ele me deixa apoiada pelos joelhos, separa novamente minhas pernas e beija cada lado da minha bunda, deixando uma mordida e uma tapa.

— Faça — Digo mordendo o lábio, reprimindo minha própria ânsia. — Se isso lhe faz feliz.

— E isso é o que você quer? — Ele rodeia a entrada do meu cu com o seu dedo — Quer que eu foda seu cuzinho?

Não tem como dizer não quando ele fala desse jeito manso e sedutor.

— Sim.

Claro que estou morrendo de medo, ainda bem que pensei nele de maneira mais profunda enquanto me banhava. Marlon começa o processo de preparação usando sua língua esfregando-a de maneira insana.

— Relaxa. — Diz ele enquanto introduz um dedo, ofegante murmuro em suplica e ele continua estando em dois lugares, toca em meu clitóris e cospe no meu cu, introduz mais um dedo e afasta-se — Muito apertadinho, vou pegar o lubrificante.

— Por que tem um lubrificante? Estava usando-o em quem? — Droga. Acho que acabo de estragar nosso momento deixando meu ciúme falar mais alto.

— Não saia daí. — Desaparece sem responder minha pergunta. Depois de alguns minutos volta com um frasco na mão — Peguei

emprestado do Ructon, então relaxa.

— Acho bom isso ser verdade!

Resmungo com todo meu lado possessivo aflorado. Não tenho direito de exigir fidelidade sendo que eu o deixei, mas eu fui fiel!

Marlon passa lubrificante e começa novamente o processo de abertura e a cada minuto fico mais ansiosa, todo o calor que emana dele percorre meu corpo também, sua ereção continua dura e toda vez que olho para ela sinto uma vontade de eu mesma sentar nela. Acho que ele capitou minha urgência e quando acaricia meu clitóris com o polegar enquanto outros dedos estão dentro do meu cu, eu sinto que estou pronta.

— Por favor... — Suplico.

— Acho que você desconhece a definição de deixar o outro esgotado, pois é o que farei com você hoje.

Ele diz e encosta seu pau na entrada do meu cu, seu pau também está melado pingando de lubrificante.

Ele penetra colocando aos poucos fazendo movimentos de ida e vinda até que perde o controle e soca de vez, solto um grito.

— Isso vai ajudar a passar a dor. Suspende o meu corpo com cuidado e morde meu ombro no lugar da marca, a princípio sinto o ardor da mordida, mas logo a dor é substituída por uma dormência em meu corpo, me sinto mais relaxada, mais leve e por fim a dor não é mais evidente restando apenas um leve desconforto.

Suas pressas permanecem cravadas em meu ombro e seus dedos ainda percorrem minha vagina enquanto ele estoca um pouco mais profundo.

— Aí...isso está perfeito.

Nem me reconheço gemendo alto.

— Isso geme, geme mais alto enquanto fodo você até ficar sem forças — Ele também começa a liberar sons guturais, libera meu corpo e caio de quatro na cama apertando o lençol com as mãos Marlon continuando a me abrir, socar cada vez mais rápido falando coisas que não entendo por estar perdida em meu próprio prazer, começa a dar leves tapinhas repetidos na minha bunda que arde ligeiramente então ele enterra mais fundo e diz: — Isso por ter sido uma garota perversa. Por me deixar.

Grunhe e sinto suas garras arranhar minha coxa, ele assobia enquanto me ver rendida, gozando, gemendo, tudo parece mais perfeito quando me sinto preenchida por ele, sentindo os espasmos do seu pau, do liquido quente preencher meu buraco e novamente caio na cama me recuperando de uma gozada perfeita.

Afasta-se de mim e me deixa na cama, encaro ele com os olhos pesados, exaurida e querendo dormir.

Ele fica observando meu corpo por um tempo parecendo satisfeito com o que ver.

— Não usamos camisinha. — Ele fala em um tom preocupado.

— Eu passei a me cuidar.

Se bem que eu não me lembro da última vez que tomei minhas pílulas. Droga, não é um bom momento para revelar isso.

— Qual motivo de evitar gravidez se não tinha ninguém. Ou tinha?

Ele é muito ciumento.

— Eu só me preveni, pois vivo cercada por mafiosos, eu não sei o que se passa na mente de outro ser humano.

— Mais um motivo para não voltar para lá.

— Eu preciso voltar.

— As coisas nunca vão ser como antes, não é? Não vai ser, impossível, algo mudou comigo também, meu outro lado está feliz por ter a companheira de volta, mas eu... Não é como antes. Eu ainda estou puto com você.

Range antes de me erguer da cama.

— Mas acabamos de fazer amor! — Digo irritada.

— Como da última vez, você me deixou quando tínhamos acabado de fazer amor. Vou levar você de volta.

Zapamos de volta para o meu quarto. Ele está com orgulho ferido e quer retribuir ferindo o meu.

— Precisamos conversar.

— Isso para mim já foi uma conversa.

Desaparece, sem nem sequer olhar para mim, me deixa me sentindo largada, *as coisas não serão mais como antes*. O que ele quis dizer com isso? Esta é a forma dele de me desejar um feliz aniversário? Ou ele não sabia, não quero pensar em mais nada apenas apagar e continuar sonhando com meu Demônio que está de volta.

CAPÍTULO TRINTA CINCO

Elie Anjo - Demônios Reais



Depois de tomar um banho caio na cama dolorida sem me importar com o que acontece do lado de fora, acordo com o barulho em meu quarto abro os olhos e vejo Ivan parado me encarando de braços cruzados.

— Muito bonito isso Desireé, passei a noite procurando você, preocupado com você e ... — Arqueia a sobrancelha — O quarto foi o primeiro lugar que procurei e você não estava aqui e não tente me enganar.

— Ah Ivan... — Murmuro me pondo de pé, dormir com meu roupão do banho e ainda estou me sentindo fresca. — Não quero falar sobre isso, mas estou bem.

Seu celular toca e me levanto sentindo minha virilha dolorida e outras partes do corpo também. fora as marcas em meu pescoço que Marlon fez questão de deixar, aquele cretino.

— O que há com você? — Pergunta Ivan ao pegar o celular para atender. — Oi Samanta.

Reviro os olhos e me espreguiço acabo gemendo baixinho.

— Isso não pode está acontecendo... — Continua Ivan adotando um tom mais sério — tudo bem já estou indo. — Ele me encara e diz: — É melhor você vir também!

Não me deixa negar simplesmente me arrasta sem me dar chance de o impedir, Ivan me leva para fora da mansão estou apenas de chinelo e roupão, Samanta e alguns homens estão do lado de fora ambos com a arma apontada para um carro. Droga. Eles nem preparam para nada já acordo recebendo as ribombadas! Ructon e Marlon estão frente ao carro, porém não consigo desviar o olhar do homem entre eles.

— Pai? — Esqueço de tudo incluindo da forma estranha que estou andando para correr e abraça-lo — Papai!

— Minha menina, — ele aperta o abraço, ele está mais magro e reduzido as cinzas com o olhar fundo e a palidez deixa sua aparência fantasmagórica também reparo em suas mãos enfaixadas, papai beija minha cabeça. — Eu sinto muito filha, desculpa por tudo.

— Como conseguiu sair do cativeiro? — Ivan interrompe claramente desconfiado de tudo — Ructon o que faz aqui? E quem é esse homem?

— É uma longa história. — Rucinho responde.

— Não importa, eu quero ouvi.

Papai afasta o abraço para dizer:

— Esse homem me resgatou juntamente com o Ructon, devo minha vida a ele e confio plenamente no senhor Chandler.

Sinto um formigar na nuca e continuo ouvindo o papai petrificada sem conseguir nem olhar para o Marlon, nesse momento ele fez com que minha decisão de o manter longe de tudo ser a coisa mais estúpida que já fiz, posso sentir seu olhar cru me devorar com seu ego satisfeito. O que ele quer com tudo isso? Se vingar? Passar na minha cara!

Sou agradecida por trazer meu pai de volta, ainda assim... Por que me sinto tão mal?

— E os sequestradores? — Pergunta Ivan.

— Eu fui mantido no cativeiro por Boris e alguns dos seus homens, ele não sabe quem pagava para ele fazer aquilo apenas recebia ordens por telefone e enviava os vídeos.

Papai pondera o tom diante de Ivan, nesse momento ele não tem absolutamente nada e nem ninguém para ficar ao lado dele, está desolado e perdido.

— Você tem a mim papai. — Dou um meio abraço nele. — Eu tenho amor e dinheiro suficiente para nós dois.

Ele sorri, nesse momento me sinto útil por ter juntado todo o dinheiro das minhas vendas, sei que o Ivan me ajudou comprando meus primeiros quadros e indicando para todos os seus contatos, entretanto, eu também tive a capacidade de conquistar meus próprios clientes.

— Eu soube disso e estou orgulhoso de você, minha querida. E feliz aniversário atrasado princesa. — Fala cheio de júbilo — um pai em farrapos não é lá uma grande coisa de se ganhar!

— Para, é o melhor presente de todos. — Não é minha intenção derramar minhas lágrimas de comoção, mas é impossível — Ah, pai não faz mais isso.

Ele torna a me abraçar, esqueci que tenho uma plateia. Papai limpa a garganta, estou gostando da ideia de ter meu pai de volta não um chefe da máfia.

— Melhor você ir. — Fala Ivan. — Ainda é perigoso estar perto da Desireé.

— Claro que não Ivan, papai só tem a gente ele tem que ficar aqui. — Sou exigente.

— Você é minha prioridade Desireé já não tenho mais responsabilidades com ele — Outro macho chateado, bufo, cruza os braços indignada. — Como encontrou ele? Disponibilizei os meus

melhores homens para isso!

Marlon que estava calado esse tempo todo fala:

— Você não tem o Ructon.

— Oh, verdade Ivan eu sou muito bom no que faço e você sabe.

Pisca para Ivan o desconcertando, nunca vi o Ivan mais sem jeito da mesma forma que nunca o vi olhar para alguém desse jeito. O que há com esses dois? Não me diga que? Ah... sim o Rucinho é alguma paixonite do Ivan.

— Tudo bem ele pode ficar. — Decreta ainda sem desviar o olhar do Rucinho.

— Obrigado, mas preciso dos meus guarda-costas comigo. Confio minha vida a esses homens além do mais tenho uma lista enorme de inimigos e não sei se há infiltrados aqui.

A possibilidade do Marlon está próximo ao meu pai e ainda por cima morando na mesma casa me deixa um tanto desconfortável.

— Não tem ideia de quem fez isso? — Pergunto ao papai.

Ele desvia os olhos dos meus, afastando a verdade de mim. *Ele sabe...*

— É algo que suspeito, não se preocupe princesa vamos cuidar de tudo. se preocupe com sua carreira.

Papai me dá um último sorriso antes de entrar na mansão sendo guiado por Samanta. Marlon continua parado encostado no carro.

— Não vai entrar? — Pergunto vendo que restou apenas nós dois e alguns homens do Ivan voltando para seus postos.

— Seu pai não sabe que no passado tivemos um relacionamento, prefiro manter isso assim.

— No passado? — Repito com um nó na garganta ainda não

querendo que nada do que ele disse, faça algum sentindo para mim.
— Você terminou comigo e não me disse nada?

— Não. Você terminou comigo quando me deixou.

Ele enfia a mão no bolso da calça grossa e me deixa para trás.

— E por que diabos transou comigo?

— Me pergunto o mesmo quando você transou comigo planejando desaparecer.

— Se isso tudo é vingança para agora, Marlon. Eu já pedi desculpas.

— Nada do que você falar vai mudar o fato que fiquei mais de um ano sem ter notícias suas, sem pelo menos sentir que estava viva.

Consegui tira-lo da zona de indiferença para fazer demonstrar o quanto está chateado comigo.

— E esse tempo todo não foi o suficiente para pensar em me perdoar?

Isso é um pesadelo, e se ele não for capaz de querer mais alguma coisa comigo?

— Desireé só faz o que eu pedi, como seu pai disse continue com sua vida.

— E por que está aqui? Por que trouxe o meu pai de volta? Para me torturar? Não use ele nas suas vinganças infantis!

Já alcançamos a entrada da mansão.

Ele perde o controle de vez e dita:

— Você foi tola em me deixar. se estou aqui é porque quero que essa merda toda termine, manter você segura ainda é minha prioridade e isso não tem mais nada a ver com o que vivemos, mas preciso de você viva para continuar vivo também.

Não me conformando com essa resposta o persigo quando ele entra no saguão da mansão.

— Mentira! Você é um mentiroso, Marlon! Eu ainda te amo se quer saber vou continuar te amando mesmo sendo um idiota. — Choramingo e subo o primeiro lance de escada — Obrigada por trazer o meu pai e não me arrependo da decisão estúpida que tomei. Pois simplesmente não ia conseguir viver daquele jeito, seu sobrinho quase foi levado e por minha causa, Grace não merecia nada daquilo também!

Disparo para o meu quarto com as lembranças que estava tentando evitar martelando em minha mente.



Eu imaginei que ela se sentia dessa forma. Que se sentia culpada pelo o que aconteceu com o Gael. Mesmo assim sou incapaz de não sentir raiva pela sua decisão de me deixar. Não vai ser fácil conviver debaixo do mesmo teto que Desireé, mas o que não faço para manter esta garota segura? Sou um caso perdido, entretanto, preciso garantir que ela não vai mais me abandonar para servir de isca para algum psicopata? só de pensar nisso tenho vontade de sair exterminando essa raça toda incluindo o pai dela. Mas aí, o psicopata será eu. E ela jamais me perdoaria.

Ela não entendeu que para conviver como imortal terá que abrir mão disso tudo?

Samanta preparou um quarto de hospedes para mim, terei que dividir o aposento com minhas duas babys. Lagertha e Lua que a

desnaturada da Desireé nem lembra mais da gatinha. Por sorte quando elas querem são bastantes comportadas principalmente a Lua, quenga é uma corrompida, leviana, pois quinze minutos que a deixei no quarto sozinha enquanto tomava banho já destruiu uma poltrona com sua baba, fazendo de mordedor.

Lanço um olhar de repreensão para ela que pula no chão quase em cima da pobre coitada da Lua quenga se acha a magra, não tem noção que é grande e pesada demais para pobre coitada da gata aturar suas brincadeiras, Lua que estava estirada no carpete solta um miado e mostra as presas para a cadela que balança o rabinho afoita.

— Hey, vocês duas não é hora para brigas.

Fêmeas...

Visto uma bermuda e camiseta calço os chinelos e dou uma olhada no espelho.

Conquistar a confiança do pai da Desireé não foi algo difícil o velho estava sendo torturado e mantido longe da sua amada filha e pior de tudo preocupado que sua filha fosse pega por eles.

Quando pegar esses desgraçados não pouparei ninguém.

Engraçado Dimitri achar que estou aqui para fazer a segurança dele, quando na verdade minha única preocupação nessa casa é a minha fêmea. Esta foi a forma mais fácil de me manter perto dela e ao mesmo tempo descobrir quem está por trás disso tudo.

Minhas meninas me seguem pelos corredores, elas são obedientes e extremamente curiosas e querem explorar o novo lar assim como eu, Ructon está hospedado em um quarto logo ao lado do meu e no início de outro corredor fica o quarto da Desireé passo por ele sentindo o cheiro fresco dela e me vejo seguindo ele pelo meio da casa, alguns seguranças estão do lado de fora fazendo vigia, isso tudo é muito pouco para deter um psicopata que possivelmente sabe de todos os passos dessa família. Desde que pisei o pé aqui eu desconfio de todos inclusive da Samanta.

É uma pessoa próxima a Ivan e sabe de todos os seus planos incluindo o ajuda a executar. Uma das primeiras na minha mira, porém é cedo demais preciso ficar atento a quem se aproxima deles.

Pedi para Desireé manter distância de mim foi fácil, o difícil vai ser eu querer manter distância dela. Se antes considerava ela minha perdição agora ultrapassou o limite de beleza, está mais linda, confiante e acredito que isso tem a ver com o fato da sua carreira artística está dando certo. Estou feliz por ela.

O cheiro dela se torna mais forte na medida em que me aproximo da cozinha, é enorme e com equipamentos industriais encontro ela sentada em cima do balcão balançando as pernas e bebendo vinho diretamente da garrafa.

— Desde quando bebe?

— Desde quando tira a noite para me perseguir? — Retruca e ao ver as garotas ela pula do balcão — Lagertha, Lua! — As traidoras fingem estarem carentes de atenção, pois começam a se esfregar nela. — Como estão lindas. Oh, meu neném... — Carrega a gata.

Reviro os olhos e vou até a geladeira pegar um pouco de água, não tirando os olhos das três. Suspiro ao perceber que Desireé está um pouco zonha.

— Por que não podemos ser uma família como antes?

— Não somos sua primeira escolha Desireé, você sempre vai nos abandonar pela sua "família de mafiosos".

Ela se segura no balcão para se levantar. Está vestida com um moletom e um short curto, sendo quase coberto pelo seu moletom folgado, afasto a garrafa de vinho dela e digo:

— Chega de vinho por hoje.

— Estou sem sono.

— Esse não é um bom remédio.

— Tem razão me coloca para dormir como fazia...

— Não.

— Como soube da exposição? Como me encontrou?

— Reconheci minhas tatuagens em seu quadro. E... A pessoa que me vendeu o quadro tinha recebido o seu convite, consegui o endereço.

Desireé se encosta no balcão e estamos tão próximos, cubro as mãos na borda do balcão mantendo o corpo dela preso ao meu. Não estava em meus planos transar com ela, mas vê-la tão linda me desestabilizou totalmente, sentir seu cheiro ouvir sua voz... E sem contar que estava tanto tempo sem sexo que estava quase enlouquecendo.

Ficar perto dela sem poder toca-la será algo muito difícil.

— Desi... Também não está sendo fácil para mim porque meu corpo e tudo de mim é atraído para você, mas no momento preciso focar em manter você segura e sabemos que no passado meu erro todo foi pensar com o pau. — Toco em seu rosto, — isso não vai acontecer de novo, eu não vou perder você.

— Não precisava terminar comigo... — Ela franze o cenho e continua — está me deixando confusa. Ainda há algo ou não? Você me ama ou não?

Cada movimento com a boca que ela faz tenho vontade de cobrir com a minha. *Óbvio que te amo tolinha e meu amor não tem limites.*

— Eu não vou te dar essa resposta agora, mas você me deixa perdido querida, mantenha essa bunda e esse corpo longe de mim o máximo que puder. — E antes de sair totalmente da cozinha completo: — Ontem não conseguir dizer... — Estava cego de ciúmes, — mas feliz aniversário.

CAPÍTULO TRINTA

SEIS

Elie Anjo - Demônios Reais



Estou há alguns minutos acomodado no sofá em uma sala com vista para a piscina, Dimitri está do outro lado bebendo um copo de suco, ele está em uma dieta para repor os nutrientes, pois quando o resgatei seu estado era lamentável não muito diferente de agora ainda mais com um filho que não o quer por perto e eu poderia desconfiar do Ivan, claro, mas ele não tem motivo algum para fazer isso com o próprio pai. Ivan deixa claro que não gosta do velho e as atitudes dele não é de um psicopata.

Ructon começou a verificar as últimas imagens das câmeras, juntamente com o Alex o motorista e segurança do Ivan, ele e Ivan são bastantes próximos e hoje pela manhã peguei Ructon saindo do quarto do Ivan.

Se esse psicopata está entre nós em algum momento ele fez merda. Desireé contou alguns eventos estranhos que aconteceu na casa como a aparição de uma revista em sua cama mostrando a entrevista com a Chloe e onde tem uma foto nossa, sinceramente nem lembrava mais disso, faz tanto tempo e não sei como Desireé sente ciúmes de algo que aconteceu a mais de um ano.

Dimitri sorri ao encarar a piscina, vejo o motivo da sua fascinação... também é a minha, Desireé está deitada em uma espreguiçadeira apenas de biquíni.

— Então senhor Chandler. O que acha da minha filha?

— Muito linda. — Digo com sinceridade — E queixuda e tem a tendência de se meter em confusão e... — Me calo quando percebo seu olhar se tornar mais sério, conheço bem as atitudes de um pai protetor então acrescento: — Muito nova e não faz meu tipo. — Falo com cinismo, claro.

— Sim ela é jovem, mas está me enchendo de orgulho. Agora mudando de assunto o que pretende fazer quando encontrar o sequestrador? Acredito que não quer passar a vida sendo cuidador de idosos.

Rio.

— Vou voltar para minha cidade e ficar ao lado da minha família.

— Sim... Você e o Ructon são primos. — Pura invenção do Ructon para justificar minha presença na história, afinal de contas Ructon ainda tem a confiança dessa família que ele trabalhou no passado. — É uma pena, se ficasse ao meu lado teria uma ótima posição... Boa o suficiente para deixar que invista em minha preciosa filha, não vejo candidato melhor para se casar com ela.

Lança um olhar de cúmplice para mim.

— Eu não a vejo desse jeito.

— Ora, senhor Chandler sou velho, mas não estou cego nem tolo, você devora minha filha a cada olhada para ela.

Foda.

— Exatamente e não estou gostando disso. — Interrompe Ivan.
— Não tem permissão para cobiçar minha irmã.

Isso está obvio demais, tão obvio que me perdi na conversa quando ela começou a passar protetor solar em suas pernas, sabe que estou aqui, reviro os olhos e encaro os homens possessivos em minha frente.

— Não tem como não cobiçar a Desireé... — Continuam em silêncio esperando algo a mais então confesso: — No passado tivemos um relacionamento de curta duração.

Ivan avança em cima de mim:

— Sabia que tinha visto você em algum lugar, você que partiu o coração dela!

— Não. Foi ela que me deixou esqueceu disso?

Saio de perto dele e antes de sair da sala ele me ordena para ficar longe dela, como se isso fosse possível.

Encontro Ructon na sala de segurança ao lado de Alex ambos concentrados nos monitores.

— Você chegou em uma boa hora, Marlon. Sabe quando a Desireé disse sobre a revista fiquei bastante intrigado. — Ructon pede para o Alex colocar uma gravação antiga com uma marcação vermelha — Ivan viu essa gravação e não entendo o porquê não mostrou para a Desireé.

Presto atenção no corredor que dá acesso ao quarto dela e logo o monitor é preenchido com uma figura masculina reconheço o antigo professor que abre a porta do quarto dela e logo em seguida sai, só pode ter sido ele...

— Vou matar esse desgraçado!

— Mas o senhor Ivan disse que era para manter isso em segredo. — Fala Alex.

Quase zapo na frente do humano, mas consigo me controlar e sair bufando com os punhos fechados louco para acertar a cara do Ivan, passo pela piscina e Desireé me questiona com um olhar e ao invés de ficar quietinha no lugar dela, ela passa a me seguir chamando por mim, a ignoro.

Volto para a sala onde estava encontrando o Ivan e o seu pai,

avanço até ele lhe dando um soco, pegando-o desprevenido.

— Meu Deus, Marlon. Qual seu problema? — Desireé se coloca em frente ao irmão que tenta me acertar.

— Saia da frente Desireé — Ordena o pai dela — Acho bom ter uma boa explicação para ter socado meu filho, senhor Chandler.

— Esse filho da puta armou para mim! O que pretendia mostrando aquela maldita revista para ela?

— Do que você está falando, Marlon? — Desireé se vira para o irmão — Ivan o que você fez?

Ele para de segurar o queixo atingido para levantar as mãos tentando apaziguar o clima:

— Eu posso explicar, eu vi a gravação e achei melhor não contar nada apenas conversei com o Sebastian sobre o ocorrido, tínhamos concordado em planejar algo para fazer com que focasse em sua vida aqui e esquecesse seu passado e boa parte da sua tristeza era por causa dele!

— Você mentiu para mim, não acredito seu cretino!

— Eu não sabia! Que Sebastian planejava fazer isso juro que eu soube por você naquele dia, não sabia nem que o Senhor Chandler estava na Rússia. Só não revelei quem foi porquê de certa forma eu também tinha concordado com isso, só não sabia como seria executado o plano. Ou seja, Sebastian executou tudo ele entrou em contato com Chloe, não eu!

Afasto Desireé novamente e acerto o abdômen dele com um soco o fazendo vacilar por alguns segundos até me retribuir um soco no meu também.

— Parem já com isso! — Ructon grita apontando uma arma para nós — Ou vão levar uma bala no rabo e vou mirar bem no buraco do *fiofó*!

Desireé aproveita para empurrar Ivan de perto de mim.

— Seu traidor era para eu ter cortador sua garganta quando tive a chance! — Deixou a irmã furiosa, mas é nítido seu tom tristonho também. — Eu não acredito que confiei em você Ivan.

— Eu só estava tentando proteger você e manter você aqui foi minha melhor escolha.

— Discordo Ivan, você a trouxe para perto do psicopata. — Ructon abaixa a arma e Ivan dispensa seus seguranças. — Todos calmos vamos conversar. Primeiro lugar quero dizer que sou contra qualquer pratica de violência, mentira sou hipócrita adoro ver macho brigar e essa arma é de brinquedinho faz parte da minha fantasia *hot* de mafioso.

Ele aperta e sai apenas bolhas. Palhaço.

— Aqui ela não esteve em perigo. —
Balbucia Ivan.

— Vocês usaram a força ao invés do cérebro, deviam estar socando a cara de outra pessoa agora. Não se deram conta que o Sebastian estava na cena também. Agora temos que descobrir o que ele quer, aparentemente por enquanto não vamos tê-lo como suspeito número um, mas como professor da Desireé e Marlon vai ter que segurar a onda, chegamos muito longe e estamos perto de descobrir a verdade e tenho certeza que pressionar ele não vai nos trazer nada. Ele é um psicopata então vamos entrar em seu joguinho.

Ructon dispara com seu olhar crepitando e tenho certeza que está cheio de planos sórdidos.

— Quem é Sebastian? — Pergunta Dimitri totalmente perdido na história.

— Um velho amigo ou acho que era. — Ivan passa a raciocinar. — Se bem que... A pista para ir em Santa Maria foi ele que deu. Ele queria que eu a encontrasse? E a trouxesse para aqui? Por que? Ele

nunca tinha visto Desireé antes.... Minha irmã nunca frequentou a escola nunca conheceu ninguém.

— Na exposição aquele homem que vive com ele segurava minha boneca, a Margarida. Eu aponte para ele e achei que era o papai!

— Então quem era? — Dimitri está pálido querendo saber de mais detalhes.

— Eu não sei ele estava bastante debilitado. Mas tive uma sensação estranha quando o vi a princípio achei que era por causa da situação dele, mas agora...

Desireé faz um esforço para se lembrar de algo e acaba ficando pálida também, conheço bem os sintomas do seu ataque de pânico, logo começa a se sentir sufocada.

Envolver ela em meus braços e a carrego.

— O que ela tem?

— Só é sair de perto dela! — Rosno para Ivan a levando para longe da sala, corro até seu quarto querendo muito poder zappar, ela ainda não está livre de sentir essas coisas, ela está com dificuldade de respirar e segura seu pescoço, tossindo como se estivesse sendo sufocada por alguém — Desi, amor presta atenção isso está em sua mente, estou aqui...

Nada disso vai fazer bem para ela e que droga. Como quero mantê-la longe disso tudo, a deixo deitada no colchão e abro a janela, ela parece distante, mas percebo o quanto luta para se recuperar do ataque de pânico, em meios as lágrimas, aos soluços. Deito-me ao seu lado na cama, envolvendo seu corpo, apertando contra o meu sentindo sua pele mais fria.

— Estou aqui linda.

Afago seus cabelos, infelizmente isso é algo que só ela é capaz de afastar.

Fico ao seu lado até que ela para de chorar, isso leva um tempo, mas começa a se acalmar.

— Eu odeio sentir isso.

Beijo sua cabeça, seu ritmo cardíaco permanece acelerado.

— Foi mais um ataque de pânico, passou... — Continuo a acalma-la com meus toques trazendo-a para a realidade.

— Isso tudo está me matando Marlon.

— Sim e sinto muito por contribuir com isso também, fui estúpido em deixar qualquer coisa falar mais alto, meu orgulho, meu ciúme você não merecia ouvi nada daquilo.

— Merecia sim. — Suas unhas estão cravadas em minha camisa, — não devia ter deixado você, mas não ia conseguir viver sabendo que vocês nunca estariam em paz, eu amo você e toda sua família e pode acreditar que também passei a gostar do Ivan e sem contar que amo o meu pai.

— Eu sei... — Beijo sua testa. — Vamos passar por isso juntos, mas sabendo que te amo, e que amei você todo o momento em que fiquei longe de você. Sonhava com você quase todas as noites.

— Nem quero saber o conteúdo dos sonhos.

— Teremos uma longa vida para eu te mostrar. — Seus olhos verdes opacos me cercam, — vamos nos dar mais uma chance, huh?

— Isso quer dizer que voltamos?

— Nunca serei capaz de abandonar você. Só não quero repetir o mesmo erro e perder você e queria deixar seu pai fora disso também, mas ele já sabe. — Ela me dá uma tapinha em minhas costas — Mas sério... fiquei com tanta raiva por ter me deixado que só falei para você o quando fiquei puto, sem acrescentar o quanto senti sua falta e o quanto te amo.

— Também te amo, Marlon.

Se aconchega mais e senti falta de tê-la em meus braços.

Ructon traz um calmante e depois de um tempo Desireé acaba dormindo. Quero mantê-la segura, não posso me esquecer quem mais sofre com tudo isso é ela.

Retorno para a sala com Dimitri e Ivan preocupados, porém permanece em silêncio sem me questionar nada então começo:

— Melhor me contarem tudo, absolutamente tudo que não sei sobre o passado de Desireé, isso tudo está afetando ela e o quanto antes terminarmos melhor.

Dimitri baixa o olhar e confessa:

— Fiz de tudo para tentar protegê-la, mas ela luta contra seus próprios demônios sozinha. Ainda bem que agora ela tem você.

Semicerro os olhos notando que ele está se desviando da pergunta que eu fiz.

— Eu não preciso da permissão de ninguém para ficar ao lado da Desireé, eu a amo e se estou aqui é por ela.

Ivan franze o cenho e não disfarça a surpresa.

— Você é um maluco, tudo o que fez foi para ficar ao lado dela.

— Exatamente e assim que isso terminar digam adeus a Desireé, ela vai voltar comigo. — Volto a dar atenção para Dimitri. — Estou esperando você me dizer Dimitri, se vamos começar a caçar Sebastian preciso saber quem ele é.

— Eu não sei quem ele é, mas ele pode trabalhar para alguém que desconfio.

Mais de trinta minutos se passaram e continuo escutando tudo, ainda sem saber por onde começar e nem como Desireé vai lidar com

tudo isso embora ela demonstre gostar muito do seu pai eu não perdoaria boa parte dos pecados desse homem.

CAPÍTULO TRINTA SETE

Elie Anjo - Demônios Reais



Algumas semanas depois...

— Não é estranho ter seu ex-namorado como segurança do seu pai? — Sebastian pergunta para mim.

Entrei em contato com ele seguindo o plano eu e Marlon estamos oficialmente separados e nesse momento quero apenas focar na minha carreira artística com ajuda do Sebastian, o convidei para um jantar na intenção de pedi desculpa pelo mal-entendido do outro dia, claro que isso é tudo fingimento.

— Sim, mas não posso fazer nada se ele está usando isso para ficar perto de mim. — Faço uma cara lamentável para ele sabendo que Marlon estar por perto em algum lugar ouvindo tudo isso, ele não me deixaria sair de casa sozinha com um psicopata — Isso tudo está me fazendo mal, Sebastian e agora que papai está de volta eu preciso recomeçar minha vida.

— Eu entendo, ainda não tive o privilégio de conhecer seu pai. Mas só me chamou para jantar apenas para me pedir desculpas?

— Tem algo a mais, sobre aquela noite e sua declaração, eu pensei melhor, agora que Marlon voltou percebi que as coisas não são mais como antes, eu amei a vida que estava tendo sem ele, você notou o quanto ele é possessivo?

— Sim. Muito. O cara rosnou para mim!

E nesse momento ele deve estar fazendo o mesmo.

— Exatamente! Com você eu tive liberdade de seguir meus planos...

— Então? — Pergunta impaciente.

— Quero tentar o que você disse, quero dar uma chance para lhe conhecer melhor.

Ele sorri abertamente o que me leva a crer que ele está caindo direitinho na história.

— Obrigado, juro que não vai se arrepender.

— Mas sou uma garota de família, papai vai querer lhe conhecer da mesma forma quero ser apresentada para sua família também.

Acho que exagerei, mesmo assim ele pode ter criado essa imagem de mim, visto que nunca dei motivo para acreditar o oposto, Marlon foi meu único homem e ele não deve imaginar o nível do nosso relacionamento.

— Claro que sim. — Ele passa a mão na lapela do terno estamos em um restaurante não muito longe da mansão. — Eu te amo Desireé e faria tudo por você.

Jantei e o que comi não me fez bem ou talvez tenha sido a presença do Sebastian.

Alex abre a porta do carro para mim e entro sentindo que vou colocar tudo para fora, Marlon está sentado do outro lado, com a cara fechada, passa a me analisar quando abro a janela e cuspo.

— Você está bem?

— Essa conversa toda me deixou enjoada, agora "namoro" um psicopata.

— Isso não vai demorar, estamos mantendo ele ocupado

enquanto Ructon vasculha a vida dele. — Marlon passa a mão em torno do meu ombro — quero que isso termine logo.

O que importa é que estamos bem embora meus pesadelos tenham voltado e Marlon sempre zapa até mim quando isso acontece.



Ao longo da semana a ansiedade e embrulho no estomago não melhoraram, quase não como e todo mundo já percebeu isso, descobrimos que Sebastian é filho adotivo de uma figura muito rica, porém os rapazes estão escondendo muita coisa de mim.

Passo boa parte do tempo no estúdio como de costume e Sebastian ainda não deu as caras, apenas marca encontros comigo fora da mansão alegando que está muito ocupado e que seu tio só tem mais algumas semanas de vida e que gostaria de dedicar mais a ele, até me convidou para jantar na casa dele.

Paro de rabiscar a tela com o pincel sem ter ideia do que estou fazendo, meu namorado entra na sala com uma bandeja com suco e sanduíche.

— Você não comeu nada no almoço. Vem aqui. — Me tira da frente da tela e senta-se no chão me sento em sua frente, Marlon dobra os joelhos e parte um pedaço do sanduiche de frango, — será que está doente?

— Deve ser essa situação toda. — Como o pedaço que ele me oferece, posso sentir de maneira mais aguçada o gosto do frango o que me faz mastigar lentamente e engolir de maneira forçada. — Acho que...

— Desi?

Deixo o Marlon para trás e saio correndo, encontro um vaso decorativo no corredor e coloco o que acabei de ingerir para fora. Marlon aparece e continuo de joelhos vomitando. Levanto-me sentindo tudo girar, que loucura!

— Você não está nada bem, vou pedi para o Ructon examinar você.

Meu namorado exagerado me carrega, percebi que ele adora fazer isso. Não gosto desse olhar preocupado... Ele me deixa na cama e reviro os olhos.

— Já passou.

— Desi... — franze a sobrancelha como se um lapso acabasse de passar em sua mente, pega minha mão e beija a palma dela, percebo suas unhas ficarem negras e crescerem, sem me dar chance de perguntar o que vai fazer ele arranha a palma da minha mão, observo um tanto intrigada, mas me assombro quando minha mão começa a cicatrizar de maneira quase instantânea — você está grávida.

— Não pode ser... Eu... — Lembro das pílulas que perdi as datas, deixei de lado. — Pode ser sim!

Ainda zozona com a notícia me sento na cama, ficamos em silêncio processando a nova descoberta. E se ele não quiser ter filhos agora? Não posso dizer que isso chegou na hora errada, pois não irá me atrapalhar em nada e a possibilidade de carregar um filho do demônio que amo me deixa feliz.

Tentamos falar juntos, atrapalhados e me calo para deixar ele falar:

— Nunca recebi uma notícia que me fizesse mais feliz. — Ele cobre minha cintura com suas mãos grandes, e alisa minha barriga — estamos juntos nessa linda, eu te amo e essa criança só veio para completar nossa felicidade.

Solto um sorriso, sendo preenchida pela felicidade e celebrando por ser mãe, eu nunca tive uma mãe e quero ser para essa criança tudo o que nunca tive, tudo o que ela merece ter. Ele me abraça, um abraço cheio de esperança.

— Vamos acabar com isso amor, mudança de planos se antes não queria você perto daquele psicopata tão pouco agora.

— Mas estamos tão perto, pelo menos se eu for a esse jantar podemos descobrir alguma coisa.

— Não Desi, seu pai precisa tomar uma decisão. — Marlon levanta-se e não entendo o que ele quis dizer. — Tenho que conversar com ele.

— Mas...

— Não se preocupe logo vamos voltar para Santa Maria, vamos viver em paz e poder criar esta criança, para isso as coisas têm que ser feitas do meu jeito.

Marlon sai do quarto um pouco chateado, ele está escondendo alguma coisa de mim, não só ele como meu pai e o Ivan e tenho certeza que se eles não vão me contar, Sebastian pode fazer isso. Vou até meu closet e pego a pistola na caixa de sapato. Tenho mais um motivo para querer ter minha vida de volta e não vou deixar que ninguém dite as regras para mim, tenho que convencer o Marlon a me deixar ir nesse jantar.

Só desço bem mais tarde para o Jantar, mas encontro apenas os empregados servindo a comida, ouço as vozes dos homens da casa no escritório e com Marlon e Ivan em uma discussão acirrada.

— Você não tem o direito de contar para ela ainda mais agora no início da gravidez! — Ivan fala autoritário.

— Concordo com o Ivan — Papai se pronuncia mais para interromper a discussão.

— Ela está aqui. — Marlon me sentiu, — pode entrar amor,

estava compartilhando a notícia com o seu pai e seu irmão.

Dou um passo à frente com a atenção dos três para mim.

— Não é só isso, o que não posso saber? O que estavam discutindo?

A expressão do papai muda para algo mais tristonho, por um momento fiquei com pena dele, isso logo é substituído, pois seja lá o que for não é nada bom.

— Desi, querida, eu... — Começa papai — suspeitamos que esse sequestrador na verdade só está interessado em você, você lembra da segunda pessoa na cena do crime dos seus avós?

Não lembro daquele homem, mas por que ele está atrás de mim depois de tanto tempo? E papai sabe de tudo o que aconteceu? Por que não se vingou da mulher que matou seus pais?

— O que o Sebastian tem a ver com isso?

— Ainda vamos descobrir... — Ivan diz.

— Tem mais coisas que eu sei, então me contem!

— Aquele homem era meu irmão mais velho. Ele e Magda tinham caso que eu sabia, mas fazia vista grossa. Era algo conturbado entre eles dois e no meio disso tudo estava você. — Ainda não entendi onde ele quer chegar e tenho medo de ouvir as próximas palavras — ele é seu pai biológico.

Marlon vem até mim e me ampara, sinto todos os sintomas dos meus ataques de pânico ao lembrar do dia do assassinato, ele que me viu através do armário. Aqueles olhos e a frieza neles é algo que ainda me perturba. Não sabia que papai tem um irmão, explicado o motivo dele nunca ter citado que tinha um irmão, até mesmo a mamãe nunca me revelou nada disso.

— Desireé, por favor, tenta se manter aqui. — Pede Marlon.

— Filha eu tentei poupar você disso, você é minha filha — papai tenta me tocar, mas o afastamento — eles não mereciam você, eram duas pessoas extremamente perigosas e loucas, Enrico desapareceu depois do assassinato levando consigo boa parte da fortuna dos nossos pais. Mas eu não deixei que a levasse, em troca dei minha parte na herança e fiquei com sua mãe mais por não querer vê-la sucumbir à ruína por ser sua mãe, mas chegou uma hora que não deu mais para mantê-la perto de você, pois desgastava toda sua raiva de ter sido deixada para trás em você. Enrico apenas a usou.

Isso não pode ser verdade. Droga. Eu e papai temos certas semelhanças, não porque somos pai e filha, mas ele é meu tio e Ivan... Meu primo.

— Desde quando sabia disso Ivan?

— Antes de ir para o exterior... Sempre soube disso. E por um lado tinha ciúmes de você porque nosso pai sempre teve você como prioridade. Mas era coisa boba, agora tive oportunidade de conhecer você e é a minha irmã independente de qualquer coisa.

Solto um grito de revolta, ranjo e saio de perto deles minha vida toda foi uma mentira, dói saber que fui indesejada e filha de dois loucos, me tranco em meu estúdio, mas isso não impede Marlon de entrar. Ele me abraça e me beija.

— Nós precisamos de você amor. — Ele sussurra em meu ouvido, — Nossa criança e eu, então por favor coloca tudo isso para fora e segue em frente comigo.

Me apoio nele, minha âncora.

— Você também sabia?

— Recentemente...

— Oh, meu Deus Marlon, por que isso está acontecendo?

— Não é culpa sua, não era para estar envolvida nisso tudo.

— E o que ele quer comigo? — Fungo em sua camisa.

— Não interessa Desireé não se preocupe com isso, eu vou cuidar de tudo. — Desliza a mão em minhas costas. — Confia em mim.

CAPÍTULO TRINTA OITO

Elle Anjo - Demônios Reais



esireé está grávida e minha alegria é imensurável, entretanto, preciso garantir a segurança dela, as informações que Ructon descobriu sobre o Sebastian é que ele é adotado, protegido pelo homem que ele tem como tio, infelizmente as coisas só pioram. ele tem um lado sombrio, uma outra vida que mantém oculta. O pai biológico da Desireé se manteve no ramo da máfia chefiando de maneira sigilosa e atualmente pretende passar seu legado para Sebastian, o único que se manteve ao seu lado.

Mas que inferno eles querem com minha mulher?

Desireé já se conformou com a ideia de que não vou deixa-la ir para jantar algum, mesmo tentado me convencer de várias formas.

Esta última semana foi difícil para ela, não é apenas os enjoos... Pedi para Ructon examina-la, mas posso sentir do seu ventre algo que não senti na gravidez da Grace.

Mantenho meu olhar no dela enquanto o Ructon apalpa a barriga feminina com a mão, essa raposa é habilidosa e tem sentindo aguçado para isso.

— Parabéns, vocês terão gêmeos. — Suspeitava disso. Desireé sorri de maneira plena, mesmo com o rosto cansado pelas noites mal dormidas. — Mas por outro lado terão trabalho em dobro quando um estiver dormindo o outro estará acordado... E eles não estão desenvolvidos ainda, porém suas energias são totalmente opostas.

— Como assim? — Desireé se senta na cama, toco em seu ombro indicando para que ela permaneça no mesmo lugar.

— Um tem mais meu lado demônio e o outro meu lado lobo, são criaturas diferentes... — Explico para ela, isso poderia acontecer de um herdar mais do avô demônio e outro da avó loba. Mas nenhum de nós deixa a criatura do submundo se sobressair, domamos mais nosso lado materno por medo do desconhecido, nunca fomos próximos ao nosso pai e a esse lado da família. Ter uma criança com traços demoníacos será um desafio. Não sei nem por onde começar. — É como se estivessem entrando em conflito, são opostos, não se reconhecem como irmãos, mas como um impostor, alguém diferente dele dividindo o mesmo espaço.

— Quer dizer que meus filhos vão viver em pé de guerra!

— Não amor, isso é só uma questão de tempo, até eles se acostumarem com a ideia de que para nascerem terão que conviver com a presença um do outro.

Espero que isso não seja para vida toda, mas acredito que não. Eles vão criar um vínculo por serem irmãos. Mesmo se tornando criaturas totalmente diferentes.

— Ufa. — Ela segura a barriga que está apenas um pouco crescida — Espero que não seja como Esaú e Jacó, se não estarei ferrada.

Quem são esses dois?

Enfim, não pergunto, sugiro que ela descanse um pouco, saia do quarto com Ructon e deixe Desireé deitada na cama, já no corredor falo:

— Ela está sofrendo com a briga dos dois.

— Ela vai sofrer e não morrer por causa disso, mas você como pai pode revelar quem é, sua energia dominadora é mais poderosa que a deles, pode acalmar os ânimos dos seus filhotes, só lembrando que encerrei meus serviços de babá com o Gael. — Toca em meu ombro — Boa sorte! — Saí sorrindo e no meio do corredor grita: — Sabe que estou brincando, não é? Estou louco para usar a fantasia de Super Nanny!

Reviro os olhos e vou ao encontro de Ivan na piscina:

— Agora que engravidou minha irmã. Quando vai colocar um anel no dedo dela?

Ainda tem isso, pretendia pensar sobre isso quando voltássemos para Santa Maria embora já tenha comprado um anel para ela.

— Temos coisas mais urgentes, já sabemos que é o Sebastian e

onde ele mora com o tio dele... Temos que exterminar esta raça.

Ivan beberica seu whisky sem mudar a feição e isso está me irritando.

— Não podemos ir lá e sair matando todos eles, daí o alvo será eu e meus homens.

— Você está levando isso para o lado da máfia. Não quer entrar em conflito com o possível rival que usou você, mentiu, se passou por seu amigo, sequestrou seu pai e acima de tudo quer a Desireé! — Solto lufadas quentes pelas minhas narinas deixando a ira fazer o resto. — Você é um fodido Ivan, eu vou fazer as coisas do meu jeito e se entrar no meu caminho você vai para o mesmo lugar que vou mandar aqueles caras, para o maldito inferno.

Levanto, controlo para não espatifar o copo em sua mão e cortar sua garganta com os estilhaços.

Demônios!

Quero voltar para casa o quanto antes, quero dar um lar digno para minha fêmea e meus filhos.

Retorno ao quarto onde Desireé está, abro a porta e Por Demônios!

O objeto do quarto dela está levitando incluindo a cama onde ela dorme, sinto duas energias em evidência, em conflito.

— Agora chega! — Berro, ainda não conheço essas duas criaturas e elas já estão ouriçando meus cabelos. — Deixem sua mãe em paz, inferno são irmãos!

Obvio que eles não vão me entender, mas seu lado místico sim!

Tiro minhas roupas, percebo Desireé abrir os olhos e encarar tudo com espanto.

— Está tudo bem, não se mova.

Logo minhas garras crescem e os chifres que sempre estive na minha cabeça camuflados como dois minúsculos sinais também crescem. Eu sinto muito em revelar a verdadeira forma para minha fêmea desse jeito.

— Marlon?

— Ainda sou eu Desireé. — A minha voz torna-se mais áspera, grossa e autoritária, minha presença demoníaca cerca todo o quarto, salto na cama que ainda levita, minha fêmea se encolhe. — Não tenha medo de mim, só vou mostrar para esses pirralhos quem é a autoridade aqui.

— Não estou com medo — ela me olha com um misto de fascinação e ternura — pode fazer o que quiser com eles e comigo demônio.

Ela sorri maliciosamente e claro que não importa a forma que eu esteja, Desireé me domina, me fascina e me deixa duro como pedra.

— Posso mesmo? — Sussurro, ainda assim minha voz continua predominante no ambiente.

Ela nem responde minha pergunta, toca em meu rosto e desce a mão até minha presa.

— Machuca se eu lhe beijar?

— Claro que não.

Ergue a mão indo em direção ao meu chifre:

— E se eu tocar aqui machuca você?

— Com certeza não, mas vai me deixar louco de tesão.

Ela ri, e envolve suas pequenas mãos em meus chifres. Qualquer coisa que venha dela deixa tudo mais excitante e me torno mais sensível ao sentir minha adorada fêmea em uma das minhas

verdadeiras formas.

Desireé deixa os chifres para descer a mão até minha cueca, obviamente estou rijo, desliza o polegar na cabeça do meu pau que está coberto por pré-sêmen, bombeia meu pau para cima e para baixo, sibilo quando o prazer se expande.

— A intenção não era esta, mas já quero te foder.

— Só se deixar os chifres.

— Uma tentação e não nego foda, mas preciso colocar um fim nessa bagun...

Ela toma meus lábios e me beija, a princípio a presa deixa tudo desconfortável, mas depois: Caralho. Tesão.

Sem vontade de interromper rasgo suas roupas com as garras, sabendo que não posso causar danos nela que não possa reverter, a sua camisola fica completamente em pedaços na cama, toco em sua boceta sentindo mais úmida, cremosa, delícia.

— Fica de quatro querida.

— Não. Eu quero montar em você segurando seus chifres.

Meu murmuro saí convertido em pura excitação.

— Está esperando o quê?

Viro seu corpo colocando por cima do meu, Desireé me monta, ainda estamos flutuando no quarto juntamente com as coisas a nossa volta. Foda-se, depois eu cuido desses pirralhos rebeldes! Ela monta cobrindo meu pau com sua boceta, joga a cabeça para trás segurando firme sua bunda dou uma tapa e ordeno:

— Cavalga!

Ela se apoia em meus chifres não de maneira dolorosa já que busca o auxílio do joelho para se apoiar, mas começa a cavalgar

lentamente até conseguir pegar um bom ritmo.

— Isso minha safada.

— Seu pau parece maior... ohh.. Como isso é possível.

— Faz parte da minha transformação, não é apenas eu que fico monstruoso.

Ela faz um som que mais parece uma gatinha.

Seus peitos saltitam preenchendo minha visão e cada vez mais ela salta de maneira desvairada me fazendo perder o juízo e rosnando como um louco, firmo mais minhas mãos em sua bunda e dou uma estocada forte, minhas bolas parecem mais pesadas do que o de costume, meu pau inchado está louco para derramar.

Ela não sabe o esforço que estou fazendo para me segurar.

— Goza segurando meu chifre vai! O cheiro da sua boceta está me deixando louco.

Nunca imaginei viver esse tipo de depravação com uma fêmea e não é qualquer uma é a minha *fêmea perdição*.

Minha.

Minha.

Minha.

Sabendo que não vou mais conseguir segurar por muito tempo, incito seu clitóris inchado com cuidado para não ferir com as garras, Desiree devora meu pau apertando-o.

— Oh... Caralho. — Digo ao senti-la gozar me espremendo, segurando meu chifre a visão mais sexy e me faz delirar enquanto libero em sua boceta gulosa, não apenas isso como mordo minha marca — Mantém... — Murmuro com a boca, a presa e língua em sua pele quente.

Ela aperta mais meus chifres rangendo de maneira deliberada

como se estivesse me imitando, ela quer acabar comigo...A mordida faz com que nosso clímax se alongue, duplique, intensifique o prazer que jamais conheci, é uma ligação extraordinária, não mais de uma criatura mística com uma humana, mais de uma criatura mística com sua prometida imortal, aperto seu corpo ao meu pulsando dentro dela convulsivamente, vibrando em sua boceta.

— Oh meu Deus, Marlon...

Isso sim é sexo sobrenatural, isso sim... alguns segundos jorrando dentro dela, leva tudo de mim a ponto de deixar minha visão turva, totalmente relaxado, satisfeito, acredito que ela sentiu o mesmo, a respiração dela está pesada, sua cabeça cai em meus ombros, mole em meu corpo após o orgasmo duplo que tivemos em questão de segundos. Isso foi maravilhoso.

Deito-a na cama, vendo que não estamos mais flutuando e os objetos estão jogados ao chão, tudo uma bagunça.

Passo a mão em seu ventre ainda com minha presença demoníaca exalando no ambiente.

— Shiii... Eu também sou como vocês meus filhotes, — Agora que revelei minha presença demoníaca para eles, dois garotos totalmente opostos, me transformo em lobo e me deito ao lado dela, — *eu sou metade de cada um, um demônio e um lobo e vocês são partes de mim. Se consigo conviver com duas forças dentro de mim vocês também vão conseguir suportar um ao outro, porque são irmãos, fruto de algo puro e mais valioso que tenho, meu amor pela sua mãe. Vocês são meus... tudo.* — Durmo em forma de lobo ao lado deles.

CAPÍTULO TRINTA

NOVE

Elie Anjo - Demônios Reais



Acordo com o barulho de um tiro e depois vários outros!

Está de madrugada, pulo da cama com o coração batendo a mil por hora, Marlon zapa até onde estou e pede para eu continuar em silêncio, se aproxima e cochicha:

— A mansão foi invadida temos um traidor entre a gente, vou tirar vocês daqui!

— Não! E o meu pai? E o Ivan? O Rucinho? Não vou deixá-los!
— Corro até minha bolsa e pego minha pistola. — Não antes de terminar estas quinze balas.

— Você está grávida mulher!

— Estas crianças são capazes de levantar a própria mãe enquanto dorme, ora Marlon. Vamos encontrar o papai.

— Que porra! — Brada com as narinas dilatadas, reconheço versão Marlon furioso — Eu falei com o seu irmão! Eu falei, ele é um idiota! E não se atreva a sair de perto de mim.

Segura pelo meu pulso, suspira antes de abrir a porta como se quisesse manter uma linha de consciência, de fato ele não pode se expor para os humanos desse jeito a casa é toda cercada por câmeras.

Fomos até o quarto do Rucinho não muito longe do meu, estou descalça e apenas de camisola. Rucinho corre pelo corredor com uma arma não mão, usa suspensório e calça social, vestido com sua fantasia de mafioso... Ele executa um homem que estava o perseguindo.

— Espero não ter atirado em um dos homens do Ivan! Será que atirei em um cara do mesmo time que o meu? Não deu tempo de gravar o rosto de todos eles...

— Agora não é hora Ructon! Cuide da Desireé... — Me entrega para Ructon e começa a se despir rapidamente.

— Não! Isso é arriscado, não pode se transformar com as câmeras... — Rucinho franze o cenho preocupado.

— Vou destruí-las... — A voz dele já está irreconhecível — Assim como todos os machos nesta casa.

Meu namorado perdeu o controle de vez, o tiroteio permanece sem parar, estou extremamente preocupada com o Ivan e meu pai poderíamos simplesmente saímos da mansão, mas me culparia pela eternidade se deixarmos eles para trás.

— Eu vou lá e desconecto as câmeras aprendi com o Alex muita coisa naquele dia... Olha lá está mais seguro que aqui. — Rucinho ainda tenta convence-lo.

— Eu vou com ele, Marlon! — Pego Rucinho pelo braço e dou uma última olhada para ele.

— Você não vai a lugar nenhum. Vai Ructon! — Ele ordena.

Marlon me tira no meio do corredor e me leva até seu quarto, Lagertha late agitada com o barulho enquanto Lua está acuada em um canto com medo.

Ele me segura com as mãos tremulas, ele está com medo?

— Eu também estou com medo.

— Que caralho de medo Desireé! Estou em uma situação que está muito difícil controlar meu outro lado.

— Ok.

Depois de um tempo ele fala:

— Não saia daqui, vou ver como o Ructon está se saindo. — Ele zapa me deixando sozinha no quarto trancado.

Encaro a pistola em minhas mãos e a destravo.

— Hei lindas vai ficar tudo bem... — Me agacho para acariciar a cadelinha, Lua não se move.

Pobrezinha...

Ouçõ alguns toques na porta e papai chama por mim.

Papai!

Sinto um alívio por ouvi sua voz, abro a porta sem hesitar. Mas o que vejo me faz dá dois passos para trás. Sebastian está com a arma apontada para a cabeça de Ivan.

— Eu sinto muito filha... Ele também é meu filho e o amo tanto quanto te amo.

Esta é a primeira vez que vejo Ivan se abalar com algo.

Talvez esta seja a primeira vez que papai demonstra algo por ele. A intrusa na família sou eu.

— Solta eles. Você quer a mim. — Não estou com medo, mas com a raiva dominando cada célula do meu corpo.

— Vamos ter uma reunião em família. Nos acompanhe...

Deixo o quarto e acompanho eles, estamos cercados pelos homens dos Sebastian conto seis além do próprio Sebastian. Em dado momento do meu trajeto, ao descer as escadas indo em direção

ao escritório do Ivan sinto um arrepio na nuca, é estranho sentir a presença de mais alguém juro que posso ouvir até mesmo sua respiração quente tocar em minha pele arrepiada.

Não faça nada.... Estou aqui.

A voz do Marlon ressoa dentro da minha cabeça.

— Marlon, por favor não esquece que ele aponta uma arma para meu irmão — Sussurro de volta.

Sebastian para de andar e me questiona com um olhar, engulo em seco.

— Entregue a arma, querida — Pede usando um tom gentil bem forçado — Não vou machuca-la meu amor.

Essa declaração dele me causa gastura, Samanta entra na sala e diz:

— Temos que ser rápidos aqui senhor Sebastian, alguma criatura invadiu a sala de controle de segurança perdemos alguns homens.

Vagabunda, traidora! Que ódio...

Claro que ela facilitou a entrada do Sebastian e tudo mais, até porque Ivan confiava cegamente na Samanta.

— Sentem-se! — Ordena ele, já não sinto mais Marlon perto de mim, nos sentamos no sofá sobre os olhares atentos deles.

São muitos homens e fazem um cerco onde estamos tanto do lado de dentro da sala como do lado de fora.

— Todos reunidos! Vou contar uma história... Eu ainda estou de luto pela perda do meu tio, seu pai Desireé como deve saber. — Caminha até a mesa do Ivan, abre a gaveta e tira uma garrafa de Whisky que Ivan costuma guardar ali — Mas ao contrário de você que não se importa, eu me importo, pois aquele homem me deu um lar e

fez de mim o que sou agora.

— Não devia se orgulhar do que você é Sebastian. — Ivan se pronuncia — Uma escoria desleal.

— Ah, Ivan... Eu sinto muito por usar nossa antiga amizade, mas como você poderia adivinhar que estava por trás de cada passo que você dava? Eu ajudei você a conseguir tudo isso sem nem saber, sem pedir nada em troca.

— Você só me usou! — Vocifera Ivan — Não passa de um psicopata medíocre.

Sebastian ri não sentindo o impacto das palavras, não parece se sentir ofendido.

— Mas ainda não terminei de contar a história... — Senta-se no braço do sofá ficando ao meu lado, me olhando e de uma maneira muito louca parece fascinado com tudo isso — encontrei primeiro sua mãe e ela me disse que me traria você, mas infelizmente aquela mulher simplesmente desapareceu acredito que esteja morta...

— Ah, acredita? — Debocho e reviro os olhos — O que você quer Sebastian? Isso tudo é porque ferir seu ego lhe dando um fora?

— Não minha linda boneca inocente... — toca em meu queixo e suspende meu rosto fazendo-me fixar seu olhar de louco — eu te amo de verdade, passei por muita coisa para chegar até aqui, seu pai biológico aquele desgraçado deixou claro que tudo o que ele construiu seria meu se eu desse para ele netos com o seu sangue. — Ele bebe mais um gole — ele estava morrendo e deixou isso decretado, fiz o que fiz para fazer de você minha mulher, incluindo tentar compra-la do seu pai, ele me vendeu você sem nem saber quem eu era, na época era jovem e impulsivo...

— Eu neguei! — Papai brada, — Foi um erro ter prometido ela para você. Desgraçado! Seu representante disse que você era um universitário sonhador, que iria se tornar o novo Don da máfia Italiana. Mas eu mudei de ideia a tempo e não me arrependo.

Odeio o meu antigo pai que vivia me comercializando principalmente para psicopatas.

— É... ele me adotou por ser Italiano, ele mantinha a identidade dele secreta chegou um tempo que me tornei sua marionete e não existe sonhos na máfia, tudo o que sou é apenas uma casca, por dentro sou apenas o reflexo do monstro que me criou, se bem que ultimamente meu sonho é ter a Desireé e por me nega-la você perdeu tudo, foi para a cadeia e deixou a Desireé desamparada! — Ele arremessa o copo com o resto do Whisky na parede — que inferno! Se eu tivesse você desde aquela época tudo seria diferente, você cresceria sabendo que seria apenas minha, mas a gananciosa da sua mãe a levou.

Seu rosto é transfigurado em puro ódio, seu verdadeiro eu, não um homem com voz mansa, com sorriso fácil e eu cheguei a considerar charmoso.

— Eu jamais teria escolhido você! Nunca!

— Você me amaria e não estaria grávida de outro homem. — Me encolho abalada por ele saber da minha gravidez — mas não tem problema quanto a isso. eu fui adotado, darei amor para esta criança...

Droga, não era para rir, mas acabo rindo se ele soubesse o que estas crianças e o pai dela são capazes de fazer. Infelizmente o meu riso só o deixou mais fora de si.

— Tire ela daqui e matem os outros, esqueça seu passado se acostume com a ideia que você só terá a mim!

Alguns homens me levantam, antes de alcançarmos a porta outros caras trazem Rucinho a força.

— Afs. Adoro a pegada de um macho bruto, mas não sei porque não estou excitado. — Ele diz sendo jogado para frente, Ructon não cai e ainda sorrir.

— Você está bem Rucinho?

— Tudo pronto! Eu disse é hora do show! — Fala ele pegando meu braço, em uma velocidade que posso considerar impossível para um humano, toma a arma do capanga que me conduzia e atira nele.

— Não atirem nela! — Sebastian grita.

Mas todos, todos... Ficam inertes diante do som de um rosnado vindo de perto da janela, todo meu corpo vibra, pois consigo sentir a presença do Marlon e não está como um lobo, esbugalho os olhos assim como todo mundo ao encarar seus chifres imponentes, seus músculos em evidencia apenas com uma bermuda. Atiram nele incessantemente, entretanto, nenhuma bala consegue atingi-lo, ficam paradas no ar como faíscas de fogos de artifícios, ele gesticula uma das mãos direcionando as balas de volta para os homens, alguns correm, mas nenhum deles conseguem se desviar da fúria do meu demônio.

O vejo saltar em cima de Sebastian, com o braço crescido, peludo, como de um lobisomem não dando chance de Sebastian escapar ele segura Sebastian pelo pescoço e o derruba no chão, apenas com sua mão grande esmaga a cabeça dele como seu fosse um ovo. A cena faz meu estômago embrulhar a ponto de me deixar tonta, acho que todos na sala estão sentindo o mesmo que eu.

Papai e Ivan já estão armados, Alex entra em seguida com alguns homens que restou.

— Vamos Desireé. — Ructon me puxa para fora da sala, atirando.

Novamente o tiroteio se forma, Ivan, papai e Alex conseguem sair da sala e logo após a porta se fecha sozinha.

— Marlon!

— Ninguém pode sair daquela sala vivo. — Diz Ructon.

— Meu deus o que foi aquilo? — Papai me pergunta espantado.

— Foi... desumano.

O ar frio percorre meu corpo, logo os poucos objetos do saguão começam a levitar.

— Ah esses filhotes demônios não aguentam sentir cheiro de sangue que já ficam agitados. — Ructon ascende um cigarro.

— Não importa o que aconteceu lá dentro, não é hora para pensarmos sobre isso o Alex está ferido... —, fala Ivan... é verdade Alex está com o braço ensanguentado — Ele levou um tiro ao se colocar na minha frente para me proteger. E você querido, está bem?

Ructon solta uma lufada de fumaça na cara dele.

— Pareço ruim para você? Achei que me achava sexy nesta fantasia.

Pisco desconcertada para os dois.

— Não é só você que está namorando, Desireé — Diz Ivan sem jeito.

Sei que não é hora nem momento para isso, mas eles estão namorando? Deixo-os conversando para dar voltas de um lado para o outro.

Marlon está demorando e se ele estiver ferido?

Já alcançamos o lado de fora da mansão com o que sobrou dos seguranças do Ivan. Mas dou meia volta e entro correndo na mansão novamente.

Marlon!

Pode ser apenas desespero, mas o medo de perde-lo é palpável, está me consumindo por dentro, desnorteada e com a respiração falha, meu coração é forçado a cada batida.

Por favor, não me deixe.

Sei que ele é forte, mas não é indestrutível, por cada cômodo que passo correndo em direção ao escritório deixo um rastro de objetos levitando. Meus filhos estão sentindo o quanto estou desesperada.

Ao chegar perto do escritório tento abrir a porta, não conseguindo e sendo atormentada pelo silêncio do lado de dentro começo a bater na porta desesperadamente.

— Onde pensa que vai? Não entre aí... — Ele aparece atrás de mim, me viro rapidamente, está com o corpo coberto de sangue. O cheiro me causa náuseas, permanece em sua forma demoníaca — Você está bem?

Confirmo com o balançar da cabeça, percebo que os objetos que levitei tornam aos seus lugares.

— Eu tive muito medo de te perder.

Ele permanece mantendo o corpo afastado do meu.

— Isso nunca vai acontecer, agora que acabou podemos voltar para casa.

— Sim.

Se sacode um pouco, sei que quer me abraçar e nem espero ele fazer isso, o abraço e ele retribui.

— Vamos para casa amor... Rudá deve está apagando as memórias do seu pai e dos outros sobre o que aconteceu hoje. Quer se despedir?

— Não.

Sorri e une suas mãos as minhas, zapamos para um jato bem parecido com do Ivan.

— Vou ligar para o piloto, vamos voltar para Santa Maria. é arriscado zapar com você e nossos filhos para um lugar tão distante.

Vou ligar para o Ructon trazer Lua e Lagertha, vamos esperar eles...
Vou tomar um banho...

— Eu vou com você!

Ele não recusa, ajudo ele a se banhar e deixamos ir pelo ralo todo o show de horror, e esse passado. Vamos ficar bem longe disso tudo, seus lábios quentes preenchem os meus. Nossos corpos cobertos por sabão deslizam um no outro.

— Passe a perna ao redor da minha cintura e segure-se.

Sei o que vem a seguir... Uma foda daquelas bem quente. Marlon foi diferente dessa vez, depois da foda debaixo do chuveiro me levou para a cama e fez amor comigo de maneira lenta, sussurrando o quanto me ama. Tudo tão repleto de carinho e amor, quando acordo não o sinto ao meu lado.

O jato decolou... Agora estamos acima das nuvens.

Ele está de joelhos no chão ao lado da cama, debruçado nela, me observando com um sorriso traquina, suspiro espreguiçando-me. Acompanho o olhar dele que vai diretamente para o seu travesseiro arrumado na cama, onde há uma caixinha de anel.

A caixa levita até a altura do meu rosto e se abre sozinha, fico deslumbrada ao ver o anel dentro dela, as pedrinhas de diamante contornam ele de maneira suntuosa.

— Você quer casar comigo?

— Mas é claro que sim!

Salta na cama e tira o anel de dentro da caixinha, põe em meu dedo, beija minha mão e novamente diz:

— Eu te amo!

EPÍLOGO

Elie Anjo - Demônios Reais



Alguns meses depois...

A família está toda reunida para celebrar nossa união conforme manda as crenças dos humanos, exceto o Rudá, ele simplesmente disse que não vai poder participar da cerimônia e para ser sincero isso muito que me agrada. Não vou deixar que nada estrague esse dia, Desireé planejou com muito carinho esta cerimônia juntamente com a Grace, do vestido que ainda não vi há decoração da igreja... Sim um demônio vai casar na igreja da cidade.

Para isso tive que desembolsar uma boa grana para o pastor até porque ele mesmo queria guiar a cerimônia como se eu fosse permitir um estranho fazendo qualquer coisa em meu casamento. Por isso o Ructon está ridiculamente vestido de pastor, de terno e gravata com a bíblia debaixo do braço com os cabelos bagunçados como sempre. Entretanto, ele está sentado na escrivaninha do pastor, fumando um cigarro.

— Eu sempre quis fumar e beber sendo um pastor, infelizmente faltou a bebida.

— Mais respeito!

— Eu me encaixo na categoria pagã, nem humano sou... E não estou desrespeitando ninguém. Citei nomes? Religião? Isso aqui tudo é fantasia... — Se livra do cigarro e me encara — Hoje é um grande

dia. Já está na hora vamos!

Dou uma última ajeitada na gravata, tento disfarçar, mas estou nervoso e assim que entro na igreja a primeira coisa que encaro é para a entrada, mas a porta ainda está fechada e nem sinal dela.

Grace está com um sorriso de orelha a orelha vestida com o vestido da madrinha, em um corre e corre. Gael está segurando Lua no colo, eles estão bem quietos ao lado do Jandir e Dora é minha madrinha. como ela perdeu o esposo ela entrará com o Adão o segurança da casa de jogos clandestina, também vieram Beto, Rubens e Celestina a velha tarada.

Eles estão arrumados e aproveitou para convidar suas famílias também, e sem contar os penetras que nunca dei um "oi", mas acredito que por acharem que o casamento será feito na igreja tem o direito de participar da cerimônia, as irmãs da igreja vieram em peso, me recordo desta segurando um bebê.

Até o delegado está no meu casamento... E não tira o olho do pastor Ructon!

A orquestra começa a tocar uma melodia mais agitada, ansioso encaro a porta... E lá vem ela desfilando com classe com um lacinho rosa em volta do pescoço e os pelos brilhando... o orgulho do papai e como eu ensinei ela para no meio do corredor para algumas fotos, leva a aliança nas fitas em seu pescoço, forma-se um alvoroço quando quenga late depois do flash, e em seguida continua seu desfile até mim, abaixo e tiro as alianças com cuidado, acaricio seu pescoço e digo:

— Boa garota, Lagertha!

Ela pula no altar e estira-se no chão observando a multidão, Raony e Grace, Dora e Adão, Ivan e sua nova secretaria, isso porque Ructon disse que seria o pastor e ninguém ia tirar seu posto, abriu mão de entrar na igreja com Ivan.

Mas quando ouço o toque da marcha nupcial que de fato o nervosismo bate forte. Ela dá os seus primeiros passos ao lado do pai, sua barriga está enorme em seu último mês de gestação... Desireé fez questão de desenhar seu vestido de noiva ele é todo branco e confortável, a calda é grande e tem bordados de renda, simples e charmoso, seus cabelos cacheados estão presos em uma trança que não esconde a naturalidade deles nem dos seus cachos, eles estão maiores indo até a cintura.... Muito linda, deslumbrante a noiva mais perfeita que já vi!

Dimitri me entrega sua mão. Beijo sua mão e digo:

— Muito linda, amor.

— Você também... — Ela está sorrindo lindamente.

Ructon coça a garganta o que nos faz olhar para ele, sorrindo como dois bobos.

Então Ructon inicia a cerimônia, aposto que vem muita loucura pela frente:

— O que Oric uniu o homem não separa... — Ele para e ri, — Separei trechos bíblicos interessantes que peguei na internet. — Sussurra. — Bom... Eu sou pagão! — Os irmãos da igreja causa um burburinho, por mim... Ninguém convidou, eles não têm direito de dar um *piu* na minha cerimônia. — Entretanto, isso não quer dizer que não acredite no amor e nas formas que ele se manifesta, conforme a crença cristã a mulher foi criada a partir da costela do homem e o criador que não é Oric os criou para serem companheiros criando uma ligação entre eles "osso do meu osso, carne da minha carne", fazendo com que o marido deixasse seus pais e convivesse com sua esposa criando uma nova família e sendo assim ambos devem se respeitar, amar uns aos outros. — A igreja fica em completo silêncio e não sei se isso é algo bom ou ruim, mas estou adorando ouvir a raposa falar — Como eu disse, acredito no amor e um texto que amei muito e vou citar, claro que apenas as partes que concordo...

— É isso aí, Ructon! — Grace incentiva.

Esperamos Ructon abrir a bíblia para ler:

— Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse amor seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que conhecesse todos os mistérios e toda a ciência e ainda que tivesse toda a fé de maneira tal que transportasse os montes e não tivesse amor, nada seria... O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Agora permanecem a fé a esperança e o amor, mas o maior destes, é o amor. — Ele encara a plateia e continua: — É isso aí. Precisamos de fé, esperança e Amor! Eles não são patenteados por ninguém, basta apenas querer sentir.

Por que as pessoas começaram a aplaudir? Sou tentado a olhar para trás e ver todos de pé aplaudindo a raposa. Desireé está emocionada. Por Oric!

— Estamos aqui reunidos independente das nossas diferenças nos amamos e eu acho que o Amor está acima de todas as crenças e quebra qualquer paradigma. Estamos aqui hoje para celebrarmos o amor e vendo estas duas pessoas evidenciando seu amor para nós, mediante a tudo o que eu disse e espero que não reste nenhuma dúvida porque não vou repetir... Pergunto: Marlon! Desireé! Prometem suportar uns aos outros sem tentar se matarem ao longo da convivência eterna?

— Sim. — Respondemos juntos praticamente.

Nunca pensei que cerimônia de casamento fosse algo divertido, tive receio da formalidade.

— Aceitam um ao outro como são? Aceita concretizar esta união diante dos homens?

— Sim!

— Podem trocar as alianças.

Sou o primeiro a colocar a aliança em seu dedo, beijo sua mão e em seguida ela coloca na minha.

— Então... Que a graça de Oric, o amor dele a comunhão dele esteja com vocês, eu vos declaro marido e fêmea! — Ructon fecha a bíblia e se debruça no altar — Eu sempre quis dizer isso... agora é a melhor parte pode dar um amasso na noiva, podem se beijarem à vontade e zapar para a lua de mel!

De fato, a melhor parte, nos beijamos por alguns minutos sobre os aplausos, depois saímos da igreja sendo banhados por arroz, flores...

— Estou louco para a lua de mel. — Digo para ela já na recepção.

Mas isso se prolongou com abraços e felicitações. E nossa lua de mel foi algo muito improvisado e não tão agitado, afinal de contas ela carrega dois demônios em sua barriga.



Algumas semanas depois.

Ouvi o choro dos meus filhotes pela primeira vez e quem fez o parto foi Rudá, mas quando entro no quarto ele não está mais. nós estamos morando em nosso apartamento, mas pedi para construir uma casa ao lado da casa do Raony, eu e ele não concordamos com isso, porém nossas fêmeas são amigas inseparáveis e querem que nossos filhos cresçam juntos.

Já vejo... Uma vila só de demônios se formando.

Os gêmeos estão ao lado da mãe na cama, decidimos os nomes deles faz um tempo.

— Este é o mais velho... — Ela beija a cabecinha do Elder, que significa o mais velho, Elder é o nosso lobinho de cabelos negros.

— Tão lindos. — Sento-me na cama extasiado com a cena, mas o que me chama atenção é o mais novo, ele tem uma pele rosada e as marcas dos seus chifres estão em destaque em sua testa, as orelhas pontiagudas e ao contrário de Elder que dorme tranquilamente, Wilker está com os olhos acinzentados bem atentos, posso sentir sua áurea mais marcante e sombria, traços de um demônio real.

— Rucinho disse que ele não consegue voltar para sua forma normal. — Desireé beija Wilker também, o pego no colo com todo cuidado do mundo e ele é perfeito. — Ele não terá problemas com isso, não é?

— Claro que não... Bom, ele não vai poder ter contato com os humanos até aprender a se camuflar, mas tenho certeza que ele vai aprender. O que importa é que são saudáveis. — Mas o que esperar de um demônio sangue puro? Não há traços de humano nele, nem no Elder. — Ei filhote, bem-vindo ao mundo.

Toco em seu rostinho com o dedo, ele parece me reconhecer, depois de um tempo Wilker adormece o beijo e deixo ao lado da mãe, Wilker tem a mesma cor de cabelo vermelho o que deixa sua aparência mais exótica.

— Eles são lindos. — Diz Ructon — Não terão problema nenhum, um é cem por cento demônio e o outro cento por cento lobo, nesse caso não são como Gael que é uma mistura o que o torna mais forte, mas nos gêmeos o sangue místico falou mais alto, mesmo sendo filho de uma humana e com o sangue dela, eles nasceram criaturas puras.

É estranho de se entender, mas isso tem a ver com o elo dos nossos antepassados, talvez, seja por isso que a maldição exista, estamos sendo capazes de dar continuidade a nossa linhagem pura.

— Obrigado Ructon. — Agradece Desiree sentindo sonolência, ela já está limpa e parece esgotada e por incrível que pareça o parto não foi mais demorado que o da Grace, — Podem leva-los amor, preciso descansar um pouco.

Desta vez pego o Elder no colo enquanto Ructon pega o Wilker deixamos ambos no berço ao lado da mãe.

Isso é só o começo, pois sei o quanto eles vão dar trabalho.



Um ano depois.

Wilker e Elder demonstram inquietação quando estão juntos, isso todo mundo percebeu e estamos aprendendo a respeitá-los não forçando uma aproximação, entretanto, hoje é aniversário deles e estamos comemorando também o fato de o Wilker ter usado sua camuflagem pela primeira vez, isso já é um progresso.

E para completar nossa felicidade ambos estão dividindo o mesmo espaço sem chorar, fazer birras ou tentar destruir alguma coisa dentro de casa. Estão bem juntos no cercado, próximos o suficiente com as mãos tocando uma na outra.

Minha fêmea me abraça por trás e diz:

— Estamos fazendo um bom trabalho! Não vamos desistir de unir esses dois.

— Sim, eles estão ligados e uma hora vão entender isso: que

diferença nenhuma entre eles podem quebrar esse vínculo... vão ter os pais e os tios como exemplo. — Enlaço-a pela cintura, somos muito diferentes dos humanos, ainda assim convivemos com isso. Eles vão se unir quando ver que há coisas maiores para estranhar que sangue do seu próprio sangue e sinceramente como pai estou curioso para ver o progresso deles. — Eu disse que te amo hoje?

— Não daquele jeito...

Rio, beijo-a e zapamos para o quarto, onde podemos expressar muito bem o que sentimos, e cada dia que passamos juntos é um novo desafio. não é só os gêmeos que se estranham, eu e a Desi também, pois somos muito diferentes, mas uma coisa que os gêmeos ainda não têm é a consciência que no fim o amor sempre fala mais alto.

F I M

Elie Anjo - Demônios Reais



**SIGA A AUTORA PARA SABER AS NOVIDADES DOS PRÓXIMOS LIVROS DA SERIE
DEMÔNIOS REIAS:**

WATTPAD: <https://www.wattpad.com/user/ElieAnjo>

INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/elie—anjo/?hl=pt—br>